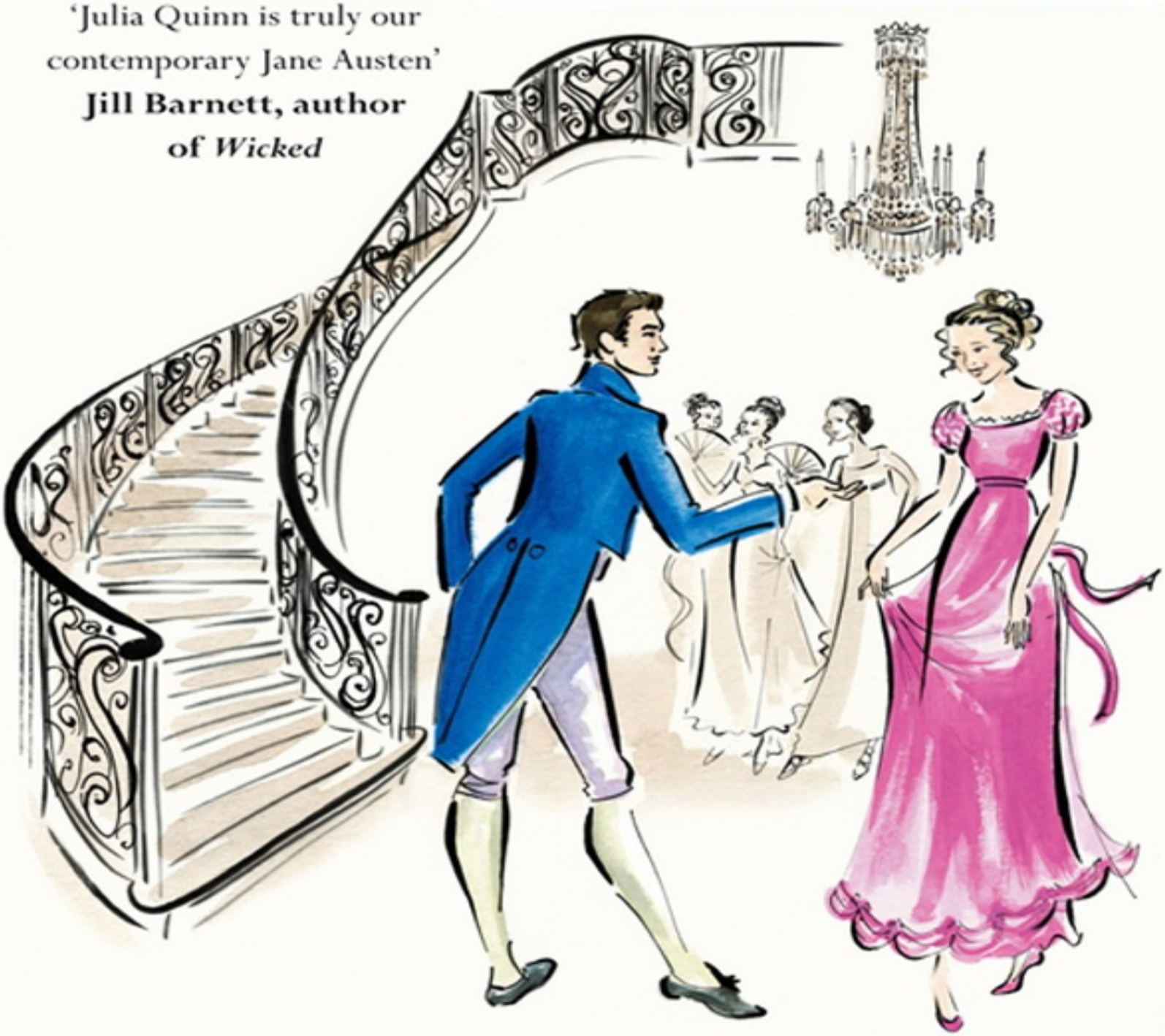
Julia Quinn

Aconteceu em Londres

'Julia Quinn is truly our contemporary Jane Austen'
Jill Barnett, author of *Wicked*



ARGUMENTO



O *que constitui o autêntico espírito de Londres são os rumores e fofocas.*

Quando contam a Olivia Bevelstoke que seu novo vizinho poderia ter assassinado sua noiva, ela está convencida de que é mentira. Mas, que mal teria o espionar um pouco para certificar-se de que não é verdade? Assim cria seu pequeno espaço de vigilância perto da janela do seu quarto, perfeitamente escondida entre as cortinas, observa e espera… e descobre um misterioso homem que definitivamente esconde alguma coisa.

Sir Harry Valentine trabalha para o aborrecido departamento do Ministério de Defesa, traduzindo documentos de vital importância referentes à segurança nacional.

Não é um espião, embora tenha sido treinado para isso, e quando uma espetacular loira começa a lhe seguir desde sua janela, logo começa a suspeitar. Mas justo quando decide que não é nada mais que uma irritante curiosa, descobre que possivelmente está comprometida com um príncipe estrangeiro que pode estar conspirando contra a Inglaterra. E quando descobre Harry espionando Olivia, ele percebe que muito bem poderia estar se apaixonando por ela.

PRÓLOGO



Quando tinha doze anos, Harry Valentine possuía dois conhecimentos que o diferenciavam de qualquer outro menino de sua classe na Inglaterra nos princípios do século dezenove.

O primeiro era sua completa e absoluta fluência em russo e francês.

Havia pouco mistério ao redor daquele talento; sua avó, a extremamente aristocrática e dogmática Olga Petrova Obolenskiy Dell, foi viver com a família Valentine quatro meses depois do nascimento de Harry.

Olga detestava o inglês. Em sua *(frequentemente expressa)* opinião, não havia nada no mundo que precisasse ser dito que não pudesse ser expresso em russo ou francês.

Quanto ao por que se casou com um inglês, nunca explicou.

—Provavelmente porque precisa explicá-lo em inglês — murmurava Anne, a irmã de Harry.

Harry simplesmente encolhia os ombros e sorria, como faria qualquer outro irmão, quando aquilo golpeava seus ouvidos. Pode ser que Grand-Mère (avó) desdenhasse o inglês, mas podia entendê-lo à perfeição, e seus ouvidos eram tão afiados como os de um cão. Sussurrar o que fosse, em qualquer língua, era uma má ideia quando ela estava no salão de aula. Fazê-lo em inglês era incrivelmente idiota. Fazê-lo em inglês e sugerir que o francês ou o russo não eram adequados para a tarefa verbal a que enfrentavam era igualmente idiota… Com toda honestidade, Harry ficou surpreso por não ter açoitado Anne.

Mas Anne odiava o russo com a mesma intensidade que Grand-Mère odiava ao inglês. Implicava em muito trabalho, queixava-se, e o francês era igualmente difícil. Anne tinha cinco anos quando Grand-Mère chegou e seu inglês estava muito afiado para que nenhuma outra língua se estabelecesse em igualdade de condições.

Harry, por sua parte, era feliz de poder falar em qualquer língua. O inglês era para o dia a dia, o francês elegante, e o russo se convertia na língua do drama e o entusiasmo. A Rússia era enorme e fria. Mas sobre tudo, era *grande*.

Pedro o Grande, Catalina a Grande, Harry tinha sido desmamado com aquelas histórias.

—Ora! — zombava Olga, mais de uma vez, quando o tutor de Harry tinha tentado lhe ensinar a história da Inglaterra. — Quem é esse Etereldo o Indeciso? O Indeciso? Que tipo de país permite que seus governantes sejam indecisos?

—A Rainha Elizabeth era incrível — assinalava Harry. Olga não se sentia impressionada.

—Chamam-na Elizabeth a Grande? Ou a Grande Rainha? Não. Chamam-na a Rainha Virgem, como se fosse algo do que estar orgulhoso.

Era neste momento quando as orelhas do tutor ficavam vermelhas, coisa que Harry achava bastante curioso.

—Essa mulher — continuava Olga, com toda a frieza possível — não foi uma grande rainha. Sequer deu a seu país um herdeiro adequado ao trono.

—Muitos eruditos da história concordam que a rainha fez o correto ao evitar o matrimônio — dizia o tutor... - A Rainha precisava dar a impressão de não estar sob nenhuma influência, e…

Sua voz sumiu. Harry não ficava surpreso. Grand-Mère se virava para ele com um de seus afiados olhares, muito inglesa. Harry não conhecia ninguém que fosse capaz de continuar falando sob este olhar.

—Você é um pequeno estúpido — Disse, logo lhe deu as costas por completo. Despediu-o no dia seguinte, e então ela mesma deu aulas para Harry enquanto procuravam um novo tutor.

Não era precisamente tarefa de Olga contratar e despedir os educadores das crianças dos Valentine, cujo número naquele momento tinha aumentado para três — o pequeno Edward tinha sido acrescentado ao quarto das crianças quando Harry tinha sete anos. Mas ninguém mais estava disposto a meter-se no assunto. A mãe de Harry, Katarina Dell Valentine, nunca discutia com sua mãe, e quanto a seu pai… bom…

Aquilo tinha bastante a ver com o segundo saber pouco comum que dava voltas no cérebro de doze anos de Harry Valentine.

O pai de Harry, Sir Lionel Valentine, era um bêbado.

Este não era o pouco frequente saber de Harry. Todo mundo sabia que Sir Lionel bebia mais do que deveria. Não escondia. Sir Lionel tropeçava e chocava (com suas palavras e com seus pés), ria quando ninguém mais o fazia, e, desgraçadamente para as duas empregadas (e os dois tapetes do escritório de Sir Lionel), havia uma razão pela qual o álcool não o havia feito engordar. E desta forma, Harry se converteu em um hábil limpador de vômitos.

Aquilo começou quando tinha dez anos. Provavelmente teria deixado o desastre como estava, exceto porque tinha tentado pedir a seu pai um pouco de dinheiro, e tinha cometido o engano de fazê-lo em uma hora muito tardia. Sir Lionel já tinha tomado seu brandy da noite, seu gole da tarde, seu vinho no jantar, seu vinho do porto imediatamente depois, e agora estava de volta ao seu favorito e anteriormente mencionado brandy, contrabandeado da França. Harry estava muito certo de que tinha

falado com frases completas (e em inglês) quando pediu o dinheiro, mas seu pai só o tinha olhado e piscou várias vezes como se não pudesse entender tudo o que seu filho dizia, e a seguir havia vomitado nos sapatos de Harry.

Assim Harry não pôde evitar o desastre.

Depois disso, parecia não haver mais volta. Aconteceu de novo uma semana depois, embora não diretamente em seus pés, e outra vez um mês mais tarde. Quando Harry estava com doze anos, qualquer outro jovenzinho teria perdido a conta do número de vezes que tinha limpado os vômitos de seu pai, mas ele sempre foi muito preciso, e uma vez que começou a contar, foi difícil parar.

A maioria das pessoas teria perdido a conta ao redor da sétima vez. Este era o maior número maior que qualquer pessoa poderia apreciar visualmente, e Harry sabia devido a sua extensa leitura em lógica e aritmética. Ponha sete pontos em uma página, e a maioria olhará e dirá, Sete. Mude para oito, e a maioria da humanidade se perderá.

Harry continuou até vinte e um.

Assim não era surpreendente que depois de quinze limpezas, Harry soubesse exatamente quantas vezes encontrou seu pai tropeçando pelo hall, ou desacordado no chão, ou apontando, sem sorte, a bacia. E então, quando chegou a vinte, o problema se converteu de algum jeito em algo acadêmico, e o menino tinha que continuar contando.

Tinha que ser acadêmico. Se não o fosse, então seria outra coisa, e poderia encontrar-se chorando até dormir em lugar de simplesmente olhar para o teto enquanto dizia:

—Quarenta e seis, mas com um raio um pouco menor que o de terça-feira. Provavelmente não jantou muito.

A mãe de Harry tinha decidido, há muito tempo, ignorar a situação, e normalmente ele a podia encontrar nos jardins, ocupando-se da exótica variedade de rosas que sua mãe trouxe da Rússia há vários anos. Anne lhe tinha informado que planejava se casar e sair daquele inferno no momento em que fizesse dezessete anos. Então tinha feito, a propósito, um testamento sobre sua resolução, posto que nenhum de seus pais fizesse o esforço naquele momento por lhe assegurar um bom casamento. Quanto a Edward, o mais jovem, aprendeu a adaptar-se, tal qual Harry. Seu pai se transformava em um inútil a partir das quatro da tarde, inclusive embora parecesse lúcido (o que geralmente parecia, ao menos até a hora do jantar, quando a situação mudava por completo).

Os empregados também sabiam. Não que fossem muitos; os Valentine se arrumavam muito bem com sua ordenada casa em Sussex e as cem libras anuais que continuavam recebendo como parte do dote de Katarina. Mas isto não se traduzia em uma esplêndida riqueza, e os Valentine só tinham oito empregados: um mordomo, uma cozinheira, uma governanta, o rapaz dos estábulos, dois lacaios, uma

donzela, e uma garota para a limpeza. A maioria decidiu ficar com a família apesar das pouco agradáveis tarefas relacionadas com o álcool. Pode ser que Sir Lionel fosse um bêbado, mas não era um bêbado miserável. Nem tacanho e inclusive as donzelas aprenderam a lutar com aquela confusão se aquilo significasse uma moeda extra de vez em quando, quando o homem se lembrava o suficiente de suas atividades para sentir-se envergonhado.

Desta forma Harry não estava de todo certo do por que continuava limpando o desastre de seu pai, posto que pudesse ter deixado a tarefa a alguém mais. Possivelmente não queria que os empregados soubessem com que frequência acontecia. Possivelmente necessitava um aviso visceral dos perigos do álcool. Ouviu que aconteceu o mesmo com o pai de seu pai. Será que aquilo era hereditário?

Não queria averiguar.

E então, de maneira repentina, Grand-Mère morreu. Nada tão pacífico como morrer enquanto dormia, Olga Petrova Obolenskiy Dell nunca teria abandonado a terra sem um pouco de drama. Estava sentada à mesa no jantar, a ponto de mergulhar a colher na sopa, quando agarrou com força o peito, proferiu alguns sons sufocados, e ficou paralisada. Mais tarde se comentou que deve ter tido algum nível de consciência antes de bater-se contra a mesa, porque seu rosto se esquivou totalmente da sopa, e de algum jeito conseguiu bater na colher, enviando uma porção de líquido ardente para sir Lionel, cujos reflexos estavam muito embotados para se abaixar.

Harry não presenciou aquilo em primeira mão; aos doze, não lhe permitiam jantar com os adultos. Mas Anne viu tudo, e contou a Harry quase sem fôlego.

—E tirou o lenço? Na mesa?

—Na mesa! E se podia ver a queimadura! —Anne sustentou a mão no alto, o polegar e o dedo indicador desenharam uma distância de mais ou menos uma polegada— Assim de grande!

—E Grand-Mère?

Anne soluçou um pouco. Mas só um pouco.

— Acho que está morta.

Harry engoliu saliva e concordou. —Era muito velha.

—Ao menos tinha noventa.

—Parecia ter noventa — murmurou Anne.

Harry não disse nada. Não tinha certeza do aspecto de uma senhora de noventa anos, mas Grand-Mère certamente tinha mais rugas que qualquer de suas amizades.

—Mas lhe disse o mais estranho — disse Anne. Ele se inclinou para frente. — Mamãe.

Harry piscou.

—O que a senhora fez? —Nada. Nada de nada.

—Estava sentada junto a Grand-Mère? — perguntou ele

—Não, não me refiro a isso. Estava justo do outro lado, na diagonal. Muito longe para ajudar.

—Então…

—Simplesmente ficou sentada — Disse Anne. — Não se moveu. Sequer tentou levantar-se.

Harry pensou naquilo. Não era coisa que o surpreendesse, por triste que soasse dizê-lo.

—Seu rosto nem sequer se moveu. Simplesmente ficou sentada assim. O rosto de Anne assumiu uma expressão decididamente inexpressiva, e Harry teve que admitir que era igual a sua mãe.

—Direi uma coisa— disse Anne. Se ela desmaiasse sobre sua sopa na minha frente, eu ao menos me surpreenderia. Sacudiu a cabeça. — São ridículos, os dois. Papai não faz nada mais que beber e mamãe não faz nada de nada. Digo-lhe, mal posso esperar por meu aniversário. Não me importa que tenhamos que ficar de luto, me casarei com William Forbush, e não há nada, nem ninguém que possa impedir.

—Não acho que deva se preocupar com isso — disse Harry. Sua mãe não daria nenhuma opinião sobre o assunto, e seu pai estaria muito bêbado para perceber.

—Mmmm. Pode ser que tenha razão. —A boca de Anne se apertou e então, em uma pouca característica amostra de irmã, estendeu a mão e deu a de seu irmão um aperto — Você também irá logo. Não se preocupe.

Harry concordou. Deveria ir à escola dentro de umas poucas semanas.

E enquanto se sentia um pouco culpado por ter que ir enquanto Anne e Edward deviam ficar para trás, esse sentimento foi abafado pela esmagadora sensação de alívio que o inundou na primeira vez que foi à escola.

Sentia-se bem em estar longe. Com todo o devido respeito à Grand-Mère e seus monarcas favoritos, poderia ter sido até algo grande.

* * *

A vida de Harry como estudante foi tão gratificante quanto esperava. Foi à Hesslewhite, uma razoavelmente rigorosa academia para rapazes cujas famílias careciam de influência (ou, no caso de Harry, de interesse) para enviar seus filhos a Eton ou Harrow.

Harry adorava a escola. Adorava-a. adorava suas aulas, adorava os esportes, e adorava o fato de que quando ia para cama, não tinha que rodear cada canto do edifício, realizando a ronda noturna para olhar seu pai, com os dedos cruzados para que desmaiasse antes de fazer todo um desastre. Na escola, Harry fazia uma viagem direta da sala comum até o dormitório, e adorava cada tranquilo pedaço do caminho.

Mas tudo que é bom tem um final, e na idade de dezenove anos, Harry se graduou junto com o resto da classe, incluindo Sebastian Grei, seu primo irmão e seu melhor amigo. Houve uma cerimônia, posto que a maioria dos meninos desejava celebrar a ocasião, mas Harry *se esqueceu* de dizer à sua família.

—Onde está sua mãe? — perguntou tia Anna. Como a mãe de Harry, sua voz não tinha nem rastro de sotaque, apesar do fato de Olga ter insistido em lhes falar em russo quando eram pequenas. Anna realizou um matrimônio melhor que Katarina, desposando o segundo filho de um conde. Aquilo não tinha causado nenhuma desavença entre as irmãs; depois de tudo, Sir Lionel era um baronete, o que significa que Katarina tinha que ser chamada de *sua senhoria*. Mas Anna tinha conexões e dinheiro, e, possivelmente um pouco mais importante, teve — até que este morreu dois anos antes — um marido que raramente se permitia um copo de vinho no jantar.

E por isso, quando Harry murmurou alguma coisa sobre o quanto sua mãe estava cansada, Anna soube exatamente o que ele quis dizer: que se sua mãe fosse, seu pai a seguiria. E depois do espetacular desdobramento do grandioso discurso de Sir Lionel em 1807, em Hesslewhite, Harry evitava convidar seu pai à outra função escolar. Sir Lionel tinha uma tendência a perder a inibição quando estava bêbado, e Harry não acreditava poder sobreviver a outro discurso sobre a *esplêndida, esplêndida escola*, especialmente se fosse uma conferência dada do alto de uma cadeira.

Durante um momento de silêncio.

Harry ficou tentado a descer seu pai, e o teria conseguido se sua mãe, sentada do outro lado de Sir Lionel, tivesse ajudado na tarefa. Entretanto, sua mãe continuou olhando fixamente para frente, como sempre fazia em situações como aquelas, fingindo não escutar nada. O que significava que Harry teve que dar um puxão forte em seu pai, quase lhe fazendo perder o equilíbrio. Sir Lionel veio abaixo com um grito estrepitoso, batendo a face contra o encosto da cadeira situada na frente de Harry.

Aquilo teria deixado zangado qualquer outro homem, mas não Sir Lionel. Este sorriu estupidamente, chamou Harry de estupendo filho, e depois disto cuspiu um dente.

Harry ainda guardava aquele dente. E nunca voltou a permitir que seu pai botasse um pé no campus. Inclusive embora isso supusesse que fosse o único rapaz cujos pais não assistiam à

cerimônia de graduação.

Sua tia insistiu em acompanhá-lo a casa, coisa que Harry agradeceu. Não gostava de receber convidados, mas tia Anna e Sebastian já conheciam a situação com seu pai, bom, ao menos a maior parte. Harry não tinha compartilhado a parte das 126 vezes nas quais havia limpado o vômito do pai. Ou a recente perda do prezado samovar de sua avó, cujo esmalte rachou ao meio quando Sir Lionel tropeçou contra uma cadeira, executando um curiosamente gracioso salto no ar (presumivelmente para recuperar o equilíbrio), para logo aterrissar com a barriga do lado do samovar.

Naquela manhã também tinha perdido três pratos de ovos e uma fatia de bacon.

Olhando pelo lado bom, os cães nunca haviam comido melhor.

Hesslewhite foi à escola escolhida devido à proximidade da casa dos Valentine, por isso, depois de só noventa minutos na carruagem, giravam pelo caminho e começavam o último trecho.

—As árvores estão realmente carregadas de folhas este ano — comentou tia Anna— As rosas de sua mãe estarão bem, estou certa.

Harry concordou um tanto ausente, tentando medir o tempo. Era ainda de tarde, ou o dia já abria passagem até as primeiras horas do anoitecer? Se fosse o último caso, teria que convidar sua tia e seu primo para jantar. Teria que convidá-los em qualquer caso. Tia Anna queria cumprimentar a irmã. Mas se fosse de tarde, só esperariam o chá, o que significava que poderiam entrar e sair sem ver seu pai.

O jantar era outra história. Sir Lionel sempre insistia em vestir-se para o jantar. Era, gostava de dizer, um sinal de educação. E não importava o quanto fosse pequeno o grupo que se reunia para jantar (noventa e nove por cento do tempo somente Sir Lionel, lady Valentine, e qualquer dos meninos que estivesse na casa), ele adorava fazer-se de anfitrião. O que normalmente significava um monte de histórias e *bom humor*, embora Sir Lionel tendesse a se esquecer da metade das histórias. Isto significava dolorosos momentos de silêncio por parte da família, que passava a maior parte do jantar fingindo que não percebia quando derramava a sopa ou quando voltava a encher a taça de vinho.

Uma vez. E outra.

E então, claro, outra mais.

Ninguém lhe pedia nunca que parasse. Que sentido tinha? Sir Lionel sabia que bebia muito. Harry tinha perdido a conta da quantidade de vezes que seu pai se virou para ele e lhe dizia soluçando:

— Sinto-o, sinto-o muito. Não pretendia dar incômodo. É um bom menino, Harry.

Mas nada mudava nunca. O que fosse que conduzia Sir Lionel à bebida, era muito mais forte que qualquer culpa ou remorso que pudesse sentir. Sir Lionel reconhecia o alcance de sua aflição. Entretanto, era completamente incapaz de fazer alguma coisa a respeito.

O mesmo acontecia com Harry. Não estava preparado para amarrar seu pai à cama. Assim em lugar disso, nunca convidava a nenhum amigo a casa, evitava estar em casa na hora do jantar, e agora, com a escola terminada, contava os dias até que pudesse ir à universidade.

Mas primeiro teria que superar o verão. Desceu de um salto da carruagem quando esta parou na frente do caminho da entrada, em seguida levantou a mão para ajudar sua tia. Sebastian a seguiu, e os três juntos se encaminharam ao salão, onde Katarina se entretinha com sua costura.

—Anna! — disse ela, com aspecto de estar a ponto de levantar-se, mas sem fazê-lo de todo — Que maravilhosa surpresa!

Anna se inclinou para abraçá-la, logo se sentou na frente dela. —Decidi trazer Harry para casa.

—Oh, então já acabou o semestre? — murmurou Katarina.

Harry sorriu, constrangido. Supôs que merecia que o culpassem pela ignorância de sua mãe, posto que ele tinha decidido não lhe contar que acabou seu período na escola, mas, não deveria uma mãe manter-se em dia em coisas como aquela?

—Sebastian — disse Katarina, se virando para seu sobrinho — Cresceu muito.

—Como é natural — brincou Sebastian, deixando ver seu torcido sorriso, como era habitual.

—Meu deus! —disse ela com um sorriso— Logo será um perigo para as damas.

Harry esteve a ponto de arregalar os olhos. Sebastian já tinha conquistado a quase todas as garotas do povoado mais próximo a Hesslewhite. Tinha que liberar algum tipo de aroma, porque as mulheres virtualmente caíam a seus pés.

Poderia ter sido algo fatal se não fosse porque nem todas as garotas podiam dançar com Sebastian. E Harry estava mais que feliz de ser o homem que mais perto se encontrava quando se dissipava a fumaça.

—Não haverá tempo para isso — disse Anna vivamente — Adquiri uma nomeação para ele. Irá embora em um mês.

—Irá para o exército? —perguntou Katarina, virando-se com surpresa para seu sobrinho— É estupendo.

Sebastian encolheu os ombros.

—Certamente já sabia, mãe — disse Harry. O futuro de Sebastian se decidiu há vários meses.

Tia Anna se preocupava com o fato de Sebastian precisar de uma influência masculina, já que seu pai havia falecido. E dado que Sebastian, provavelmente, não conseguiria nenhum título nem fortuna, entendia-se que deveria abrir seu próprio caminho no mundo.

Ninguém, sequer a mãe de Sebastian, que achava que o sol saía e se punha com seu filho, havia sequer sugerido que considerasse unir-se ao clero.

Sebastian não estava muito entusiasmado com a ideia de passar a seguinte década ou mais lutando contra Napoleão, mas como havia dito a Harry: que outra coisa podia fazer? Seu tio, o conde de Newbury, odiava-o e tinha deixado claro que Sebastian não podia esperar ajuda, monetária ou de nenhum outro tipo, de sua parte.

—Possivelmente se morrer — tinha sugerido Harry, com toda a sensibilidade e o tato de um rapaz de dezenove anos.

Mas por outro lado, era difícil ofender Sebastian, especialmente no que tocava a seu tio. Ou ao filho único de seu tio, o herdeiro de Newbury.

—Meu primo é inclusive pior — respondeu Sebastian — Tentou simular que não me conhecia e tentou me humilhar em Londres.

Harry sentiu como se elevavam suas sobrancelhas pela surpresa. Aborrecer a um membro da família era uma coisa, mas tentar humilhá-lo publicamente era algo completamente diferente.

—Você o que fez?

Os lábios de Sebastian se curvaram em um lento sorriso. —Seduzi a garota com quem ele queria se casar.

Harry lhe dirigiu um olhar que dizia que não acreditava nem por um segundo.

— Está bem — cedeu Sebastian — mas seduzi a garota que estava olhando para ele no pub.

— E a garota com a qual deseja casar-se?

— Já não quer casar-se com ele. — Sebastian Riu satisfeito.

— Bom Deus, Seb, o que fez?

— Oh, nada permanente. Sequer eu sou tão tolo para me impor à filha de um conde. Eu só… a fiz mudar de ideia, isso é tudo.

Mas como tinha assinalado sua mãe, Sebastian não teria muitas oportunidades para nenhum tipo de esforço amoroso, não com uma vida no exército lhe esperando. Harry tinha tentado não pensar em sua partida; Seb era a única pessoa no mundo em que confiava, completa e absolutamente. Era o único que nunca o tinha decepcionado.

Na realidade, tudo tinha sentido. Sebastian não era estúpido — de fato, era justamente o contrário — mas não era apto para a vida acadêmica. O exército era uma opção melhor para ele. Mesmo assim, enquanto Harry permanecia sentado no salão, incômodo naquela cadeira egípcia muito pequena, não pôde evitar sentir um pouco de pena por ele. E egoísmo. Preferiria que Sebastian fosse à universidade com ele, inclusive embora não fosse o melhor para Sebastian.

—De que cor será seu uniforme? — perguntou Katarina. —Acho que azul escuro — respondeu educadamente Sebastian.

—Oh, ficará estupendo de azul. Não acha, Anna? Anna concordou e Katarina também.

—Você também, Harry. Possivelmente deveríamos comprar uma nomeação para você também.

Harry piscou surpreso. Nunca tinham conversado sobre o exército como parte de seu futuro. Ele era o mais velho, o que deveria herdar a casa, e o titulo de baronete, e o dinheiro de seu pai se não bebesse tudo antes de morrer. Supunha-se que não deveria ficar em nenhum caminho perigoso.

E, além disso, era um dos poucos rapazes de Hesslewhite que de verdade gostava de estudar. O tinham apelidado o professor com o que não se importava. No que estava pensando sua mãe? Por acaso o conhecia? Estava sugerindo que se unisse ao exército para melhorar seu sentido da moda?

—Hein, Harry não poderia ser soldado — disse Sebastian perversamente — Sua pontaria é horrorosa.

—Isso não é verdade — replicou Harry— Não sou tão bom quanto ele — disse apontando com um movimento de cabeça a Seb —, mas sou melhor que qualquer um.

—É um bom atirador, Sebastian? — perguntou Katarina. —O melhor.

—Também é excepcionalmente modesto — murmurou Harry. Mas era verdade. Sebastian era um incomum e incrível atirador, e o exército estaria encantado de tê-lo, enquanto se arrumasse para evitar que seduzisse todo Portugal.

Melhor dizendo, a metade de Portugal. A metade feminina.

—Por que você não aceita uma missão no exército? —perguntou-lhe Katarina. Harry se virou para a mãe, tentando ler seu rosto, tentando ler a ela. Sua expressão era sempre tão exasperantemente inescrutável, como se os anos tivessem apagado lentamente tudo aquilo que lhe tinha dado personalidade, que lhe tinha permitido sentir. Sua mãe não tinha opiniões. Deixava que a vida girasse a seu redor, e enquanto isso permanecia sentada, parecendo pouco interessada no que a rodeava.

—Acho que você gostaria do exército — disse tranquila, e ele pensou: Alguma vez declarou algo parecido? Havia alguma vez opinado sobre seu futuro, seu bem-estar? Estava simplesmente esperando aquele momento exato?

Sua mãe sorria com o mesmo sorriso de sempre: com um pequeno suspiro, como se o esforço tivesse sido muito.

—Ficaria estupendo vestido de azul. —E logo se virou para Anna— Não pensa o mesmo?

Harry abriu a boca, para dizer… bom, alguma coisa. Logo que soubesse o que. Unir-se ao exército não estava em seus planos. Iria para a universidade. Ganhou um lugar na Universidade de Pembroke, em Oxford. Havia pensado em estudar russo. Não tinha falado muito o idioma desde que Grand-Mère morreu. Sua mãe o falava, mas eles falavam mais em inglês, muito menos em russo.

Maldição, mas sentia falta de sua avó. Esta nem sempre tinha razão, e nem sempre era agradável, mas era divertida. E o amava.

O que quereria ela que ele fizesse? Harry não estava certo disso. Certamente, teria aprovado que Harry fosse à universidade se isso significasse que passaria o dia imerso em literatura russa. Mas também tinha em alta estima o serviço militar e zombava abertamente de seu pai por não servir ao seu país.

Claro que zombou de seu pai por muitas coisas.

—Deveria considerá-lo, Harry — pronunciou Anna— Estou certa de que Sebastian agradeceria sua companhia.

Harry dirigiu um olhar de desespero para Sebastian. Certamente ele entenderia a angústia de Harry. No que estavam pensando? Que ele poderia tomar uma decisão daquele calibre tomando chá? Que daria uma mordida em sua bolacha, considerasse o assunto por um breve momento e decidisse que sim, que o azul escuro era uma cor esplêndida para um uniforme?

O *mundo é um lugar de loucos.*

A mãe de Harry levou a xícara aos lábios, mas se tomou um gole, foi algo impossível de detectar em relação à inclinação da xícara. E então, enquanto a xícara descia até o prato, fechou os olhos.

Na realidade não foi mais que uma piscada, só que um pouco mais longa, mas Harry sabia o que significava. Tinha ouvido passos. Os passos de seu pai. Ela sempre o ouvia antes que qualquer pessoa. Possivelmente fossem os anos de prática, ou o viver na mesma casa, embora não precisamente no mesmo mundo.

Sua habilidade para fingir que a vida era alguma coisa mais do que era, desenvolveu-se junto a sua capacidade para antecipar as aparições do marido em qualquer momento. Era muito mais fácil ignorar o que não se podia ver.

—Anna! — exclamou Sir Lionel, fazendo ato de presença, inclinado contra a entrada— E Sebastian. Que fantástica surpresa. Como está, moço?

—Muito bem, senhor — replicou Sebastian.

Harry observou seu pai entrar no recinto. Era difícil dizer como estava. Seu modo de andar não era vacilante, mas havia certo balanço dos braços que Harry não gostou.

—É um gosto verte, Harry — disse Sir Lionel, lhe dedicando a seu filho um breve toque no braço antes de abrir caminho até o aparador — Terminou a escola?

—Sim, senhor — disse Harry.

Sir Lionel verteu algo em um copo —Harry estava muito longe para determinar com precisão o que era — e logo se virou para Sebastian com um úmido sorriso.

—Que idade já tem, Sebastian? —perguntou. —Dezenove, senhor.

Como Harry. Só os separava um mês. Sempre tinha a mesma idade que Harry.

—Serviu chá, Katy? —disse Sir Lionel a sua mulher— No que estava pensando? Já é um homem.

—O chá está bem, pai — disse Harry educadamente.

Sir Lionel se virou para ele com uma piscada de surpresa, quase como se tivesse esquecido que estava ali.

—Harry, moço. Que bom te ver.

Harry esticou os lábios, logo os apertou.

— Ao senhor também, pai.

Sir Lionel tomou um gole abundante de sua bebida. —Já terminou o semestre, então?

Harry concordou, como era seu costume. —Sim, senhor.

Sir Lionel franziu a sobrancelha e voltou a beber.

—Então, terminou. Não é assim? Recebi uma notificação da Universidade de Pembroke sobre sua matrícula. —Voltou a franzir a sobrancelha e piscou umas quantas vezes encolhendo os ombros— Não sabia que tinha solicitado praça. —E depois disto, como se lhe acabasse de ocorrer— Bem feito.

—Não vou.

As palavras saíram da boca de Harry em uma rápida corrente surpresa. O que estava dizendo? Claro que ia à Universidade de Pembroke. Era o que queria. O que sempre tinha desejado. Gostava de estudar. Gostava dos livros. Gostava dos números. Adorava sentar-se em uma biblioteca, inclusive quando brilhava o sol e Sebastian chamava-o para ir jogar rúgbi (Sebastian sempre

ganhava a batalha; havia muito pouco sol no sul da Inglaterra, e de verdade tinha que sair quando podia. Sem mencionar que Sebastian era diabolicamente persuasivo).

Era impossível que existisse em toda a Inglaterra um rapaz mais adequado para a universidade. No entanto…

—Vou unir-me ao exército.

Uma vez mais, as palavras se precipitaram por sua boca, sem que tivesse comprometido nenhum pensamento consciente. Harry se perguntou o que estava dizendo. E por que o estava dizendo.

—Com Sebastian? —perguntou a tia Anna. Harry concordou.

—Alguém tem que se certificar de que ele não se deixe matar.

Sebastian lhe dirigiu um seco olhar ante o insulto, mas estava claramente feliz com o giro dos acontecimentos para responder. Sempre sentiu certa ambivalência sobre seu futuro como militar, Harry sabia, apesar de suas fanfarronadas, ficaria aliviado de ter seu primo com ele.

—Não pode ir à guerra — disse Sir Lionel— É meu herdeiro.

Todo mundo no recinto, quatro familiares — viraram-se para o baronete com diferentes graus de surpresa. Era, muito provavelmente, a única coisa sensata que havia dito há anos.

—Tem Edward — disse Harry sem rodeios.

Sir Lionel bebeu, piscou e encolheu os ombros. —Bom, é verdade.

Era mais ou menos o que Harry tinha esperado que dissesse, no entanto, no fundo de seu estômago sentiu um insistente oco de decepção. E ressentimento.

E dor.

—Um brinde por Harry! —disse Sir Lionel jovial, levantando o copo. Não pareceu notar que ninguém mais se unia a ele— Vá com Deus, meu filho. — Voltou a levantar o copo, percebendo então que não estava cheio — Bom, maldição — murmurou— Que chateação.

Harry desabou em sua cadeira. Por sua vez, sentiu como se lhe picassem os pés, como se estivessem preparados para mover-se. Para correr.

—Quando vai? — perguntou Sir Lionel, felizmente com a taça cheia de novo. Harry olhou para Sebastian, que falou imediatamente.

—Eu tenho que me apresentar na próxima semana.

—Então eu também — disse Harry ao pai — Necessitarei dinheiro para que me nomeie oficial, claro.

—Claro — disse Sir Lionel, respondendo instintivamente ao tom de ordem na voz de Harry — Bom. — Desceu o olhar a seus pés, logo olhou para sua mulher.

Esta olhava pela janela.

— Alegro-me de ter visto a todos — disse Sir Lionel. Esvaziou o copo de um gole e se dirigiu tranquilamente para a porta, tropeçando só uma vez.

Harry o viu ir embora, sentindo-se estranhamente alheio à cena. Imaginou aquela cena muitas vezes antes, é claro. Não ir ao exército, mas abandonar aquela casa. Sempre supôs que iria para a universidade como era habitual, botando suas coisas na carruagem da família e afastando-se dali. Mas sua imaginação se permitiu todo tipo de saídas dramáticas, algo de gestos selvagens até olhares frios. Seus momentos favoritos incluíam o lançamento de garrafas contra a parede. E as mais caras. As que haviam trazido ilegalmente da França. Continuaria seu pai apoiando os Frog com suas compras ilegais, agora que seu filho os enfrentaria no campo de batalha?

Harry olhou fixamente para a porta vazia. Não importava, não era assim? Ele tinha acabado ali.

Tinha terminado. Com aquele lugar, com a família, com todas aquelas noites nas quais tinha que levar o pai para a cama, botando-o cuidadosamente de lado para que ao vomitar, ao menos não se afogasse com seu próprio vômito.

Terminou. Para sempre.

Mas se sentia tão vazio, tão tranquilo. Sua partida estava marcada por… nada.

E levaria anos para perceber que o tinham extorquido.

CAPÍTULO 1



—Dizem que matou sua primeira mulher.

Aquilo foi suficiente para fazer com que lady Olivia Bevelstoke deixasse de servir o chá.

—Quem? —perguntou, posto que a verdade era que não estava escutando. —Sir Harry Valentine. Seu novo vizinho.

Olivia dirigiu um duro olhar a Anne Buxton, e depois para Mary Cadogan, que concordava com a cabeça mostrando seu acordo.

—Deve estar brincando — disse, embora soubesse que Anne nunca brincaria com algo como aquilo. As fofocas eram sua vida.

—Não, é verdade que ele é seu novo vizinho — intrometeu-se Philomena Waincliff.

Olivia tomou um gole de chá, principalmente para poder ter tempo de manter o rosto livre da expressão desejada, a qual variava entre a descarada exasperação e a incredulidade.

—Referia-me a que deve ser uma brincadeira sobre que ele tenha matado a alguém — disse, com mais paciência do que geralmente tinha.

—Oh. —Philomena pegou uma bolacha— Sinto muito. —Sei que escutei que matou a noiva— insistiu Anne.

—Se tivesse matado alguém, estaria na prisão — particularizou Olivia. —Não se não puderam prová-lo.

Olivia lançou um ligeiro olhar para sua esquerda, onde, através de uma grossa parede de pedra, três metros de fresco ar primaveril, e outro grosso muro, desta vez de tijolos, a recém arrendada casa de Sir Harry Valentine se assentava diretamente ao sul da dela.

As outras três garotas seguiram seu olhar, o que fez Olivia sentir-se um pouco tola porque agora todas olhavam fixamente um ponto vazio da parede do salão.

—O homem não matou ninguém — disse ela firmemente. —Como sabe? — respondeu Anne.

Mary concordou.

—Porque não matou— disse Olivia— Não estaria vivendo a uma casa de distância em Mayfair se tivesse matado alguém.

—Sim, se não puderam prová-lo — voltou a dizer Anne. Mary assentiu.

Philomena comeu outra bolacha.

Olivia as arrumou para fazer virar rapidamente os lábios. Para cima, esperava. Não fazia falta que fosse uma sobrancelha. Eram às quatro da tarde. As outras garotas estavam já de visita durante uma hora, conversando sobre isto e aquilo, fofocando (evidentemente), e discutindo sobre a seleção de vestuário para os três eventos sociais seguintes. Estavam acostumadas a reunir-se assim uma vez por semana, e Olivia apreciava a companhia delas, inclusive embora a conversa carecesse da profundidade a qual apreciava mais com sua melhor amiga, Miranda, antes Cheever, agora Bevelstoke.

Sim, Miranda havia casado com o irmão de Olivia. O que era algo bom. Algo maravilhoso. Tinham sido amigas desde o nascimento, e agora seriam irmãs até a morte. Mas aquilo também significava que Miranda tinha deixado de ser uma senhorita solteira, obrigada a fazer o tipo de coisas que faziam as mulheres solteiras.

C*oisas de Mulheres Solteiras*

P*or Lady Olivia Bevelstoke, Solteira.*

U*sar cores pastéis (e ficar contente se possuir a compleição correta para um tom assim). Sorrir e guardar suas próprias opiniões (com todo o êxito que for capaz). Fazer o que digam seus pais. Aceitar as consequências quando não for assim. Encontrar um marido que não se incomode em lhe dizer o que fazer.*

Não era estranho em Olivia formular raridades rubricas como aquela na cabeça. O que explicava por que com tanta frequência não ouvia nada quando deveria.

E possivelmente, por que havia dito, uma ou duas vezes, coisas que deveria ter guardado. Embora, para ser justo, tinham passado dois anos desde que tinha chamado arminho muito grande sir Robert Kent, e francamente, aquilo tinha sido muito mais caridoso que as outras coisas que tinha em mente.

Mas digressões à parte, Miranda agora tinha que fazer coisas de mulher casada, para as quais Olivia teria gostado de ter feito uma lista, com a exceção de que ninguém (sequer Miranda, e Olivia ainda não a tinha perdoado por isso) contava-lhe o que faziam as mulheres casadas, além de não usar cores pastel, não necessitar uma acompanhante a todo o momento, e fazer pequenas crianças a intervalos razoáveis.

Olivia estava bem certa de que havia algo mais quanto ao último. Aquilo que fazia com que sua mãe saísse fugindo de um recinto sempre que lhe perguntava.

Mas retornando a Miranda, ela tinha feito uma pequena criança, a querida sobrinha de Olivia, Caroline, por quem ela se lançaria felizmente sob cascos equinos ou de qualquer outro tipo. Miranda

estava agora a caminho de procriar outro, o que significava que não estava livre para o bate-papo da tarde. E como Olivia adorava conversar, assim como a moda e as fofocas, se descobriu passando cada vez mais tempo com Anne, Mary e Philomena. E embora frequentemente fossem entretidas, e nunca maliciosas, eram, mais que de vez em quando, um pouco tolas.

Como naquele momento.

—Por certo, quem são? — perguntou Olivia. —Quem? — repetiu Anne.

—Eles. As pessoas que viram meu vizinho matar a noiva. Anne fez uma pausa. Olhou para Mary.

—Você se lembra?

Mary negou com a cabeça.

—Na realidade não. Possivelmente Sarah Forsythe?

—Não — acrescentou Philomena, sacudindo a cabeça com grande certeza— Não foi Sarah. Acabava de retornar de Bath há dois dias. Libby Lockwood?

—Libby não — disse Anne— Teria me lembrado se tivesse sido Libby. —Aí está — interpôs Olivia— Não sabem quem disse. Nenhuma de vocês. —Bom, não inventei — disse Anne, com um sinal defensivo.

—Eu não disse que pensou isso. Nunca pensaria isso de você. — Era verdade. Anne repetia a maioria das coisas que diziam em sua presença, mas nunca as inventava. Olivia fez uma pausa, reordenando seus pensamentos— Não acham que é o tipo de rumor que alguém iria querer verificar?

Aquilo foi recebido por três olhares carentes de expressão. Olivia tentou uma tática diferente.

—Embora só seja por segurança própria. Se algo assim fosse verdade… —Então acha que ele matou mesmo a alguém? — perguntou Anne, com um tom de voz bastante exigente para que Olivia se comprometesse.

—Não. —Por Deus— Não acho. Mas se fosse verdade, então o homem não seria alguém com quem iríamos querer nos associar.

Aquilo foi recebido com um longo silêncio quebrado finalmente por Philomena. —Minha mãe já me disse para evitá-lo.

—Que é pelo que — continuou Olivia, sentindo-se como se estivesse lutando no barro — devemos estar certas da retidão de caráter dele. Porque se não for verdade…

—É muito atraente — interpôs Mary. Seguido por—: Bom, é. Olivia piscou, tentando segui-las.

—Eu nunca o vi — disse Philomena.

—Só se veste de negro — disse Mary, confidencialmente.

—Eu o vi vestido de azul marinho — contradisse Anne.

—Só usa cores escuras — se corrigiu Mary, dirigindo a Anne um olhar de irritação — E os olhos dele… Oh, poderiam queimá-la.

—De que cor são? — perguntou Olivia, imaginando todo tipo de tons interessantes — Vermelhos, amarelos, laranjas…

—Azuis.

—Cinzas — disse Anne.

—Azul cinzento. Mas são muito penetrantes.

Anne concordou ao não ter nenhuma correção que acrescentar àquela declaração.

—De que cor é o cabelo dele? — perguntou Olivia.

Certamente ninguém poderia ter passado por cima daquele detalhe. —Marrom escuro — responderam as duas garotas em uníssono.

—Escuros como os meus? — perguntou Philomena, tocando seus cachos de cabelo.

—Mais — disse Mary.

—Mas não negro — acrescentou Anne — Não de todo. —E é alto — disse Mary.

—Sempre o são — murmurou Olivia.

—Mas não muito alto — continuou Mary — Pessoalmente, eu não gosto de homens desajeitados.

—Certamente deve tê-lo visto — disse Anne a Olivia — pois vive na casa ao lado.

—Não acredito tê-lo visto —murmurou Olivia— Alugaram a casa no início do mês, e eu estive na festa dos Macclesfield durante uma semana.

—Quando voltou para Londres? — perguntou Anne.

—Seis dias — replicou Olivia, voltando bruscamente ao assunto em questão— Eu sequer sabia que havia um solteiro na residência.— O que, lhe ocorreu tardiamente, implicava em que se ela tivesse sabido, provavelmente teria tentado descobrir mais sobre ele.

O que provavelmente era verdade, mas não iria admitir.

—Sabe o que escutei? — perguntou de repente Philomena— Deu uma surra em Julian Prentice.

—O que? — Falaram todas ao mesmo tempo.

—E menciona justo agora? —acrescentou Anne, com grande incredulidade. Philomena desprezou o comentário com a mão.

—Disse-me meu irmão. Julian e ele são bons amigos. —O que aconteceu? — perguntou Mary.

—Essa é a parte que não pude entender bem — admitiu Philomena— Robert foi um tanto impreciso.

—Os homens nunca recordam os detalhes corretos — disse Olivia, pensando em seu próprio irmão gêmeo, Winston. O rapaz não valia nada para fofocar, não valia nada.

Philomena concordou.

—Robert chegou em casa e estava em um estado lamentável. Muito… é… desalinhado.

Todas concordaram. Todas tinham irmãos.

—Mal podia permanecer de pé — continuou Philomena— Cheirava mal. — Sacudiu a mão na frente do nariz— Tive que o ajudar a passar pelo salão para que mamãe não o visse.

—Então agora lhe deve uma — disse Olivia, sempre pensando. Philomena concordou.

—Aparentemente esteve por aí, fazendo o que quer que seja o que fazem os homens, e Julian estava um pouco, eh…

—Bêbado? — interpôs Anne.

—Está bêbado com frequência— acrescentou Olivia.

—Sim. O que é uma razão lógica, dada a condição de meu irmão quando voltou para casa. — Philomena fez uma pausa, com a testa enrugada como se estivesse pensando em alguma coisa, mas então, rapidamente essa expressão desapareceu e continuou:

—Disse que Julian não tinha feito nada fora do normal, e que ali estava Sir Harry, virtualmente rasgando-o de extremidade a extremidade.

—Houve sangue? — perguntou Olivia. —Olivia! — repreendeu Mary.

—É uma pergunta pertinente.

—Não sei se houve sangue — disse Philomena, um pouco rígida.

—Pensei que talvez sim — murmurou Olivia— Tendo em consideração que lhe estavam arrancando membros do corpo.

M*embros Que Menos Importaria Não Ter, em Ordem Decrescente, Por Olivia Bevelstoke (atualmente com todos os membros intactos)*.

Não, era melhor esquecer essa introdução. Balançou os dedos dos pés dentro das sapatilhas de modo tranquilizador.

—Sim, estava com um olho roxo — continuou Philomena. —Sir Harry? — Perguntou Anne.

—Julian Prentice. Sir Harry provavelmente não. Não sei. Nunca o vi.

—Eu o vi há dois dias — disse Mary — Não estava com nenhum olho roxo. —Parecia ferido?

—Não. Tão adorável como sempre. Isso sim, todo de negro. É muito curioso.

—Todo? — pressionou Olivia.

—Em sua maior parte. Camisa e gravata brancas. Mas ainda assim… — Mary virou a mão no ar, como se simplesmente não pudesse aceitar aquela possibilidade — Como se estivesse de luto.

—Possivelmente esteja — disse Anne, agarrando-se àquilo — Por sua noiva! —A que ele matou? — perguntou Philomena.

—O homem não matou ninguém! — exclamou Olivia.

—Como sabe? — Perguntaram as outras três mulheres em uníssono.

Olivia queria responder, mas lhe ocorreu que ela não sabia. Nunca pôs os olhos em cima do homem, nem ouviu sequer um sussurro sobre ele até aquela tarde. Mas ainda assim, o bom senso certamente estava ao seu lado. O assassinato da noiva soava muito parecido com as novelas góticas que Anne e Mary liam sempre.

—Olivia? — disse alguém.

Ela piscou, percebendo que havia ficado em silêncio muito tempo. —Não é nada — disse, sacudindo rapidamente a cabeça— Só pensava. —Em Sir Harry — disse Anne, um pouco petulante.

—Tampouco é que tenha me dado a oportunidade de pensar em outra coisa — murmurou Olivia.

— Em que outra coisa iria pensar? — perguntou Philomena.

Olivia abriu a boca para falar, então percebeu que não tinha nem ideia de como responder.

—Em nada — disse por fim — Em quase nada.

Mas tinham despertado sua curiosidade. E a curiosidade de Olivia Bevelstoke era uma coisa realmente formidável.

* * *

A garota da casa ao norte da sua voltava a observá-lo. Tinha-o feito durante a maior parte do fim de semana. A princípio, Harry não se importou. A garota era a filha do conde de Rudland, por amor de Deus, ou se não fosse isso, então tinha alguma relação com ele — se fosse uma empregada, certamente a teriam mandado embora do trabalho por passar tanto tempo junto à janela.

E não era governanta. O conde de Rudland tinha esposa, ou isso haviam dito a Harry. Nenhuma esposa permitiria que uma governanta andasse daquela maneira em sua casa.

Assim era quase certo que devia ser a filha. O que significava que ele não tinha razões para supor que a mulher não era nada mais que uma intrometida senhorita, o tipo de garotas que considerava que não havia nada de mal em espiar os novos vizinhos. Exceto que o observava durante cinco dias. Certamente, se tão somente sentisse curiosidade pelo corte de seu casaco ou a cor de seu cabelo, a esta altura já teria olhado tudo o que queria.

Havia se sentido tentado a saudá-la com a mão. Botar um enorme e feliz sorriso no rosto e saudá-la. Aquilo poria ponto final à espionagem. Exceto então que nunca averiguaria por que a moça estava tão interessada. O que era inaceitável. Harry nunca toleraria um porque sem resposta.

Sem mencionar que ela não estava suficientemente perto da janela para ver sua expressão abertamente. O que lhe tirava o propósito da saudação. Se ela ficasse envergonhada, ele queria vê-lo. Se não, que graça tinha?

Harry se reclinou em sua escrivaninha, agindo como se não tivesse nem ideia de que estava sendo espiado através das cortinas. Tinha trabalho a fazer, e precisava deixar de preocupar-se com a loira da janela. Um mensageiro do Ministério da Defesa tinha lhe entregado um longo documento naquela manhã, e precisava ser traduzido no momento. Harry sempre seguia a mesma rotina quando traduzia do russo ao inglês - primeiro uma leitura rápida, para captar o sentido geral, e logo uma mais detalhada, examinando o documento em um nível de palavra por palavra. Só então, depois do consciencioso exame, pegava a pluma e o papel e começava a traduzir.

Era uma tarefa tediosa. Gostava, mas claro, sempre gostou dos quebra-cabeças. Podia sentar-se com um documento durante horas, e perceber que não tinha comido em todo o dia unicamente quando descia o sol. Mas até ele, que estava tão apaixonado pela tarefa, não podia imaginar-se passando o dia observando alguém traduzindo documentos.

E ainda assim, aí estava ela, de novo na janela. Provavelmente pensando que era realmente boa ocultando-se e ele absolutamente tolo.

Sorriu. A mulher não tinha nem ideia. Pode ser que Harry trabalhasse para um aborrecido ramo do Ministério da Defesa — o que se encarregava de lutar com as palavras e os papéis em lugar das armas, facas e as missões secretas — mas foi bem treinado. Tinha passado dez anos no exército, a maioria deles no continente, quando um olho observador e um afiado sentido de movimento podiam marcar a diferença entre a vida e a morte.

Tinha notado, por exemplo, que ela tinha o hábito de botar as mechas de cabelo soltas atrás da orelha. E, posto que às vezes o observasse a noite, sabia que quando as soltava — toda a incrivelmente brilhante massa de cabelo—, as pontas batiam exatamente na metade das costas.

Sabia que seu roupão era azul. E, infelizmente, bastante amorfa.

Não tinha talento para ficar quieta. Provavelmente ela pensava que sim; não era uma pessoa inquieta, e sua postura era reta e direta. Mas às vezes havia algo que a delatava — um rápido balançar dos dedos, ou possivelmente uma diminuta elevação dos ombros ao respirar.

E é natural, naquele ponto, era impossível que Harry não a percebesse. Aquilo o fazia perguntar-se. Que parte de sua pessoa encurvada sobre um maço de papéis lhe interessava tanto? Porque isso era tudo o que ela tinha feito naquela semana.

Possivelmente deveria animar o espetáculo. Na realidade, seria o mais adequado. A mulher deveria estar mortalmente aborrecida.

Poderia saltar sobre sua mesa e cantar.

Comer um pouco e fingir que se afogava. O que faria ela então?

Vá, aquele seria um dilema moral interessante. Soltou um momento a pluma, pensando nas senhoras distintas da sociedade que conheceu. Ele não era tão cínico; de verdade acreditava que algumas, ao menos, fariam uma tentativa para salvá-lo. Mas duvidava muito que alguma delas possuísse as habilidades atléticas necessárias para fazê-lo a tempo.

Melhor seria que mastigasse com cuidado a comida.

Harry deixou sair um longo suspiro e fez uma tentativa de voltar a concentrar sua atenção no trabalho. Tinha os olhos voltados para os papéis todo o momento que passou pensando na garota da janela, mas não tinha lido nenhuma palavra. Não tinha feito nada nos cinco últimos dias. Supunha que poderia fechar a cortina, mas aquilo teria sido muito óbvio. Especialmente agora, na metade do dia, com o sol alto e brilhante.

Olhou fixamente as palavras diante dele, mas não pôde concentrar-se. Ela continuava ali, ainda olhando-o, imaginando-se oculta atrás da cortina.

Por que demônios o olhava?

Harry não gostava daquilo. Não havia maneira pela qual ela pudesse ver no que ele trabalhava, e embora pudesse, duvidava que pudesse ler em cirílico. Mas ainda assim, os documentos que acabavam em sua mesa tinham uma natureza delicada, frequentemente de importância nacional. Se alguém o estivesse espionando…

Sacudiu a cabeça. Se alguém o espionasse, não seria a filha do conde de Rudland, pelo amor de Deus.

E então, milagrosamente, a mulher desapareceu. Primeiro se virou, com a mandíbula possivelmente um pouco elevada, e logo se afastou. Tinha ouvido um ruído; provavelmente alguém tinha chamado. Harry não se importava. Estava simplesmente contente de que ela se fosse. Precisava

trabalhar.

Desceu o olhar, moveu-se através da primeira página e então: —Bom dia, Sir Harry!

Era Sebastian, e claramente estava com um humor jocoso. Se não, não o chamaria de Sir Harry. Harry não levantou o olhar.

—É pela tarde.

—Não quando se levanta às onze. Harry lutou para não soltar um suspiro. —Não bateu na porta.

—Nunca bato. — Sebastian se deixou cair sobre uma cadeira, aparentemente sem perceber que seu cabelo caiu sobre os olhos— O que está fazendo?

—Trabalhando. —Trabalha muito.

—Alguns de nós não temos condados para herdar — observou Harry, tentando ao menos terminar uma frase mais antes que Sebastian requeresse sua completa atenção.

—Possivelmente — murmurou Sebastian— Possivelmente não.

Isso era verdade. Sebastian sempre foi o segundo em linha para herdar; seu tio, o conde de Newbury, só teve um filho, Geoffrey. Mas o conde (que ainda considerava Sebastian um completo esbanjador, apesar de sua década de serviço ao império de Sua Majestade) não tinha se preocupado. Depois de tudo, havia poucas razões para supor que Sebastian poderia herdar. Geoffrey tinha se casado enquanto Sebastian estava no exército, e sua mulher lhe tinha dado duas filhas, assim claramente o homem podia procriar um bebê.

Mas então Geoffrey tinha contraído uma febre e morreu. Logo que se fez aparente que a viúva não estava grávida e que, portanto, não havia nenhum jovem herdeiro à vista para salvar o condado da devastação que encarnava Sebastian Grei, o desde há muitos anos viúvo conde tinha decidido ele mesmo produzir um novo herdeiro ao título e com isso em mente se dedicava agora a percorrer Londres, procurando comprar uma esposa.

O que significava que ninguém sabia bem o que fazer com Sebastian. Ou era devastadoramente atraente e encantador herdeiro de um ancião e com um rico condado, em cujo caso era sem dúvida o maior prêmio no mercado matrimonial, ou era o devastadoramente atraente e encantador herdeiro de nada, em cujo caso poderia converter-se no pior pesadelo das matronas da sociedade.

Não obstante, convidavam-no a todas as partes. E assim no que se referia à sociedade londrina, ele sabia tudo. O que constituía a razão pela qual Harry sabia que conseguiria uma resposta quando perguntou:

—O conde de Rudland tem uma filha?

Sebastian o observou com uma expressão que a maioria interpretaria como aborrecimento, mas que Harry sabia que significava muito inocente.

—Claro — disse Sebastian.

O tom de muito inocente, decidiu Harry, estava implícito. —Por quê? — perguntou Sebastian.

Harry olhou brevemente para a janela, inclusive embora soubesse que a moça não estava ali.

—É loira? —Muito. —Muito bonita?

Sebastian desenhou um ardiloso sorriso. —Mais que isso, segundo a maioria dos padrões.

Harry franziu a sobrancelha. Que diabos estava fazendo a filha de Rudland observando-o?

Sebastian bocejou, sem incomodar-se em cobrir a boca, sequer quando Harry lhe lançou um olhar de desgosto.

—Alguma razão em particular para tão repentino interesse?

Harry andou para a janela, olhando a janela dela, a qual agora sabia que se encontrava no segundo andar, a terceira pela direita.

—Está me observando.

—Lady Olivia Bevelstoke o observa — repetiu Sebastian. —É Esse o nome dela? — murmurou Harry.

—A moça não o está observando. Harry se virou.

—Como?

Sebastian rudemente encolheu os ombros. —Lady Olivia Bevelstoke não precisa de você. —Eu nunca disse isso.

—No ano passado recebeu cinco propostas de matrimônio, e o número teria sido o dobro se não tivesse dissuadido a vários cavalheiros antes que se comportassem como idiotas.

—Sabe muito sobre a sociedade para ser alguém que diz não sentir interesse. —Alguma vez disse isso? — Sebastian acariciou o queixo com afetado ar pensativo— Que falso da minha parte.

Harry o olhou fixamente, logo ficou de pé e caminhou até a janela, livre para fazê-lo agora que lady Olivia saiu.

—Algo interessante? — murmurou Sebastian.

Harry o ignorou, movendo a cabeça rapidamente à esquerda, embora aquilo não melhorasse muito seu ponto de observação. Ainda assim, a mulher tinha deixado a cortina de tecido mais aberta que o habitual, e se o sol não estivesse cintilando no vidro, Harry teria uma boa visão de seu quarto.

Certamente, a melhor até aquele momento.

—Ela está lá? — perguntou Sebastian, com um pequeno tremor zombeteiro na voz— O está observando agora mesmo?

Harry se virou, então imediatamente revirou os olhos quando viu que Sebastian estava movendo as mãos ao redor, os dedos realizavam estranhas flexões como se estivesse tentando evitar um fantasma.

—É um idiota — disse Harry.

—Mas um atraente idiota— lhe devolveu Sebastian, voltando com rapidez para encurvar-se na cadeira— E terrivelmente encantador. Tira-me de muitos problemas.

Harry se virou, descansando preguiçosamente contra o marco da janela. —A que devo o prazer?

—Adoecia por sua companhia. Harry esperou pacientemente.

—Necessito dinheiro? — tentou Sebastian.

—É muito provável, mas sei de boa fonte que aliviou o moedeiro de Winterhoe na terça-feira passada pela quantidade de cem libras.

—E diz que não lhe interessavam as fofocas.

Harry encolheu os ombros. Prestava atenção quando lhe interessava. —Foram duzentas, que eu saiba. Teriam sido mais se o irmão de Winterhoe não tivesse aparecido e o tivesse levado de arrasto.

Harry não fez comentário algum. Sentia pouco carinho por Winterhoe ou seu irmão, mas não podia evitar sentir compaixão por eles.

—Sinto muito — disse Sebastian, interpretando corretamente o silêncio de Harry— Como está o jovem cachorrinho?

Harry lançou um olhar para o teto. Edward Seu irmão pequeno estava ainda de cama, presumivelmente dormindo em função de algum excesso ao qual se entregou na noite anterior.

—Ainda me odeia — encolheu os ombros. A única razão pela qual Harry se mudou para Londres foi para manter um olho em seu jovem irmão, e Edward odiava ver-se obrigado a submeter-se à autoridade dele— Passará.

—Está malvado nestes dias, ou só entediado? Harry sentiu o princípio de um sorriso. — Entediado penso eu.

Sebastian se encurvou ainda mais na cadeira e deu a impressão de encolher os ombros.

—Eu preferiria ser malvado.

—Há algumas senhoritas que diriam que não deve preocupar-se com isso — murmurou Harry.

—Venha, Sir Harry — o admoestou Sebastian— Nunca perverti a uma inocente.

Harry acolheu a afirmação com um gesto de concordância. Embora as aparências dissessem o contrário, Sebastian conduzia sua vida de acordo com um determinado código ético. Não era um código que a maioria reconheceria, mas ainda assim, ali estava. E se alguma vez seduziu uma virgem, certamente não o tinha feito a propósito.

—Ouvi que deu uma surra em alguém na semana passada — disse Sebastian. Harry sacudiu a cabeça com desgosto.

—O homem ficará bem. —Isso não foi o que perguntei.

Harry se virou da janela para ficar cara a cara com Sebastian.

—Na realidade, não perguntou nada.

—Muito bem — disse Sebastian com exagerada concessão— Por que bateu no jovem até deixá-lo mole?

—Não foi assim - disse Harry irritado. —Ouvi que o deixou inconsciente.

—Isso ele conseguiu sozinho. —Harry balançou a cabeça com desgosto— Estava completamente bêbado. Bati-lhe uma vez na cara. Quando muito, apressei sua perda dos sentidos em dez minutos.

—Você não costuma bater em outro homem sem provocação — disse Sebastian brandamente—, e ainda mais se estiver bêbado.

Harry apertou a mandíbula. Não se sentia orgulhoso daquele episódio, mas ao mesmo tempo, não poderia lamentá-lo.

—Estava incomodando alguém — disse tensamente.

E isso era tudo o que iria dizer. Sebastian o conhecia bem para saber o que significava isso.

Sebastian concordou pensativamente, e exalou um longo suspiro. Harry tomou aquilo como se o amigo fosse deixar de falar sobre o assunto, e voltou para sua escrivaninha, lançando clandestinamente um olhar à janela no caminho.

—Ela está lá? — perguntou de repente Sebastian. Harry não fingiu não ter entendido.

—Não.

Voltou a sentar-se, procurando o lugar no qual havia parado no documento russo.

—Está aí agora?

Era incrível o quanto rapidamente aquilo estava se convertendo em algo tedioso.

—Seb…

—Neste momento? —Por que está aqui?

Sebastian se endireitou um pouco.

— Preciso que vá ao musical dos Smythe-Smith na terça-feira.

—Por quê?

—Prometi a alguém que iria e…

—Não importa.

—Importa-me, e estou obrigado a assistir.

Sebastian ficou vermelho rapidamente, o que sempre era um evento entretido, se não incomum.

—Muito bem, é minha avó. Abandonou-me na semana passada.

Harry resmungou. Se tivesse sido qualquer outra mulher, Sebastian teria sido capaz de escapar. Mas uma promessa a uma avó… tinha que manter.

—Então irá? — perguntou Sebastian.

—Sim — disse Harry com um suspiro.

Odiava aquelas coisas, mas ao menos em um musical não teria que conversar educadamente toda a noite. Poderia sentar-se em seu lugar, não dizer nada, e se parecesse aborrecido, bom, todo mundo estaria igual.

—Excelente. Você...?

—Espere um minuto. — Harry se virou para ele com receio

— Porque precisa de mim?

Porque na realidade, Sebastian mal carecia de confiança social. Sebastian se moveu incômodo no assento.

—Suspeito que meu tio estará lá.

—E desde quando isso o assusta?

—Não me assusta. — Seb lhe lançou um olhar de puro desgosto — Mas a avó é propensa a tentar arrumar problemas e… Oh, pelo amor de Deus, importa? Irá ou não?

—Claro. — Porque na realidade, não teve nenhuma dúvida. Se Sebastian precisava dele, Harry estaria lá.

Sebastian ficou em pé, e qualquer angústia que houvesse sentido desapareceu, substituída por sua

habitual despreocupação.

—Devo-lhe uma.

—Deixei de contá-las. Seb riu ante isso.

—Despertarei o cachorrinho por você. Até eu acho que esta é uma hora indecorosa para ficar na cama.

—Adiante. Você é o único além de mim que Edward respeita.

—Respeita?

—Admira — corrigiu Harry.

Edward tinha expressado mais de uma vez sua incredulidade sobre que seu irmão, a quem encontrava aborrecido além de toda medida, fosse tão amigo de Sebastian, a quem desejava imitar em tudo.

Sebastian parou na porta. —Está servido o café da manhã?

—Saia daqui — disse Harry— E feche a porta, quer?

Assim o fez Sebastian, mas sua risada percorreu a casa de qualquer modo. Harry flexionou os dedos e voltou o olhar à escrivaninha, onde seguiam intactos os documentos russos. Só faltavam dois dias para cumprir a atribuição. Graças a Deus que a garota, lady Olivia, tinha deixado o aposento.

Ao pensar nela, Harry levantou o olhar, mas sem seu habitual cuidado, porque sabia que ela não estava lá.

Exceto que não foi assim.

E daquela vez, ela saberia que ele a tinha visto.

CAPÍTULO 2



Olivia se deixou cair de quatro, com o coração palpitando com força. Ele a tinha visto. Indubitavelmente a tinha visto. Vislumbrou-o em seus olhos, em seu inesperado giro de cabeça. Querido Deus, como iria se explicar? As jovens bem educadas não espionavam seus vizinhos. Fofocavam sobre eles, inspecionavam o corte de suas jaquetas e a qualidade de suas carruagens, mas nunca, repito nunca, espionavam através das janelas.

Embora o dito vizinho fosse um possível assassino. O qual Olivia ainda não acreditava possível.

Dito isto, no entanto, Sir Harry Valentine definitivamente tramava alguma coisa. Seu comportamento durante esta semana passada não era normal. Não que Olivia pudesse alegar conhecimento do que era normal para ele, mas tinha dois irmãos. Sabia o que faziam os homens em seus estúdios e escritórios.

Sabia, por exemplo, que a maioria dos homens não ocupava seus escritórios e estúdios, ao menos, não durante dez horas cada dia, tal como Sir Harry parecia fazer. E sabia que quando dava a casualidade de que entrassem em seus escritórios, era habitualmente para evitar relacionar-se com as técnicas de persuasão femininas, e não, como no caso de Sir Harry, para passar o tempo examinando aplicadamente papéis e documentos.

Olivia teria dado sua mão direita, e possivelmente até o braço inteiro, para saber o que havia nesses papéis. Todo o santo dia, cada dia, ele o passava ali em sua escrivaninha, estudando minuciosamente papéis soltos. Algumas vezes quase parecia que estava copiando-os.

Mas aquilo não tinha sentido. Os homens como Sir Harry empregavam secretários para fazer esse tipo de coisas.

Com o coração ainda acelerado, Olivia lançou um olhar para cima, avaliando a situação. Não era que levantar a vista fosse de alguma utilidade; de qualquer modo, a janela estava acima dela, e realmente, era meramente natural que ela...

—Não, não, não se mova.

Olivia deixou escapar um gemido. Winston, seu irmão gêmeo, ou como preferia pensar nele, seu irmão menor, por precisamente três minutos, encontrava-se de pé na entrada. Ou mas bem, estava recostado casualmente contra o marco da porta, tentando parecer o irresponsável demônio encantador que nestes dias consagrava sua vida tentando ser.

O qual teria que admitir, não era gramaticalmente correto, mas sim parecia descrevê-lo precisamente como o que era. O cabelo loiro de Winston estava expertamente despenteado, o lenço atado em seu pescoço com cuidado, e sim, suas botas foram feitas pelo próprio Weston. Mas qualquer um com um pingo de bom senso poderia ver que ele era ainda um pouco imaturo. Nunca entenderia a razão pela qual todas as amigas tinham um olhar sonhador e ficavam completamente estupidificadas na presença dele.

—Winston — Resmungou ela entre dentes, sem querer oferecer nenhum outro reconhecimento.

—Fica quieta — disse ele, adiantando uma mão com a palma para ela— Só um mais um momento. Estou tentando gravar a imagem em minha memória.

Olivia mordiscou o lábio com um gesto áspero e engatinhou, com cautela, ao longo da parede e para longe da janela.

—Me deixe adivinhar — disse ele— Bolhas em ambos os pés. Ela o ignorou.

—Mary Cadogan e você estão escrevendo uma nova peça teatral. Você interpreta à ovelha.

Nunca tinha merecido mais uma réplica que agora, mas tristemente, Olivia nunca se encontrava na pior posição para dar-lhe uma.

—Se soubesse — acrescentou— teria trazido uma vara.

Ela estava quase suficientemente perto para lhe morder a perna. —Winston?

—Sim? —Cale-se. Ele riu.

—Vou matar você— anunciou ela, ficando de pé. Havia rodeado a metade do longo aposento. Não havia maneira pela qual Sir Harry fosse capaz de vê-la ali.

—Usando seus pés?

—Oh, já basta — lhe disse ela indignada. E então percebeu que ele se dispunha a entrar tranquilamente no aposento— Afaste-se da janela!

Winston congelou, logo deu a volta para olhá-la. Suas sobrancelhas se arquearam em um gesto de interrogação.

— Volte para trás—disse Olivia - Isso mesmo. Lenta, lentamente… Winston fez ameaça de mover-se para frente.

O coração dela estremeceu. —Winston!

—Olivia, por favor! — disse ele dando a volta e cruzando os braços— O que está fazendo?

Ela engoliu em seco. Não havia maneira de evitar dizer alguma coisa. A havia visto engatinhando pelo aposento como uma idiota. Esperava uma explicação. Se fosse em uma situação oposta, pelo céu

que ela igualmente procuraria saber o que era aquilo.

Mas talvez não tivesse que lhe dizer a verdade. Certamente haveria alguma outra explicação para suas ações.

R*azões Pelas Quais Poderia Estar Engatinhando no Chão E Precisasse Evitar a Janela…*

Não. Não lhe ocorria nada.

—É nosso vizinho — disse Olivia, recorrendo à verdade, dado que, em sua posição, não tinha outra opção.

A cabeça de Winston se virou para a janela. Lentamente, e com tanto sarcasmo como um movimento lateral da cabeça pudesse expressar.

O qual, Olivia tinha que admitir, quando realizado por um Bevelstoke, era bastante sarcástico.

—Nosso vizinho — repetiu ele— Temos um?

—Sir Harry Valentine. Alugou a casa enquanto estava em Gloucestershire. Winston assentiu lentamente com a cabeça.

—E sua presença em Mayfair a fez engatinhar no chão… por que… —Estava vigiando-o.

—A Sir Harry. —Sim.

—De joelhos.

—É claro que não. Ele me viu e...

—E agora pensa que é uma lunática.

—Sim. Não! Não sei. — Deixou escapar uma furiosa exalação — Dificilmente posso estar a par de seus pensamentos íntimos.

Winston arqueou uma sobrancelha.

—Ao contrário de seu aposento íntimo, o qual está...

—Esse é o escritório dele— interrompeu-a veementemente. —O qual sente a necessidade de espionar porque…

—Porque Anne e Mary disseram... — Olivia interrompeu, consciente de que se lhe contasse por que estava espionando Sir Harry, pareceria ainda mais tola do que já parecia.

—Ah não, não se detenha agora — implorou laconicamente — Se Anne e Mary disseram, definitivamente quero escutar.

Sua boca se fechou em um gesto sério. —Muito bem. Mas não deve repetir.

—Tento não repetir nada do que elas dizem — disse francamente. —Winston.

—Não direi uma palavra. —Levantou as mãos, como em um gesto de rendição.

Em reconhecimento, Olivia concordou brevemente com um sinal de cabeça. —Porque sequer é certo.

—Isso já sei, considerando a fonte. —Win...

—Oh, vamos, Olivia. Você conhece o suficiente a essas duas para não confiar em nada que lhe digam.

Ela sentiu uma relutante necessidade de defendê-las. —Não são tão más.

—Absolutamente — concordou ele — só carecem da habilidade de discernir a verdade da ficção.

Ele estava certo, mas ainda assim, eram suas amigas e ele era insuportável, assim não era como se fosse admiti-lo. Em troca, ignorou de todo a declaração dele e continuou com:

—Digo a sério, Winston. Deve manter isto como um segredo.

—Dou minha palavra — disse ele, soando quase aborrecido por todo o assunto.

—O que disser neste recinto…

—Não sairá deste recinto — terminou ele— Olivia…

—Muito bem. Anne e Mary disseram que tinham escutado que Sir Harry tinha assassinado a noiva; não, não me interrompa, eu tampouco acredito, mas logo me pus a pensar, bem... Como se inicia um rumor como esse?

—Graças a Anne Buxton e Mary Cadogan — respondeu Winston.

—Elas nunca começam os rumores — disse Olivia— Somente os repetem. —Uma importante diferença.

Olivia pensava da mesma maneira, mas este não era nem o lugar nem o momento para concordar com seu irmão.

—Sabemos que tem um mau caráter — continuou ela. —Sabemos? Como?

—Não ouviu sobre Julian Prentice? —Ah, isso — Winston revirou os olhos. —O que quer dizer?

—Apenas o tocou. Julian estava tão bêbado que uma rajada de vento poderia tê-lo derrubado.

—Mas Sir Harry bateu nele.

Winston moveu uma mão lhe subtraindo importância. —Suponho que sim.

—Por quê?

Winston encolheu os ombros e cruzou os braços.

—Ninguém sabe, realmente. Ou ao menos, ninguém o diz. Mas pare um momento... O que tem tudo isto a ver com você?

—Eu tinha curiosidade — admitiu ela. Soava mais que estúpido, mas era a verdade. E não era possível que nesta tarde se sentisse mais envergonhada.

—Curiosidade sobre o que?

—Sobre ele. —Ela apontou com a cabeça a janela—Sequer sei como ele é. E sim — disse ela com resolução, pondo um alto lá à interrupção que podia ver formando-se nos lábios de seu irmão — sou consciente de que sua aparência não tem nada a ver absolutamente com o fato de que tenha ou não matado alguém, mas não pude resistir. Vive na porta ao lado.

Winston cruzou os braços.

—E está preocupada com medo de que ele entre furtivamente, apodere-se de você e lhe fatie a garganta?

—Winston!

—Sinto muito, Olivia — disse ele rindo — mas deve admitir que é a coisa mais absurda...

—Mas não é — disse ela com gravidade — Ou era. Nisso estou de acordo. Mas então comecei a vigiá-lo e lhe digo, Winston, que há alguma coisa muito estranha com respeito a esse homem.

—O qual chegou a discernir nas últimas... —Winston franziu a sobrancelha— Por quanto tempo esteve espionando-o?

—Cinco dias.

—Cinco dias? —Desapareceu a expressão aristocraticamente aborrecida dele, substituída por uma boquiaberta incredulidade— Por Deus, Olivia! Não tem nada melhor que fazer com seu tempo?

Olivia tentou não parecer envergonhada. —Aparentemente não.

—E ele não a viu? Em todo este tempo?

—Não — mentiu ela, e com muita lábia, além disso— E não quero que me veja. Por isso eu estava engatinhando me afastando da janela.

Winston olhou para a janela. Depois de novo para ela, com a cabeça movendo-se lentamente e com grande ceticismo.

—Muito bem. O que chegou a discernir a respeito de nosso novo vizinho? Olivia se deixou cair

em uma cadeira apoiada contra a parede posterior, surpresa do quanto desejava lhe contar suas descobertas. —Bem. A maior parte do tempo parece bastante normal. —Escandaloso.

Ela fez um gesto de desgosto.

—Quer que lhe conte ou não? Porque não vou continuar se tudo o que vai fazer é zombar de mim.

Com patente sarcasmo, Winston a animou a continuar com um rápido movimento da mão.

—Passa uma exorbitante quantidade de tempo atrás da escrivaninha dele. Winston concordou com a cabeça.

—Um sinal seguro de instintos assassinos.

—Quando foi a última vez que você passou algum tempo sentado atrás de sua escrivaninha? — espetou-o.

—Bom ponto.

—E —continuou com considerável ênfase — também penso que é dado a usar disfarces.

Isso captou a atenção dele. —Disfarces?

—Sim. Às vezes usa óculos e às vezes não. E duas vezes colocou um chapéu extremamente peculiar. Dentro de casa.

—Não posso acreditar que esteja ouvindo isto — declarou Winston. —Quem usa chapéus dentro de casa?

—Está louca. É a única explicação possível.

—Além disso, só o vejo vestido de negro. — Olivia se lembrou dos comentários de Anne, uns dias antes nessa semana— Ou azul escuro. Não que isso seja suspeito — acrescentou, porque a verdade é que se não fosse ela mesma que estivesse pronunciando as palavras, provavelmente eu também teria pensado que era uma idiota. Contar sem rodeios, todo o episódio soava bastante sem sentido.

Suspirou.

—Sei que isto soa ridículo, mas lhe digo, alguma coisa não está bem com esse homem.

Winston a olhou fixamente durante vários segundos antes de dizer finalmente:

—Olivia, você tem muito tempo nas mãos. Embora…

Sabia que estava deixando que suas palavras fossem se apagando de propósito, mas também sabia que não seria capaz de resistir à tentação.

—Embora o que? — Resmungou.

—Bem, devo dizer que demonstra uma desacostumada tenacidade de sua parte.

—A que se refere com isso? —demandou ela.

O olhar que ele lhe dirigiu era condescendente de um modo que só um irmão pode fazê-lo.

—Deve admitir que não tem a reputação de perseverar em uma empreitada até o final.

—Isso não é verdade! Ele cruzou os braços.

—O que aconteceu com esse modelo da Catedral de São Pablo que estava construindo?

Ela ficou boquiaberta e ofegou atônita. Não podia acreditar que ele estivesse usando aquilo como exemplo.

—O cão a derrubou!

—Talvez se lembre de certa promessa, a de escrever para a vovó a cada semana?

—Nisso é inclusive pior que eu.

—Ah, mas eu nunca prometi uma carta. Tampouco comecei e nunca terminei uma pintura a óleo ou a tocar violino.

As mãos de Olivia se fecharam. Era certo que não tinha tomado mais que seis lições de pintura, e uma de violino. Isso era porque tinha parecido ser espantosa em ambas. E quem quereria se desgastar sem fim em uma atividade para a qual não tem nenhum talento?

—Estamos falando de Sir Harry — Resmungou ela. Winston sorriu apenas.

— Com efeito.

Olivia o olhou fixamente. Intensamente. Winston ainda a olhava com essa expressão no rosto, uma parte desdenhosa, duas partes simplesmente irritante. Estava apreciando muito em poder provocá-la.

—Muito bem — disse, repentinamente solícito — Diga-me, o que não está bem quanto ao Sir Harry Valentine?

Ela demorou um momento antes de falar, e disse: —Várias vezes o vi jogar um monte de papéis no fogo.

—Várias vezes me viu fazer exatamente o mesmo — replicou Winston— E que outras coisas espera que faça um homem com papéis que precisa descartar? Olivia, você...

—Foi o modo como ele fez isso.

Winston usou uma expressão de querer responder mas sem poder encontrar palavras para fazê-lo.

—Jogou-os dentro da lareira— disse Olivia— Os jogou! Em um arroubo demente.

Winston começou a sacudir a cabeça. —Então olhou por cima do ombro...

— Está certo que esteve vigiando-o por cinco dias.

—Não me interrompa — disse ela, e sem parar para respirar—: Olhou sobre o ombro como se pudesse ouvir alguém se aproximando pelo corredor.

—Me deixe adivinhar. Alguém estava aproximando-se pelo corredor.

—Sim! —disse ela com excitação— Seu mordomo entrou *exatamente nesse momento*. Ao menos penso que era seu mordomo. Ao que parece era alguém.

Winston a olhou atentamente. —E na outra vez?

—Na outra vez?

—Em que queimou seus papéis.

—Ah — disse ela— isso. De fato, foi uma coisa bem normal. Winston a olhou fixamente durante uns instantes antes de dizer: —Olivia, deve deixar de espiar o homem.

—Mas...

Ele levantou uma mão.

—O que seja que pense que seja Sir Harry, juro, está equivocada. —Também o vi enchendo uma bolsa com dinheiro.

—Olivia, eu *conheço* sir Harry Valentine. É tão normal como se pode ser. —Conhece?

E a tinha deixado continuar e continuar como uma idiota? Iria matá-lo.

D*e maneira que Eu gostaria de Matar Meu Irmão, Décima Sexta Versão, Por Olivia Bevelstoke*

Não, seriamente, que sentido teria? Dificilmente poderia superar a Décima quinta Versão, que incluía javalis selvagens e bissecção.

—Bom, não o conheço pessoalmente — explicou Winston— Mas conheço seu irmão. Fomos juntos à universidade. E sei sobre sir Harry. Se está queimando papéis é simplesmente para ordenar sua escrivaninha.

—E esse chapéu? —demandou Olivia— Winston, tinha plumas. —Ela levantou os braços no ar e os agitou ao redor, tentando representar o quanto era horrendo— Um penacho delas!

—Isso não posso explicar. —Winston encolheu os ombros e sorriu zombeteiro— Mas eu adoraria vê-lo por mim mesmo.

Ela franziu a sobrancelha, dado que era a reação menos infantil em que podia pensar.

—Além disso — continuou cruzando os braços—, não tem uma noiva. —Bom, sim, mas...

—E nunca teve uma.

O que respaldava a opinião de Olivia de que todo esse rumor não era nada mais que ar, mas era mortificante que fosse Winston quem o provasse. Se é que de fato o tinha provado; Winston não era precisamente uma autoridade no assunto.

—E, a propósito — disse Winston, no que era um tom de voz muito casual — assumo que mamãe e papai não estão a par de suas recentes atividades de investigação.

Vá, a pequena doninha.

—Você disse que não diria nada — disse Olivia acusadoramente.

—Disse que não diria nada sobre essas bobagens de Mary Cadogan e Anne Buxton. Não disse nada com respeito a seu estigma de loucura.

—O que quer, Winston? — Resmungou Olivia. Ele olhou-a direto nos olhos.

—Vou ficar doente na quinta-feira. Não me contradiga.

Olivia passou revista mentalmente em seu calendário social. Quinta-feira… quinta-feira… *o musical das Smythe-Smith.*

—Ah, não, não vai fazer isso! — gritou, lançando-se contra ele. Abanando o ar ao lado de sua cabeça, Winston disse:

—Meus delicados ouvidos já sabem…

Olivia tentou pensar em uma réplica adequada e se viu atrozmente frustrada quando tudo o que pôde chegar a dizer foi:

—Você... você...

—Se fosse você, não usaria ameaças contra mim. —Se eu tiver que ir, você tem que ir.

Dirigiu-lhe um sorriso enjoativo.

—É curioso que o mundo não pareça funcionar nunca dessa maneira. —Winston!

Ele ainda ria a gargalhadas enquanto escapulia saindo do recinto.

Olivia concedeu um só momento para desfrutar de sua irritação antes de decidir que preferia assistir ao musical das Smythe-Smith sem seu irmão. A única razão pela qual queria que ele fosse era para vê-lo sofrer, e estava certa de que podia encontrar outras maneiras de atingir tal objetivo. Além disso, se Winston fosse forçado a sentar-se imóvel durante a interpretação, certamente se entreteria

todo esse tempo torturando-a. No ano anterior lhe fincou o dedo nas costelas direitas até lhe fazer um buraco, e no ano anterior a esse…

Bem, bastava dizer que a vingança de Olivia incluía um ovo podre e três de suas amigas, todas convencidas de que estava desesperadamente apaixonado e não pensava que o marcador houvesse se igualado ainda.

Assim realmente, era melhor que não fosse. De qualquer modo, tinha preocupações muito mais urgentes que seu irmão gêmeo.

Franzindo a sobrancelha, voltou novamente sua atenção para a janela do quarto. Estava fechada, é claro; hoje não fazia tão bom tempo para recomendar o ar fresco. Mas as cortinas estavam recolhidas, e o vidro transparente a atraía e tentava. Desde seu vantajoso ponto de observação no lado do recinto mais longínquo à janela, só podia ver os tijolos da parede exterior da casa de seu vizinho, e talvez uma fina faixa de vidro de uma janela de seu estúdio. Se virasse um pouco. E se não a deslumbrasse o resplendor.

Estreitou os olhos.

Moveu um pouco a cadeira para a direita, tentando evitar o reflexo. Estendeu o pescoço.

Antes que tivesse a oportunidade de pensar melhor, deixou-se cair de novo no chão, usando o pé esquerdo para fechar a porta do quarto com um chute. A última coisa que precisava era Winston pegando-a de novo engatinhando.

Avançou lentamente centímetro a centímetro, perguntando-se que diabos pensava que estava fazendo; seriamente, quando chegasse à janela, simplesmente iria levantar se, como se dissesse: caí e agora levantei-me?

Claro, isso sim teria sentido.

E então lhe ocorreu: levada pelo pânico se esqueceu totalmente que seu vizinho devia estar se perguntando se ela havia caído. A tinha visto, disso estava certa, e então ela se deixou cair no chão.

Deixou-se cair. Não deu a volta, não partiu, mas sim se deixou cair. Como uma pedra.

Estaria ele agora mesmo com os olhos fixos em sua janela, perguntando-se o que tinha acontecido com ela? Pensaria que ela estava doente? Inclusive poderia vir a sua casa perguntar por seu bem-estar.

O coração de Olivia começou a palpitar rapidamente. A vergonha seria imensurável. Winston não pararia de rir durante uma semana.

Não, não, assegurou a si mesma, não pensaria que estava doente. Só que era lerda. Sem dúvida somente que era lerda. O que queria dizer que devia ficar de pé, levantar e se deixar ver passeando

pelo recinto em perfeito estado de saúde.

E talvez ela devesse saudar com a mão, dado que sabia que ele sabia que ela sabia que ele a tinha visto.

Fez uma pausa, repassando mentalmente essa última parte. Era correta essa quantidade de sabia?

Porém mais relevante ainda, esta era a primeira vez que ele a pegava na janela. Não sabia que ela o estava observando durante cinco dias. Disso estava certa. Assim na verdade não tinha razões para suspeitar. Estavam em Londres Por Deus! A cidade mais populosa da Grã-Bretanha. As pessoas se viam umas às outras nas janelas todo o tempo. A única coisa suspeita sobre o encontro era que havia agido como uma completa idiota ao deixar de reconhecer a presença dele.

Deveria saudá-lo. Deveria sorrir e lhe fazer um gesto para dizer: Não é tudo isto tão gracioso?

Podia fazê-lo. Algumas vezes se sentia como se passasse a vida inteira sorrindo e saudando e fazendo de conta que tudo era tão divertido. Sabia como comportar-se em qualquer circunstância social, e o que era isto se não uma obstante incomum circunstância social?

Nesta situação, Olivia Bevelstoke se destacaria.

Avançou engatinhando até um lado do aposento para poder ficar de pé fora do campo visual de seu vizinho. Como se nada estivesse fora do lugar, aproximou-se tranquilamente da janela, paralela à parede exterior, claramente concentrada em algo em frente a si, porque isso era o que estaria fazendo, ocupando-se de seus próprios assuntos em seu quarto.

Justo no momento correto jogaria um olhar para o lado, como se tivesse ouvido um esquilo, ou possivelmente o gorjear de um pássaro, e por acaso olharia para fora da janela, porque isso seria o que teria que acontecer em tal situação, e então, quando captasse o olhar de seu vizinho, sorriria muito rapidamente em reconhecimento. Seus olhos mostrariam a mais tênue faísca de surpresa e o saudaria com a mão.

E foi exatamente O que fez. Perfeitamente. À pessoa equivocada.

E agora o mordomo de Sir Harry devia pensar que ela era uma absoluta imbecil.

CAPÍTULO 3



M*ozart, Mozart, Bach (o maior), mais Mozart.*

Olivia baixou o olhar para o programa da noite musical anual das Smythe-Smith, olhando distraidamente para o canto até que ficou branda e disforme. Era semelhante ao do ano passado, salvo que parecia haver uma nova moça no violoncelo. Curioso. Olivia mordeu o lábio por dentro enquanto considerava isto. Quantas primas Smythe-Smith poderiam existir? Segundo Philomena, que as conhecia através de sua irmã mais velha, as Smythe-Smith haviam tocado como um quarteto de cordas todos os anos desde 1807. E ainda assim as executantes nunca ultrapassavam os vinte. Por isso parecia, sempre que havia outra esperando no final da fila.

Pobrezinhas. Olivia supôs que todas eram obrigadas a dedicar-se à música, gostassem ou não. Isso não era desculpa para que ficassem sem uma violoncelista, e o céu sabia, duas das moças mal pareciam fortes o bastante para levantar seus violinos.

Instrumentos Musicais Que Poderia Gostar de Tocar, e Com Os Quais Teria Talento.

Por Lady Olivia Bevelstoke

Flauta

Flautim

Tuba

Era bom escolher o inesperado de vez em quando. E a tuba podia utilizar-se como uma arma.

Estava muito certa de que os instrumentos musicais que não desejaria tocar incluiriam a variedade de corda, porque embora conseguisse exceder os esforços das primas Smythe-Smith (legendárias por suas noites musicais devido a todas as razões incorretas), ainda continuaria soando como uma vaca agonizante.

Em uma oportunidade tentou tocar o violino. Sua mãe fez com que desaparecesse da casa.

Vamos, pensando bem, Olivia raramente era convidada para cantar.

Oh, bem, tinha outros talentos, supunha ela. Podia pintar uma aquarela muito melhor do que a maioria e raramente se perdia em uma conversa. E se não tinha talento musical, ao menos ninguém a obrigaria a se localizar em um estrado cada ano para esmurrar os ouvidos dos incautos.

Ou não tão incautos. Olivia percorreu com o olhar o recinto. Reconheceu quase todo mundo…

com segurança todos sabiam o que esperar. A noite musical das Smythe-Smith se converteu em um rito de transição. Uma que deveria acontecer porque…

Bem agora, essa era uma boa pergunta. Possivelmente sem resposta.

Olivia baixou o olhar outra vez para seu programa, embora o tivesse lido quase três vezes. O cartão era de cor creme, e parecia que o matiz se derretia na seda amarela de suas saias. Tinha desejado usar seu novo traje de veludo azul, mas achou que uma cor alegre poderia ser mais útil. Alegre e distraído. Embora, pensando bem e franzindo a sobrancelha para seu traje, o amarelo não demonstrava de todo ser distraído, e já não estava tão certa de gostar do corte da renda sobre seu decote e…

—Ele está aqui.

Olivia afastou o olhar do programa. Mary Cadogan estava de pé sobre ela… não, agora estava se sentando, tomando o assento que Olivia tinha reservado para sua mãe.

Olivia esteve a ponto de perguntar quem, mas nesse momento as Smythe-Smith começaram a testar seus instrumentos.

Olivia estremeceu, logo fez uma careta de dor, depois cometeu o engano de olhar para o estrado provisório para observar o que podia ter produzido um som tão miserável. Não foi capaz de determinar a origem, mas a desgraçada expressão no rosto da violinista foi suficiente para que afastasse os olhos.

—Escutou? — disse Mary urgentemente, lhe dando uma cotovelada— Está aqui. Seu vizinho. — Ante a expressão de nada de Olivia, virtualmente vaiou—: Sir Harry Valentine!

—Aqui? —Olivia se virou em seu assento imediatamente.

—Não olhe!

E então se virou outra vez.

—Por que está aqui? — sussurrou ela.

Mary se via incômoda com seu traje de musselina lavanda que pelo visto era tão incômodo quanto parecia.

—Não sei. Provavelmente foi convidado.

Isso tinha que ser certo. Ninguém em seu juízo assistiria à noite musical anual das Smythe-Smith sem ser convidado. Era, na mais delicada das descrições, um assalto aos sentidos.

Para ser mais específico, a um dos sentidos. Possivelmente era uma boa noite para ser surdo.

Que fazia aqui sir Harry Valentine? Olivia tinha passado os três últimos dias com as cortinas

fechadas evitando diligentemente todas as janelas do lado sul de Rudland House. Mas não tinha esperado vê-lo fora, já que sabia muito bem que Sir Harry Valentine não saía.

E com segurança alguém que passava tanto tempo com uma pluma, tinta, e papel como ele, possuía inteligência suficiente para saber que se na verdade queria sair, haveria melhores opções que a noite musical das Smythe-Smith.

—Já assistiu antes alguma coisa como isto? — perguntou Olivia pela comissura da boca, mantendo a cabeça para frente.

—Não acredito — sussurrou Mary em resposta, também olhando para frente. Inclinou-se rapidamente para a Olivia até que seus ombros quase se tocaram — Só foi a dois bailes desde sua chegada à cidade.

—Almacks?

—Nunca.

—Essa corrida de cavalos no parque à qual todo mundo assistiu no mês passado?

Ela sentiu, mais que viu, Mary sacudir a cabeça.

—Não. Mas não posso estar certa. Não me permitiram ir.

—A mim tampouco — murmurou Olivia. Winston lhe tinha contado tudo, é claro, mas (evidentemente) não tinha lhe dado todos os detalhes como ela teria gostado.

—Seu vizinho passa muito tempo com o senhor Grei — continuou Mary. O queixo de Olivia retrocedeu ante a surpresa.

—Sebastian Grei?

—São primos. Irmãos, acredito.

Ante isso Olivia abandonou toda pretensão de não se misturar na conversa e olhou diretamente a Mary.

—Sir Harry Valentine É primo de Sebastian Grei? Mary encolheu os ombros imperceptivelmente. —É o que dizem todos.

—Está certa disso?

—Por que é tão difícil de acreditar? Olivia fez uma pausa.

—Não tenho nem ideia. — Mas tinha. Ela conhecia Sebastian Grei. Todos conheciam. O qual era a razão de que parecesse um companheiro tão peculiar para sir Harry, quem, por isso Olivia podia contar, deixava sua escrivaninha só para comer, dormir, e deixar inconsciente Julian Prentice.

Julian Prentice! Esqueceu-se dele. Olivia se endireitou e com o olhar percorreu o recinto com perita discrição.

Mas ficou evidente que Mary soube imediatamente o que ela estava fazendo. —A quem procura? —sussurrou ela.

—A Julian Prentice.

Mary ofegou com encantado horror. —Está aqui?

—Não acredito. Mas Winston disse que não era tão malvado como acreditávamos. Pelo visto Julian estava tão bêbado que Sir Harry poderia lhe haver derrubado soprando sobre ele.

—Exceto pelo olho roxo— lhe recordou Mary, a pessoa mais suscetível aos detalhes.

—O caso é que não acredito que tenha lhe dado uma surra.

Mary fez uma pausa durante um segundo, logo deve ter decidido que era tempo de seguir adiante. Pareceu estranha e logo se arranhou no ponto onde a rígida renda de seu vestido roçava contra a clavícula.

—Er, falando de seu irmão, está aqui?

—Céus, não — Olivia conseguiu evitar abrir os olhos, por pouco. Winston fazia um espetáculo muito pouco convincente de um resfriado e enviou a si mesmo à cama. Sua mãe foi tão bem enganada que pediu ao mordomo que o vigiasse em intervalos de uma hora e que a chamasse se ele piorasse.

O que lhe tinha proporcionado um ponto de luz nesta noite. Olivia sabia de muito boas fontes que haveria uma reunião no White´s mais tarde nessa noite. Oh, bem, teria que realizar-se sem Winston Bevelstoke.

O que muito bem poderia ter sido a intenção de sua mãe.

—Sabe — murmurou Olivia — quanto mais velha fico, mais admiro minha mãe.

Mary a olhou como se fosse uma excêntrica. —Do que está falando?

—De nada. —Olivia fez um pequeno movimento com a mão. Isso seria uma coisa muito difícil de explicar. Esticou um pouco o pescoço, tentando parecer como se não estivesse inspecionando atentamente a multidão— Não o vejo.

—A quem? — pergunto Mary.

Olivia rejeitou o impulso de pestanejar ante ela. —Sir Harry.

—Ah, está aqui — disse Mary com segurança — O vi. —Não está aqui agora.

Mary, a qual tinha repreendido há apenas uns momentos Olivia por sua falta de discrição,

mostrou uma flexibilidade assombrosa quando se virou para trás.

—Hmmm.

Olivia esperou um pouco mais.

—Não o vejo — disse Mary finalmente.

—É possível que tenha se equivocado? —perguntou Olivia com esperança. Mary lhe dirigiu um olhar irritado.

—É claro que não. Possivelmente está no jardim.

Olivia se virou, embora não pudesse ver o jardim do salão de baile, onde a noite musical se realizava. Foi uma ação de reflexo, supôs ela. Se soubesse que alguém estava em algum lugar, não deixaria de se virar naquela direção embora possivelmente não pudesse ver.

Era evidente ela não sabia que Sir Harry estava no jardim. Sequer sabia com segurança se ele estava na noite musical. Só tinha a afirmação de Mary, e enquanto Mary era completamente confiável sobre os assistentes de um baile, ela sabia, por sua própria experiência, que só tinha visto o homem algumas vezes. Poderia tê-lo confundido com facilidade.

Olivia decidiu apegar-se a esse pensamento.

—Olha o que eu trouxe - disse Mary, mexendo em sua bolsinha. —Ah, é encantador — disse Olivia, olhando atentamente a miçanga.

—Não é verdade? Minha mãe conseguiu em Bath. Ah, aqui está. — Mary tirou duas pequenas bolinhas de algodão— Para meus ouvidos — explicou ela.

Os lábios de Olivia se separaram em admiração. E inveja. —Não tem dois mais, não é verdade?

—Sinto muito — disse Mary com um movimento de ombros — É uma bolsinha muito pequena. —virou-se para frente— Acho que elas estão prontas para começar.

Uma das mães das Smythe-Smith insistiu em que todos tomassem assento. A mãe da Olivia olhou para ela, viu que Mary tinha tomado seu assento, e deu um pequeno giro para encontrar um lugar junto à mãe de Mary.

Olivia respirou fundo, preparando-se mentalmente para seu terceiro encontro com o quarteto de cordas das Smythe-Smith. Tinha aperfeiçoado sua técnica no ano anterior; a qual implicava em respirar profundamente, encontrando um ponto na parede atrás das moças das quais não deveria afastar os olhos e considerar várias opções de viagens, sem se importar no quanto fosse o roteiro ordinário:

L*ugares nos quais prefiro estar, Edição 1821.*

P*or lady Olivia Bevelstoke*

N*a França com Miranda. Com Miranda na França. Na cama com uma xícara de chocolate e um jornal, em qualquer lugar com uma xícara de chocolate e um jornal. Qualquer lugar com algo mais que uma xícara de chocolate ou jornal.*

Ela viu Mary, que parecia a ponto de dormir. O algodão aderia parcialmente aos ouvidos dela, e Olivia quase teve que sentar-se sobre suas mãos para impedir tirá-los.

Se tivesse sido Winston ou Miranda, definitivamente o teria feito.

O estrondo de Bach só era reconhecível por seu estilo… já que não podia chamá-la exatamente melodia, mas tinha algo a ver com notas indo acima e abaixo em uma escala. Mas fosse o que fosse lhe estava tamborilando os ouvidos, e Olivia moveu com firmeza a cabeça para frente

Os olhos sobre o ponto, os olhos sobre o ponto.

Ela preferiria estar:

N*adando.*

C*avalgando.*

N*ão sobre um cavalo, nadando.*

D*ormindo.*

P*rovando gelo.*

Contava como lugar? Realmente era mais uma experiência, como dormir, mas claro, que dormir implicava em estar na cama, que era um lugar. Embora, tecnicamente falando, alguém poderia dormir sentada. Olivia nunca o tinha feito, mas seu pai com frequência dormia sentado no salão durante o tempo familiar prescrito por sua mãe, e Mary, pelo visto, podia fazê-lo durante esta cacofonia.

Traidora. Olivia nunca teria trazido só um par de bolinhas de algodão. Os olhos sobre o ponto, Olivia.

Olivia suspirou, um pouco alto, não o suficiente para que alguém a escutasse, e voltou a inalar profundamente. Concentrou-se em um candelabro de parede atrás da cabeça da miserável violinista, não, melhor sobre a cabeça miserável da violinista…

Realmente essa moça não parecia feliz. Sabia ela como era terrível o quarteto? Porque as outras três claramente não tinham nenhuma pista. Mas a violinista, era diferente, era…

Olivia certamente estava ouvindo a música.

N*ão está bem! Não está bem!* Seu cérebro se rebelou, e ela empreendeu a rotina de inalar uma e outra vez, e…

E logo, de alguma maneira, estava feito, as músicas ficaram de pé e realizaram uma notória reverência. Olivia se encontrou piscando em excesso; parecia que seus olhos não funcionavam corretamente depois de tanto tempo focados sobre um ponto.

—Dormiu — disse a Mary, lançando um olhar traído. —Não dormi.

—Oh, sim dormiu.

—Bem, pelo menos funcionaram — disse Mary, tirando o algodão de seus ouvidos— Mal escutei alguma coisa. Aonde vai?

Olivia já estava a meio caminho do corredor.

—Aos serviços. Devo… — e isso, decidiu, teria que bastar. Não tinha esquecido a possibilidade de que Sir Harry Valentine estivesse em algum lugar do salão, e se alguma vez uma situação urgiu pressa, era esta.

Não é que fosse uma covarde... Não estava tentando evitar o homem, simplesmente tentava evitar que ele tivesse a oportunidade de surpreendê-la.

Estar preparada. Se esse não tivesse sido seu lema antes, então o teria adotado nesse momento.

Sua mãe não estaria impressionada? Sempre lhe dizia que deveria melhorar. Não, esse não era um inglês correto. O que lhe dizia sua mãe? Não importava; quase estava na porta. Só precisava afastar Sir Robert Stoat, e…

—Lady Olivia. Maldição! Quem…

Olivia se virou. E sentiu que seu estômago se afundava. E notou que Sir Harry Valentine era muito mais alto do que tinha parecido em sua escrivaninha.

—Sinto muito — disse ela com serenidade, porque sempre tinha sido boa ao representar um papel — Fomos apresentados?

Mas pela curva zombeteira do sorriso masculino, estava bastante certa de que não tinha sido capaz de mascarar seu primeiro brilho de surpresa.

—Me perdoe — disse ele brandamente, e ela tremeu, porque sua voz não era o que tinha pensado que seria. Esta soava como brandy e tinha o sabor de chocolate. E não estava tão certa do por que tremeu, por que agora se sentia sufocada— Sir Harry Valentine — murmurou ele, executando uma cortês e elegante reverência— A senhorita é lady Olivia Bevelstoke, não é assim?

Olivia se viu muito rígida enquanto levantava o queixo um centímetro. —Sou eu.

—Então me alegro muito em conhecê-la.

Ela concordou. Provavelmente deveria falar; certamente seria mais cortês. Mas se sentia em

perigo de perder o equilíbrio, e era mais sábio permanecer calada.

—Sou seu novo vizinho — acrescentou ele, parecendo vagamente divertido com a reação dela.

—Certo — respondeu ela. Manteve o rosto em seu lugar. Ele não conseguiria seu lado mais amável— Ao sul? —perguntou ela, agradecida pela nota rapidamente aborrecida de sua voz— Escutei que estava para alugar.

Ele não disse nada. Não em seguida. Mas seus olhos se fixaram nos dela, e tomou cada pingo de sua valentia para manter a expressão. Aprazível, composta, e com apenas um pingo de curiosidade. Olivia pensou essencialmente sobre este último e que se não o tivesse espionado durante quase uma semana, com segurança teria considerado o encontro um tanto curioso.

Um homem estranho agindo como se conhecessem. Um homem estranho e bonito.

Um homem estranho e bonito que se via como se ele pudesse… Por que ele olhava para os lábios dela?

Porque ela lambia os lábios?

—Dou-lhe as boas vindas a Mayfair — disse ela rapidamente. Alguma coisa para romper o silêncio. O silêncio não era seu amigo, não com este homem, não mais — Lhe faremos uma visita de cortesia.

—eu apreciaria isso — disse ele, e para o crescente pânico dela, o homem soou como se dissesse a sério. Não só a parte sobre apreciar, mas também realmente pensava aceitar a oferta, a qual qualquer tolo poderia ver que foi feita por um rigoroso sentido de cortesia.

—É claro— disse ela, e se assegurou de não gaguejar, salvo que soou rapidamente como se o estivesse fazendo. Ou como se tivesse alguma coisa na garganta — Se me perdoa… — Ela apontou para a porta, porque certamente ele deve ter notado que estava se movendo para a saída quando a tinha interceptado.

—Até uma próxima ocasião, lady Olivia.

Ela procurou uma réplica engenhosa, inclusive uma sarcástica e ardilosa, mas sua mente era uma folha em branco. Ele a contemplava com uma expressão que parecia não dizer nada dele, e ainda assim tudo dela. Teve que se lembrar que ele não sabia todos os seus segredos. Ele não a conhecia.

Céus! Além dessas tolices de espionagem, ela não tinha nenhum segredo. E ele não sabia isso, tampouco.

Um pouco reanimada pela indignação, fez-lhe uma reverência… muito pequena e cortês, completamente correta para uma despedida. E logo, recordando-se que era lady Olivia Bevelstoke, e que se sentia cômoda em qualquer situação social, virou-se e saiu.

E agradeceu efusivamente que ao tropeçar com seus próprios pés já estivesse no corredor, onde ele não podia vê-la.

CAPÍTULO 4



Isso tinha ido bem.

Harry se congratulou quando observou lady Olivia fugir apressada do salão. A mulher não se movia com grande velocidade, mas seus ombros estavam rapidamente levantados, e sustentava o vestido com as mãos, levantando a barra. Não por um número escandaloso de centímetros — da forma como as mulheres faziam quando tinham que correr. Mas o sustentava em um gesto inconsciente, como se seus dedos pensassem que deveriam preparar-se para uma corrida, embora o resto dela estivesse decidido a permanecer tranqüila.

A mulher sabia que ele a tinha visto espioná-lo. Harry sabia, era evidente. Se não tivesse certeza disso no momento em que seus olhos se encontraram há três dias, saberia agora; ela tinha deslocado suas cortinas e se afastado para o canto, e não tinha olhado desde que foi surpreendida.

Uma clara admissão de culpa. Um engano que nenhum profissional teria jamais cometido. Se Harry estivesse em sua posição…

Estava claro, Harry nunca esteve em sua posição. Ele não apreciava a espionagem, nunca o tinha feito, e o Escritório de Defesa sabia muito bem. Mas de todo modo, apesar de todas as suas reservas, não teria sido apanhado.

Seu passo em falso tinha reafirmado as suspeitas dele. Parecia uma típica, mais que provavelmente malcriada, senhorita da sociedade. Possivelmente um pouco mais curiosa que o normal. Com segurança mais atraente que a maioria. À distância, sem mencionar os painéis de vidro entre eles, não lhe tinha feito justiça. Ele não foi capaz de ver seu rosto, não realmente. Tinha intuído a forma, parecida com um coração, um pouco oval. Mas não tinha vislumbrado os traços, que seus olhos eram maiores do que o habitual, ou que seus cílios eram três tons mais escuros que suas sobrancelhas.

Seu cabelo, sabia bem, era de um suave e amanteigado loiro, com mais cachos. Não deveria ver-se mais sedutor do que quando o tinha solto ao redor dos ombros, mas de algum jeito, à luz das velas, com um cacho descansando ao lado do pescoço…

Tinha desejado tocá-la. Tinha desejado tirar brandamente o cacho, só para ver se retornaria a seu lugar quando o soltasse, e logo tinha desejado lhe tirar as presilhas, uma atrás da outra, e ver cair cada cacho de cabelo de seu penteado, transformando-a lentamente de uma perfeição gelada a uma deusa tumultuosa.

Querido Deus.

E agora estava oficialmente indignado consigo mesmo. Sabia que não deveria ter lido esse livro de poesia antes de sair nessa noite. E em francês, além disso. A maldita língua sempre o deixava assim.

Não podia recordar a última vez que reagiu de semelhante forma ante uma mulher. Em sua defesa podia assinalar que esteve tão fechado em seu escritório nos últimos tempos, que tinha conhecido poucas mulheres preciosas ante as quais reagir. Estava em Londres há vários meses, mas parecia que o Ministério de Defesa sempre deixava cair algum documento ou outra coisa, e as traduções sempre se necessitavam com toda pressa possível. E se por algum milagre conseguia limpar sua escrivaninha de trabalho, era então quando Edward decidia meter-se em variadas avalanches de problemas… dívidas, bebedeiras, mulheres inadequadas… Edward não era melindroso sobre seus vícios, e Harry não podia reunir suficiente crueldade para deixar que seu irmão se derrubasse em seus próprios enganos.

O que significava que Harry raramente tinha tempo para cometer os próprios, sobretudo os que envolviam seduzir a uma mulher. Harry não estava acostumado a viver como um monge, mas analisando bem, quanto tempo tinha passado…?

Como jamais se apaixonou, não tinha nem ideia de que se a ausência fazia com que o coração ficasse mais terno, mas depois dessa noite, estava completamente certo de que a abstinência fazia com que o resto de um homem ficasse muito áspera.

Precisava encontrar Sebastian. A agenda social de seu primo nunca se limitava a um evento por noite. Em qualquer lugar que fosse depois desta, incluiria com segurança mulheres de moral questionável. E Harry iria com ele.

Harry se dirigiu para o lado oposto do salão com a intenção de encontrar alguma bebida, mas quando avançou, escutou ao redor de meia dúzia de gritos sufocados, seguidos de: Isso não estava no programa!

Harry olhou de um lado a outro, e logo seguiu a direção geral dos olhares para o estrado. Uma das moças Smythe-Smith voltou a tomar sua posição e parecia preparar um espontâneo (por favor, Deus, que não fosse improvisado) solo.

—Doce Jesus misericordioso — escutou Harry, e ali estava Sebastian, de pé junto a ele, observando o estrado com algo que definitivamente era mais temor que diversão.

—Está em dívida comigo — disse Harry, murmurando as palavras com malevolência no ouvido de Sebastian.

— Eu achava que tinha deixado de contar.

—Esta é uma dívida que nunca poderá ser reembolsada. A moça começou seu solo.

—Pode ser que tenha razão — confessou Sebastian.

Harry olhou para a porta. Era uma porta encantadora, perfeitamente proporcionada e conduzia para fora do salão.

—Podemos sair?

—Ainda não — disse Sebastian tristemente— Minha avó.

Harry procurou a condessa viúva de Newbury, que estava sentada com outras aristocráticas viúvas, sorrindo amplamente e aplaudindo. Voltou-se para Sebastian, recordando.

—Não estava surda?

—Quase — confirmou Sebastian— Mas não estúpida. Note que guardou seu trompete durante a interpretação. —Virou o olhar para Harry com olhos brilhantes— Por certo, vi que encontrou com a encantadora lady Olivia Bevelstoke.

Harry não se incomodou em responder, ao menos não com algo mais que uma leve inclinação da cabeça.

Sebastian se aproximou dele e sua voz desceu em um incômodo registro. —Confessou-se ela culpada de tudo? Sua curiosidade insaciável? Sua luxúria o sobressaltou?

Harry se virou e o encarou diretamente. —É um asno.

—Diz isso com muita frequência. —Nunca passa de moda.

—E eu tampouco — disse Sebastian com um meio sorriso — Encontro tão conveniente ser imaturo.

O solo do violino alcançou o que parecia ser uma crescente, e a multidão reteve um fôlego coletivo, esperando que o floreio seguinte fosse seguido do que deveria ser o fim.

Exceto que não o era.

—Isso foi cruel — disse Sebastian.

Harry estremeceu quando o violino chiou uma oitava mais alta. —Não vi seu tio — indicou ele.

Os lábios de Sebastian se apertaram, e diminutas linhas brancas se formaram nas comissuras da boca.

—Enviou suas desculpas esta tarde. Quase me faz perguntar se me preparou uma armadilha. Salvo que ele não é muito inteligente.

—Sabia?

—Sobre a música?

—Esse é um brutal uso da palavra.

—Tinha ouvido rumores — confessou Sebastian— Mas nada poderia ter me preparado para…

—Isto? — murmurou Harry, de algum jeito incapaz de afastar os olhos da moça no estrado. Ela sustentava seu violino meigamente, e sua concentração na música era sincera. Parecia como se divertisse, como se ouvisse algo completamente diferente aos outros no salão. E talvez ouvisse mesmo, moça afortunada.

Como seria viver em seu próprio mundo? Ver as coisas como deveriam ser, e não como eram? Certamente a violinista era boa. Tinha a paixão, e se o que as matronas Smythe-Smith haviam dito pouco antes fosse verdade, praticava cada dia.

Como deveria ter sido sua própria vida?

Ele não deveria ter tido um pai que bebesse mais do que respirava.

Não deveria ter um irmão que estivesse decidido a seguir o mesmo caminho. Ele deveria…

Fez chiar os dentes. Não deveria cair na comiseração por si mesmo. Era um homem melhor que isso. Um homem mais forte, e…

Um tremor repentino de consciência zumbiu por ele, e, como era seu costume cada vez que algo não se adequava, contemplou a porta.

Lady Olivia Bevelstoke. Estava de pé sozinha, olhando a moça Smythe-Smith com uma inescrutável expressão em branco. Exceto…

Os olhos de Harry se estreitaram. Não podia ter certeza, mas desde esse ângulo, quase parecia como se contemplasse a urna grega atrás da moça Smythe-Smith.

O que estava a mulher fazendo?

—Está olhando-a fixamente — chegou a voz de Sebastian até seu ouvido. Harry o ignorou.

—A mulher é formosa. Harry o ignorou.

—Por comprometer-se, também. Mas ainda não está comprometida. Harry o ignorou.

—Não é por falta de tentativas da parte dos bons solteiros da Grã-Bretanha — continuou Sebastian, impassível como sempre ante a falta de resposta de Harry— Eles continuam pedindo-lhe, mas ela continua se negando. Ouvi dizer que o mais velho dos Winterhoe está incluso…

—Ela é fria — interrompeu Harry, com um pouco mais de aço em sua voz do que queria.

A voz de Sebastian se encheu de encantada diversão quando disse: —Me perdoe, mas, o que

disse?

—É fria — repetiu Harry, recordando sua breve conversa. Ela se manteve como uma maldita rainha. Cada palavra como gelo, e agora a mulher sequer se dignava a olhar a pobre moça tocando o violino.

Estava surpreso de que ela tivesse vindo nesta noite, para ser honesto. Não parecia o lugar mais provável para diamantes gelados de primeira qualidade. Alguém a tinha obrigado com toda segurança a assistir.

—E eu que tinha altas esperanças de os ver juntos no futuro — murmurou Sebastian.

Harry se virou para lhe oferecer uma réplica mordaz, ou ao menos uma com todo o sarcasmo que pudesse reunir, mas a música mudou de direção, e a violinista outra vez alcançou uma nota crescente. Desta vez tinha que ser o final, mas a multidão não deixaria a oportunidade ao azar, e uma salva de aplausos ensurdecedores fez-se ouvir antes que ela tivesse completado sequer a nota final.

Harry avançou junto a Sebastian quando este se dirigiu até sua avó. Ela tinha ido a sua própria carruagem, havia-lhe dito Sebastian, e, portanto não tinham que esperar que estivesse pronta para sair. Ainda assim, deveriam despedir-se, e embora Harry não fosse diretamente aparentado, ele também devia apresentar suas saudações.

Mas antes que pudessem atravessar o salão, foram abordados por uma das mães das Smythe-Smith, que chamou:

—Senhor Grei! Senhor Grei!

Pela intensidade de sua voz, Harry deduziu que o conde de Newbury devia estar encontrando dificuldades em sua procura por uma esposa fértil.

Sebastian, para seu crédito, não mostrou nenhuma pressa em sair quando deu a volta e disse:

—Senhora Smythe-Smith, foi uma noite tão encantadora. —Estou tão agradecida por ter podido assistir — resmungou ela.

Sebastian sorriu em troca, um sorriso do tipo que dizia que não podia imaginar estar em algum outro lugar. E logo fez o que sempre fazia quando queria livrar-se de uma conversa. Disse:

—Posso lhe apresentar meu primo, Sir Harry Valentine?

Harry concordou cortesmente, murmurando seu nome. Era evidente que esta senhora Smythe-Smith pensava que Sebastian era um prêmio maior; olhou-o diretamente quando perguntou:

—O que achou de minha Viola? Não é esplêndida?

Harry sequer foi capaz de mascarar sua surpresa. Sua filha se chamava Viola?

—Ela toca violino — explicou a senhora Smythe-Smith.

—Como se chama à violista? —Harry não pôde deixar de perguntar. A senhora Smythe-Smith o olhou com um pouco de impaciência. —Marianne. —Logo retornou para Sebastian—: Viola foi a solista. —Ah — respondeu Sebastian— Foi uma estranha delícia.

—Com efeito. Estamos muito orgulhosos dela. Teremos que planejar vários solos durante o próximo ano.

Harry começou a planejar sua viagem ao Ártico, como correspondia.

—Estou tão feliz que tenha podido assistir, senhor Grei —continuou a senhora Smythe-Smith, pelo visto inconsciente de que já havia dito isso— Temos outra surpresa para a noite.

—Mencionei que meu primo é um baronete? —repisou Sebastian— Adora estar de volta a Hampshire. A caça é divina.

—É verdade? —A senhora Smythe-Smith se voltou para Harry com novo interesse e um amplo sorriso— Estou tão contente por sua assistência, Sir Harry.

Sir Harry teria respondido com mais que uma cabeçada salvo que estava planejando o falecimento iminente do senhor Grei.

—Devo contar a ambos sobre nossa surpresa —disse a senhora Smythe-Smith com excitação — Quero que sejam os primeiros a saberem. Teremos um baile! Nesta noite!

—Um baile? —repetiu Harry, chegando quase à incoerência— Er, tocará Viola?

—Claro que não. Não gostaria que o perdesse. Mas parece que temos vários outros músicos aficionados no auditório, e é muito divertido ser espontâneo, não acha?

Harry equiparava a espontaneidade com as visitas ao dentista. Mas o que realmente já calculava, entretanto, era uma pequena vingança.

—O meu primo — disse, com grande sentimento — adora dançar.

—Ah sim? —A senhora Smythe-Smith se voltou para Sebastian com prazer— Gosta?

—Sim — disse Sebastian, possivelmente um pouco mais forte do que o necessário, dado que não era uma mentira; na verdade gostava de dançar, muito mais do que Harry.

A senhora Smythe-Smith olhou para Sebastian com expectativa beatífica. Harry olhou os dois com expectativa orgulhosa; realmente adorava quando tudo ia de vento em popa. Em seu favor, expressamente.

Sebastian, consciente de que tinha sido vencido astutamente, disse a senhora Smythe-Smith:

—Espero que sua filha me reserve a primeira dança.

—Será uma honra para ela fazê-lo — disse a senhora Smythe-Smith, juntando as mãos com alegria— Se me perdoa, devo fazer os preparativos para que a música comece.

Sebastian esperou até que ela se perdesse entre a multidão, para logo dizer: —Pagará por isso.

—Ah, acho que agora estamos empatados no momento.

—Bem, ao menos você também está preso aqui — respondeu Sebastian— A menos que deseje caminhar até sua casa.

Harry teria considerado, se não estivesse chovendo torrencialmente. —Contento-me o esperando — disse ele, com todo o entusiasmo do mundo. —Oh, olhe! — disse Sebastian, com evidente falsa surpresa— Lady Olivia.

Está justo ali. Apostaria que gosta de dançar.

Harry considerou dizer: Não dance com ela, mas realmente, qual seria o ponto? Sabia que Sebastian dançaria.

—Lady Olivia! — chamou Sebastian.

A dama em questão se virou, não havia forma para que pudesse evitá-los, sobre tudo com Sebastian empurrando através da multidão. Harry tampouco pôde encontrar nenhuma forma de evitar o encontro; não que fosse lhe dar alguma satisfação esse encontro. Dessa maneira.

—Lady Olivia — disse Sebastian de novo uma vez que estavam perto—Estou encantado em vê-la.

Ela deu a impressão de lhes dirigir um rápido sinal de consentimento com a cabeça.

—Senhor Grei.

—Taciturna esta noite, não é assim, Olivia? — murmurou Sebastian, mas antes que Harry pudesse perguntar-se pela familiaridade de tal declaração, ele continuou com—: Conhece meu primo, Sir Harry Valentine?

—Er… sim — gaguejou ela.

—Acabo de conhecer lady Olivia nesta mesma noite — cortou Harry, perguntando-se que armadilha Seb preparava. Ele sabia muito bem que os dois já tinham conversado.

—Sim — disse lady Olivia.

—Ah, pobre de mim — disse Sebastian mudando de assunto numa velocidade alarmante— Vejo a senhora Smythe-Smith me fazer gestos. Devo encontrar sua Viola.

—Ela toca também? — perguntou lady Olivia, com seus olhos nublados pela confusão. E possivelmente uma pequena preocupação.

—Não sei — respondeu Sebastian—, mas claramente espera que a filha siga futuramente sua origem. Viola é a querida filha dela.

—Toca violino — acrescentou Harry.

—Ah. — Ela pareceu divertida com a ironia. Ou talvez só perplexa— É claro.

— Apreciem o baile, vocês dois — disse Sebastian, dando a Harry um olhar rápido com má intenção positivamente.

—Haverá baile? — perguntou lady Olivia, vendo-se próxima do pânico. Harry se compadeceu dela.

—Conforme entendi o quarteto das Smythe-Smith não tocará.

—Que… bom. —Ela clareou a garganta— Para elas. Assim poderão dançar, é claro. Estou certa de que gostarão.

Harry sentiu uma pequena faísca de travessura (ou de ameaça) atravessá-lo. —Seus olhos são azuis — comentou ele.

Lançou-lhe um olhar confuso. —O que disse?

—Seus olhos — murmurou ele— São azuis. Achei que poderiam ser, considerando seu tom de pele, mas era difícil de afirmar estando tão longe.

Ela congelou, mas ele teve que admirar a adesão dela ao seu propósito quando disse:

—Não estou certa do que fala.

Ele se inclinou o suficiente para que ela notasse sua afirmação seguinte. —Os meus são marrons.

Ela se via como se estivesse a ponto de fazer uma réplica, mas em troca piscou, e quase pareceu olhá-lo mais estreitamente.

—São — murmurou ela— Que estranho.

Ele não estava certo sobre se a reação dela era divertida ou inquietante. De uma ou de outra forma, ele não a tinha provocado.

—Acho que a música está para começar — disse ele.

—Eu deveria me encontrar com a minha mãe — soltou ela. Olivia estava se desesperando. Ele gostava disso. Possivelmente a noite pareceria divertida, depois de tudo.

CAPÍTULO 5



Deveria existir uma maneira de fazer com que aquela noite terminasse. Ela era muito melhor atriz que Winston. Se ele podia fingir um convincente resfriado, decidiu Olivia, certamente ela poderia se arrumar com alguma praga.

Ode à Praga

Por Olivia Bevelstoke

Bíblica.

Bubônica.

Melhor que a lepra.

Bom, era verdade. Ao menos naquelas circunstâncias. Precisava de alguma coisa que não fosse apenas asquerosa; mas também altamente contagiosa. Com história. A praga não havia matado metade da Europa há centenas de anos? A lepra nunca tinha sido tão eficiente.

Considerou brevemente as ramificações de levar a mão ao pescoço e murmurar:

—Isto é uma chaga?

Era tentador. De verdade.

E Sir Harry, maldito aquele homem, parecia contente e feliz da vida, como se não houvesse nenhum outro lugar em que preferisse estar.

Exceto ali. Torturando-a.

—Olhe isso — disse conversando —, Sebastian está dançando com a senhorita Smythe-Smith. — Olivia procurou pelo recinto, determinada a não olhar para o homem que tinha ao lado — Estou certo de que ela está encantada.

Houve uma pausa e então Sir Harry lhe perguntou. —Procura alguém?

—A minha mãe — disse ela. Será que ele não a tinha ouvido da primeira vez? —Ah — permaneceu benditamente em silêncio durante um momento, e logo acrescentou—: Se parece com você?

—O que? —Sua mãe?

Olivia moveu seu olhar para ele. Por que estava perguntando aquilo? Por que falava sequer? Já

tinha deixado clara sua opinião, não é verdade?

Aquele era um homem horrível. Pode ser que não explicasse sobre o papel e o fogo e o chapéu estranho, mas explicava aquilo. Ali, naquele momento. Era simplesmente horrível.

Arrogante.

Incômodo.

E muitas coisas mais, Disso estava certa, exceto que estava muito nervosa para pensar corretamente. A busca de sinônimos requeria uma cabeça muito mais limpa que a que ela pudesse ter na presença dele.

— Acho que poderia ajudar a procurá-la — disse Harry— Mas, não nos conhecemos ainda.

—Parece um pouco comigo — disse Olivia distraída. E então, sem razão alguma, acrescentou—: Ou melhor, eu me pareço com ela.

Ele sorriu um pouco ante aquilo, só um pouco e Olivia teve a estranha sensação de que pela primeira vez ele não ria dela. Não tentava provocá-la. Estava simplesmente sorrindo.

Era desconcertante.

Não podia deixar de olhá-lo.

—Sempre valorizei a precisão na linguagem — disse Harry suavemente. Ela o olhou fixamente.

—O senhor é um homem estranho.

Deveria se sentir mortificada, posto que aquela não era a classe de coisas que normalmente diria em voz alta se o homem não tivesse merecido. E agora ele estava rindo. Presumivelmente dela.

Olivia apalpou o pescoço. Possivelmente se cravasse a si mesma o vergão passaria por uma chaga.

E*nfermidades Que Sei Como Fingir.*

P*or Olivia Bevelstoke.*

R*esfriado*

E*nfermidade nos pulmões.*

D*epressão.*

E*ntorse de tornozelo*.

O último não era exatamente uma enfermidade, mas tinha certa utilidade em alguns momentos.

—Dança, lady Olivia?

Como nesse momento. Só que tinha pensado muito tarde.

—Deseja dançar — repetiu. Parecia inconcebível que ele quisesse, inclusive mais inconcebível que pensasse que ela quisesse.

—Sim — disse ele. —Comigo?

Ele riu divertido, embora condescendência, pela pergunta.

—Eu tinha pensado em pedir ao meu primo, posto que é a única pessoa do recinto com a qual posso dizer que tenho alguma familiaridade, mas isso poderia parecer ser toda uma impressão, não acha?

—Acho que a canção terminou — disse Olivia. Se não fosse verdade, seria logo.

—Então dançaremos a seguinte. —Não aceitei dançar com o senhor!

Mordeu o lábio. Soava como uma idiota. Uma idiota petulante, a pior classe.

— Dançará— disse ele crédulo.

Olivia não tinha desejado tanto bater em outro ser humano desde que Winston havia dito a Neville Berbrooke que ela estava interessada. Entretanto, o teria feito, se com isso achasse que poderia livrar-se.

—Realmente não tem escolha — continuou ele.

Na mandíbula ou do lado da cabeça? O que doeria mais?

—E quem sabe? — Harry se inclinou para frente, e seus olhos cintilaram quentes à luz das velas — Possivelmente o passe bem.

Do lado da cabeça. Definitivamente. Se o surpreendesse com uma ampla oscilação em forma de arco, possivelmente lhe faria perder o equilíbrio. Gostaria de vê-lo escancarado no chão. Seria uma visão gloriosa. Possivelmente se golpeasse a cabeça contra a mesa, ou inclusive melhor, agarraria a toalha enquanto caía, levando a jarra do ponche e toda a cristalheira da senhorita Smythe-Smith com ele.

—Lady Olivia?

Haveria fragmentos por toda parte. Talvez até sangue. —Lady Olivia?

Embora não pudesse fazê-lo realmente, poderia ao menos fantasiar com isso. —Lady Olivia?

Ele tinha estendido a mão.

Ela a olhou. Ele continuava de pé, sem uma gota de sangue nem fragmentos de cristal quebrado à vista. Que pena. E claramente o homem esperava que ela aceitasse seu convite para dançar.

Infelizmente, tinha razão. Olivia não tinha escolha. Poderia, e provavelmente o teria feito, continuaria insistindo em que nunca tinha posto os olhos em cima dele antes de hoje, mas ambos sabiam a verdade.

Olivia não estava muito certa do que aconteceria se Sir Harry anunciasse à alta sociedade que ela o tinha espionado da janela de seu quarto durante cinco dias, mas não seria nada bom. As especulações seriam desumanas. No melhor dos casos, teria que ocultar-se em casa durante uma semana para evitar a fofoca. No pior, poderia ver-se obrigada a casar-se com aquele bárbaro.

Bom Deus.

—Eu adoraria dançar — disse rapidamente, segurando a mão dele. —Entusiasmo assim como precisão — murmurou ele.

Realmente era um homem estranho.

Alcançaram a pista de dança uns momentos antes que os músicos levantassem seus instrumentos.

—Uma valsa — disse Sir Harry, depois de ouvir as primeiras duas notas. Olivia lhe dirigiu um olhar perplexo e curioso. Como soube tão rápido? Era uma pessoa musical? Esperava que sim. Isso significaria que aquela noite teria sido ainda mais tortuosa para ele que para ela.

Sir Harry pegou a mão direita dela e a levantou no ar na posição correta. O contato teria sido já suficientemente surpreendente, mas sua outra mão, na parte baixa das costas dela, era diferente.

Cálida. Não, ardente. E a fazia sentir cócegas em lugares muito estranhos.

Olivia tinha dançado dúzias de valsas. Inclusive centenas. Mas nenhuma mão na parte baixa de suas costas a fez sentir-se daquela maneira.

Era porque ainda estava nervosa. Nervosa na presença dele. Tinha que ser isso.

As mãos dele eram firmes, mas ainda assim bastante gentis e o homem era um bom dançarino. Não, era um esplêndido bailarino, muito melhor que ela. Olivia fingia bem, mas nunca seria uma grande bailarina. As pessoas diziam que era, mas isso era unicamente porque era bonita.

Não era justo, ela era primeira em admitir. Mas as pessoas podiam livrar-se de muitas coisas em Londres simplesmente por serem bonitas.

Claro que isso significava que ninguém nunca esperava que fosse inteligente. Tinha sido assim toda sua vida. As pessoas sempre esperavam dela que fosse algum tipo de boneca da China, que servia para parecer adorável, ser mostrada e fazer absolutamente nada.

Às vezes Olivia se perguntava se era por isso que às vezes não se comportava bem. Nunca nada a grande escala; era muito convencional para isso. Mas era conhecida por falar livremente e

expressar uma opinião com muita convicção. Miranda uma vez lhe disse que ela nunca desejou ser tão bonita e Olivia não tinha entendido, não de todo. Não até que Miranda se mudou e não ficou ninguém com quem Olivia pudesse ter uma verdadeiramente e excelente conversa.

Levantou os olhos para sir Harry. O homem tinha uma pequena cicatriz, apenas visível realmente, perto da orelha esquerda e suas faces eram um pouco mais proeminentes que as classicamente atraentes, mas ainda assim, tinha algo. Inteligência? Intensidade?

Tinha um toque de cinza nas têmporas, também, pôde notar. Perguntou-se que idade teria.

—A senhorita é uma bailarina muito graciosa— disse ele. Ela revirou os olhos. Não pôde evitar.

—Tornou-se imune aos elogios, lady Olivia?

Ele dirigiu-lhe um olhar afiado. Não era menos do que merecia. Seu tom tinha sido igualmente afiado. Quase insultante.

— Até onde sei— disse ele, girando-a expertamente para a direita —deixou alguns corações partidos por toda a cidade.

Olivia ficou rígida. Era justo o tipo de coisas que as pessoas gostavam de lhe dizer, pensando que ela se sentiria orgulhosa disso. Mas não estava. E além disso, doía que todo mundo pensasse que estava.

—Isso não é nada agradável ou apropriado. —Sempre é apropriada, lady Olivia?

Ela o fulminou com o olhar, só um segundo. Os olhos dele encontraram os dela e aí estava outra vez, a inteligência. A intensidade. Olivia teve que afastar o olhar.

Era uma covarde. Uma patética, débil e miserável desculpa de… bom, de si mesma. Ela nunca se retratava em uma batalha de vontades. E se odiava por tê-lo feito agora.

Quando voltou a escutar a voz de Harry, foi junto ao seu ouvido, com o fôlego quente e úmido dele.

—E a senhorita é sempre agradável assim?

Olivia apertou os dentes. O homem a estava provocando. E embora teria lhe encantado lhe devolver o golpe, negou-se a fazê-lo. Isso era o que ele pretendia, depois de tudo. Queria que ela respondesse, para que assim ele pudesse fazer o mesmo.

Além disso, ela não podia pensar em nada muito devastador.

A mão dele se moveu contra suas costas com uma sutil e perita pressão que a guiava durante a dança. Giraram e voltaram a girar e Olivia percebeu um reflexo de Mary Cadogan, os olhos arregalados e a boca aberta em um perfeito pequeno o.

Maravilhoso. Amanhã de tarde toda a cidade saberia. Uma dança com um cavalheiro não causaria um escândalo, mas Mary estava suficientemente intrigada com Sir Harry e encontraria uma maneira de fazê-la soar afobada e terrivelmente pouco à vontade.

—Quais são seus interesses, lady Olivia? — perguntou Harry.

—Meus interesses — repetiu ela, se perguntando se alguém lhe perguntou aquilo antes. Certamente não tão diretamente.

—Canta? Pinta aquarelas? Cava uma agulha a esse tecido metido no aro?

—Chama-se bordado — disse ela, de algum jeito exasperada; seu tom era quase zombeteiro, como se não esperasse que ela tivesse interesses.

—Pratica?

—Não. — Olivia odiava bordar. Sempre tinha odiado. E tampouco se dava bem com isso.

—Toca algum instrumento?

—Eu gostaria de aprender tiro — disse Olivia rotundamente, esperando pôr final à conversa. Não era exatamente verdade, mas tampouco era uma mentira. Não lhe importaria tentar.

—Uma mulher que gosta de armas — disse ele brandamente.

Bom deus, a noite nunca acabaria. Deixou sair um suspiro frustrado. —Não lhe parece excepcionalmente longa esta valsa?

—Não acho.

Algo no tom de voz dele atraiu sua atenção e Olivia levantou o olhar, bem a tempo de ver como se curvavam seus lábios ao dizer:

—Só parece longa. Porque não gosta.

Ela ofegou. Era verdade, certamente, mas não se supunha que ele devesse dizê-lo.

—Tenho um segredo, lady Olivia — sussurrou ele, inclinando-se tão perto como pôde sem romper os limites do correto — Da senhorita tampouco gosto.

* * *

Olivia continuava sem gostar de Sir Harry vários dias depois. Não importava que não tivesse falado com ele, nem o tivesse visto. Sabia que ele existia e isso parecia ser suficiente.

Cada manhã, uma das donzelas entrava em seu quarto e abria as cortinas, e cada manhã, logo que a donzela saía, Olivia saltava e as puxava até fechá-las. Negava-se a dar ao homem nenhuma desculpa para voltar a acusá-la a de espionagem.

Além disso, o que iria evitar que ele a espionasse?

Sequer tinha deixado a casa desde a noite do musical. Fingiu estar resfriada (foi tão fácil dizer que pegou de Winston) e ficar dentro de casa. Não era que a preocupasse cruzar com sir Harry. Na realidade, que probabilidade tinha que descessem os degraus principais juntos? Ou retornassem de uma saída? Ou que se vissem em Bond Street? Ou em Gunther? Ou em uma festa?

Ela não iria encontrá-lo. Sequer pensava nisso.

Não, o grande problema era evitar suas amigas. Mary Cadogan apareceu um dia depois do musical e um dia depois a esse e no seguinte. Finalmente, lady Rudland lhe disse que enviaria uma nota quando Olivia se sentisse melhor.

Não podia imaginar tendo que contar a Mary Cadogan sua conversa com sir Harry. Já era bastante ruim ter que recordá-la, o que fazia a quase cada cinco minutos. Ter que contar de novo a outro ser humano…

Era quase suficiente para converter o resfriado em uma praga.

C*oisas Que Detesto Em Sir Harry Valentine.*

P*ela normalmente benevolente Lady Olivia Bevelstoke.*

A*cho que pensa que não sou inteligente. Sei que pensa que sou pouco amável. Chantageou-me para que dançasse com ele. É melhor bailarino que eu.*

Não obstante, depois de três dias de autoimposto isolamento, Olivia estava desejando ir além dos limites de sua casa e o jardim. Decidindo que as primeiras horas da manhã eram o melhor momento para evitar o resto das pessoas, pôs o chapéu e as luvas, pegou o recentemente entregue jornal vespertino e se dirigiu para seu banco favorito no Hyde Park. Sua donzela, que, à diferença de Olivia, apreciava bordar, seguiu-a, segurando com força o bordado e se queixando da hora.

Era uma manhã gloriosa, o céu azul, as nuvens fofas, uma brisa ligeira. Um tempo de verdade perfeito e com ninguém ao redor.

—Vamos, Sally — disse a sua donzela, que ficava ao menos doze passos atrás dela.

—É cedo — se queixou Sally.

—São sete e meia — lhe disse Olivia, ficando quieta uns segundos para permitir que Sally a alcançasse.

—Isso é cedo.

—Normalmente eu estaria de acordo com você, mas acontece que acho que estou me modificando. Olhe que adorável está aqui fora. O sol brilha, há música no ar…

—Não ouço nenhuma música — resmungou Sally. —Pássaros, Sally. Os pássaros cantam.

Sally continuava sem se convencer.

—Essa sua mudança … não acha que poderia voltar para o estado anterior? Olivia sorriu abertamente.

—Não será tão ruim. Logo que chegarmos ao parque, nos sentaremos e apreciaremos o sol. Eu terei meu jornal e você seu bordado, ninguém nos incomodará.

Exceto que depois de apenas quinze minutos, Mary Cadogan se aproximou rapidamente delas.

—Sua mãe me disse que estava aqui — disse sem fôlego — Se sente melhor então?

—Falou com minha mãe? — perguntou Olivia, incapaz de acreditar em sua má sorte.

—Ela disse-me no sábado que me mandaria uma nota assim que você se sentisse melhor.

—Minha mãe — murmurou Olivia— é incrivelmente rápida. —É, não é verdade?

Sally se moveu ao outro extremo do banco, mal levantando o olhar de sua costura. Mary se colocou entre ambas, ajeitou-se de um lado a outro do banco até que se viu a um centímetro do banco entre sua saia rosada e a verde de Olivia.

—Quero saber tudo — disse Mary a Olivia, a voz baixa e excitada.

Olivia considerou brevemente fingir ignorância, mas na realidade, do que lhe valia? Ambas sabiam exatamente a que se referia Mary.

—Não há muito que contar — disse ela, enrugando o jornal em uma tentativa de recordar a Mary que tinha ido ao parque para ler —Reconheceu-me como sua vizinha e me pediu para dançar. Foi tudo muito civilizado.

—Disse ele alguma coisa sobre a noiva? —É claro que não.

—E sobre Julian Prentice?

Olivia revirou os olhos.

—Acha de verdade que o homem falaria com uma completa estranha e uma senhorita para piorar, sobre deixar o olho de outro cavalheiro roxo?

—Não — disse Mary abatida— Era desejar muito. Juro. Não posso conseguir os detalhes de ninguém mais.

Olivia tentou o melhor que pôde parecer aborrecida acima de tudo aquilo. —Muito bem — continuou Mary, destemida pela falta de resposta da companheira— Fale-me da dança.

—Mary. —Foi quase um resmungo, quase um estalo. Certamente mal educado, mas Olivia

desejava desesperadamente não contar nada a Mary.

—Deve contar. Insistiu Mary.

—Certamente há alguma outra coisa em Londres que a interesse mais que minha realmente curta e aborrecida dança com sir Harry Valentine.

— Na realidade não — respondeu Mary. Encolheu os ombros, então sufocou um bocejo — A mãe de Philomena a arrastou de volta a Brighton e Anne está doente. Provavelmente tenha pego o mesmo resfriado que você.

Provavelmente não, pensou Olivia.

—Ninguém viu Sir Harry desde o musical — Concordou Mary— Não assistiu a nada.

Aquilo não surpreendia Olivia. Provavelmente estivesse ante a escrivaninha, rabiscando furiosamente. Possivelmente com aquele ridículo chapéu sobre a cabeça.

Não é que ela soubesse. Não tinha olhado pela janela durante dias. Sequer tinha olhado para a janela. Bom, não mais de seis ou oito vezes no máximo.

Todos os dias.

—Do que falaram então? — perguntou Mary— Sei que falou com ele. Vi que seus lábios se moviam.

Olivia se virou para ela, os olhos lhe ardiam de irritação. —Olhava os meus lábios?

—Oh, por favor. Como se você nunca o tivesse feito.

Não só era verdade, mas também era irrefutável, já que ela o tinha feito com Mary. Mas se requeria uma resposta não, uma réplica, assim Olivia soltou um pequeno suspiro e disse:

—Eu nunca fiz isso com você.

—Mas o faria — disse Mary com certeza.

Também era verdade, mas Olivia não tinha intenções de admitir.

—Do que falaram? — perguntou de novo Mary.

—Nada fora do normal — mentiu Olivia, enrugando de novo o jornal, mais alto desta vez. Tinha chegado às páginas da sociedade, sempre começava pela parte de trás, mas queria ler o informe parlamentar. Sempre o lia. Cada dia. Nem seu pai o lia todos os dias e isso que era membro da casa dos lordes.

—Parecia zangada — persistiu Mary.

Agora sim que o estou, quis resmungar Olivia. —Estava?

Olivia apertou os dentes.

—Estou certa de que está equivocada.

—Não acredito — disse Mary, com aquela atroz e cantarolante voz que empregava quando sabia que estava certa.

Olivia olhou para Sally, que estava botando a agulha através do tecido, fingindo que não estava escutando. Logo voltou a olhar para Mary, lhe dirigindo um urgente olhar, como dizendo não diante dos empregados.

Não era uma solução permanente ao problema de Mary, mas postergaria durante um tempo, ao menos.

Voltou a franzir o jornal, baixou os olhos para suas mãos, consternada. Tinha-o pego antes que o mordomo tivesse tido a oportunidade de engomar o papel e agora a tinta estava se soltando em sua pele.

—Isto é asqueroso — disse Mary.

A única resposta que Olivia pôde pensar foi: —Onde está sua donzela?

—Oh, ali — replicou Mary, movendo a mão ao redor atrás delas. E então Olivia percebeu que tinha calculado mal, porque Mary imediatamente se virou para Sally e disse:

—Você conhece Genevieve, não é verdade? Por que não vai falar com ela? Sally conhecia Genevieve e Mary também sabia que as habilidades em inglês

de Genevieve eram bastante limitadas, mas como Olivia não podia interromper e insistir para que Sally não falasse com Genevieve, Sally se viu obrigada a deixar seu bordado e ir procurá-la.

—Já está —anunciou orgulhosa Mary - Isso foi bem feito. Agora me diga como é ele? É atraente?

—Você já o viu.

—Não, é atraente de perto? Esses olhos — Mary se estremeceu.

—Oh! —Exclamou Olivia, recordando de repente— São marrons, não cinza azulado.

—Não pode ser. Estou bem certa disso… —Equivoca-se.

—Não. Eu nunca me equivoco nisso.

—Mary, estive assim de perto de seu rosto — disse Olivia, fazendo um gesto para a distância existente no banco entre elas— Lhe dou certeza de que os olhos dele são marrons.

Mary parecia horrorizada. Finalmente sacudiu a cabeça e disse:

—Deve ser a maneira como olha uma pessoa. Tão penetrante. Simplesmente assumi que seriam azuis. —Piscou— Ou cinza.

Olivia abriu os olhos e olhou para frente, desejando que aquele fosse o final, mas Mary não era tão fácil de dissuadir.

—Ainda não me falou o que conversou com ele — apontou. —Mas… — e então Mary soltou um suspiro.

—Mas o que? — De verdade, Olivia estava perdendo a paciência. Mary lhe agarrou o braço, com muita força. Duramente.

—O que está acontecendo agora?

Mary apontou um dedo em direção a Serpentine.

—Justo ali.

Olivia não viu nada.

—A cavalo — vaiou Mary.

Olivia moveu seu olhar à esquerda e então… Oh, não. Era impossível.

—É ele?

Olivia não respondeu.

—Sir Harry — esclareceu Mary. —Sei a quem se refere — disse Olivia. Mary esticou o pescoço.

— Acho que sim, que seja Sir Harry.

Olivia sabia que era, não porque se parecesse com o cavalheiro em questão, mas sim porque, que outra sorte a esperava?

—Monta bem — murmurou Mary admirada.

Olivia decidiu que era o momento de pensar religiosamente e orar. Possivelmente não as veria. Possivelmente sim, mas decidiria ignorá-las. Possivelmente um raio...

—Acho que nos viu — disse Mary, toda felicidade e regozijo — Você deveria cumprimentá-lo. Eu o cumprimentarei, embora não nos tenham apresentado.

—Não o anime — vaiou Olivia.

Mary se virou para ela imediatamente. —Eu sabia que não tinha gostado.

Olivia fechou os olhos em desgraça. Aquela se supunha que deveria ter sido uma tranquila e solitária saída. Perguntou quanto tempo passaria até que Mary pegasse o resfriado de Anne.

Então se perguntou se havia algo que ela pudesse fazer para apressar a infecção.

—Olivia — vaiou Mary, lhe dando uma cotovelada nas costelas.

Olivia abriu os olhos. Sir Harry estava já bastante perto, claramente indo em sua direção.

—Pergunto-me se o senhor Grei também estará aqui — disse Mary esperançosa— Pode ser que seja o herdeiro de lorde Newbury, sabe?

Olivia pôs um tenso olhar no rosto quando Sir Harry se aproximou, aparentemente sem seu primo quase herdeiro. Montava bem, notou, e sua montaria era realmente elegante, um precioso cavalo marrom com patas brancas. Sir Harry estava vestido para montar, uma cavalgada de verdade, não um estático passeio pelo parque. Seu cabelo escuro estava despenteado pelo vento e suas faces tinham um pouco de cor, aquilo deveria havê-lo feito parecer mais acessível e amigável, mas, pensou Olivia com um pouco de desdém, era necessário que sorrisse para isso.

Sir Harry Valentine não sorria. Ao menos não em sua direção. —Senhoras — disse ele, fazendo uma reverência na frente delas.

—Sir Harry. —Foi tudo o que Olivia pôde dizer, dado que resistia a deixar de apertar os dentes. Mary lhe deu um chute.

—Posso lhe apresentar à senhorita Cadogan? — disse Olivia. Sir Harry inclinou a cabeça com graça.

—É um prazer conhecê-la.

—Sir Harry — disse Mary, lhe dirigindo um sinal de boas vindas em troca— Faz uma manhã muito agradável, não acha?

—Muito — respondeu ele— Não está de acordo, lady Olivia?

—Assim é — disse ela tensa. Virou-se para Mary, esperando que ele a imitasse e dirigisse suas perguntas a ela.

Mas claro, ele não o fez.

—Não a tinha visto antes em Hyde Park, lady Olivia — disse. —Não estou acostumada a me aventurar normalmente tão cedo.

—Não — disse ele — Suponho que tem coisas mais importantes para fazer em casa a esta hora da manhã.

Mary lhe dirigiu um curioso olhar. Era um comentário enigmático. —Coisas que fazer — continuou ele — gente que observar…

—está também seu primo montando e lhe fazendo companhia? — perguntou com rapidez Olivia.

As sobrancelhas dele se levantaram, zombeteiro. —Sebastian raramente é visto tão cedo — replicou. —Mas o senhor sim se levanta cedo?

—Sempre.

Outra coisa que detestava no homem. Olivia não se importava de levantar cedo, mas odiava que as pessoas se alegrassem disso.

Olivia não fez mais nenhum comentário, tentando estender o momento até o incômodo. Possivelmente ele o entenderia e iria embora. Qualquer um com bom senso saberia que uma conversa era impossível entre duas damas em um banco e um cavalheiro a cavalo. Já estava começando a lhe dar cãibras no pescoço de tanto levantá-lo.

Levantou a mão e esfregou a nuca, esperando que ele entendesse. Mas então, porque claramente todo mundo estava contrariando-a, inclusive ela mesma, teve um extremamente mau momento de voltar às lembranças. Sobre suas chagas imaginárias. E a praga. E a variedade bubônica. E que Deus a ajudasse, quis gargalhar.

Exceto que não podia rir, não com Mary sentada a seu lado e Sir Harry olhando-a por cima de seu arrogante nariz, assim fechou com força a boca. Claro que aquilo enviou o ar através de seu nariz e ela bufou. Da forma mais deselegante. E aquilo picava.

O que a fez rir de verdade. —Olivia? — perguntou Mary.

—Não é nada — disse ela, movendo sua mão para Mary enquanto se virava para o outro lado, tentando cobrir o rosto — De verdade.

Sir Harry não disse nada, graças a Deus. Embora fosse provável que simplesmente porque pensou que ela estava louca.

Mas Mary, bom, isso era outra história e ela nunca sabia quando deveria deixar acontecer alguma coisa.

—Está sentindo-se bem Olivia? Porque…

Olivia continuava com o olhar contra seu ombro, porque de algum jeito sabia que voltaria a rir outra vez se não o fizesse.

—Só pensei numa certa coisa, isso é tudo. —Mas…

Incrivelmente, Mary parou de falar.

Olivia teria ficado aliviada, à exceção do que parecia altamente improvável que Mary de repente desenvolvesse tato e bom senso. E de fato, descobriu que estava certa, porque Mary não parou por sentir simpatia por Olivia. Parou porque…

—Oh, olhe, Olivia! É seu irmão.

CAPÍTULO 6



Harry tinha planejado dirigir-se para casa. Tinha o costume de montar a cavalo cedo pela manhã, inclusive na cidade, e estava a ponto de sair do parque quando descobriu lady Olivia sentada em um banco. Encontro o suficiente interessante para parar e ser apresentado à amiga dela, mas depois de uns instantes de frívolo bate-papo, decidiu que não achava nenhuma delas o suficientemente interessante para distraí-lo de seu trabalho.

Especialmente por que lady Olivia era a razão pela qual em primeiro lugar se atrasou tanto em seu trabalho.

Ela tinha deixado de o espionar, isso era certo, mas o dano estava feito. Cada vez que se sentava em sua mesa, podia sentir os olhos dela sobre ele, apesar de saber com certeza que ela tinha fechado firmemente as cortinas. Mas evidentemente, a realidade tinha muito pouco haver com o assunto, porque tudo o que tinha que fazer, assim parecia, era jogar um olhar a janela dela e perdia uma hora inteira de trabalho.

Acontecia deste modo: ele olhava para a janela, porque estava ali, e não podia evitar olhar a menos que também fechasse firmemente as cortinas, o que não estava disposto a fazer, dada a quantidade de tempo que passava na escrivaninha. Assim olhava para a janela, e pensava nela, porque, na realidade, a respeito de quem mais pensaria ele olhando para a janela do quarto dela? Chegando a esse ponto, a irritação se instalava, porque: A) ela não valia o esforço, B) sequer ela estava ali, e C) não estava trabalhando por culpa dela.

A opção C sempre o levava a um ataque de constante irritação profunda, esta vez dirigida a si mesmo, porque D, na verdade deveria ter melhor poder de concentração, e só era uma estúpida janela, e F se iria ficar nervoso por uma mulher, deveria ser uma da qual ao menos gostasse.

A F era onde geralmente soltava um forte resmungo e se obrigava a voltar para sua tradução. Normalmente funcionava durante um minuto ou dois, logo voltava a elevar o olhar, por acaso via a janela e todo o chato ciclo sem sentido começava novamente.

O que tinha sido a razão pela qual, ao ver o aspecto de completo terror cruzar o rosto de lady Olivia Bevelstoke ao mencionar seu irmão, decidiu que não, que não tinha que voltar para o trabalho justo agora. Depois de todo o incômodo que ela lhe havia causado, tinha muita vontade de observá-la experimentar um sofrimento similar.

—Conhece o irmão de Olivia, Sir Harry? — perguntou-lhe a senhorita Cadogan.

Harry se moveu para descer de sua montaria; parecia que ficaria ali durante um momento.

—Não tive o prazer.

O rosto de Lady Olivia assumiu indubitavelmente um semblante azedo ante o uso da palavra prazer.

—É irmão gêmeo dela— continuou a senhorita Cadogan— recentemente vindo da universidade.

Harry se virou para lady Olivia e disse: —Eu não sabia que tinha um irmão gêmeo. Ela encolheu os ombros.

—Seu irmão terminou os estudos? — perguntou-lhe. Ela concordou secamente.

Ele quase sacudiu a cabeça ante a atitude dela. É verdade que era uma mulher bastante antipática. Era uma pena que fosse tão formosa. Não merecia a boa sorte de seu aspecto. Harry pensava que ela deveria ter uma grande verruga no nariz.

—Então, talvez ele conheça meu irmão — comentou Harry — Devem ter a mesma idade.

—Quem é seu irmão? — perguntou a senhorita Cadogan.

Harry lhes contou um pouco sobre Edward, parando um momento antes que o irmão de lady Olivia chegasse. Ia a pé, passeando sozinho, com a ágil maneira de andar de um homem jovem. Parecia bastante com sua irmã, precaveu-se Harry. O cabelo loiro era vários tons mais escuro, mas os olhos cheios de vida eram exatamente os mesmos, em cor e forma.

Harry fez uma reverência; como o senhor Bevelstoke.

—Sir Harry Valentine, meu irmão, o senhor Winston Bevelstoke; Winston, Sir Harry.

Isto foi dito por lady Olivia com uma contundente falta de interesse ou inflexão.

—Sir Harry —disse Winston educadamente — Conheço seu irmão.

Harry não o reconheceu, mas supôs que o jovem Bevelstoke fosse um dos conhecidos de Edward. Encontrava muitos deles aqui e ali; a maioria eram totalmente esquecidos.

Parece que o senhor é nosso novo vizinho — disse Winston. Harry respondeu a isto com um murmúrio e uma inclinação. —Ao sul.

—Efetivamente.

—Sempre gostei dessa casa — disse Winston. Ou melhor dizendo, asseverou. Certamente soava como se estivesse a ponto de fazer a declaração de uma magnífica viagem — De tijolo, não?

—Winston — disse Olivia impaciente — sabe perfeitamente que é de tijolos. —Bom sim — disse com um descortês movimento de mão — ou pelo menos estava moderadamente seguro. Não dou

frequentemente atenção a essas coisas e como sabe, meu quarto dá em outra direção.

Harry sentiu um sorriso surgir por entre os lábios do outro. Isto só podia ficar melhor.

Winston se virou para Harry e disse, sem nenhuma outra razão aparente que a de torturar sua irmã.

—O quarto de Olivia dá ao sul. —Não me diga!

Olivia parecia como se fosse a...

—Sim — confirmou Winston, pondo fim à especulação de Harry no que lady Olivia pudesse fazer ou não. Mas estava pensando que essa combustão espontânea não estava fora do reino da possibilidade.

—Certamente viu sua janela — continuou Winston— Realmente não pôde ter passado por alto. Está…

—Winston.

Harry até retrocedeu um centímetro ou dois. Parecia como se pudesse haver violência. E apesar da maior altura e peso de Winston, Harry apostaria em sua irmã.

—Estou certa de que Sir Harry não está interessado em um andar de nossa casa —soltou Olivia.

Winston acariciou o queixo pensativamente.

—Não estava pensando em um andar tanto como em uma elevação.

Harry voltou a virar-se para Olivia. Não estava certo de que tivesse visto nunca tanta fúria sob controle. Era impressionante.

—É agradável vê-lo nesta manhã, Winston — interveio a senhorita Cadogan, muito possivelmente ignorando a tensão familiar — Frequentemente sai por aí tão cedo?

—Não — respondeu ele— Minha mãe me mandou para procurar Olivia.

A senhorita Cadogan sorriu intensamente e voltou sua atenção para Harry. —Então parece que é o único visitante matutino habitual aqui no parque. Eu também vim procurar Olivia. Não tivemos a oportunidade de conversar durante dias. Ela esteve doente, sabe.

—Não sabia — disse Harry— Espero que se sinta melhor.

—Winston também estava doente — disse Olivia, oferecendo um sorriso aterrador— Muito mais doente que eu.

—Oh não! —Falou efusivamente a senhorita Cadogan— Sinto muitíssimo ouvir isso. —Virou-se para Winston com grande consternação— Se soubesse, teria lhe levado um bálsamo.

—Me certificarei de lhe informar da próxima vez que caia doente — lhe disse Olivia.

Ela se virou para Harry baixando a voz e disse:

—Acontece mais frequentemente do que quereríamos. É muito preocupante — E logo disse em um sussurro— Nasceu assim.

A senhorita Cadogan ficou em pé com toda a atenção sobre Winston. —Agora se sente melhor? Devo dizer que parece um pouco pálido. Harry pensou que o homem parecia o vivo retrato da saúde.

—Estou bem — soltou Winston, com a ira claramente dirigida à irmã, que ainda estava sentada no banco, parecendo extremamente satisfeita com seus recentes lucros.

A senhorita Cadogan olhou além dele, para Olivia, a qual estava negando com a cabeça, gesticulando: não está.

—Definitivamente lhe trarei esse bálsamo — disse a senhorita Cadogan— Tem um sabor um pouco repugnante, mas nossa governanta lhe tem uma fé cega. E insisto em que volte para casa de uma vez. Está frio aqui fora.

—Na realidade não é necessário — protestou Winston.

—De qualquer modo tinha planejado voltar logo — interveio a senhorita Cadogan, provando que o jovem Bevelstoke não era rival para a força combinada de duas mulheres decididas — Pode me escoltar.

—Informe a mamãe que voltarei dentro de um momento — disse docemente Olivia.

Seu irmão a fulminou com o olhar, mas tinha sido claramente manipulado, assim tomou o braço da senhorita Cadogan e se afastou com ela.

—Bela jogada, lady Olivia — disse Harry com admiração, uma vez que os outros estavam fora do alcance do ouvido.

Ofereceu-lhe um olhar aborrecido.

—Ele não é o único cavalheiro que acho irritante.

Não havia maneira de poder ignorar um comentário desse tipo, e então Harry se sentou ao lado dela, deixando-se cair exatamente no lugar desocupado recentemente pela senhorita Cadogan.

—Está lendo alguma coisa interessante? — perguntou, fazendo um gesto para o jornal

—Eu não saberia dizer — respondeu ela — Vejo-me assediada pelas interrupções.

Ele riu entre dentes.

—É um sinal para que eu me desculpe, estou certo, mas não vou lhe dar o gosto.

Ela apertou os lábios, aparentemente engolindo uma réplica.

Harry se sentou, cruzando o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, deixando que sua pose preguiçosa assinalasse que estava se instalando a seu lado.

—Depois de tudo — meditou — não é como se estivesse invadindo sua intimidade. Estamos sentados em um banco no Hyde Park. Ao ar livre, um lugar público, etc, etc…

Deteve-se, dando-lhe a oportunidade de fazer um comentário. Ela não o fez. Assim continuou com isso:

—Se quisesse intimidade, teria levado o jornal para seu quarto, ou talvez ao seu escritório. Esses são os lugares, estaria de acordo, onde as pessoas podem agir sob a hipótese de privacidade.

Outra vez esperou. Outra vez Olivia se negou a participar. Assim baixou a voz até um murmúrio e perguntou:

—Tem escritório, lady Olivia?

Não acreditava que ela respondesse, olhava à frente, totalmente decidida a não olhá-lo, mas para sua surpresa ela soltou entre dentes:

—Não tenho.

Admirou-a por aquilo, mas não o suficiente para mudar de tática.

—Que pena — murmurou —É muito proveitoso ter um lugar próprio que não seja utilizado só para dormir. Deveria considerar um escritório, lady Olivia, se deseja um lugar para ler seu jornal afastada dos olhos intrometidos de outros.

Olivia se virou para ele com uma impressionante expressão de indiferença. —Está sentado sobre o bordado de minha donzela.

—Minhas desculpas. — Harry baixou o olhar, tirou o tecido de debaixo dele, apenas estava sentado sobre a borda da peça, mas decidiu ser magnânimo e declinou fazer o comentário… e o pôs de lado — Onde está sua donzela?

Olivia agitou a mão para uma direção indeterminável.

—Foi se juntar à a donzela de Mary. Estou certa de que voltará a qualquer momento.

Harry não tinha resposta para isso, em troca disse:

—A senhorita e seu irmão têm uma relação interessante. Ela encolheu os ombros.

—O meu me detesta.

Disse ele. Isso captou o interesse de Oliva. Que se virou sorridente muito docemente e disse:

—Eu gostaria de o conhecer.

—Com certeza que sim — respondeu ele — Não está frequentemente em meu escritório, mas quando se levanta em uma hora razoável, toma o café da manhã no salão. A janela está justo duas além do meu escritório para a parte dianteira da casa. Pode tentar procurá-lo naquela posição.

Ela ofereceu-lhe um olhar duro. Ele sorriu em resposta. —Por que está aqui? — perguntou ela.

Ele fez um gesto para o seu cavalo. —Saí para cavalgar.

—Não, por que está aqui? — Soltou ela entre dentes — Neste banco. Sentado a meu lado.

Harry pensou nisso durante um momento. —A senhorita me desconcerta.

Ela franziu os lábios.

—Bem — disse ela um tanto vivamente— Suponho que é justo.

O sentimento era bastante amável de sua parte, embora seu tom não o fosse. Depois de tudo, acabava de dizer minutos antes que o achava irritante.

Então chegou sua donzela. Harry a ouviu antes de vê-la, pisoteando sobre a erva úmida com enorme irritação, rastros de um sotaque londrino eram evidentes em sua voz.

—Porque essa mulher parece pensar que eu deveria aprender francês? Quero dizer, é ela que está na Inglaterra. Oh. — parou, olhando para Harry com um pouco de surpresa. Quando continuou, sua voz e sotaque eram grandemente mais cultos— Sinto muito, senhora. Não percebi que tinha companhia.

—O cavalheiro já ia embora — disse lady Olivia, toda doçura e suavidade. Virou-se para ele com um sorriso tão deslumbrantemente alegre que Harry por fim compreendeu todos esses corações partidos dos quais tinha ouvido falar — Muito obrigada por sua companhia, Sir Harry — lhe disse.

A ele lhe cortou a respiração, e lhe ocorreu que ela era uma mentirosa extremamente boa. Se não tivesse passado os últimos dez minutos com a senhora a que agora se referia em sua cabeça como Garota Áspera teria se apaixonado por ela.

—Como assinalou lady Olivia — disse tranquilamente— Eu já ia embora. E assim o fez, com toda a intenção de jamais vê-la de novo.

Ao menos não de propósito.

* * *

Com os pensamentos de lady Olivia deixados para trás firmemente, Harry voltou mais tarde ao trabalho nessa manhã, e pela tarde estava perdido em muitos modismos russos.

K*ogda rak na goryeh svistnyet* = Quando o caranguejo assobia na montanha = Quando os porcos voam.

S*delatz slona iz mukha* = Fazer um elefante de uma mosca = Fazer uma montanha de um grão de areia.

S *dokhlogo kozla i sherti klok* = Inclusive cabra morta, cada peça de lã serve para alguma coisa =

Como a...

Como a...

Considerou isto durante vários minutos, batendo ociosamente a pluma contra o secante e estava a ponto de dar-se por vencido e seguir quando ouviu uma batida na porta.

—Entre. —Não elevou o olhar. Tinha passado tanto tempo desde que tinha sido capaz de manter sua concentração durante um parágrafo inteiro; que não iria romper agora o ritmo.

—Harry.

A pluma de Harry ficou imóvel. Tinha esperado o mordomo com a correspondência da tarde, mas esta voz pertencia a seu irmão menor.

—Edward — disse, certificando-se de que sabia exatamente onde estava antes de elevar o olhar — Que agradável surpresa.

—Isto chegou para você. —Edward cruzou o recinto e colocou uma carta na mesa— Pelo mensageiro.

O exterior do envelope não indicava o remetente, mas os sinais eram familiares. Era do Ministério de Defesa, e quase que certamente tinha um pouco de importância; estranhas vezes enviavam um comunicado deste tipo diretamente a sua casa. Harry o pôs de lado, com a intenção de lê-lo quando estivesse sozinho. Edward sabia que seu irmão traduzia documentos, mas não sabia para quem. Até agora Harry não tinha visto nenhum sinal de que lhe pudesse confiar a informação.

Entretanto a carta podia esperar uns minutos. Agora mesmo Harry tinha curiosidade pela presença de seu irmão no escritório. Não era costume de Edward ir entregando artigos pela casa. Inclusive se tivesse sido ele o receptor da carta, certamente a teria jogado na bandeja do vestíbulo principal para que o mordomo se encarregasse.

Edward não interagia com Harry a menos que se visse obrigado a fazê-lo, por influência externa ou por necessidade. A necessidade normalmente era do tipo financeiro.

—Como está hoje, Edward?

Edward encolheu os ombros. Parecia cansado, com os olhos vermelhos e inchados. Harry se perguntou até que horas tinha ficado fora na noite anterior.

—Sebastian se juntará a nós para jantar esta noite — disse Harry. Edward raramente comia em casa, mas Harry pensava que talvez jantasse com eles, se soubesse que Seb estaria ali.

—Tenho planos — disse Edward, mas então acrescentou—, mas possivelmente possa atrasá-los.

—Eu agradeceria.

Edward permaneceu no centro do escritório, personificando a própria imagem de um menino carrancudo e áspero. Agora tinha vinte e dois anos e Harry supunha que ele se achava um homem, mas seu porte era imaturo e seus olhos ainda jovens.

Jovem mas não juvenil, Harry estava preocupado pela aparência de seu irmão. Edward bebia muito e certamente dormia muito pouco. Embora não fosse como seu pai. Harry não podia marcar a diferença à exceção de que Sir Lionel sempre tinha sido jovial.

Exceto quando estava triste e pedia desculpas. Mas normalmente esquecia tudo na manhã seguinte.

Mas Edward era diferente. Harry não podia imaginá-lo subindo em uma cadeira e fazendo poesia sobre o *esplendor* da *educação*. Edward sequer tentava ser encantador e afável durante as raras ocasiões que compartilhavam uma refeição. Em troca, sentava-se num silêncio de pedra, sem responder salvo as perguntas diretas e isso com o mínimo de palavras.

Harry era dolorosamente consciente de que não conhecia seu irmão, não sabia nada de seus pensamentos ou interesses. Esteve fora durante a maior parte dos anos de formação de Edward, no continente, lutando ao lado de Seb na décima oitava dos húsares. Quando voltou, tentou reavivar a relação, mas Edward não quis ter nada a ver com ele. Só estava aqui, na casa de Harry, porque não podia pagar um alojamento por si mesmo. Era o irmão menor por excelência, sem herança e sem habilidades aparentes. Zombou ante a sugestão de Harry de que também se unisse ao exército, acusando-o de só querer desfazer-se dele.

Harry nem se incomodou em sugerir o clero. Era difícil imaginar Edward dirigindo alguém para a retidão moral, e apesar disso, Harry não queria desfazer-se dele.

—Recebi uma carta de Anne no princípio da semana — mencionou Harry. Sua irmã que se casou com William Forbush na idade de dezessete anos e nunca olhou para trás, e de todos os lugares tinha acabado em Cornwall. Enviava a Harry uma carta cada mês, repleta de novidades de sua prole. Harry lhe escrevia em russo, insistindo que se não utilizasse o idioma o perderia totalmente.

A resposta de Anne tinha sido a advertência que Harry lhe tinha feito, usando a sua própria carta

botando-a em uma nova folha de papel, só que em inglês: Isso pretendo, querido irmão.

Harry riu, mas não parou com o russo. E ela devia tomar tempo para ler e traduzir, porque quando respondia, frequentemente tinha perguntas sobre as coisas que ele lhe havia escrito.

Era uma correspondência divertida; Harry sempre ansiava por suas cartas.

Anne não escrevia para Edward. Estava costumada a fazê-lo, mas parou quando percebeu que ele nunca lhe devolveria o gesto.

—Os meninos estão bem — continuou Harry. Anne tinha cinco, todos meninos exceto a última. Harry se perguntava que aspecto teria agora. Não a tinha visto desde que foi para o exército.

Harry se sentou em sua cadeira, esperando. Por alguma coisa. Que Edward falasse, se movesse, desse um chute na parede. Mais que nada, estava esperando que ele pedisse um adiantamento de sua atribuição, a qual era certamente a razão de sua aparição. Mas Edward não disse nada, simplesmente batia o dedo do pé no chão, dando no canto do tapete de tom escuro e levantando-o antes de lhe dar com o calcanhar para descê-lo.

—Edward?

—É melhor que leia a carta — disse Edward com brutalidade enquanto ia embora — Disseram que era importante.

Harry esperou quando o outro foi embora, logo recolheu a diretriz do Ministério de Defesa. Era estranho que o contatassem desta maneira; normalmente só mandavam alguém com os documentos para entregá-los em mãos. Abriu a nota, utilizando o indicador para romper o selo e a abriu.

Era curta, só duas frases, mas era clara. Harry tinha que apresentar-se no Escritório da Guarda Montada de Whitehall imediatamente.

Gemeu. Algo que requeresse sua presença não podia ser boa coisa. A última vez que o tinham solicitado foi para lhe ordenarem que agisse como babá de uma velha condessa russa. Teve que permanecer ao lado dela durante três semanas. Queixava-se do calor, da comida, da música… A única coisa da qual não se queixava era da vodca e isso porque ela a tinha levado.

Também insistia em compartilhá-la. Alguém que falasse o russo tão bem como Harry não podia beber a sujeira inglesa, anunciou. A sério lhe recordava um pouco sua avó por isso.

Mas Harry não bebia, sequer uma gota e passou noite após noite esvaziando o copo dentro do vaso de uma planta.

Por estranho que parecesse a planta cresceu com força. Com bastante segurança, o melhor momento da missão foi quando o mordomo franziu a sobrancelha ante a maravilha botânica e disse:

—Eu não sabia que essa planta dava flores.

Embora Harry não tivesse desejos de repetir a experiência, infelizmente, raramente lhe davam o luxo de rejeitá-la. Divertido, hein. Necessitavam a ele, já que os tradutores russos não abundavam precisamente. E ainda assim esperavam que ele saltasse de entusiasmo ante tal petição.

Harry considerou brevemente terminar a página que estava trabalhando antes de sair e decidiu o contrário. Era melhor fazer aquilo quanto antes.

E além disso, a condessa estava de volta a São Petersburgo, era de se supor que se queixando do frio, do sol e da falta de cavalheiros ingleses obrigados a servi-la.

Algo que quisessem dele, não podia ser tão mau como isso, não?

CAPÍTULO 7



Era pior.

—Príncipe o que? — perguntou Harry.

—O príncipe Alexei Ivanovich Gomarovsky — respondeu o senhor Winthrop, que era um enlace frequente de Harry com o Ministério da Defesa. Winthrop talvez tivesse um nome cristão, mas se fosse assim, Harry nunca foi consciente disso. Simplesmente era o senhor Winthrop, de estatura e peso médios, com um cabelo castanho normal e um rosto que era medíocre de qualquer modo. Por isso Harry sabia que o tal homem nunca abandonava o edifício do Ministério de Defesa.

—Nós não gostamos — disse Winthrop, com muito pouca inflexão— Põe-nos nervosos.

—O que pensamos que poderia fazer?

—Não estamos certos— respondeu, parecendo ignorar o sarcasmo de Harry— Mas há vários aspectos da visita dele que o põem sob suspeita. A mais importante das quais é seu pai.

—Seu pai?

—Ivan Alexandrovich Gomarovsky. Agora falecido. Era partidário de Napoleão. —E o príncipe ainda mantém um status importante na sociedade Russa? — Harry achava difícil de acreditar. Tinham passado nove anos desde que os franceses invadiram Moscou, mas as relações franco-russas ainda eram glaciais no melhor dos casos. O czar e seu povo não agradeceram a invasão de Napoleão. E os franceses tinham muitas lembranças; a humilhação e a devastação da retirada permaneceriam com eles durante muitos anos vindouros.

—As ações traiçoeiras de seu pai nunca foram descobertas — explicou Winthrop— Morreu no ano passado de causa natural, ainda considerado um leal servidor do czar.

—Como sabemos que era um traidor?

Winthrop ignorou a pergunta com um vago gesto das mãos.

—Temos informação.

Harry decidiu aceitar isso ao pé da letra, já que não era provável que lhe dissessem mais nada.

—Também nos perguntamos se é oportuna a visita do príncipe. Três conhecidos simpatizantes do Napoleão, dois dos quais são súditos britânicos, chegaram ontem à cidade.

—E se permite que os traidores permaneçam livres?

—Frequentemente, em nosso próprio interesse, permite-se à oposição acreditar que não foram descobertos. —Winthrop se inclinou para frente, descansando os braços sobre a mesa— Bonaparte está doente, provavelmente morra. Está se consumindo.

—Bonaparte? — perguntou Harry com reservas. Tinha visto o tipo uma vez. De longe, é claro. Era baixinho, sim, mas com uma barriga notável. Era difícil imaginá-lo magro e gasto.

— Ficamos sabendo— Winthrop revolveu vários papéis da mesa até que encontrou o que estava procurando — que suas calças tiveram que diminuír quase uns doze centímetros.

Apesar de tudo, Harry se impressionou. Ninguém podia acusar o Ministério de Defesa de falta de interesse no detalhe.

—Não escapará de St. Elena — seguiu Winthrop— Mas devemos permanecer alertas. Sempre estão aqueles que tramam em seu nome. Acreditam que o príncipe Alexei poderia ser um deles.

Harry exalou. Com irritação, porque queria que Winthrop soubesse o muito que não desejava se envolver nesse tipo de assuntos. Era um tradutor, pelo amor de Deus. Gostava das palavras. O papel. A tinta. Não gostava dos príncipes russos, e não tinha desejos de passar as três próximas semanas fingindo que sim.

—O que necessita de mim? — perguntou— Sabe que não me dedico às atividades de espionagem.

—Nem queremos que o faça — disse Winthrop— Suas habilidades com o idioma o fazem muitíssimo mais valioso para nós que o ter rondando em algum canto escuro, esperando que não Lhe dêem tiros.

—É difícil de acreditar que tenha dificuldades em recrutar espiões — murmurou Harry.

Uma vez mais, Winthrop perdeu o sarcasmo.

—Seu domínio do idioma russo, junto com sua posição na sociedade, o faz idôneo para não perder de vista o príncipe Alexei.

—Não saio muito na sociedade — lhe recordou Harry. —Sim, mas poderia.

As palavras de Winthrop penderam sobre o recinto como uma espada. Harry sabia muito bem que havia só outro homem no Departamento de Defesa cuja fluência no idioma russo rivalizava com a sua. Também sabia que George Fox era o filho de um hospedeiro, casado com uma garota russa que tinha chegado à Inglaterra como empregada de um diplomata. Fox era um bom homem, agudo e valente, mas nunca obteria a entrada às mesmas recepções que um príncipe. Com franqueza, Harry não estava certo de que ele tampouco pudesse.

Mas Sebastian, com seu possível condado, talvez. E não era como se Harry não tivesse se

aproveitado disso antes.

—Não quero lhe pedir que tome nenhuma ação direta — disse Winthrop—, embora, com seus antecedentes em Waterloo, confiamos que seria mais que capaz.

—Terminei com as lutas — lhe advertiu Harry. E o tinha feito. Sete anos no continente foram suficientes. Não tinha planos de pegar de novo numa espada.

—Sabemos. Esse é o porquê tudo o que lhe pedimos é que não o perca de vista. Escute suas conversas quando puder. Nos informe de tudo o que achar suspeito.

—Suspeito — repetiu Harry. Pensavam que o príncipe iria revelar segredos no Almacks? Os que falavam russo eram estranhos em Londres, mas certamente o príncipe não seria tão insensato para assumir que ninguém entenderia o que estava dizendo.

—Isto vem de Fitzwilliam — disse Winthrop com voz tranquila.

Harry elevou o olhar de repente. Fitzwilliam dirigia o Ministério de Defesa. Não de maneira oficial, é evidente. Oficialmente sequer existia. Harry nem conhecia seu nome de verdade, e não estava certo de saber que aspecto tinha; nas duas vezes em que se encontraram, seu aspecto estava tão alterado que Harry não pôde discernir o que era verdade e o que era disfarce.

Mas sabia que se Fitzwilliam ordenasse alguma coisa, deveria ser feito. Winthrop tomou uma pasta da mesa e a estendeu a Harry.

—Leia isto. É nosso histórico sobre o príncipe.

Harry tomou o documento e começou a levantar-se, mas Winthrop o deteve com um gesto brusco.

—Isto não pode sair do edifício.

Harry parou, a classe de incomodo, o afastamento exagerado do movimento que um fazia quando estava sendo ordenado a isso. Sentou-se, abriu a pasta, tirou quatro folhas de papel e começou a ler.

O príncipe Alexei Ivanovich Gomarovsky, filho de Ivan Alexandrovich Gomarovsky, neto de Alexei Pavlovich Gomarovsky, etc, etc, solteiro, sem perseverança de compromisso. Em Londres de visita ao embaixador, que é seu primo em sexto grau.

—Estão todos relacionados — resmungou Harry — Diabos, certamente está relacionado comigo.

—Perdão?

Harry lançou uma breve olhada a Winthrop. —Sinto muito.

Viaja com um séquito de oito pessoas, incluindo uma corte diplomática de assombroso perigo e estrutura. Gostava da vodca (naturalmente), o chá inglês (que imparcial de sua parte) e a ópera.

Harry concordou enquanto lia. Talvez isto não fosse tão ruim. Apreciava a ópera, mas nunca

parecia encontrar tempo para ir. Agora seria um requisito. Excelente.

Virou uma página. Havia um esboço do príncipe. Levantou-se. —Parece-se com ele?

—Não muito — admitiu Winthrop.

Harry revirou o esboço. Por que se incomodava sequer? Continuou lendo, reunindo partes e retalhos da história pessoal do príncipe. Seu pai tinha morrido na idade de sessenta e três anos de uma doença do coração. Não se suspeitava que fosse veneno. Sua mãe ainda estava viva, dividia seu tempo entre St. Petersburgo e Nizhny Novgorod.

Virou a última página. O príncipe parecia estar rodeado de mulheres, mostrando uma preferência particular pelas loiras. Tinha visitado o bordel mais exclusivo de Londres seis vezes durante as duas semanas que esteve na cidade. Também assistia a inúmeros atos sociais, possivelmente em busca de uma esposa inglesa. Havia um rumor de que sua fortuna na Rússia tinha diminuído e que talvez necessitasse uma noiva com um dote considerável. Tinha mostrado particular atenção pela filha de…

—Oh. Não.

—Há algum problema? —perguntou Winthrop.

Harry levantou o papel, não que Winthrop pudesse ler o que estava escrito do outro lado da mesa.

—Lady Olivia Bevelstoke — disse, com voz carregada de incredulidade desalentadora.

—Sim. —Isso foi tudo. Só um sim. —Conheço-a.

—Sabemos.

—Não lhe caio bem.

—Lamentamos ouvir isso. —Winthrop clareou a garganta— Entretanto, não lamentamos saber que Rudland House está justo ao norte de sua recente residência de aluguel.

Harry apertou os dentes.

—Não nos equivocamos nisto, não é verdade? —Não — disse Harry a contra gosto.

—Bem. Porque é fundamental que tampouco a perca de vista. Harry não foi capaz de ocultar seu desgosto.

—Será isso um problema?

—É claro que não, senhor — disse Harry, já que ambos sabiam que a pergunta tinha sido puramente retórica.

—Não suspeitamos que lady Olivia conspire com o príncipe, mas acreditam, dado o bem

documentado talento para a sedução do príncipe, que ela talvez sucumba a um mau julgamento.

—Documentou seu talento para a sedução — expôs Harry. Nem sequer queria saber como o tinha conseguido.

De novo, o desdenhoso vago gesto de mãos.

—Temos nossos métodos.

Harry esteve a ponto de dizer que se o príncipe conseguisse seduzir lady Olivia, seria um grande alívio para a Inglaterra, mas algo o deteve. Uma fugaz lembrança, talvez algo nos olhos dela.

Apesar de seus pecados, ela não merecia isto. A menos...

—Contamos com você para manter lady Olivia fora de problemas— estava dizendo Winthrop.

Ela o esteve espionando.

—Seu pai é um homem importante.

Ela disse que gostava de armas. E não havia dito sua empregada algo sobre falar francês?

—É muito conhecida e apreciada na sociedade. Se algo lhe acontecesse, o escândalo seria irreparável.

Mas Olivia não sabia que Harry trabalhava para o Ministério de Defesa. Ninguém sabia que ele trabalhava para o Ministério de Defesa. Era simplesmente um tradutor.

—Seria impossível para nós levar a cabo nossas investigações sob o escrutínio que tal desastre suportaria. —Por fim Winthrop fez uma pausa— Entende o que estou dizendo?

Harry concordou. Ainda não acreditava que lady Olivia fosse uma espiã, mas sua curiosidade tinha sido mais que atiçada. E não se sentiria como um tolo se achasse que estava equivocado?

* * *

—Minha senhorita.

Olivia elevou o olhar da carta que estava escrevendo para Miranda. Estava se questionando se contaria sobre Sir Harry. Olivia não podia imaginar ninguém mais a quem pudesse —ou quisesse— contar mas por outro lado, não era a classe de aventura que tinha sentido sobre o papel.

Não estava certa que tivesse sentido absolutamente.

Olhou para cima. O mordomo permanecia na entrada, segurando uma bandeja de prata com um cartão de visita sobre ela.

—Minha lady, tem um convidado.

Olivia levantou o olhar para o relógio do suporte do salão. Era um pouco cedo para as visitas, e sua mãe ainda estava fora comprando chapéus.

—Quem é, Huntley?

—Sir Harry Valentine, minha lady. Acho que alugou a casa ao sul. Lentamente, Olivia deixou a pluma. Sir Harry? Aqui?

Por quê? —Faço-o entrar?

Olivia não sabia por que estava perguntando. Se Sir Harry estava no vestíbulo principal, virtualmente podia ver Huntley falando com ela. Não seria possível fingir que não estava disponível. Olivia concordou, ordenou as páginas da carta e as meteu em uma gaveta, logo se levantou, com a sensação de que tinha que estar de pé quando ele chegasse.

Em alguns instantes sir Harry apareceu na entrada, vestido nos tons escuros habituais. Levava um pequeno pacote sob o braço.

—Sir Harry — disse brandamente, levantando-se— Que surpresa. Ele saudou com a cabeça a recepção oferecida.

—Sempre me esforço para ser um bom vizinho.

Ela o cumprimentou em resposta, observando-o com cautela enquanto ele entrava no salão.

Não podia imaginar o porquê tinha optado pela visita. Tinha sido mais que desagradável com ela no dia anterior no parque, e a verdade era que ela não tinha se comportado melhor. Não podia recordar a última vez que tratou a alguém tão mal, mas em sua defesa, estava aterrorizada de que tentasse chantageá-la de novo, esta vez com algo muito mais perigoso que uma dança.

—Espero não interromper — disse ele.

—Absolutamente disse ela e fez um gesto na direção da mesa— Eu estava escrevendo uma carta para minha irmã.

—Não sabia que tinha uma.

—Minha cunhada — corrigiu— Mas é como uma irmã para mim. Conheço-a vida toda.

Ele esperou até que ela tomasse assento no sofá, logo se sentou na cadeira de estilo egípcio diretamente na frente dela. Não parecia incômodo, o que Olivia achou interessante. Ela odiava sentar-se nessa cadeira.

—Trouxe-lhe isto — disse, lhe estendendo o pacote.

—Oh. Obrigada. —Colheu-o com um pouco de reparo. Não queria presentes deste homem, e com toda certeza não confiava em seus motivos para obsequiá-la com um.

—Abra - insistiu.

Estava embrulhado com simplicidade e lhe tremiam os dedos, com um pouco de sorte não tanto como para que ele pudesse vê-lo. Fez várias tentativas para desfazer o nó, mas ao final foi capaz de desembrulhar o papel.

—Um livro — disse com surpresa. Sabia o que tinha que ser, pelo peso e a forma do pacote, mas ainda assim, era uma escolha muito estranha.

—Qualquer um pode trazer flores — comentou ele.

Voltou-o de frente— Estava virado ao contrário quando o desembrulhou — e olhou o título. *Miss Butterworth e o Barão Louco*. Agora estava realmente surpresa.

—Trouxe-me um romance gótico?

—Um escabroso romance gótico — corrigiu— Parece o tipo de coisas que talvez apreciasse.

Elevou o olhar para ele, avaliando esse comentário.

Harry a olhou em resposta, como se a desafiasse a questioná-lo. —na realidade não leio — murmurou ela.

Ele elevou as sobrancelhas.

—Quero dizer que posso — disse rapidamente, com crescente irritação, mais com ela que com ele— Simplesmente eu não gosto muito.

Suas sobrancelhas permaneceram elevadas.

—Supõe-se que não devo admitir isso? —perguntou-lhe descaradamente. Harry sorriu lentamente e passou um longo momento angustiante antes de dizer:

—Não pensa antes de falar, não é verdade? —Não muito frequentemente — admitiu ela.

—Tente — disse ele, fazendo um gesto para o livro— Imagino que o achará mais divertido que o jornal.

Era justo a classe de coisa que um homem diria. Ninguém jamais parecia entender que ela preferia as notícias do dia ao ridículo fruto da imaginação de outros.

—O senhor o leu? —perguntou-lhe ela baixando o olhar enquanto abria uma página ao acaso.

—Por Deus, não. Mas minha irmã me recomendou encarecidamente. Ela elevou o olhar bruscamente.

—Tem uma irmã?

—Parece achar isso surpreendente.

Era. Não estava certa do por que, se não fosse porque suas amigas tinham visto apropriado lhe contar tudo sobre ele, e de algum modo tinham evitado aquilo.

—Ela vive em Cornwall — disse ele—, rodeada de penhascos, lendas e um bando de crianças.

—Que descrição mais encantadora — E dizia a sério— É um tio devoto? —Não.

Olivia deve ter demonstrado sua surpresa, porque ele disse: —Não se supõe que eu admita isso?

Ela riu sem querer. —Touché, Sir Harry.

—Eu gostaria de ser um tio devoto — lhe disse ele, com seu sorriso cada vez mais cálido e sincero —, mas não tive a oportunidade de conhecer nenhum deles.

—É claro— murmurou ela— Esteve no continente durante muitos anos. Harry inclinou a cabeça embora muito levemente de lado. Ela se perguntou se o fazia sempre que sentia curiosidade. —Sabe bastante sobre mim — disse ele.

—Todo mundo sabe muito sobre o senhor. —Na realidade, o homem não deveria estar surpreso.

—Não há muita privacidade em Londres, não?

—Quase nenhuma absolutamente. — As palavras saíram de sua boca antes que percebesse o que dizia, o que acabava de admitir— Gostaria de um chá? — perguntou-lhe ela habilmente mudando de assunto.

—Eu adoraria, obrigado.

Uma vez que ela havia chamado Huntley e dado as devidas instruções, Sir Harry disse em plano coloquial:

—Quando eu estava no exército, era do que mais sentia falta. —O chá? — Isso parecia difícil de acreditar.

Ele concordou.

— Tinha saudades.

—Não serviam chá? —Por alguma razão Olivia achou aquilo simplesmente inaceitável.

—Algumas vezes. Em outras tínhamos que nos conformar. Alguma coisa na voz dele nostálgica e juvenil a fez sorrir. —Espero que o nosso chá conte com sua aprovação. —Não sou suscetível.

—Sério? Eu pensava que com tal adoração, você fosse um requintado conhecedor de chás.

—Não é nada, estive sem ele tantas vezes que aprecio cada gota. Olivia riu.

—Na verdade era do chá que sentia falta ? A maioria dos cavalheiros que conheço diria o brandy. Ou o porto.

—O chá — disse Harry com firmeza. —Você bebe café?

Ele negou com a cabeça. —Muito amargo.

—O chocolate?

—Só com muito açúcar.

—É um homem muito interessante, Sir Harry. —Certamente sou consciente de que me acha interessante.

As faces dela arderam. E na verdade estava começando a gostar do homem. A pior parte de tudo isto era, que ele tinha razão. O esteve espionando, e isso foi grosseiro. Mas ainda assim, ele não tinha que passar por ali desta maneira para incomodá-la.

O chá chegou dando-lhe uma pausa na significativa conversa. —Leite? —perguntou-lhe ela.

—Por favor.

—Açúcar? —Não. Obrigado.

Nem se incomodou em levantar o olhar quando comentou: —De verdade? Sem açúcar? Apesar de adoçar o chocolate?

—E o café, se sou obrigado a bebê-lo. O chá é uma coisa totalmente diferente. Olivia estendeu a xícara e preparou a sua. Achava certa comodidade nas tarefas familiares. Suas mãos sabiam o que tinham que fazer, com as lembranças dos movimentos gravados desde muito tempo em seus músculos. A conversa, também, era um apoio. Simples e sem sentido, e ainda assim lhe devolvia o equilíbrio. Tanto que quando ele tomou seu segundo gole, ela foi por fim capaz de alterar o equilíbrio dele, sorrindo com doçura quando lhe disse: —Dizem que matou a sua noiva.

Ele engasgou, o que deu a ela um enorme prazer (a sacudida, não o engasgo; esperava não converter-se em um ser tão desumano) mas o homem se recuperou rapidamente, e sua voz foi tranquila quando respondeu:

—É verdade? —Sim.

—Dizem como a matei? —Não.

—Dizem quando?

—Certamente — mentiu ela — mas não estava escutando.

—Ummm. —Ele pareceu estar considerando o que ela disse. Foi uma visão desconcertante, este homem, alto, totalmente masculino, sentado no salão malva de sua mãe com uma delicada xícara de chá na mão. Ao que parece um suposto assassino.

Harry tomou um gole.

—Por acaso alguém mencionou o nome dela? —O de sua noiva?

—Sim. —Foi um sedoso e completamente cortês sim, como se estivessem falando do tempo, ou talvez do provável ganhador do Ramo de Rosas da Taça de Ascot no Dia das Damas.

Olivia sacudiu levemente a cabeça e levantou a xícara para os lábios.

Ele fechou os olhos por um instante, em seguida a olhou diretamente, movendo a cabeça tristemente de lado a lado.

—Agora ela descansa em paz, isso é tudo o que importa.

Olivia não só se engasgou com o chá, como também cuspiu-o através do salão. E ele riu, o desgraçado.

—Por Deus, isto é o mais divertido que me aconteceu em anos — disse Harry, tentando recuperar o fôlego.

—O senhor é desprezível.

—Você acusou-me de assassinato!

—Eu não. Eu só disse que alguém o havia acusado.

—Oh, sim — disse ele com ironia—, há uma grande diferença. —Para sua informação, não acreditei.

—você consegue até alcançar minha alma com seu apoio.

—Não é isso— lhe disse ela de forma cortante— Não é nada mais que bom senso.

Ele riu de novo.

—É por isso que me espionava?

—Eu não... —Oh, pelo amor de Deus, por que o negava ainda?— Sim — Cuspiu nele virtualmente— Você não faria o mesmo?

—Talvez eu chamasse primeiro a polícia.

—Talvez eu chamasse primeiro a polícia — Ela o imitou, utilizando a voz que normalmente reservava para seus irmãos.

—A senhorita é uma perturbação. Ela o fulminou com o olhar.

—Muito bem, pelo menos descobriu algo interessante? —Sim — disse ela entrecerrando os olhos— Sim, descobri.

Ele esperou, e em seguida disse, com uma certa quantidade de sarcasmo: —Conte.

Ela se inclinou para frente. —Explique o chapéu.

Ele a olhou como se fosse louca. —Do que está falando?

—O chapéu! —exclamou ela, movendo as mãos ao redor da cabeça, com os pulsos girando como se indicassem a silhueta de um objeto para a cabeça— Era ridículo! Tinha plumas. E o usava no interior da casa.

—Oh. Isso. —Harry forçou uma risada— Na realidade, isso era para seu benefício.

—Você não sabia que eu estava ali! —Me perdoe, mas eu sabia.

Ela abriu a boca, e pareceu um pouco enjoada quando perguntou: —Quando me viu?

—Na primeira vez que deu um passo em frente à janela. —Harry encolheu os ombros elevando as sobrancelhas como se dissesse: *Tente me contradizer*— Não é tão boa ocultando-se como pensa.

Ela retrocedeu de mau humor. Isto era ridículo, mas ele suspeitava que ela pensasse que tinha sido insultada.

—E os papéis na chaminé? —Perguntou-lhe ela. —Alguma vez joga papéis na chaminé?

—Não na metade de um estalo, não.

—Bem, isso também foi para seu proveito. Eu estava passando por tais incômodos que pensei que fosse melhor fazer que seu tempo valesse a pena.

—Você...

Não parecia capaz de finalizar a frase, assim que ele acrescentou, quase de modo informal:

—Estive a ponto de saltar sobre a mesa e dançar, mas pensei que isso fosse muito óbvio.

—Esteve rindo de mim todo o tempo. —Bom... —Pensou nisso— Sim.

Olivia abriu os lábios. Parecia ofendida, e ele quase pediu desculpas… na realidade, isto tinha que ser um ato reflexo masculino, sentir-se envergonhado quando uma mulher tinha essa expressão no rosto. Mas ela não tinha provas, sequer pistas.

—Eu deveria lhe recordar — assinalou—, que me estava espionando. Se alguém é a parte ofendida, essa sou eu.

—Bem, acho que conseguiu sua vingança — lhe respondeu Olivia afetadamente, com o queixo levantado no ar.

—Oh, nada disso, lady Olivia. Passará muito tempo antes que estejamos quites.

—O que está planejando? — perguntou-lhe com receio.

—Nada. — Sorriu ele abertamente— Ainda.

Olivia fez um divertido ruído de birra — Na realidade foi bastante atraente— e ele decidiu ir pelo golpe ganhador.

—Oh, e por certo, nunca estive comprometido.

Ela piscou, parecendo um pouco confusa pela repentina mudança de assunto.

—Noiva morta? — facilitou-lhe amavelmente.

—Então não está morta? —Sequer viva para começar.

Ela concordou lentamente, logo perguntou: —Por que veio aqui hoje?

Certamente que Harry não iria contar lhe a verdade, que ela agora era sua missão, e que se supunha deveria assegurar-se de que não iria, sem perceber, cometer traição. Assim simplesmente disse:

—Parecia o apropriado.

Ia ter que passar muito tempo com ela nas próximas semanas, ou se não com ela, então ao menos próximo dela. Já não suspeitava que ali houvesse nenhum vil propósito para que ela o espionasse. Ela nunca o teve, na realidade, mas teria sido um tolo ao não tomar cuidado. Embora sua história sobre a noiva morta fosse tão ridícula que tinha que ser verdade. Parecia exatamente a razão pela qual uma debutante aborrecida espionaria seu vizinho.

Não é que soubesse muito de debutantes aborrecidas. Mas supunha que saberia logo.

Sorriu. Estava apreciando muito mais do que esperava.

Olivia parecia a ponto de arregalar os olhos, e por alguma razão ele queria que o fizesse. Gostava muito mais quando o rosto dela gesticulava, repleto de emoção. No musical Smythe-Smith, estava serena e inflexivelmente reservada. À exceção de uns poucos descontrolados brilhos de ira, estava desprovida de expressão.

Tinha sido enervante. Tinha-o tido sob as unhas dos dedos, como uma coceira que nunca poderia ser satisfeita.

Ofereceu-lhe mais chá e ele o aceitou, embora parecesse mentira ele se sentia contente por prolongar a visita. Entretanto, enquanto ela servia o chá, o mordomo entrou de novo no salão, levando uma bandeja de prata.

—Lady Olivia — entoou— Isto chegou para senhorita.

O mordomo se inclinou assim lady Olivia pôde tirar o cartão da bandeja. Parecia algum tipo de convite, alegre e magnífico, com uma fita e um selo.

Um selo?

Harry mudou de posição muito rapidamente, tentando conseguir uma visão melhor. Era um selo real? Os russos gostavam de símbolos reais. Supunha que os britânicos também, mas isso não vinha ao caso. Não era o rei George o que estava interessado nela.

Olivia lançou uma olhada ao cartão em suas mãos, depois o deixou sobre a mesa ao seu lado.

—Não vai abrir?

—Estou certa de que pode esperar. Eu não desejaria ser grosseira.

—Não me importa — lhe assegurou ele. Apontou para o cartão — Parece interessante.

Ela piscou umas quantas vezes, olhando primeiro o cartão e logo a ele com uma expressão de curiosidade.

—Magnífico — esclareceu Harry, pensando que sua primeira escolha de adjetivos não tinha sido acertada.

—Sei de quem é — disse ela, aparentemente natural ao reconhecê-lo.

Ele inclinou a cabeça, esperando que o gesto servisse como a pergunta que seria descortês fazer em voz alta.

—Oh, muito bem — disse ela, deslizando o dedo sob o selo — Se insiste. Não tinha insistido, mas não ia dizer nada que a fizesse mudar de opinião.

Assim esperou pacientemente enquanto ela lia, desfrutando da representação de emoções que lhe cruzaram o rosto. Revirou os olhos uma vez, soltou uma curta mas agitada exalação e ao final gemeu.

—Notícias desagradáveis? — perguntou Harry educadamente.

—Não — disse ela— Só um convite que eu preferiria não aceitar. —Então não aceite.

Ela sorriu de modo forçado. Ou talvez fosse com pesar. Ele não podia estar certo disso.

—Isto é mais que uma entrevista — lhe disse ela.

—Oh, vamos. Quem tem a autoridade para ditar uma entrevista a muito ilustre lady Olivia Bevelstoke?

Sem palavras, ela estendeu-lhe o cartão.

CAPÍTULO 8



Razões Pelas Quais Um Príncipe Poderia Prestar Atenção Em Mim Por Lady Olivia Bevelstoke.

Ruína

Matrimônio

Nenhuma opção era particularmente atraente. Ruína, pelas razões óbvias, e o matrimônio como… bom, uma série de razões.

Razões Pelas Quais Procuraria Não me Casar Com Um Príncipe Russo. Por Lady Olivia Bevelstoke.

Não falo russo.

Sequer me defendo com o francês.

Não quero me mudar para Rússia.

Ouvi que lá faz realmente frio.

Teria saudades da minha família.

E *do chá.*

Bebem chá na Rússia? Ela olhou para Sir Harry, que ainda examinava o cartão que ela lhe havia entregado. Por alguma razão pensou que ele saberia. Tinha viajado muito, ao menos tanto quanto o exército tinha necessitado, e gostava de chá.

E sua lista ainda não tinha começado a abordar os aspectos reais do matrimônio com um príncipe. O protocolo. A etiqueta. Parecia um absoluto pesadelo.

Um pesadelo em um clima muito frio.

Sinceramente, tinha chegado a pensar que a ruína era o menor dos dois males.

—Eu não tinha percebido que a senhorita se movia em tais círculos — disse Sir Harry uma vez que terminou de examinar o convite.

—Não. Estive com ele apenas duas vezes. Não — recordou as últimas semanas—, três vezes. Isso é tudo.

—Você deve ter causado uma grande impressão.

Olivia suspirou cansada. Sabia que o príncipe a achava atraente. No passado a tinham assaltado uma quantidade suficiente de homens para que ela pudesse reconhecer os sinais. Tinha tentado dissuadi-lo tão educadamente quanto pôde, mas não podia rejeitá-lo completamente. O homem era um príncipe, pelo amor de Deus. Se fosse produzir tensões entre suas duas nações, ela não seria a causa.

—Irá? —perguntou sir Harry.

Olivia fez uma careta. O príncipe, que aparentemente era alheio ao costume inglês de que eram os cavalheiros os que convidavam às damas, tinha pedido que ela fosse visitá-lo. Inclusive tinha chegado a especificar o momento, em dois dias, às três da tarde, o que levou Olivia a pensar que tinha uma visão bastante particular da palavra petição.

—Não vejo como posso negar — respondeu ela.

—Não — Harry baixou o olhar outra vez para o convite, negando com a cabeça— Não pode.

Olivia gemeu.

—A maioria das mulheres se sentiriam aduladas.

—Suponho que seja. Quero dizer, sim, é óbvio que é. O homem é um príncipe. Ela tentou pôr um pouco de emoção na voz. Não acreditou ter conseguido. —Mas continua sem desejar ir?

—É um incômodo, isso é o que é. — Olhou-o diretamente — Foi apresentado alguma vez na corte? Não? É espantoso.

Ele riu, mas ela estava muito excitada para algo exceto continuar.

—O vestido tem que ser exatamente assim, com aros e crinolina, inclusive embora ninguém use esses disparates há anos. Sua reverência deve ser exatamente na curvatura correta, e o céu não queira que você sorria fora da hora.

—De algum jeito não acho que o príncipe Alexei espere que a senhorita fique com aros e crinolina.

—Sei que não, mas de qualquer modo vai ser grotescamente formal, e não sei nada sobre o protocolo da Rússia. O que significa que minha mãe insistirá em encontrar alguém que me ensine, embora ela desconheça onde encontrará um tutor a estas alturas. E então terei que passar os próximos dois dias aprendendo o quanto deve ser profunda uma reverência na Rússia; se existirem assuntos que se considere de má educação discutir, e Oh!

Ela o deixou com o Oh, porque honestamente, todo o assunto lhe estava dando dor de estômago. Nervos. Eram nervos. Odiava os nervos.

Olhou para Sir Harry. Ele estava sentado ainda, com uma expressão inescrutável no rosto.

—Não vai me dizer que não será tão terrível? —perguntou Olivia. Ele negou com a cabeça.

—Não. Será terrível.

Ela desabou. Sua mãe teria vertigens se a visse como estava, toda enfraquecida na presença de um cavalheiro. Mas de verdade, não poderia ele mentir e dizer que iria ser uma maravilha? Se ele houvesse mentido, ela ainda estaria sentada reta.

E se lhe fazia sentir-se melhor jogar a culpa em alguém mais, que assim fosse.

—Pelo menos dispõe de alguns dias até que tenha que se apresentar — disse Sir Harry.

—Só dois — disse ela abatida — E provavelmente também o verei esta noite. —Esta noite?

—No baile Mottram.O senhor vai assistir? — Olivia agitou a mão na frente do próprio rosto — Não, naturalmente que não.

—Desculpe!

—Oh, sinto muito. — Olivia sentiu como se ruborizava. Isso tinha sido terrivelmente irrefletido por sua parte— Eu simplesmente quis dizer que o senhor não sai. Não que não pudesse. É sua vontade. Ou ao menos suponho que essa seja a razão.

Ele a olhou fixamente, tanto tempo e tão inquisitivamente, que Olivia se viu forçada a continuar.

—O estive observando durante cinco dias, lembre-se.

—É uma coisa pouco provável de esquecer. —Deve ter sentido pena dela, porque não continuou com o assunto, e ao invés disso disse—: Parece que está previsto que devo assistir ao baile Mottram.

Ela sorriu, um pouco surpresa pela agitação de prazer em seu ventre. —Então o verei lá.

—Eu não perderia isso por nada do mundo.

* * *

Parecia que Harry não tinha pensado em assistir ao baile Mottram. Sequer estava certo de ter recebido um convite, mas era bastante fácil juntar- se a Sebastian, que certamente iria. Isto significava que se veria forçado a aguentar o interrogatório de Seb: por que de repente queria sair e quem poderia ser responsável pela mudança de comportamento? Mas Harry tinha muita experiência em contornar as perguntas de Sebastian, e uma vez que chegaram, havia tal multidão que pôde despistar seu primo imediatamente.

Harry permaneceu no perímetro do salão de baile, lançando um olho avaliador sobre a multidão. Era difícil calcular quantos eram os assistentes. Trezentos? Quatrocentos? Seria fácil fazer circular

uma nota sem ser detectado, ou manter uma conversa furtiva, sempre aparentando que não estava acontecendo nada.

Harry deu uma sacudida mental. Começava a pensar como um espião, pelo amor de Deus. O que não era necessário. Suas ordens tinham sido vigiar lady Olivia e o príncipe, juntos ou separadamente. Supunha que ele não tentaria impedir nada ou deter absolutamente nada, nada.

Vigiar e informar, isso era tudo.

De fato, não viu Olivia nem a ninguém que parecesse vagamente da realeza, assim pegou um copo de ponche e o engoliu durante vários minutos, e se entreteve observando Sebastian ir de cima abaixo pelo salão, enfeitiçando a todos com seu passo.

Era um talento que, definitivamente, Harry não possuía.

Depois de aproximadamente trinta minutos de observar e esperar (sem nenhum relatório que fazer) percebeu um pequeno reboliço perto da entrada, assim Harry começou a encaminhar-se para lá. Chegou tão perto quanto pôde, então se inclinou para o cavalheiro que estava perto dele e perguntou:

—Sabe a que se deve todo este alvoroço?

—Um certo príncipe russo. — O homem encolheu os ombros, nada impressionado— Ele está na cidade a algumas semanas Causando realmente uma comoção — comentou Harry.

Ele não conhecia o homem, mas tinha a aparência do tipo que passava suas noites em acontecimentos como este, suspirou.

—As damas ficam como umas estúpidas por ele.

Harry voltou sua atenção ao pequeno grupo de pessoas que estava perto da porta. Produziu o usual movimento de corpos, e de vez em quando entrevia ao homem no centro, mas não durante o tempo suficiente para vê-lo bem.

O príncipe era muito loiro, isso era tudo o que pôde ver, e mais alto que a média, embora provavelmente, notou Harry com alguma satisfação, não tão alto quanto ele.

Não havia nenhuma razão para que Harry fosse apresentado ao príncipe, e ninguém que pudesse fazê-lo, assim que ficou para trás, tentando tomar as medidas do homem enquanto este se movia entre a multidão.

Era arrogante, isso com toda segurança. Ao menos dez jovens damas lhe foram apresentadas e nem uma vez inclinou sequer a cabeça. Seu queixo se manteve elevado, e saudou cada uma delas com nada mais que uma afiada queda de olhos.

Tratou os cavalheiros com desdém similar, conversando só com três.

Harry se perguntou se haveria alguém entre a concorrência a quem o príncipe não considerasse inferior a ele.

—O vejo muito sério esta noite, Sir Harry.

Ele se voltou e sorriu antes de pensar melhor. Lady Olivia de algum jeito tinha avançado às escondidas para o lado dele, dolorosamente formosa em veludo azul meia-noite.

—Não se supõe que as damas solteiras usem cores pastéis? — perguntou-lhe ele.

As sobrancelhas dela se elevaram ante a rabugice, mas os olhos cintilaram com humor.

—Sim, mas eu não sou nova. É minha terceira temporada, já sabe. Virtualmente na prateleira.

—De algum jeito acho difícil acreditar que seja culpa de alguém, exceto sua. —Ai!

Ela sorriu abertamente.

—E como está indo esta noite?

—Não tenho nada que contar. Acabamos de chegar.

Harry sabia era óbvio. Mas não podia revelar que esteve espionando-a e então comentou.

—Seu príncipe está aqui.

Olivia parecia como se fosse gemer. —Sei.

Ele se inclinou com um sorriso conspirador. —Quer que eu a ajude a esquivar-se dele? Os olhos dela se iluminaram.

—Pode fazer isso?

—Sou um homem de muitos talentos, lady Olivia. —Com os chapéus cômicos?

—Com os chapéus cômicos.

E então, assim como se tal coisa fosse possível, ambos riram. Juntos. O som se uniu como um acorde perfeito, claro e genuíno. E então, ao mesmo tempo, ambos pareceram perceber que o momento era significativo, embora não tivessem nem a menor ideia do por que.

—Porque está vestido com cores escuras? — perguntou-lhe ela. Ele baixou o olhar para o traje de noite que estava vestindo. —Não gosta de minha jaqueta?

—Eu gosto, lhe asseguro. É muito elegante. É exatamente como comentou. —Meu gosto em vestir?

Ela concordou com a cabeça.

—Foi uma longa semana de fofocas. Além disso, o senhor fez comentários sobre meu vestido de noite.

—Já é suficiente. Muito bem, uso cores escuras porque me fazem a vida mais fácil.

Ela não disse nada, simplesmente esperou com uma expressão de expectativa no rosto, como se quisesse dizer certamente alguma coisa mais.

—Lhe contarei um grave segredo, lady Olivia.

Ele se inclinou para frente, tal qual ela, e foi outro desses momentos. Perfeita sintonia.

—Sou louco no que se refere a cores — disse em voz baixa e séria— Não posso distinguir o vermelho e o verde nem que minha vida dependesse disso.

—É verdade? —Seu tom foi um pouco forte, e olhou ao redor dissimuladamente antes de continuar em um tom mais tranquilo— Nunca tinha ouvido tal coisa.

—Parece que não sou o único, mas nunca conheci ninguém tão afetado. —Mas certamente as cores escuras não são necessárias todo o tempo!

Ela parecia estar completamente fascinada. Seus olhos cintilavam e a voz estava cheia de interesse.

Se Harry soubesse que suas dificuldades para ver as cores seria algo tão proveitoso em sua relação com as mulheres, as teria explorado a anos atrás.

—Seu ajudante de quarto não pode escolher o traje? —perguntou ela.

— Sim, mas então eu teria que confiar nele.

—Não confia nele? — Olhou intrigada. Divertida. Possivelmente uma combinação de ambos.

—Tem um senso de humor bem seco, e sabe que não posso despedi-lo. — Dirigiu-lhe um impotente encolhimento de ombros— Salvou a minha vida uma vez. E possivelmente mais importante ainda, o meu cavalo também.

—Oh, pois definitivamente não o pode despedir. Seu cavalo é precioso. —Tenho bastante carinho — disse Harry— Pelo cavalo. E o ajudante de quarto, suponho.

Ela meneou a cabeça aprovadoramente.

—Você deveria agradecer porque as cores escuras lhe caem bem. Não são todos os que ficam bem usando roupas escuras.

—Seria isso um elogio, lady Olivia?

—É tão elogioso quanto um insulto para todos os outros — assegurou-lhe ela. —Agradeço aos

céus por isso. Acho que não saberia como me comportar em um mundo no qual o senhor oferecesse elogios.

Tocou-o rapidamente no ombro, atrevida e completamente irônica. —Penso exatamente da mesma maneira.

—Muito bem. Agora que estamos de acordo, o que fazemos sobre seu príncipe?

Ela o olhou de esguelha.

—Sei que você está arrebentando de vontade que eu diga que ele não é meu príncipe.

—Eu esperava que dissesse, sim — murmurou Harry.

—Com interesse em o decepcionar, terei que dizer que ele é tão meu príncipe quanto do restante dos presentes. —Apertou os lábios enquanto percorria com o olhar o salão— Exceto para os russos, suponho.

Em algum outro momento, Harry diria que ele era russo, ao menos em uma quarta parte. Faria uma esplêndida observação, talvez algo assim como quem não queria chamar a atenção do príncipe, apesar de tudo, e então a teria deslumbrado com seu domínio do idioma.

Mas não podia. E de verdade era desconcertante quanto o desejava.

—Pode vê-lo? — perguntou Olivia. Estava com o pescoço esticado e na ponta dos pés, mas embora fosse mais alta que a média, era impossível que pudesse ver por cima da multidão.

Harry, entretanto, podia.

—Por ali — disse movendo a cabeça para as portas que conduziam aos jardins. O príncipe estava no centro de um grupo de pessoas, parecia totalmente aborrecido com os cuidados dedicados a ele, entretanto, ao mesmo tempo como se os esperasse por direito.

—O que ele está fazendo? — perguntou Olivia.

—Estão apresentando a… — Bem, demônios. Não tinha nem ideia de quem estava sendo apresentado — … a alguém.

—Homem ou mulher? —Mulher.

—Jovem ou velha?

—Será isto um interrogatório?

—Jovem ou velha? —repetiu a pergunta— Conheço todo mundo. É minha vocação conhecer todo mundo nestes acontecimentos.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

—Seria isto alguma coisa de que se orgulha especialmente? —Não particularmente, não.

—De idade mediana— disse ele. —O que ela está usando? —Um vestido — replicou Harry.

—Pode descrevê-lo? —Perguntou ela impaciente. Então—: É tão mau quanto meu irmão.

—Gostei muito de seu irmão —disse ele só para incomodá-la. Olivia revirou os olhos.

—Não se preocupe, chegará a conhecê-lo melhor e mudará de ideia.

Harry sorriu. Não pôde evitar. Não estava certo do por que tinha pensado que ela fosse fria e distante. Em todo caso, transbordava malícia e humor. Ao que parece, tudo o que ela precisava era estar na companhia de um amigo.

—Bem — exigiu Olivia— Que tipo de vestido ela está usando?

Ele mudou seu peso de um pé para o outro para ter melhor visibilidade. —Um pouco cheio, com… — indicou seus ombros, como se tivesse alguma esperança de descrever a vestimenta feminina. Sacudiu a cabeça— Não posso dizer a cor.

—Interessante. —Olivia franziu a sobrancelha. - Quer dizer que deve ser vermelho ou verde?

—Ou qualquer dos milhares de tons deles. A postura dela mudou totalmente.

—Isso é realmente fascinante, sabia?

—Na realidade, sempre considerei isso mais um incômodo.

—Suponho que sim — reconheceu ela. Então perguntou—: A mulher com a qual ele está falando…

—Oh, ele não está falando com ela — disse Harry, com um pouco mais de sentimento do que tinha previsto.

Olivia ficou nas pontas dos pés outra vez, não é que isso fosse melhorar sua visão.

—O que quer dizer?

—Ele não fala com ninguém. Com quase ninguém, ao menos. Basicamente o que faz é olhar seu nariz.

—Isso é muito estranho. Falou muito comigo.

Harry encolheu os ombros. Não sabia o que dizer, além do óbvio, que era que o príncipe queria botá-la em sua cama. O que não era apropriado comentar no momento.

No entanto tinha que dar crédito ao príncipe por seu bom gosto.

—Muito bem — disse Olivia— A mulher com quem ele não está conversando. Está usando um diamante de mau gosto?

—No pescoço?

—Não, no nariz! É claro que no pescoço.

Então ele dirigiu um olhar avaliador na direção do príncipe. —Não é a pessoa que pensei que fosse.

—Considerando sua impressão inicial de mim, isso é provavelmente uma coisa boa. A mulher está usando algum diamante?

—Sim.

—Então é lady Mottram — disse ela com firmeza— Nossa anfitriã. O que quer dizer que ele estará ocupado durante vários minutos. Seria descortês ignorá-la.

—Eu não contaria com a maneira dele de ser cortês.

—Não se preocupe. Ele não escapará. Lady M tem tentáculos. E duas filhas solteiras.

—Vamos então em direção oposta?

Olivia levantou as sobrancelhas com malícia. —Vamos.

Ela saiu voando, seguindo seu caminho através da multidão. Ele seguiu o som de sua risada, e em todos os poucos segundos, quando ela se voltava para certificar-se de que ele estava ali, usava o mais deslumbrante de seus sorrisos.

Finalmente chegaram a um aposento e Olivia desabou em um assento, ofegante e enjoada. Harry permaneceu ao lado dela, com o semblante mais tranquilo. Não queria sentar-se. Ainda não. Precisava estar alerta para a causa do príncipe.

—Ele não nos encontrará aqui! —disse Olivia alegremente.

Nem ninguém mais, Harry não pôde deixar de notar. O aposento não tinha nada de escandaloso; na realidade estava apropriadamente aberto na direção do salão de baile. Mas pela forma em que se abria depois do canto, com suas paredes curvas, arredondadas a semelhança de um útero, alguém teria que estar situado exatamente em ângulo reto para ver lá dentro.

Nunca poderia ser um cenário de sedução, ou de alguma agradável travessura, mas era notavelmente particular. Bem protegido, também, do ruído da festa.

—Isso foi divertido — anunciou Olivia.

Ele se surpreendeu ao estar de acordo com ela.

— É verdade?

Ela deixou escapar um pequeno e desanimado suspiro.

—Suponho que não poderei evitá-lo toda a noite. —Pode tentar.

Olivia negou com a cabeça. —Minha mãe descobrirá.

—Ela está tentando fazer com que você se case com ele? — perguntou ele, indo sentar-se ao lado dela no banco curvado de madeira.

—Não, ela não iria querer que eu fosse para tão longe. Mas ele é um príncipe.

— Olivia contemplou-o com uma espécie de expressão fatalista— É uma honra. Refiro-me a seus cuidados.

Harry concordou com um movimento de cabeça. Não em aceitação, a não ser com compreensão.

—E o que é mais… — Ela interrompeu, então abriu a boca num gesto como se fosse começar de novo. Mas não falou nada.

—O que é mais…? —A aguilhoou Harry gentilmente. —Posso confiar em você?

—Pode — disse ele—, mas estou certo de que a senhorita é consciente de que nunca deve confiar em um cavalheiro que afirma que uma mulher pode confiar nele.

Isso a fez esboçar um pequeno sorriso.

—As palavras mais certas, assim é. Ainda assim… —Adiante — disse Harry brandamente.

—Bem… — Seus olhos tinham o olhar perdido, como se estivesse procurando as palavras, ou talvez as tinha encontrado mas lhe soassem mal. E quando finalmente falou, não estava olhando para ele.

Mas na realidade tampouco o estava evitando.

—Eu descartei as propostas de certo número de cavalheiros.

Ele ficou assombrado com o uso cuidadoso da palavra descartado, mas não a interrompeu.

—Não é que eu me considerasse melhor do que eles. Bem, suponho que de alguns deles sim. — Voltou-se e dirigiu a ele um olhar direto— Alguns eram simplesmente horríveis.

—Compreendo.

—Mas a maioria deles… Não tinham nada de mal. Mas não eram apropriados. —Deixou escapar um suspiro que soou um pouco triste.

Ele odiou isso.

—Ninguém me dirá isso na cara, é óbvio — continuou ela.

—Mas você não ganhou quem sabe a reputação de ser muito exigente? Então ele dirigiu-lhe um olhar pesaroso.

—Melindrosa é a palavra que ouvi. Bom, de um deles. — Seus olhos se nublaram— O único que me preocupa é que se repita.

Harry baixou o olhar para a mão esquerda dela. Ela a tinha flexionado com força, e agora a mantinha apertada. Olivia se esmerava em minimizar o assunto, mas estava muito tocada pelas intrigas.

Ela se apoiou contra a parede que tinha atrás de si, com um suspiro triste flutuando no ar.

—E isto… Oh, isto realmente é de ganhar um prêmio, porque… —Sacudiu a cabeça, e seus olhos foram para o céu, como se procurasse orientação ou perdão. Ou talvez simplesmente compreensão.

Olivia olhou para a multidão, e sorriu, mas era um sorriso triste e um pouco desconcertado. E disse:

—… alguns deles inclusive disseram, a quem está esperando? A um príncipe? —Ah.

Olivia se voltou para ele, com as sobrancelhas arqueadas, e com uma expressão totalmente sincera.

—Vê meu dilema? —Certamente.

—Se me veem o rejeitar, serei… — mordiscou o lábio, procurando a palavra correta—… não uma boba… não sei o que serei. Mas não será agradável.

Harry não pareceu mover um músculo, e ainda assim seu rosto era dolorosamente amável quando disse:

—Sem dúvida não precisa se casar com ele somente para demonstrar sua simpatia à sociedade.

—Não, claro que não. Mas devo ser vista ao menos concedendo lhe todas as cortesias devidas. Se o rejeitar em seguida… — Olivia suspirou. Odiava isto. Odiava tudo o que se relacionava com isto, e realmente nunca tinha falado a ninguém sobre o assunto, porque só diriam algo horrível e sarcástico como Não desejaríamos ter seus problemas.

E ela sabia que tinha sorte, e sabia que era afortunada, e sabia que não tinha direito a queixar-se de nada, e não se queixava.

Exceto em algumas ocasiões.

E algumas vezes só queria que os cavalheiros deixassem de prestar atenção, que deixassem de chamá-la bela, preciosa e graciosa (o que não era absolutamente). Queria que eles deixassem de procurá-la, e deixassem de pedir permissão a seu pai para cortejá-la, porque nenhum deles era apropriado, e para terminar, ela não queria conformar-se com o melhor dos aceitáveis.

—A senhorita sempre foi bonita? —perguntou Harry em voz baixa.

Era uma pergunta estranha. Estranha, e intensa, e do tipo que ela jamais consideraria responder, exceto, por alguma razão…

—Sim.

De algum jeito, com ele, tudo parecia correto. Harry concordou com um sinal de cabeça. —Imaginei isso. O seu é esse tipo de rosto.

Voltou-se para ele sentindo-se renovada com uma estranha energia. —Falei-lhe sobre Miranda?

—Acho que não.

—Minha amiga. A que se casou com meu irmão.

—Ah, sim. Você lhe estava escrevendo uma carta esta tarde. Olivia concordou com um sinal de cabeça.

—Ela foi um pouco o patinho feio. Era muito magra, e suas pernas muito longas. Costumávamos dizer que elas chegavam até o pescoço. Mas nunca a vi desse modo. Ela era simplesmente minha amiga. Minha querida, divertida e maravilhosa amiga. Aprendemos lições juntas. Fizemos tudo juntas.

Ela o olhou, tentando calcular seu interesse. A maioria dos homens já teria saído correndo. Uma jovem contando tolices sobre a amizade de infância. Santo céu.

Mas ele acabava de concordar com um sinal de cabeça. E ela soube que ele a entendia.

—Quando fiz onze anos, — era meu aniversário na realidade —, fizeram-me uma festa. Também a de Winston e vieram todas as crianças da vizinhança. Suponho que foi considerado um convite cobiçado. De qualquer maneira, havia uma garota ali, não posso recordar seu nome, que disse algumas coisas horríveis a Miranda. Acho que não ocorreu a Miranda que não era considerada bonita antes desse dia. Sei que a mim não tinha ocorrido.

—As crianças podem ser cruéis — murmurou Harry.

—Sim, bom, como os adultos — disse Olivia energicamente— De qualquer maneira, não tem importância. É simplesmente uma dessas lembranças que ficaram comigo.

Sentaram-se em silêncio durante alguns momentos, e então ele disse: —Você não terminou a história.

Olivia se virou, assombrada. —O que quer dizer?

—Você não terminou a história — disse ele outra vez— O que você fez? Seus lábios se abriram.

—Não posso imaginar que não fizesse nada. Inclusive com onze anos, não poderia não ter feito

nada.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Olivia, crescendo… crescendo… até que ela o pôde sentir em suas faces, e depois em seus lábios, e depois em seu coração.

—Acho que conversei com essa garota.

Os olhos dele apanharam os dela com um tipo estranho de afinidade. —Foi convidada para outras festas de aniversário?

Olivia ainda estava sorridente. Sorriu abertamente. —Não acredito que tenha sido.

—Apostaria que ela não esqueceu seu nome. Olivia sentiu a alegria bulindo em seu interior.

—Suponho que não.

—E sua amiga Miranda riu por último — disse Harry— Casando-se com o futuro conde de Rudland. Havia uma presa maior no distrito?

— Não. Não havia.

—Algumas vezes — disse ele pensativamente—, temos o que merecemos. Olivia se sentou ao lado dele, tranquilamente, feliz com seus pensamentos.

Então, sem pensar, voltou-se para ele e disse: —Sou uma tia devota.

—Seu irmão e Miranda têm filhos?

—Uma filha. Caroline. Ela é absolutamente a coisa mais maravilhosa para mim no mundo inteiro. Algumas vezes penso que poderia comê-la. Olhou-o— Por que sorri?

—O tom de sua voz. —O que lhe parece? Harry moveu a cabeça.

—Não tenho nem ideia. Soa como… como… não sei, assim como se estivesse esperando a sobremesa.

Ela soltou uma risadinha.

—Terei que aprender a dividir meus cuidados. Ela está esperando outra criança.

—Minhas felicitações.

—Não pensei que gostasse de crianças — filosofou Olivia—, mas adoro minha sobrinha.

Guardou silêncio outra vez, pensando no quanto era agradável estar com alguém com quem não tivesse que falar a cada instante. Mas depois é claro que falou, porque nunca permanecia silenciosa durante muito tempo.

— Eu deveria visitar minha irmã em Cornwall — lhe disse ela— E conhecer suas sobrinhas e sobrinhos.

—Deveria — concordou Harry. —A família é importante.

Harry ficou calado durante mais tempo do que ela tinha esperado, antes de dizer:

—Sim, é.

Alguma coisa não estava bem. Alguma coisa na voz dele soava oco. Ou talvez não. Não esperava. Seria uma desilusão que ele parecesse ser um desses homens que não se interessavam por sua família.

Mas ela não queria pensar nisso. Não agora. Se ele tivesse defeitos, ou segredos, ou algo além do que se via neste momento, não queria saber nada deles.

Não esta noite. Definitivamente não esta noite.

CAPÍTULO 9



Não podiam permanecer nesse aposento toda a noite, e portanto, com grande pesar, Olivia já de pé, corrigiu sua postura, e olhou por cima do ombro para Harry e disse:

—Uma vez mais na guerra, querido amigo.

Ele também ficou de pé, olhando-a com uma expressão cálida e interrogativa. —Pensei que não gostasse de ler.

—Eu não gosto, mas por amor de Deus, é Enrique V. Nem sequer eu pude escapar. —Olivia quase estremeceu, recordando sua quarta tutora, a que tinha insistido em representar todos os Enriques. Inexplicavelmente, em ordem inversa— E tentei. Creia-me, tentei.

—Por que tenho a sensação de que você não era uma estudante modelo? — perguntou Harry.

—Eu só estava tentando fazer com que Miranda ficasse bem.

Não era de todo certo, mas Olivia não se importava que tivesse sido o resultado de sua má conduta. Não é que não gostasse de aprender, o que não gostava era que lhe dissessem o que aprender. Miranda, que sempre teve o nariz metido em um livro, era feliz empapando-se em qualquer conhecimento que a tutora decidia repartir. Olivia era sempre mais feliz quando estavam entre uma e outra tutora, quando às duas as deixavam em seu lazer. Em lugar de se ver obrigadas a aprender por repetição e memorização, tinham-no feito com todo tipo de jogos e *mnemônica*[1] . Olivia nunca tinha sido tão boa em matemática como quando não tinha a ninguém que a ensinasse.

—Estou começando a pensar que sua amiga Miranda deve ser uma Santa — disse sir Harry.

—Oh, tem seus momentos! —respondeu Olivia— Nunca encontrará ninguém tão teimoso.

—Mais que a senhorita?

—Muito mais. —Olhou-o com surpresa. Ela não era teimosa. Impulsiva, sim, e em muitas ocasiões temerária, mas não teimosa. Sempre soube quando render-se ou renunciar.

Inclinou a cabeça para Harry, quando este estava olhando para a multidão. Que homem tão interessante tinha parecido ser ele. Quem teria imaginado que teria um diabólico senso de humor? Ou que fosse tão sedutoramente perceptivo? Falar com ele era como encontrar um amigo que tinha conhecido durante toda a vida. O que era surpreendente. Amizade com um cavalheiro, quem teria acreditado ser possível? Tentou se imaginar admitindo ante Mary, Anne ou Philomena que sabia que era bonita. Nunca poderia. Seria vista como o pior tipo de presunção. Com Miranda teria sido

diferente. Miranda teria entendido. Mas Miranda já não estava habitualmente em Londres, e Olivia agora começava a perceber o enorme buraco que isto tinha deixado em sua vida.

—Você está muito séria — disse Harry, e percebeu que em algum momento ela se perdeu tanto em seus pensamentos que não percebeu que ele havia se virado para ela. Ele a estava olhando muito atentamente, com os olhos tão quentes, tão concentrados... nela.

Olivia se perguntou o que ele estaria vendo ali. E se perguntou se estaria à altura. E, sobre tudo, perguntou-se por que importava tanto estar.

—Não é nada — disse ela, somente porque podia ver que estava esperando algum tipo de resposta.

—Bom — Então Harry moveu a cabeça, olhou para a multidão, e a intensidade do momento se esfumaçou.

—Vamos procurar seu príncipe? — Ela lhe dirigiu um olhar alegre, agradecida pela oportunidade de trazer seus pensamentos de volta a esferas mais seguras.

—Devo finalmente o satisfazer e protestar dizendo que ele não é meu príncipe?

—Eu ficaria muito agradecido.

—Muito bem, ele não é meu príncipe — recitou ela obedientemente. Harry quase parecia decepcionado.

—Isso é tudo?

— Estava esperando um grande drama? —Pelo menos — murmurou.

Olivia riu baixo para si mesma e entrou no salão de baile apropriadamente, contemplando a multidão. Era uma noite excepcionalmente maravilhosa e não estava certa de por que não tinha notado antes. O salão de baile estava cheio, como o estavam todos os salões de baile, mas havia alguma coisa diferente no ar. As velas, possivelmente? Talvez houvesse mais, ou talvez se consumissem brilhando mais. Mas todo mundo estava banhado por uma luz cálida, brilhantemente amistosa. Olivia percebeu que todo mundo parecia bonito esta noite, todo mundo. Como era encantador. E todos pareciam felizes.

—Agora ele está lá no canto — ouviu Harry dizer às suas costas— À direita.

A voz dele em seu ouvido era cálida e suave deslizando através dela com uma carícia estranha e estremecedora. Isto fez desejar virar-se para trás, para sentir o ar que circulava ao redor de seu corpo, e então deu um passo adiante. Estes pensamentos não estavam certos. Não no centro de um recinto abarrotado de pessoas. Definitivamente se tratando de Sir Harry Valentine.

—Acho que você deveria esperar aqui — disse Harry— Que ele venha a você. Ela concordou.

—Não acredito que ele me veja.

— Ele a verá logo.

De algum jeito as palavras dele pareciam um elogio, e ela quis se virar e sorrir. Mas não se virou, e não sabia por que.

—Eu deveria estar com meus pais — disse ela— Seria mais adequado que… bom, que qualquer outra coisa dentre as que fiz esta noite. —Olhou para sir Harry Valentine, seu novo vizinho e incrivelmente, seu novo amigo— Obrigada por esta maravilhosa aventura.

Ele se inclinou. —Foi um prazer.

Mas a despedida parecia muito formal, e Olivia não pôde suportar sair de perto dele nessas circunstâncias. Assim lhe sorriu, seu verdadeiro sorriso, não o que botava no rosto pelas sutilezas sociais, e perguntou:

—Se importaria muito se eu abrisse as cortinas de novo no meu quarto lá em casa? Meu quarto está terrivelmente escuro.

Harry riu em voz alta, com um volume suficiente para atrair olhares curiosos. —Continuará me espionando?

—Só quando botar chapéus ridículos.

—Só tenho um e o boto exclusivamente nas terças-feiras.

E de algum jeito aquela era a maneira perfeita de pôr fim àquele encontro. Olivia se inclinou em uma pequena reverência, despediu-se, e deslizou entre a multidão, antes que ele tivesse a oportunidade de dizer alguma coisa a mais.

Apenas cinco minutos depois que Olivia encontrou seus pais, o príncipe Alexei Gomarovsky da Rússia a encontrou. O homem era, tinha que admitir, um homem extremamente chamativo. Muito bonito, de uma maneira muito fria, muito eslava, com gelados olhos azuis e cabelos exatamente da mesma cor dos seus. O que era bastante notável, na realidade; não se está acostumado a ver um cabelo tão loiro em um homem adulto. O fazia se destacar em uma multidão.

Bom, isso e o enorme guarda-costas que o seguia a todas as partes. Os palácios da Europa podem ser lugares perigosos, havia dito o príncipe. Um homem de sua fama não podia viajar sem escolta.

Olivia estava entre seus pais e viu que a multidão se afastava para deixar espaço para o príncipe. Ele deteve-se na frente dela, com os saltos juntos em um singular estilo militar. Sua postura

era surpreendentemente reta e ela teve a estranha ideia de que nos anos vindouros, quando não pudesse recordar os detalhes do rosto dele recordaria a forma como se manteve, alto, orgulhoso e corretamente.

Perguntou-se se ele teria servido na guerra. Harry sim, mas o príncipe deve ter atravessado o Continente com o exército russo, não?

Não que isso importasse.

O príncipe inclinou a cabeça muito rapidamente para o lado e sorriu, um primeiro plano de lábios que não parecia tão desagradável como condescendente.

Ou talvez fosse só uma diferença cultural. Ela sabia que não devia apressar-se em julgamentos. Talvez as pessoas sorrissem de maneira diferente na Rússia. E embora não fosse assim, ele era da realeza. Imaginava que um príncipe não revelaria seu eu interior a muitas pessoas. Provavelmente era um homem perfeitamente agradável e constantemente incompreendido. O que o deveria conduzir a uma vida isolada.

Ela odiava isso.

—Lady Olivia — disse ele, em seu inglês com sotaque, mas não excessivo— Agrada-me profundamente vê-la outra vez nesta noite.

Olivia se abaixou em uma meia reverência, mais profunda do que normalmente o faria neste tipo de eventos, mas não tanto quanto para parecer servil e desconjuntada.

—Sua Alteza — disse em voz baixa.

Quando se levantou, ele tomou a mão dela e depositou um beijo rápido como uma pluma em seus nódulos. O ar soprava com sussurros ao seu redor e Olivia estava incomodamente consciente de ser o centro das atenções. Sentia-se como se todos no salão tivessem dado um passo atrás, deixando um fosso de vazio ao redor deles para ver melhor o drama. Ele soltou a mão dela lentamente, e disse, com um murmúrio na voz:

—A senhorita é, como deve saber, a mulher mais adorável do baile. —Obrigada, Sua Alteza. Faz-me uma grande honra.

—Só estou dizendo a verdade. É uma visão de beleza.

Olivia sorriu e tentou ser a bonita estátua que ele parecia querer que fosse. Realmente não estava certa de como deveria responder aos repetidos elogios. Tentou imaginar Sir Harry utilizando uma linguagem tão efusiva. Provavelmente começaria a rir tentando soltar a primeira frase.

—Está sorrindo lady Olivia — disse o príncipe. Ela pensou rapidamente, muito rapidamente.

—É simplesmente de alegria por seus elogios, Sua Alteza.

Santo céu, se Winston pudesse ouvi-la, estaria rolando pelo chão e rindo. Miranda, também.

Mas o príncipe obviamente gostou, seus olhos se acenderam com calor, e lhe ofereceu o braço.

—Quer dar um passeio pelo salão de baile comigo, *milaya.* Talvez possamos dançar.

Olivia não tinha outra opção a não ser segurar o braço dele. Ele vestia um uniforme formal de ornamento de intensa cor carmesim, com quatro botões de ouro em cada manga. A lã era áspera e ela pensou que deveria ser terrivelmente quente no salão de baile cheio de gente. Entretanto, o príncipe não mostrou nenhum sinal de mal-estar. Em todo caso, parecia irradiar certa frieza, como se estivesse ali para ser admirado, mas não tocado.

Ele sabia que todo mundo estava olhando para ele. Devia estar acostumado a dita atenção. Olivia se perguntou se ele percebia o quanto ela se sentia incômoda neste quadro.

E ela estava acostumada a ter olhos sobre si. Sabia que era popular, sabia que outras jovens a viam como um árbitro de moda e estilo. Mas isto, isto era outra coisa.

— Estou apreciando o clima da Inglaterra— disse o príncipe ao dobrar uma esquina.

Olivia se achou tendo que concentrar-se em seu avanço para permanecer ao lado dele na posição correta. Cada passo era cuidadosamente medido, cada pegada absolutamente precisa do calcanhar à ponta do pé, no mesmo movimento exato cada vez.

—Diga-me - ele perguntou:- Normalmente é tão quente nesta época do ano? —Tivemos mais sol do que o habitual —respondeu ela— Faz muito frio na

Rússia?

—Sim. É... como dizer... —fez uma pausa, e por um breve instante ela viu um brilho de luta no rosto dele enquanto tentava pensar nas palavras corretas. Seus lábios ficaram apertados com irritação; então perguntou a ela: fala francês?

—Muito mal, temo eu.

—É uma pena. —Parecia vagamente incômodo por sua deficiência— Eu fico mais, é...

—Solto?

—Sim. Fala-se muito na Rússia. Inclusive mais ainda que o russo entre alguns.

Olivia o achou mais intrigante, mas lhe pareceu de má educação fazer comentários.

—Recebeu meu convite esta tarde?

—Sim — respondeu ela— Sinto-me honrada.

Não se sentia honrada. Bom, talvez honrada sim, mas sem dúvida contente não. Como se esperava, sua mãe tinha insistido em que aceitasse, e Olivia já tinha passado três horas de provas urgentes para um vestido novo. Era de seda azul gelo, a cor exata, percebeu, dos olhos do príncipe Alexei.

Esperava que ele não acreditasse que tinha planejado de propósito.

—Quanto tempo pensa ficar em Londres? —perguntou-lhe, esperando parecer mais entusiasmada que desesperada.

—Não estou bem certo. Depende de… muitas coisas.

Não parecia disposto a ampliar esse comentário enigmático, assim Olivia sorriu, não com seu verdadeiro sorriso, estava muito tensa para isso. Mas ele não a conhecia o suficiente para ver através de seu sorriso de sociedade.

—Espero que aprecie sua estadia —disse ela graciosamente— Independentemente do tempo que escolha estar entre nós.

Ele concordou agradecido sem responder.

Rodearam outra esquina. Olivia podia ver seus pais agora, que ainda permaneciam no mesmo lugar. Estavam observando-a, tal qual todos os outros. Até a dança parou. As pessoas estavam falando, mas suas vozes eram baixas. Pareciam insetos zumbindo ao redor.

Senhor, como desejava ir para casa. O príncipe podia ser um homem agradável. De fato, esperava que o fosse. Parecia ser uma pessoa encantadora em uma prisão de formalidade e tradição, isso faria com que toda esta história fosse muito melhor. E se ele fosse totalmente agradável, então estaria contente de havê-lo conhecido e de falar com ele, mas não, querido céu, assim, diante de toda a sociedade, com centenas de pares de olhos observando cada movimento.

O que aconteceria se tropeçasse? Se desse uns tropeções ao virar na esquina seguinte? Podia fazê-lo com o menor balanço. Ou podia montar um espetáculo em todo o salão, caindo no chão em um monte disparatado.

Seria espetacular.

Ou espetacularmente horrível. Não importava, porque ela não tinha coragem de fazer isso, de qualquer modo.

S*ó uns minutos mais*, disse a si mesma. Estavam na reta final. Seria devolvida aos pais. Ou talvez tivesse que dançar, mas inclusive isso não seria tão terrível. Certamente não estariam sozinhos na pista de dança. Isso seria muito óbvio, inclusive para esta multidão.

Uns poucos minutos mais, e então tudo teria terminado.

* * *

Harry observava o casal dourado tão de perto quanto podia, mas a decisão do príncipe de dar uma volta ao redor do salão, fez com que seu trabalho ficasse muito mais difícil. Não era imperativo que permanecesse por perto, não era provável que o príncipe fizesse ou dissesse algo que o Ministério da Defesa estimasse relevante. Mas Harry resistia em permitir que Olivia saísse de sua vista.

Provavelmente era só porque sabia que Winthrop suspeitava dele, mas Harry não gostou do príncipe desde o primeiro momento. Não gostava de sua postura orgulhosa, não importava que seus anos no exército lhe tivessem deixado os ombros tão retos quanto os seus. Não gostava dos olhos do príncipe, nem da forma que pareciam estreitar-se ante todos aos que eram apresentados. E não gostava da forma como movia a boca quando falava, com o lábio superior curvado em uma careta perpétua. Harry tinha conhecido pessoas como o príncipe. Não da realeza, era certo, mas grandes duques e similares, pavoneando-se pela Europa como se fossem os donos do lugar.

E o eram, supunha, mas ainda assim, em sua opinião, era um grupo de asnos.

—Ah, aqui está.

Era Sebastian, sustentando uma taça de champanha quase vazia. —Ainda aborrecido?

Harry manteve um olho em Olivia. —Não.

—Interessante — murmurou Seb.

Terminou seu champanha, deixou a taça em uma mesa próxima e se inclinou para que Harry pudesse ouvir.

—A quem estamos procurando? —A ninguém.

—Não, não é isso. Equivoquei-me. A quem observamos?

—A ninguém — disse Harry, dando meio passo para a direita, tentando ver além de um muito corpulento conde, que acabava de bloquear sua visão.

—Ah. Só estamos me ignorando... por que razão? —Não o estou ignorando.

—E entretanto ainda não olhou para mim.

Harry tinha que admitir a derrota. Sebastian era terrivelmente tenaz, e duplamente incômodo. Olhou diretamente nos olhos do primo.

—Vi você antes.

—E entretanto, continuo sendo tão delicioso de olhar como sempre. Perde muito não olhando para mim!

Sebastian ofereceu uma espécie de sorriso forçado. —Está preparado para sair?

—Ainda não.

Seb levantou as sobrancelhas. —Sério?

—Estou me divertindo — disse Harry. —Se divertindo. Em um baile. —Você gosta.

—Sim, mas eu sou eu. Você é você. Você não gosta dessas coisas.

Harry vislumbrou Olivia pela extremidade do olho. Ela chamou sua atenção, a seguir ele olhou nos olhos dela, e depois simultaneamente, ambos desviaram o olhar um do outro. Ela tinha o príncipe para manter-se ocupada, e ele tinha Sebastian, que estava demonstrando ser mais incômodo que de costume.

—Acaba de trocar olhares com lady Olivia? — perguntou Sebastian. —Não.

Harry não era o melhor mentiroso, mas podia fazer um bom trabalho quando se limitava aos monossílabos. Sebastian esfregou as mãos.

—A noite está ficando interessante. Harry ignorou. Ou o tentou.

—As pessoas já a chamam princesa Olivia — disse Sebastian.

—Quem? — exigiu Harry, virando-se para Sebastian— As pessoas também dizem que eu matei minha noiva.

Sebastian piscou. —Quando se comprometeu?

—Precisamente me referia a isso— Harry virtualmente cuspiu— E ela não vai se casar com esse idiota.

—Quase soa ciumento. —Não seja ridículo.

Sebastian sorriu com cumplicidade. —Acho que o vi com ela nesta noite. Harry não se incomodou em negar.

—Foi uma Conversa educada. Ela é minha vizinha. Você não está me dizendo sempre que devo ser mais sociável?

—Então o fato dela o espiar é assunto resolvido? —Foi um mal-entendido — disse Harry. — Hmmmm.

Harry ficou instantaneamente em alerta. Cada vez que Sebastian parecia ter o pensamento divertido de -estou-elaborando-um-plano-diabólico, não com a amável e considerada reflexão, era o momento de agir com cautela.

—Eu gostaria de conhecer o príncipe — disse Sebastian.

—Meu deus! — Harry estava exausto de pé junto a ele— O que vai fazer? Sebastian acariciou o queixo.

—Não estou muito certo. Mas confio que a linha de ação correta me revelará o momento adequado.

—Vai agir enquanto ele está caminhando? —Geralmente funciona bem.

Não havia maneira de detê-lo, Harry sabia.

—Me escute — disse entre dentes, agarrando o braço de seu primo, com a urgência suficiente para obter sua atenção imediata. Harry não podia lhe falar de sua missão, mas Seb tinha que saber que havia mais que uma paixão por lady Olivia. Do contrário, poderia arruinar todo o assunto, com uma só referência à avó Olga.

Harry manteve a voz baixa.

—Nesta noite, com o príncipe, eu não falo russo. E você tampouco.

Sebastian não estava sequer perto de falar correntemente, mas sem dúvida poderia dar um tropeção ao longo de uma conversa.

Harry o olhou fixamente. —Entendeu?

Seb fixou os olhos nele, e concordou com um sinal de cabeça, com uma gravidade que seria impossível permitir que outros vissem. E em um abrir e fechar de olhos, já não estava com aquela postura grave e seus modos indolentes voltaram acompanhados do sorriso sarcástico.

Harry deu um passo atrás, olhando em silêncio. Olivia e o príncipe tinham completado três quartas partes de seu majestoso passeio e agora estavam caminhando diretamente para eles. Multidões de assistentes saíram do caminho, como gotas de azeite na água e Sebastian estava de pé, quieto, seu único movimento era o dos dedos de sua mão esquerda, esfregando o polegar. Estava pensando. Seb sempre o fazia quando estava pensando.

E então, com uma sincronização tão perfeita que ninguém poderia acreditar que não tivesse sido um acidente, Sebastian pegou uma nova taça de champanha da bandeja que um empregado estava passando, jogou a cabeça para trás para tomar um gole, e então…

Harry não sabia como Seb conseguiu fazer isso, mas por todo o chão caíram cacos de vidro e o champanha borbulhou com fúria sobre o assoalho. Olivia deu um salto para trás, porque a borda do vestido dela havia sido salpicada.

O príncipe parecia furioso. Harry não disse nada.

E então Sebastian sorriu.

CAPÍTULO 10



—Lady Olivia! — exclamou Sebastian— Sinto muito. Por favor, aceite minhas desculpas. Foi terrivelmente descuidado de minha parte.

— Sem problemas— disse ela, agitando discretamente um pé e depois o outro— Não é nada. Simplesmente um pouco de champanha. —Sorriu olhando para ele, com um sorriso tranquilizador do tipo – não foi nada— Ouvi que é bom para a pele.

Não tinha ouvido nada disso, mas que outra coisa poderia dizer? Não era tão descuidada como Sebastian Grei, e na realidade, simplesmente se tratava de algumas gotas em suas sapatilhas. Ao lado dela, entretanto, o príncipe parecia furioso. Podia sentir isso pela postura dele. O champanha havia caído mais nele do que nela, embora a verdade fosse que tinha aterrissado sobre as botas, e ela tinha ouvido que alguns homens limpavam suas botas com champanha, não era assim?

Entretanto, tinha a sensação de que fosse o que fosse que o príncipe havia resmungado em russo, não era nada educado.

—Para a pele? Realmente? — perguntou Sebastian, aparentando um interesse que estava certo de que não tinha— Eu não tinha ouvido isso. Que fascinante.

—Estava em uma revista para senhoras — mentiu Olivia.

—O que explicaria por que eu não sabia nada disso — respondeu Sebastian brandamente.

—Lady Olivia pode me apresentar o seu amigo? — Perguntou o príncipe bruscamente.

—Por… é claro — gaguejou Olivia, a sugestão dele foi uma surpresa. Não tinha parecido interessado em conhecer muitas pessoas em Londres, com exceção de alguns duques, os membros da família real, e bom, a ela. Possivelmente não fosse tão rígido e orgulhoso quanto ela pensava— Sua Alteza, o apresento ao senhor Sebastian Grei. Senhor Grei, o príncipe Alexei Gomarovsky da Rússia.

Os dois homens fizeram suas reverências, a de Sebastian grandemente mais profunda que a do príncipe, que foi tão superficial para chegar a ser quase deselegante.

—Lady Olivia — disse Sebastian, uma vez que terminou de inclinar-se ante o príncipe — Conhece meu primo, Sir Harry Valentine?

Os lábios de Olivia se abriram com surpresa. O que ele estava tramando? Ele sabia muito bem.

—Lady Olivia — a cumprimentou Harry, de repente exatamente na frente dela.

Seus olhos se encontraram e arderam com algo que ela não pôde identificar de todo. Isto crepitou dentro dela e a fez estremecer-se. A sensação desapareceu como se não fossem nada mais que meros conhecidos. Harry lhe fez uma gentil inclinação de cabeça, e então disse a seu primo:

—Já nos conhecemos.

—Oh, sim, é claro! —disse Sebastian— Esqueço-me constantemente. Vocês são vizinhos.

—Sua Alteza — Olivia se dirigiu ao príncipe—: Permita-me lhe apresentar Sir Harry Valentine. Sua casa está situada ao sul da minha.

—Certamente — disse o príncipe, e a seguir, enquanto Harry se inclinava em uma reverência, disse algo rápido em russo a seu assistente, que fez uma brusca inclinação de cabeça.

—Vocês já se falaram antes nesta noite — apontou o príncipe.

Olivia ficou rígida. Não tinha percebido que ele a estivesse observando. E não estava muito certa do porque isso a incomodava tanto.

—Sim — Ela respondeu, pois não havia uma boa razão para negar— Conto com Sir Harry entre meus muitos conhecidos.

—Por isso estou muito agradecido — disse Harry. Sua voz era afiada, em contradição com o sentido cortês das palavras. Mais estranho ainda, manteve o olhar fixo no príncipe durante todo o tempo no qual falou.

—Sim — respondeu o príncipe, com os olhos fixos em Harry— Se falaram anteriormente estou certo?

Olivia olhou para Harry, depois para o príncipe, para em seguida voltar para Harry, que mantinha o olhar no príncipe quando disse:

— Sim nos falamos anteriormente.

—É uma festa encantadora, não é verdade? — intercalou Sebastian— Lady Mottram superou a si mesma este ano.

Olivia quase soltou uma risada inapropriada. Havia algo em sua atitude excessivamente alegre que deveria ter passado através da tensão como uma faca. Mas não deu a desejada gargalhada. Harry observava o príncipe com uma fria reserva, e o príncipe observava Harry com gelado desdém.

—Faz frio aqui? — perguntou Olivia a ninguém em particular.

—Um pouquinho — respondeu Sebastian, já que pareciam ser os únicos que falavam— Durante muito tempo pensei que deve ser difícil ser uma mulher, com todos os seus assessórios e roupas.

O traje de noite de Olivia era de veludo, mas com umas pequenas mangas curtas, e os braços

formigavam como se estivessem se arrepiando.

—Sim — respondeu ela, porque ninguém mais falava. Então percebeu que não tinha nada mais que dizer, assim clareou a garganta e sorriu, primeiro a Harry e ao príncipe, que ainda não a olhava, e logo às pessoas que estavam atrás deles, que estavam olhando, embora o dissimulassem.

—O senhor É um dos muitos admiradores de lady Olivia? —perguntou o príncipe Alexei a Harry.

Olivia se voltou para Harry com os olhos arregalados. Que diabos iria dizer ante uma pergunta tão direta?

—Toda Londres admira lady Olivia — respondeu Harry habilmente. —É uma de nossas damas mais admiradas — adicionou Sebastian.

Olivia deveria haver dito algo um pouco recatado e modesto ante tais louvores, mas tudo era muito estranho, também completamente extravagante, por dizer alguma coisa.

Não falavam dela. Estavam dizendo seu nome, e lhe fazendo elogios, mas tudo era parte de alguma dança estranha e estúpida própria dos varões para a dominação.

Teria sido confortante se ela não estivesse tão inquieta.

—Estou ouvindo a música? —disse Sebastian— Possivelmente o baile comece logo. Dança-se na Rússia?

O príncipe o olhou com frieza. —Desculpe-me?

—Sua Alteza — corrigiu Sebastian, embora não parecesse particularmente arrependido— Dança-se na Rússia?

—É claro— cuspiu o príncipe.

— Nem em todas as sociedades isso acontece— filosofou Sebastian.

Olivia não tinha nem ideia de que se isso era certo. Mas bem suspeitava que não.

—O que o traz a Londres, Sua Alteza? — perguntou Harry, introduzindo-se na conversa pela primeira vez. Tinha respondido às perguntas, mas só isso. Pelo contrário, tinha permanecido como observador.

O príncipe o olhou com dureza, mas foi difícil de perceber se a pergunta lhe pareceu impertinente.

—Visito meu primo — respondeu— Ele é embaixador. —Ah — disse Harry amavelmente— Não o conheço. —Claro que não.

Foi um insulto, claro e direto, mas Harry não parecia zangado absolutamente. —Conheci muitos

russos enquanto servi no exército de Sua Majestade. Seus compatriotas são muito honrados.

O príncipe admitiu o elogio com uma brusca inclinação de cabeça.

— Não fosse por seu czar e sua terra, não poderíamos ter derrotado Napoleão —continuou Harry.

O príncipe Alexei finalmente o olhou nos olhos.

—Pergunto-me se Napoleão teria ido melhor se o inverno não tivesse chegado tão cedo esse ano —continuou Harry— Foi brutal.

—Para os fracos, possivelmente — respondeu o príncipe.

—Quantos franceses pereceram naquela retirada? — perguntou-se Harry em voz alta— Não posso recordar. —Recorreu a Sebastian— O recorda?

—Cerca de noventa por cento — respondeu Olivia, antes que lhe ocorresse que possivelmente não deveria ter falado.

Os três homens a olharam. Não houve diferentes graus de surpresa; todos ficaram pasmados.

—Eu gosto de ler o jornal —disse ela simplesmente. O silêncio resultante lhe indicou que esta não era uma explicação suficiente, assim adicionou—: Estou certa de que a maioria dos detalhes não foram divulgados, mas no entanto eram fascinantes. E realmente muito tristes. —Voltou-se para o príncipe Alexei e perguntou—: o senhor esteve lá?

—Não — disse ele bruscamente— A fronte estava em Moscou. Minha casa está no leste, em Nizhny. E não tinha idade suficiente para servir no exército.

Olivia se voltou para Harry. —Você estava ainda no exército?

Harry concordou inclinando a cabeça para Sebastian.

—Ambos acabávamos de obter nossas comissões. Estávamos na Espanha, às ordens de Wellington.

—Eu não tinha percebido que serviram juntos —disse Olivia.

—No Décimo oitavo do Húsares — apontou Sebastian, com orgulho na voz. Houve um silêncio embaraçoso, por isso ela assinalou:

—Que valentes. —Parecia o tipo de comentário que se supunha que tinha que expressar e Olivia há muito tempo percebeu que tinha que fazer o que se esperava.

—Não disse Napoleão que estava surpreso quando um húsar chegou a seu trigésimo aniversário? —murmurou o príncipe. Virou-se para Olivia e disse—: Têm uma reputação de… como dizem vocês… —fez um movimento circular com os dedos perto do rosto, como se isso lhe refrescasse a

memória—… Imprudência —disse repentinamente— Sim, isso. É uma lástima — continuou— Acredita-se que são muito valentes, mas a maioria das vezes — fez um gesto de cortar a garganta—, são eliminados.

O príncipe contemplou Harry e Sebastian (mas na maior parte do tempo a Harry), e lhes dirigiu um suave sorriso.

—Acha que é verdade, Sir Harry? —perguntou em voz baixa, mordazmente. —Não — respondeu Harry. Nada mais, simplesmente não.

Os olhos de Olivia se moveram rapidamente daqui para lá entre os dois homens. Nada do que Harry pudesse ter dito, nenhum protesto, nenhum comentário sarcástico, poderia ter irritado mais o príncipe.

—Ouço música? —perguntou Olivia. Mas ninguém prestava atenção. —Que idade tem, Sir Harry? —perguntou o príncipe.

—Que idade tem Sua alteza?

Olivia engoliu nervosamente. Essa não podia ser uma pergunta apropriada para fazer a um príncipe. E ela soube que ele não tinha usado um tom apropriado. Tentou trocar um olhar cauteloso com Sebastian, mas ele observava os outros dois homens.

—Não respondeu a minha pergunta — disse Alexei perigosamente, e certamente, ao lado dele seu guarda efetuou uma inquietante mudança de posição.

—Tenho vinte e oito — disse Harry, e a seguir, com uma simples pausa o suficientemente longa para assinalar que tinha sido uma ideia tardia, adicionou— : Sua Alteza.

Na boca do príncipe Alexei deslizou um sorriso muito pequeno.

—Então temos dois anos mais para cumprir a predição de Napoleão, não é assim?

—Só se pensa em declarar guerra a Inglaterra —disse Harry rapidamente— De qualquer forma, retirei-me da cavalaria.

Os dois homens ficaram olhando-se mutuamente durante o que pareceu uma eternidade, e então, abruptamente, o príncipe Alexei explodiu em risada.

—O senhor me diverte, Sir Harry — disse, mas a mordacidade em sua voz contradizia suas palavras— Discutiremos de novo, o senhor e eu sobre o assunto.

Harry concordou com um sinal de cabeça graciosamente e toda a devida deferência.

O príncipe colocou a mão sobre a de Olivia, ainda descansando na curva do seu braço.

—Mas terá que ser mais tarde — disse, lhe dirigindo um sorriso vitorioso— Depois que tenha

dançado com lady Olivia.

E então se voltou de costas para Harry e Sebastian, e a levou.

* * *

Vinte e quatro horas mais tarde, Olivia estava exausta. Não tinha chegado em casa depois do baile de lady Mottram até quase às quatro da manhã e sua mãe se negou a deixá-la dormir até mais tarde e em lugar disso, arrastou-a por Bond Street para os últimos retoques de seu traje para a apresentação ante o príncipe. Depois, é claro, não houve sestas para descansar porque teve que ir e ser apresentada, o que parecia ter pouco sentido, quando tinha passado a maior parte da noite anterior em companhia dele.

Já não tinha apresentado ele às pessoas que já conhecia?

Seus pais e ela tinham ido à residência do príncipe Alexei, um conjunto de apartamentos na casa do embaixador. Foi terrivelmente grandioso, terrivelmente formal, e francamente, terrivelmente aborrecido. Seu vestido, que requeria um espartilho que estaria muito mais em voga no século anterior, era incômodo e quente, exceto pelos braços, os quais estavam nus e gélidos.

Aparentemente, os russos não eram partidários de esquentar suas casas.

O calvário durou três horas, durante as quais seu pai bebeu várias taças de um licor transparente que o tinha deixado extremamente sonolento. O príncipe também tinha dado a ela uma taça, mas seu pai, que já tinha tomado seu primeiro gole, a tirou imediatamente de suas mãos.

Olivia supunha que teria que sair de novo nesta noite. Lady Bridgerton patrocinava uma pequena festa, mas se declarou extenuada, e para sua surpresa, sua mãe cedeu. Olivia suspeitava que ela também estivesse cansada. E seu pai não estava em condições de ir a nenhuma parte.

Levou o jantar para o quarto (depois um cochilo, um banho, e outro cochilo menor), e pensava ler o jornal na cama, mas exatamente quando o estava apegando, viu o livro Miss Butterworth e o Barão Louco sobre a mesinha.

Era tão estranho pensou pegando o fino volume. Por que lhe daria Sir Harry semelhante livro? O que o tinha feito pensar que ela apreciaria tal leitura?

Folheou-o rapidamente, escolhendo passagens aqui e ali. Parecia um pouco frívolo. Queria dizer isso que ele tinha pensado que ela era frívola?

Olhou para a janela, protegida por grossas cortinas e fechadas para a noite. Pensaria ele ainda que fosse frívola? Agora que realmente a conhecia?

Deu voltas ao livro em suas mãos. Teria ele escolhido agora este livro como um presente para

ela? Um horripilante romance gótico, isso era o que ele havia dito.

Era o que pensava dela?

Fechou o livro de repente, depois o pôs em seu colo com a coluna para baixo. —Um, dois, três — contou, retirando rapidamente as mãos para deixar que

Miss Butterworth caísse aberta em qualquer página que quisesse. Caiu de lado.

—Livro estúpido — resmungou, tentando de novo. Porque realmente, não tinha bastante interesse em escolher uma página por si mesma.

Caiu outra vez do mesmo lado.

—Oh, isto é ridículo. — Até mais que ridículo: desceu da cama, sentou-se no chão, e se dispôs a repetir o experimento uma terceira vez, porque certamente sortiria efeito se o livro estivesse em uma superfície adequadamente plana.

—Um, dois, tr… — voltando rapidamente as mãos para seu lugar; a coisa chata caía de lado outra vez.

Agora realmente se sentia como uma tola. O que era impressionante, considerando o grau de idiotice requerida para, em primeiro lugar, abandonar a cama. Mas não iria deixar o pequeno e chato livro ganhar, por isso em sua quarta tentativa deixou que as páginas se abrissem em leque só um pouco antes de soltá-lo. Um pouco de ânimo, isso era o de que precisava.

—Um, dois, três!

E finalmente o livro se abriu. Ela olhou para baixo. Para a página 193 para ser exata.

Deitou de barriga para baixo, apoiando-se nos cotovelos e começou a ler:

P*odia ouvi-lo atrás dela. Ele diminuía a distância entre eles, e logo seria apanhada. Mas com que propósito? Bom ou mau?*

—Voto por mau — murmurou.

C*omo ela saberia? Como ela saberia? Como ela saberia?*

Oh, pelo amor de Deus. Esse era o motivo de ler o jornal. Imagine: *Ao Parlamento lhe chegou uma petição. Uma petição. Uma petição.*

Olivia sacudiu a cabeça e continuou lendo.

E *nesse momento ela recordou o conselho que sua mãe lhe tinha dado, antes que a bendita senhora tivesse tido sua recompensa, bicada pelas pombas até morrer.*

—O que?

Olhou à porta por cima do ombro, consciente de que virtualmente tinha gritado a palavra. Mas de verdade, *pombas*?

Colocou-se de pé, agarrando Miss Butterworth com a mão direita e deslizando o dedo indicador nas páginas para marcar o lugar.

—Pombas — repetiu— E sério?

Abriu o livro outra vez. Não pôde evitá-lo.

E*la só tinha doze anos, muito jovem para tal conversa, mas possivelmente sua mãe a tivesse.*

—Aborrecido.

Escolheu outra página quase ao acaso. Isto parecia ter algum sentido, apesar de estar mais perto do começo.

Priscilla apanhou o batente da janela com as mãos sem luvas, tentando pegar a pedra com cada parte de sua força. Quando ouviu o barão abrir o trinco da porta, soube que tinha somente segundos para agir. Se ele a encontrasse ali, em seu santuário, quem saberia o que podia fazer? O barão era um homem violento, ou isso haviam dito.

Olivia deu voltas pela cama até o centro desta e sentou-se na beirada, lendo todo o tempo.

Ninguém sabia como sua noiva tinha morrido. Alguns disseram que por enfermidade, mas a maioria afirmava que por veneno. Assassinato!

—Realmente? — Olhou para cima, piscando e em seguida se voltou para a janela. Uma noiva morta? Falações e rumores? Sir Harry Sabia disto? Os paralelismos eram assombrosos.

Ela podia ouvir-lo entrando no quarto. Veria que a janela estava aberta? O que iria fazer? O que poderia fazer?

Olivia conteve o fôlego. Estava na beirada. Não figuradamente, isso nunca passaria. Estava *literalmente* na beirada da cama. O que a fez ofegar.

Priscilla sussurrou uma oração, e então, com os olhos bem fechados, soltou-se.

Fim do Capítulo. Olivia virou a página ansiosamente.

Foram só alguns pés até o chão duro e frio.

O que? Priscilla estava no andar de baixo? A ansiedade de Olivia rapidamente abriu passagem à irritação. Que tipo de cérebro de ervilha se pendurava em uma janela no andar de baixo? Ela teria previsto que o edifício estaria um pouco elevado sobre seus alicerces. Alguém teria problemas para torcer um tornozelo em uma queda tão pequena.

—Isto é muito manipulador — disse, estreitando os olhos. Quem era este autor, de qualquer

modo, tentando assustar seus leitores por nada? Teria Harry ideia do que lhe tinha dado, ou simplesmente tinha seguido às cegas uma recomendação de sua irmã?

Olhou para a janela. Ainda era do mesmo tamanho, com as mesmas cortinas, sem nenhuma mudança. Não estava certa do porque isso a surpreendia.

Que hora era? De qualquer modo? Quase nove e meia. Provavelmente ele não estaria em seu escritório. Bom, podia estar. Estava acostumado a trabalhar até tarde, embora agora que pensava, nunca disse exatamente o que fazia lá com tanta diligência.

Levantou se afastando da beirada da cama e caminhou para a janela. Lentamente, com pés cautelosos, o que era ridículo, já que possivelmente ele não podia vê-la através das cortinas.

Com *Miss Butterworth* ainda na mão esquerda, estendeu a mão direita e puxou as cortinas.

CAPÍTULO 11



Tendo em conta tudo, Harry estava preparado para considerar este como um dia decente de trabalho.

Em um dia normal, teria traduzido o dobro do que conseguiu fazer hoje, possivelmente mais, mas estava distraído.

Viu-se olhando fixamente para a janela de Olivia, apesar de saber que ela não se encontrava lá. Era o dia em que se supunha que iria visitar o príncipe. Às três da tarde. O que significava que provavelmente tinha saído de casa pouco antes das duas. A residência do embaixador da Rússia não estava muito longe, mas o conde e a condessa não iriam querer se arriscar a chegarem tarde. Sempre poderia haver tráfico, ou poderia romper-se uma roda, ou um malandrinho das ruas poderia interpor-se na correria… Ninguém que tivesse um mínimo de prudência deixaria sua casa sem prever um tempo extra em caso de demoras imprevistas.

Olivia provavelmente demoraria lá durante duas horas, possivelmente três; ninguém sabia como terminar uma conversa como os russos. Logo, meia hora para chegar em casa, e...

Enfim agora ela estaria em casa, disso ele estava certo. A menos que tivesse saído outra vez, mas não notou que a carruagem dos Rudland tenha saído novamente.

Não que estivesse vigiando. Só que as cortinas estavam abertas. E quando estava inclinado em certo ângulo, podia observar uma fina faixa de luz brilhando na rua. E estava claro, qualquer carruagem que passasse.

Ficou em pé para espreguiçar, levantou as mãos sobre a cabeça, inclinando-a para baixo e virando-a ao redor. Planejava fazer uma página mais esta noite. O relógio sobre a toalha anunciava que só eram nove e meia, mas neste momento, precisava que voltasse a circular o sangue nas pernas. Caminhou saindo de trás da escrivaninha, dirigindo-se para a janela.

E ali estava ela.

Por uma fração de segundo permaneceram imóveis, presos no momento, perguntando-se: Deveria fingir que não a tinha visto?

E imediatamente Harry pensou: É claro que não. Saudou-a com a mão.

Ela sorriu. E respondeu com uma saudação. E então...

Ele ficou olhando com surpresa. Ela estava abrindo a janela. Assim é evidente que ele fez o

mesmo.

—Sei que você disse que não tinha lido isto — disse ela sem preâmbulos— mas, sequer deu uma olhadinha?

—Boa noite a você também — exclamou ele— Como estava o príncipe? Ela negou impaciente com a cabeça.

—O livro, Sir Harry, o livro. Leu alguma coisa dele? —Temo que não. Por quê?

Ela o sustentou ao alto com ambas as mãos, exatamente na frente do rosto, e em seguida o moveu para o lado a fim de poder olhar para Harry.

—É ridículo!

Ele concordou com um sinal de cabeça. —Pensei que talvez fosse.

—A mãe de *Miss Butterworth* é assassinada bicada por pombas! Ele sufocou uma risada.

—Sabe de uma coisa? Acho que isso poderia fazê-lo grandemente mais interessante para mim.

—Pombas, Sir Harry! Pombas!

Harry sorriu abertamente, levantando os olhos para a janela dela. Sentia-se um pouco como um Romeo com sua Julieta, sem o veneno nem a luta familiar.

E com pombas.

—Não me importaria em escutar essa parte — disse ele— Parece absolutamente fascinante.

Olivia o olhou com a sobrancelha franzida, afastando umas mechas de cabelo que a brisa havia feito voar sobre o rosto.

—Aconteceu antes do começo do livro. Se tivermos sorte, *Miss Butterworth* receberá suas próprias bicadas antes que chegue o final.

—Então, sim que esteve lendo-o.

—Um pouquinho daqui e dali — admitiu ela— Isso é tudo. O começo do Capítulo quatro e… — olhou para baixo, passando rapidamente as páginas antes de voltar a levantar o olhar — a página cento e noventa e três.

—Alguma vez considerou começar pela primeira página?

Ela fez uma pausa. Uma bem longa. E logo, disse com desdém: —Não planejava lê-lo.

—Só que ao fazê-lo, cativou-a não é?

—Não! De maneira nenhuma — Ela cruzou os braços, o que fez com que deixasse cair o livro. Por um momento desapareceu da vista, e logo apareceu outra vez, com *Miss Butterworth* na mão—

Era tão irritante que não pude parar.

Ele se apoiou contra o batente, olhando para cima com um amplo sorriso. —Dá a impressão de ser uma leitura apaixonada.

—É um disparate, isso é o que é. Entre *Miss Butterworth e o Barão Louco,* estou do lado do barão.

—Oh, vamos. É um romance. Certamente deve tomar partido por sua companheira feminina.

—Ela é uma idiota — ela olhou de volta para baixo por um momento, folheando através das páginas do livro com notável velocidade— Ainda não posso dizer se o barão tem instintos assassinos além de estar louco, mas se for assim, espero que tenha êxito.

—Nunca terá êxito— disse Harry.

—O que o faz pensar assim? —Olivia passou a mão pelo cabelo outra vez, tentando afastá-lo de seu nariz. A brisa tomava força, e Harry estava achando todo o assunto bastante divertido.

—a autora não é uma mulher? —perguntou ele. Olivia concordou com um sinal de cabeça. —Sarah Gorely. Nunca ouvi falar dela.

—E supõe que é um romance?

Olivia concordou com um sinal de cabeça outra vez. Ele negou com a cabeça.

—Ela nunca mataria a heroína.

Olivia o olhou fixamente durante um longo momento e em seguida se dirigiu diretamente para o final do livro.

—Oh, não faça isso — Ele a repreendeu— Estragará o final da história. —Eu não vou lê-lo, - disse ela. - Como eu posso estragar o final da história?

—Confie em mim — disse ele— Quando um homem escreve um romance, morre a mulher. Quando uma mulher o escreve, finaliza tudo prolixo e adoçado.

Os lábios de Olivia se separaram, como se ela não estivesse certa de sentir-se ofendida ante tal generalização. Harry reprimiu uma risada. Gostava de desconcertá-la.

—Como é que é romântico se morre a mulher? —perguntou ela receosa. Ele encolheu os ombros.

—Eu não disse que tem sentido, só que é assim que acaba.

Olivia não parecia saber o que pensar daquilo, e Harry percebeu que se achava totalmente satisfeito com o fato de apenas sentar-se ali e observá-la enquanto ela fulminava com o olhar o livro entre as mãos. Ela era absolutamente adorável, parada ali junto à janela, inclusive usando esse atroz roupão azul. O cabelo caía pelas costas em uma trança grossa, e se perguntou por que ocorria

justamente agora que toda esta conversa era extremamente irregular. Não conhecia seus pais, mas não podia imaginar que eles fossem aprovar que ela conversasse com um homem, um homem solteiro, na escuridão, através da janela.

E usando uma camisola.

Mas ele estava se divertindo muito para que se importasse, assim decidiu que se ela não se preocupava com o decoro, tampouco ele se preocuparia.

Ela olhou-o com os olhos estreitos e em seguida voltou os olhos para o livro. Seus dedos se moviam sigilosamente para as últimas páginas.

—Não faça isso— Ele a advertiu. —Só quero ver se está certo.

—Então comece pelo princípio — disse ele, mais que nada porque sabia que acabaria com sua paciência.

Ela deixou escapar um gemido. —Não quero ler todo o livro. —Por que não?

—Porque eu não gostarei, e será uma perda de tempo. —Não sabe se gostará ou não — apontou ele.

—Sei — disse Olivia com total convicção. —Por que não gosta de ler? —perguntou ele.

—Esta é a razão — exclamou ela, dando uma leve sacudida no livro da *Miss Butterworth*— É uma completa tolice. Se me desse o jornal, isso sim eu leria. De fato, leio cada palavra. A cada dia.

Harry estava impressionado. Não que pensasse que as mulheres não liam o jornal. Só que não se pôs a pensar no assunto. Certamente sua mãe nunca o tinha feito, e se sua irmã o fazia, nunca lhe tinha dado nenhum indício disso em sua correspondência mensal.

—Leia o romance — lhe disse ele— Talvez se surpreenda e aprecie.

—Por que está insistindo para que eu leia uma coisa na qual você mesmo não tem nenhum interesse? —perguntou ela, com bastante suspeita.

—Porque... —mas então ele parou, porque não sabia por que estava dizendo isso. Exceto que ele tinha dado o livro. E estava apreciando provocá-la sobre isso— Farei um pacto com a senhorita lady Olivia.

Ela inclinou a cabeça de lado, com expectativa.

—Se ler tudo do principio ao fim, então eu farei o mesmo.

—Você lerá *Miss Butterworth e o Barão Louco* — perguntou ela com receio. —lerei. Assim que a senhorita terminar sua leitura.

Olivia parecia a ponto de aceitar, e de fato abriu a boca para falar. Mas então parou, e estreitou

os olhos ameaçadoramente.

Esta, recordou Harry a si mesmo, é uma mulher que tem dois irmãos. Deve saber como brigar. Perfidamente.

—Acho que deveria lê-lo comigo — disse ela.

A Harry ocorreu todo tipo de ideias a respeito daquilo, a maioria avivadas por seu habitual costume de ler romances antes de dormir.

Na cama.

—Compre outra cópia — disse ela.

Sua pequena e adorável fantasia estalou e se desintegrou.

—Compararemos impressões. Será como um clube de leitura. Como um desses salões literários aos que sempre estou rejeitando convites para assistir.

—Sinto-me privilegiado além do imaginável.

—Tanto quanto deveria estar — disse ela — Nunca convidei ninguém mais a fazer o mesmo.

—Não sei se a loja tem outro exemplar — disse ele.

—Eu encontrarei um para você — E ela lhe dirigiu um pequeno sorriso satisfeito— Confie em mim, sei como fazer compras.

—Por que me sinto repentinamente assustado? —murmurou ele.

—O que?

Ele olhou-a e disse mais alto: —Você me assusta.

Ela pareceu estar encantada por isso. —Leia-me um pedaço —disse ele. —Agora? Sério?

Ele se acomodou sobre o batente, apoiando as costas contra o marco da janela.

—O inicio, se lhe parecer bem.

Ela o contemplou durante alguns momentos, em seguida encolheu os ombros e disse:

—Muito bem. Aqui vamos — clareou a garganta— Era uma noite ventosa e escura...

—Parece-me ter ouvido isso antes — comentou Harry. —Está me interrompendo.

—Sinto muito. Continue.

Lançou um intenso olhar, e logo continuou:

—Era uma noite ventosa e escura, e Miss Priscilla Butterworth estava certa de que a qualquer momento o aguaceiro começaria a cair, dos céus aos mares, molhando tudo o que se

encontrasse em seu âmbito — Ela levantou os olhos. - É atroz. E não estou certa de que a autora usasse a palavra âmbito corretamente.

—É verdade — disse Harry, embora estivesse completamente de acordo com ela— Continue.

Ela negou com a cabeça mas entretanto obedeceu.

—*Ela estava, é claro protegida do mau clima em seu pequeno quarto, mas os marcos das janelas trepidavam fazendo tanto ruído que não havia maneira pela qual ela pudesse conciliar o sonho nesta noite. Aconchegada em sua estreita e fria cama, ela* bla-bla-bla, espere, saltarei até onde fica interessante.

—Não pode fazer isso — a repreendeu. Ela levantou *Miss Butterworth* para o alto. —Eu tenho o livro.

—Joga-me ele. - disse ele repentinamente. —O que?

Levantou do batente e parou no piso, colocou a parte superior do corpo fora da janela.

—Jogue para mim .

Ela parecia ter muitas reservas a respeito. —Pegará ele?

Ele deixou cair a luva.

—Se você puder lançá-lo,eu o pegarei.

—Oh, eu sei lançar —lhe respondeu ela, claramente insultada. Ele sorriu com suficiência.

—Nunca conheci uma garota que pudesse fazê-lo.

Ante isso, ela lançou o livro para ele, e foi somente graças a seus rápidos reflexos, aperfeiçoados durante anos no campo de batalha, que conseguiu localizar-se no lugar indicado para apanhá-lo.

Conseguiu. Graças a Deus. Não estava certo de ter podido viver bem consigo mesmo se não tivesse conseguido.

—Na próxima vez, tente com um lançamento mais suave — resmungou ele. —E onde estaria o divertido nisso?

Esqueceu *Romeu e Julieta.* Isto se parecia muito mais a *A Megera Domada*. Levantou os olhos. Tinha aproximado uma cadeira e agora estava sentada junto à janela aberta, esperando com uma expressão de exagerada paciência.

—Aqui estávamos — lhe disse ele, encontrando o ponto onde ela tinha parado— *Aconchegada em sua estreita e fria cama, não pôde evitar a não ser recordar todos os sucessos que a tinham levado a este lugar sombrio, para esta noite sombria. Mas aqui, estimado leitor, não é onde*

começa nossa história.

—Detesto quando os autores fazem isso — anunciou Olivia.

—Shhhh. *Devemos começar desde o principio, que não foi quando Miss Butterworth chegou a Thimmerwell Hall, nem tampouco quando chegou a Fitzgerald Place, seu lar antes de Thimmerwell Hall. Não, devemos nos remontar ao dia no qual nasceu, em uma manje...*

—Uma manjedoura! — quase chiou Olivia. Ele dirigiu-lhe um amplo sorriso.

—Só me certificava de que você estivesse escutando. —Descarado.

Riu entre dentes e seguiu lendo:

—*…o dia no qual nasceu, em uma pequena cabana de Hampshire, rodeada de rosas e mariposas, o último dia antes que o povoado fosse assolado pela varíola.*

Ele levantou os olhos.

—Não, não pare — disse ela— Agora está começando a ficar interessante. Que tipo de varíola pensa que era?

—É uma moça sedenta de sangue, sabia?

Ele inclinou a cabeça de lado em um gesto de conformidade. —Sinto-me fascinada pela pestilência. Sempre fui.

Ele leu rapidamente por cima o resto da página.

—Temo que está destinada a sentir-se decepcionada. A autora não dá nenhuma descrição médica absolutamente.

—Possivelmente na página seguinte? —perguntou ela esperançada. —Prossigo — declarou ele — *A epidemia levou seu amado pai, entretanto dispensou milagrosamente o bebê e a sua mãe. Entre os que sucumbiram estavam também sua avó paterna, ambos os avós, três tias avós, dois tios, uma irmã, e uma segunda prima.*

—Outra vez está rindo a minhas custas — acusou ela.

—Claro que não! —insistiu Harry— Juro, está tudo aqui. Houve uma grande epidemia lá em Hampshire. Se não tivesse pulado páginas do livro, poderia vê-lo por si mesma.

—Ninguém escreve tão mal. —Pelo visto, há quem o faça.

—Não estou certa de quem é pior, o autor, por escrever esta tolice, ou nós por lê-la.

—Eu estou me divertindo muito — declarou Harry. E estava realmente se divertindo muito. Era uma situação por demais inverossímil, sentado ali na janela, lendo um romance terrivelmente ruim

com lady Olivia Bevelstoke, a jovem mais solicitada da alta sociedade. Mas a brisa era agradável, e ele esteve trancado todo o dia, e às vezes, quando ele levantava o olhar, ela estava sorrindo. Não para ele, embora também isso também acontecesse. Não, os sorrisos que pareciam fazê-lo estremecer dos pés a cabeça eram aqueles que via em seu rosto quando não percebia que ele a estava olhando, quando ela estava simplesmente apreciando o momento, sorrindo para a noite.

Ela não só era bonita, era linda. Tinha o tipo de rosto que fazia os homens chorarem: em forma de coração, com uma perfeita pele de porcelana. E seus olhos, as mulheres matariam por uns olhos dessa cor, esse incrível azul ciano.

Era formosa, e sabia, e, no entanto não brandia sua beleza como uma arma. Era simplesmente uma parte dela, tão natural como ter duas mãos, dois pés, dez dedos nas mãos e nos pés.

Era linda, e ele a queria para si.

CAPÍTULO 12



—Sir Harry? —chamou Olivia enquanto se levantava. Ela se apoiou contra o parapeito lançando um olhar além da escuridão em sua janela, onde via a silhueta dele contra o brilhante retângulo de luz. Ficou tão quieto e tão de repente.

Ele se surpreendeu com o som da voz dela olhando para a janela dele, mas não exatamente para ela.

—Sinto muito — murmurou Harry e se voltou rapidamente para o livro, procurando entre as palavras para encontrar seu lugar.

—Não, não o sinta — asseverou ela. Na verdade ele se sentia um pouco estranho, como se tivesse comido alguma coisa que não houvesse feito muito bem.

Harry a olhou e logo — era na verdade algo impossível de descrever, ou inclusive de entender— o sentimento estranho passou. Seus olhos se encontraram, e embora estivesse escuro e ela não pudesse ver a cor dos olhos dele, esse intenso chocolate quente… ela soube. E o sentiu. E logo simplesmente perdeu o fôlego. Simplesmente o perdeu. O equilíbrio também. Deu um tropeção para trás na cadeira, e se sentou por um momento, perguntando-se por que seu coração estava acelerado.

Tudo o que ele fez foi olhá-la. E ela… ela…

E ela se derreteu.

Oh, querido Deus, ele deve pensar que sou uma absoluta tola. Ela nunca tinha se desvanecido em sua vida, e… e bom, bem, não tinha se desvanecido na realidade, mas assim foi como sentiu essa estranha e flutuante coisa, toda tola e estranha e agora ele iria pensar que ela era uma dessas damas que tinham que levar vinagre com elas a toda parte.

O que era suficientemente mau, exceto que tinha passado a metade de sua vida incomodando essas damas. Oh Deus, Oh Deus. Levantou-se de novo e pôs a cabeça pela janela.

—Estou bem — disse ela— Só tropecei.

Harry concordou lentamente e ela percebeu que não estava inteiramente com ela. Seus pensamentos estavam longe, muito longe. Logo, como se ele voltasse para seu lugar lentamente, ele olhou para cima e lhe pediu desculpas.

—Sonhava acordado — disse ele como explicação— É tarde.

—É — murmurou ela de acordo, embora não pensasse que passasse muito das dez. E de repente percebeu que não podia suportar que ele dissesse boa noite, que ela teria que fazê-lo primeiro. Por que… por que… bom não sabia por que, só sabia que era verdade.

—Estava a ponto de dizer que deveria ir — disse, as palavras saindo de seus lábios— Bom não ir embora suponho, porque não tenho nenhum lugar aonde ir posto que estou no meu quarto, e não vou a nenhuma parte a não ser para a cama e isso está só a uns metros. —Sorriu como se isso pudesse remediar o sem sentido que tinha saído de sua boca— Como disse —continuou— está ficando tarde.

Ele concordou de novo.

E ela teve que dizer alguma coisa mais, porque ele não iria dizer nada.

—Boa noite, então. —devolveu a saudação, mas sua voz era tão suave que na realidade não o ouviu, mas sim viu as palavras em seus lábios.

E de novo, como seus olhos, quando a olhou, o sentiu. Começou na ponta de seus dedos, flutuando por seus braços até que estremeceu e exalou, como se pudesse liberar a estranha sensação com seu fôlego.

Mas ficou com ela, fazendo cócegas nos pulmões, dançando em sua pele. Estava ficando louca. Tinha que ser isso. Ou estava muito cansada. Muito tensa por um dia com um príncipe real.

Olivia entrou em seu quarto, puxando para fechar a janela, mas então… —Oh! —tirou a cabeça de novo— Sir Harry!

Ele olhou para cima. Ele não tinha se movido de seu lugar. —O livro — disse ela— Ainda o tem.

Juntos olharam a faixa de espaço entre seus edifícios.

—Não vai funcionar muito bem lançá-lo para cima —disse ela— não é assim? Harry moveu a cabeça, e sorriu um pouco, como se soubesse que não deveria. —Irei visitá-la manhã para devolvê-lo.

E aí estava outra vez essa sensação de ofego, toda borbulhante e estranha.

—Estarei esperando — disse Olivia, e fechou a janela. E fechou as cortinas.

E logo soltou um pequeno suspiro, abraçando a si mesma. Que noite tão perfeita tinha parecido.

* * *

Na tarde seguinte, Harry colocou debaixo de seu braço *Miss Butterworth e o Barão Louco* e preparou-se para fazer a extremamente curta viagem ao salão de espera de lady Olivia. Era, pensou enquanto caminhava para lá, quase a mesma distância vertical que horizontalmente. Doze passos para

o andar de baixo, outros seis para a rua, oito para a porta dela…

Na próxima vez contaria os passos horizontais também. Seria interessante ver como se comparavam.

Recuperou-se de sua loucura momentânea na noite anterior. Lady Olivia Bevelstoke era incrivelmente bela; não era só sua opinião, era um fato bem aceito. Qualquer homem a quereria, especialmente um que tinha vivido uma existência de monge como ele nesses meses passados.

A chave para a prudência, cada dia estava mais convencido, estava em recordar porque estava subindo os degraus dianteiros para a casa dela. O Escritório da Defesa. A Segurança Nacional do Príncipe… Ela era sua missão. Winthrop tinha ordenado de tudo menos meter-se na vida dela.

Não, Winthrop tinha ordenado que se metesse na vida dela. Não havia nenhuma ambiguidade a respeito.

Ele estava seguindo ordens, disse a si mesmo enquanto levantava a aldrava da porta. Uma tarde com Olivia. Pelo rei e a pátria.

E na verdade ela era uma vista malditamente melhor que aquela condessa russa com toda a vodca. Com tal enfoque no dever, entretanto, as pessoas teriam pensado que Harry estava feliz quando chegou à sala de visitas e viu que lady Olivia não estava sozinha. Sua outra missão, o incrivelmente bem sentado príncipe Alexei da Rússia estava exatamente ali, sentado na frente dela petulante.

Deveria ter sido conveniente. Era incômodo ao invés disso.

—Sir Harry — disse Olivia, dando-lhe de presente um brilhante sorriso enquanto ele entrava no salão— Recorda o príncipe Alexei, não é assim?

—Mas é evidente!

Quase tão bem como recordava a seu gigantesco guarda-costas, de pé em um canto, enganadoramente curvado.

Harry se perguntou se o cavalheiro seguia o príncipe inclusive ao quarto de dormir. Isso tinha que ser incômodo para as damas.

—O que tem na mão? — perguntou o príncipe.

—Um livro — respondeu Harry botando *Miss Butterworth* em uma mesinha auxiliar— Um que prometi emprestar para lady Olivia.

—Do que se trata? — exigiu o príncipe.

—Só um romance tolo— declarou Olivia— Não acho que me agrade, mas foi recomendado por

um amigo.

O príncipe não parecia impressionado.

—O que gosta de ler, Sua Majestade? — perguntou Olivia.

—Você não estaria familiarizada com isso — disse o príncipe desdenhosamente.

Harry observou Olivia atentamente. Ela era boa nisto, notou, esta comédia que se fazia passar por reunião social. Um brilho de irritação passou por seus olhos antes que a suprimisse, com uma expressão tão perfeitamente agradável e radiante que tinha que ser sincera. Exceto que ele sabia que não era.

—Mesmo assim eu gostaria de ouvir sobre suas escolhas de leitura — disse ela cordialmente— Aprecio aprender sobre outras culturas.

O príncipe se virou para ela, e assim virou as costas para Harry..

—Um de meus ancestrais era um grande poeta e filósofo. O príncipe Antiokh Dmitrievich Kantemir.

Harry achou isto muito interessante; era bem sabido (entre aqueles que sabiam sobre a cultura Russa) que Kantemir morreu como um cavalheiro.

—Também li recentemente todas as fábulas de Iván Krylov — continuou Alexei— Todo russo com educação deve fazê-lo.

—Temos escritores assim também — comentou Olivia— Shakespeare. Todos leem Shakespeare. Acho que seria quase desleal à pátria não lê-lo.

O príncipe encolheu os ombros. Sua opinião sobre Shakespeare, aparentemente não era favorável.

—Leu Shakespeare? —perguntou Olivia.

—Li alguma coisa dele em francês —disse ele— Mas prefiro ler em russo. Nossa literatura é muito mais profunda que a sua.

—Eu li *Pobre Liza* — disse Harry, embora soubesse que deveria ter mantido a boca fechada. Mas o príncipe era um imbecil tão presunçoso. Era difícil não tentar chateá-lo. O Príncipe Alexei se voltou para ele com surpresa não dissimulada— Eu não sabia que *Bednaya Liza* tinha sido traduzida para o inglês.

Harry não sabia tampouco, leu em russo há anos. Mas já tinha cometido um engano apressado nesta tarde. Não iria cometer outro, portanto disse:

—Acho que estou pensando no livro correto. O autor é… Oh, não posso me lembrar… começa

com um K acredito. Karmazanon?

—Karamzin — disse o príncipe bruscamente— Nikolai Karamzin.

—Sim, esse — disse Harry com um tom despreocupado a propósito do autor— A pobre garota camponesa foi arruinada por um nobre, correto?

O príncipe concordou secamente. Harry encolheu os ombros. —Alguém deve tê-lo traduzido então.

—Talvez eu tente encontrar uma cópia —disse o príncipe— Poderia aperfeiçoar o meu inglês.

—É muito conhecido? —perguntou Olivia— Eu adoraria lê-lo, se pudermos achar uma cópia em inglês.

Harry lhe lançou um olhar turvo. Esta era a mesma mulher que tinha declarado não gostar de *Henry V*, *Miss Butterworth e o Barão Louco*.

Não houve a mínima pista de calma na conversa antes que Olivia dissesse: —Acabei de pedir o chá antes que você chegasse, Sir Harry. Nos acompanharia?

—Eu ficaria encantado.

Harry tomou assento na frente do príncipe, lhe dando um insípido sorriso. —Devo confessar — disse Olivia— que sou terrível com os idiomas. Minha tutora se desesperava com meu domínio do francês. Tenho tanta admiração por aqueles que podem falar mais de uma língua. Seu inglês é verdadeiramente esplêndido, Sua Alteza.

O príncipe reconheceu seu elogio com um breve sinal de concordância. —O príncipe Alexei fala francês também — disse Olivia para Harry.

—Como eu — respondeu, já que não parecia haver muitas razões para esconder. O príncipe talvez pudesse deixar sair algo em russo, mas nunca o faria em francês; havia muitas pessoas que falavam francês em Londres. Além disso, depois de tantos anos no Continente, seria estranho que não tivesse aprendido alguma língua estrangeira.

—Eu não havia percebido —disse Olivia— Talvez os dois possam conversar. Ou talvez não. — Deixou sair uma pequena risada— Tremo de terror pelo que possam dizer a respeito de mim.

—Só os mais profundos elogios — disse brandamente o príncipe.

—Duvido que minhas habilidades se equiparem com as de Sua Alteza — mentiu Harry— Seria uma conversa frustrante para ambos, estou certo.

De novo, uma pausa, de novo, Olivia saltou à brecha.

—Talvez possa dizer algo para nós em russo — disse ao príncipe— Não estou certa de ter

ouvido nunca o idioma russo em voz alta. Ouviu-o Sir Harry?

— Acho que sim — murmurou ele.

—Oh, é claro que sim, durante seu tempo no continente. Imagino que deve ter ouvido muitos idiomas.

Harry concordou educadamente, mas ela já tinha se virado para Alexei. —Você *diria* alguma coisa? O francês reconheço, posso até entender uma palavra. Mas o russo… bom, não tenho ideia de como soa. É como o alemão? —*Nyet* — replicou o príncipe.

—Ny- Oh! — disse Olivia - Isso deve significar não.

—*Da* — disse o príncipe. —E isso deve ser sim!

Harry não tinha certeza se estava se divertindo ou enojado.

—Diga alguma coisa mais — urgiu ela— Não posso realmente ouvir o ritmo do idioma com simples monossílabos.

—Muito bem — disse o príncipe— Deixe-me ver…

Esperaram pacientemente enquanto o príncipe pensava em alguma coisa para dizer. Depois de uns momentos, falou. E Harry decidiu que nunca tinha odiado a outro ser humano como odiava o príncipe Alexei Gomarovsky da Rússia.

—O que foi que disse? —perguntou Olivia com um sorriso de expectativa.

—Só que é mais bela que os oceanos, o céu e a névoa disse o príncipe. Ou dependendo da tradução, *vou comê-la até que grite*.

—Isso é tão poético — murmurou Olivia. Harry não confiava em si mesmo para falar.

—Pode dizer alguma coisa mais? —suplicou Olivia. O príncipe objetou:

—Não posso pensar em nada mais… como o chamam vocês? Ofensivo.

—Delicado — terminou o príncipe, vendo-se extremamente agradado com sua escolha de palavra— O suficientemente delicado para senhorita.

Harry tossiu. Era isso ou uma náusea. Na verdade, deve ter soado como um pouco de ambos porque Olivia o olhou com uma expressão de pânico. Ele não podia fazer nada a não ser revirar seus olhos em resposta. Nenhum homem razoável poderia escutar essa estupidez sem algum tipo de reação.

—Oh, aqui vem o chá — disse Olivia soando um pouco mais aliviada— Mary precisamos de outro jogo. Sir Harry decidiu juntar-se a nós.

Depois que Mary deixou a bandeja e foi buscar outra xícara, Olivia olhou para Harry e disse:

—Não se importa que eu comece a servir, não é assim?

— Naturalmente que não — disse ele, e olhou para o príncipe casualmente, o qual estava vendo-o com nada menos que um sorriso de autossuficiência.

Harry lhe lançou um olhar igualmente juvenil em resposta. Não podia evitar. E, raciocinou, ajudaria a manter a ficção de que era tão somente outro pretendente ciumento. Mas na realidade, Alexei pensava que Olivia assinalava seu favoritismo lhe servindo o chá antes que Harry tivesse uma xícara?

— Aprecia nosso chá inglês, Sua Majestade? — perguntou Olivia— Embora suponha que não é verdadeiramente inglês. Mas Já cultivamos o nosso aqui mesmo na Inglaterra, penso eu.

—Acho que é um costume muito agradável — disse o príncipe. —Leite?

—Por favor. —Açúcar? —Sim.

Ela preparou a xícara dele, falando enquanto botava o açúcar.

—Sir Harry recentemente me disse que o chá era do que mais sentia saudades enquanto servia no exército.

—É verdade isso? — perguntou o príncipe.

Harry não estava certo de com quem o príncipe estava falando, mas decidiu responder a ele.

—Houve muitas noites nas quais eu teria matado por uma bebida quente. —Suponho que deve ter havido muitas noites nas quais teria matado de qualquer forma — disse o príncipe. Harry lhe lançou um olhar frio.

—Estava armado em vários momentos com um sabre, um rifle e uma baioneta. Matava frequentemente.

O príncipe revidou o olhar fixo do outro com um peso igual. —Soa como se você houvesse apreciado isso.

—Nunca — disse Harry bruscamente.

Um canto da boca do príncipe se curvou rapidamente. —O mal é às vezes necessário para que floresça o bem não? Harry reconheceu com um simples sim de cabeça.

O príncipe tomou um gole do chá, embora Harry não houvesse sido servido ainda.

—Pratica esgrima, Sir Harry?

—Às vezes. —Isto era verdade. Não tiveram um professor de esgrima apropriado em

Hesslewhite. Como resultado, as habilidades de Harry com a espada eram mais militares que competitivas. Era medíocre esquivando, mas sabia como matar.

—Aqui está a xícara extra — anunciou Olivia quando a donzela retornou— Sir Harry toma o seu sem açúcar, não é assim?

—Recorda-o — murmurou ele.

Ela sorriu, com uma coisa feliz e fervente que flutuou através dele como uma brisa cálida. Sentiu a si mesmo sorrindo de volta espontaneamente, sem fingir. Ela o olhou e ele a ela e por um momento impressionante ficaram sozinhos no recinto.

Mas então ela se virou, murmurando algo sobre o chá. Ele ocupou-se a si mesmo arrumando a xícara e ele percebeu que estava paralisado por suas mãos, adoráveis e elegantes, e ainda assim de alguma forma não tão graciosas. Gostava disso. Toda deusa necessita suas imperfeições.

Ela olhou para cima de novo e viu que ele estava olhando-a. Sorriu de novo, e então ele teve que fazer o mesmo, e…

E em seguida o maldito príncipe teve que abrir a boca.

CAPÍTULO 13



Cinco coisas que gosto muito em Sir Harry Valentine

Por Olivia Bevelstoke

Sorriso

Inteligência

Olhos

Falar através de uma janela

—Vladimir! — gritou de repente o príncipe, fazendo com que a lista da Olivia falhasse a sintaxe. Vladimir imediatamente cruzou o recinto até o príncipe Alexei, que emitiu o que certamente soava como uma ordem em russo. Vladimir resmungou sua concordância e acrescentou sua própria incompreensível corrente de palavras.

Olivia olhou para Harry. Ele estava franzindo a sobrancelha. Supôs que ela mesma também estava fazendo o mesmo.

Vladimir emitiu outro som brusco e se virou, Harry que estava vendo toda a troca de palavras, olhou para o príncipe e disse:

—Ele é muito conveniente.

O príncipe Alexei lhe lançou um olhar aborrecido. —Não entendo o que quer dizer.

—Ele vem e vai, e faz tudo o que digam… —Esse é seu propósito.

—Bom, é claro. — Harry deixou que sua cabeça se inclinasse rapidamente para o lado. Um encolhimento de ombros sem movê-los era o que era, e era somente descuidado na aparência— Não disse que fosse de outra forma.

—É necessário que aqueles com status real viajem com assistentes.

—Estou totalmente de acordo — replicou Harry, mas seu tom agradável só parecia incomodar mais ao príncipe.

—Aqui esta seu chá — interrompeu Olivia, sustentando a xícara para Harry. Ele pegou-a agradecendo em voz baixa antes de tomar um gole.

—Tomo a minha da mesma forma que Sir Harry — disse a ninguém em particular— Eu estava

acostumada a tomá-lo com açúcar, mas descobri que perdi o gosto por isto.

Harry a olhou com uma expressão curiosa. Olivia não estava surpresa; não podia recordar a última vez que uma conversa foi tão aborrecida. Mas, certamente, ele percebeu que ela não tinha escolha. Olívia respirou fundo, tentando navegar no fundo da conversa.. Os dois homens se detestavam, isso estava muito claro, mas já esteve antes em recintos com pessoas que se detestaram. Usualmente não era tão evidente.

E enquanto gostava de pensar que tudo era por ciúmes, não podia evitar sentir que havia alguma coisa mais em marcha.

—Não saí ainda hoje — disse, já que o tempo era sempre uma boa distração na conversa— Faz calor?

—Acho que vai chover — disse o príncipe.

—Oh, bom, assim é a Inglaterra para vocês, não é? Se não está chovendo está tendo um dilúvio. E se não está tendo dilúvio…

Mas o príncipe já tinha movido sua atenção para seu rival. —Onde é sua casa, Sir Harry?

—Ultimamente, na porta ao lado — disse Harry alegremente.

—Pensei que os aristocratas ingleses tivessem grandes casas no campo. —Assim é — replicou Harry afavelmente— Entretanto, eu não sou um aristocrata.

—Como está o chá? — perguntou Olivia um pouco desesperada.

Ambos os homens resmungaram em resposta. Nenhuma resposta foi de mais de uma sílaba. E nenhuma sílaba era particularmente inteligível.

—Mas o chamam Sir — disse o príncipe Alexei.

—Certo — replicou Harry, sem se ver nada preocupado por sua falta de status— Mas isso não me faz um aristocrata.

Os lábios do Príncipe Alexei se curvaram rapidamente.

—Os baronetes não são considerados parte da aristocracia — explicou Olivia, lançando um olhar de desculpa para Harry. Era verdadeiramente mal educado por parte do príncipe incomodar Harry a respeito de seu nível, mas tinha que fazer concessões pelas diferenças culturais.

—O que é baronete? — perguntou o príncipe.

—Imensamente no meio — replicou Harry com um suspiro— Um pouco como o purgatório, na realidade.

Alexei se voltou para a Olivia. —Não entendo.

—Ele disse, ou ao menos acho que quer dizer — lançou um olhar de irritação para Harry porque não tinha ideia do que ele achava que estava fazendo, antagonizando a propósito com o príncipe…— que os baronetes não são parte da aristocracia, ainda assim, têm um título. Por isso o chamam Sir.

O príncipe Alexei ainda estava confuso, assim Olivia lhe explicou.

—Em ordem de nível, abaixo da realeza é claro, estão os duques e as duquesas, os marqueses e as marquesas, os condes e as condessas, os viscondes e as viscondessas, e finalmente os barões e as baronesas — parou— Em seguida os baronetes e suas esposas, mas são considerados parte da alta burguesia.

—Tão baixo — murmurou Harry divertindo-se com isto agora— Metros e metros abaixo de alguém como o senhor.

O príncipe o olhou só por um segundo, mas foi um olhar o suficientemente longo para que Olivia visse o desgosto em seus olhos.

—Na Rússia, a aristocracia provê a sociedade de estrutura. Sem nossas grandes famílias, desmoronaríamos.

—Muitos se sentem da mesma forma aqui — disse Olivia educadamente. —Haveria… como dizem vocês…

—Uma revolução? —disse Harry. —Caos? —adivinhou Olivia.

—Caos — decidiu dizer o príncipe Alexei— Sim, isso. Não temo a Revolução. —Todos seriam sábios em aprender com as experiências dos franceses — disse Harry.

O príncipe Alexei se virou para ele com fogo nos olhos.

—Os franceses foram estúpidos. Permitiram que a burguesia tivesse muitas liberdades. Não cometemos esse engano na Rússia.

—Tampouco tememos a Revolução na Inglaterra —disse Harry brandamente— embora ache que por razões diferentes.

Olivia segurou o fôlego. Harry falou com uma convicção tão tranquila, em grande contraste com a rapidez de antes. Seu tom sério não podia evitar a não ser capturar o momento. Inclusive o príncipe Alexei parou e se voltou para ele com uma expressão que era… bom, não respeito exatamente, já que claramente não apreciava o comentário. Mas talvez houvesse alguma classe de apreciação, um reconhecimento de Harry como um oponente digno.

—Nossa conversa ficou muito séria — declarou Olivia— É muito cedo para tal bate-papo.

E quando isso falhou em colher uma resposta imediata, acrescentou: —Não posso suportar as

discussões políticas quando o sol está brilhando.

Na realidade, o que não podia suportar era ser vista como uma completa tola. Adorava as discussões políticas, a qualquer momento do dia.

E o sol tampouco estava brilhando.

—Somos muito grosseiros — disse o Príncipe Alexei, levantando-se de seu assento. Foi até ela e ficou sobre um joelho, deixando-a sem palavras. O que está fazendo?

—Pode nos perdoar? — murmurou, segurando sua mão. —Eu… eu…

Ele levou os nódulos dos dedos dela aos lábios. —Por favor.

—É claro — disse Olivia finalmente— Não está acontecendo …

—Nada — disse Harry—Acho que essa é a palavra que está procurando.

Ela o teria olhado se pudesse ver ao redor de Alexei, que estava nesse momento enchendo seu campo de visão inteiro.

—É claro que está perdoado, Sua Alteza — disse ela— Estou sendo uma tola. —É o direito de toda mulher formosa ser tola quando o desejar.

O príncipe se moveu nesse ponto, e Olivia captou um olhar de Harry. Via-se como se fosse vomitar.

—Deve ter muitas entrevistas aqui em Londres — disse Harry, uma vez que Alexei voltou para sentar-se.

—Serão outorgados vários prêmios — disse, vendo-se confuso e incomodado pela mudança de assunto.

Olivia saltou para traduzir.

—Acho que o que quer dizer Sir Harry é que deve ter muitos compromissos, muita gente para conhecer.

—Sim — disse Alexei.

—Seus dias devem estar muito ocupados — acrescentou Harry com apenas um toque de impressão e bajulação na voz. Olivia franziu a sobrancelha. Tinha a sensação de que sabia o que Harry tramava e não terminaria bem.

—Deve levar uma vida muito emocionante — disse ela rapidamente, tentando mudar de assunto.

Mas Harry não iria se desviar.

—Hoje, por exemplo — refletiu— Deve ter uma agenda incrível. lady Olivia deve estar muito

honrada pelo fato de que tenha tempo para vê-la.

—Eu sempre encontraria um tempo para lady Olivia.

—É inclusive mais que generoso oferecendo-nos companhia — disse Harry— Do que o afastamos esta tarde?

—Vocês não me separaram de nada.

Harry lhe deu um sábio sorriso, somente para demonstrar que o insulto, embora notado, não tinha ardido.

—onde mais eu poderia estar esta tarde, Sua Alteza? Com o embaixador? Com o Rei?

—Poderia estar onde o desejasse.

—Tal é o privilégio da realeza — refletiu Harry.

Olivia mordeu o lábio nervosamente. Vladimir tinha começado a aproximar-se e iria haver violência, Harry não sairia vitorioso.

—Estou tão honrada com sua presença — disse Olivia, a única oração que pôde pensar tão rapidamente.

—Bom, obrigado — brincou Harry. —Basta — verbalizou o príncipe.

—Por quê? — verbalizou de volta Harry.

—Acho que estão falando sem me incluir na conversa— disse Alexei furioso. Vladimir se moveu para mais perto.

—Oh, é evidente que não — assegurou Olivia— Eu tão somente estava tentando recordar Sir Harry de que seu primo está… ehm… esperando-o para, hum, uma reunião.

Alexei duvidou. —Disse tudo isso?

Olivia podia sentir sua pele acendendo-se. —Um pouco disso — murmurou.

—Na verdade tenho que ir — disse Harry abruptamente, levantando-se. Olivia também se levantou.

—Por favor, me permita escoltá-lo até a porta —disse ela, tentando fazer com que não soasse como se estivesse dizendo com os dentes apertados.

—Por favor, não se incomode — replicou— Não sonharia em pedir a uma dama tão bela que se levantasse.

Olivia empalideceu. Teria percebido Alexei que Harry estava zombando dele? Ela olhou para o príncipe, tentando não ser tão óbvia a respeito. O príncipe não parecia ter notado a ofensa; de fato

parecia-se bastante contente. Isso era, estava contente de uma forma dura e reservada. Talvez satisfeito fosse uma melhor descrição.

Harry saiu sozinho, privando Olivia da oportunidade de lhe dizer exatamente o que pensava de seu comportamento infantil. Ela agarrou fortemente a borda da almofada do sofá debaixo dela. Ele não escaparia tão facilmente. Não tinha ideia do que significava permitir a ira de uma mulher inflamar-se. O que fosse que tivesse que dizer a ele, seria menos bonito nesta noite do que foi nesta tarde.

Enquanto isso, entretanto, ainda havia um príncipe a quem atender. O príncipe se sentou na frente dela, com uma expressão entre satisfeito e petulante. Estava contente por Harry ter ido embora e provavelmente inclusive mais contente por ela estar agora somente com ele.

E Vladimir. Realmente não podia esquecer-se do Vladimir.

—Pergunto-me onde estará minha mãe — disse Olivia, porque realmente era estranho que ela não houvesse aparecido. A porta do salão de recepção foi deixada apropriadamente aberta todo o tempo, assim que sua presença não era necessária como acompanhante, mas Olivia pensou que ela pudesse querer receber o príncipe.

—É necessário que ela esteja aqui?

—Bom, não na realidade — Olivia olhou para a porta aberta— Huntley está exatamente ali no corredor…

—Me alegro de que estejamos sozinhos.

Olivia engoliu em seco insegura quanto ao que dizer.

Ele sorriu um pouco, mas seus olhos ficaram mais intensos. —Está nervosa por estar sozinha comigo?

Não estava até agora.

—É claro que não — disse ela— Sei que é um cavalheiro. E além disso, não estamos sozinhos.

Ele piscou várias vezes e em seguida riu abruptamente. —Quer dizer Vladimir?

Olivia sentiu seus olhos disparar através do recinto, do príncipe a seu assistente, e em seguida de um para o outro várias vezes.

—Bom sim — disse vacilante— Ele está… exatamente ali. E… Alexis varreu sua preocupação.

—Vladimir é invisível. Sua inquietação cresceu. —Não entendo.

—É como se não estivesse aqui. —sorriu, e não em uma forma que a fizesse se sentir cômoda— Se assim for como desejo.

Os lábios de Olivia se separaram, mas não tinha absolutamente nada para dizer.

—Por exemplo —continuou Alexei— se eu fosse beijá-la… Olivia ofegou.

—…seria o mesmo que se estivéssemos sozinhos. Ele não diria a ninguém e a senhorita não se sentiria mais… como dizem… incômoda.

—Acho que deveria ir embora, Sua Alteza. —Eu gostaria de beijá-la primeiro.

Olivia se levantou, batendo a mesa com a canela. —Isso não será necessário.

—Não — disse ele levantando-se também — acho que é necessário. Para demonstrar.

—Para me demonstrar o que? — disse, incapaz de acreditar que estivesse fazendo essa pergunta.

Ele gesticulou para Vladimir.

—Que é como se ele não estivesse ali. Devo ter amparo a todo momento. Ele sempre está comigo. Inclusive quando… não devo dizer na frente de uma dama.

Muita coisa não deveria ter dito diante de uma dama. Olivia deslizou pela borda do sofá, tentando escapar da área para a porta, mas o príncipe estava bloqueando o caminho.

—A beijarei na mão — disse. —Qu… o que?

—Para lhe provar que sou um cavalheiro. Você achou que eu iria fazer alguma coisa a mais, mas a beijarei na mão.

Olivia se sentiu como se lhe estivesse fechando a garganta. Sua boca estava aberta, mas não parecia estar respirando. Ele a havia desconcertado completamente.

Ele pegou a mão dela. Olivia ainda estava muito impressionada para retirá-la. Beijou seus dedos apertando-os enquanto a liberava.

—Na próxima vez — disse ele— A beijarei na boca. —Oh, Deus querido.

—Vladimir! —Alexei deixou sair uma corrente curta de palavras em russo e seu empregado veio imediatamente postar-se ao lado dele. Olivia estava horrorizada ao perceber que ele estava ali, embora estivesse muito certa de que isto era só porque ficou tão surpresa com a conversa escandalosa do príncipe.

—A verei esta noite — disse Alexei. —Esta noite? —repetiu.

—Irá a ópera, não é assim? *A flauta mágica*. É a primeira apresentação da temporada.

—Eu… eu… — Ir à ópera? Não podia pensar corretamente. Um príncipe real tinha tentado seduzi-la em seu próprio salão de recepção. Ou ao menos, de alguma forma, tinha tentado. Na presença de seu empregado gigante.

Certamente ficou um pouco desconcertada.

—Até então, lady Olivia. —O príncipe Alexei saiu do salão, com Vladimir aparentemente despertando. E tudo o que Olivia pôde pensar era, que precisava falar com sir Harry sobre isto.

Exceto que estava furiosa com ele. Não era assim?

CAPÍTULO 14



Harry estava de mau humor. O dia tinha começado perfeitamente bem, e de fato tinha prometido todo tipo de alegrias, até que perambulando tranquilamente pelo salão de Rudland House encontrou com o príncipe Alexei Gomarovsky, aparentemente descendente do poeta mais famoso da Rússia.

Ou se não o mais famoso, então o suficientemente famoso. Depois teve que ver Olivia bajulá-lo.

Depois teve que ficar ali e fingir que não entendia quando o filho de cadela disse que queria ultrajá-la. E depois teve que esquecer o maldito príncipe saindo com algumas tolices sobre o céu e a névoa.

E *depois*, quando chegou em casa, tentando averiguar o que fazer com a segunda declaração do príncipe em russo, que tinha sido uma ordem ao sempre encantador Vladimir para que o investigasse, tinha recebido ordens por escrito do Ministério de Defesa para que assistisse essa noite à estréia de *A Flauta Mágica*, o que teria sido maravilhoso, se tivesse sido capaz de ver o cenário em vez de sua nova pessoa menos favorita, o citado Alexei da Rússia.

Então, o maldito príncipe deixou a ópera cedo. *Saiu* exatamente quando *A Rainha da Noite* começava sua ária. Tratava-se da *Vingança do inferno arde em meu coração,* pelo amor de Deus. Por que teve que sair no começo da *Vingança do inferno arde em meu coração*?

A vingança do inferno, decidiu Harry, estava ardendo em seu coração também.

Tinha seguido o príncipe (e ao sempre presente e cada vez mais ameaçador Vladimir) todo o caminho até Madame A Roux, onde o príncipe Alexei supostamente participou dos favores de uma dama ou três.

Nesse momento, Harry decidiu que estava em seu perfeito direito de ir para casa. Coisa que fez, mas não antes de se encharcar em um aguaceiro monstruosamente curto mas violento. O que o motivou quando chegou a casa e encolheu os ombros atirar o casaco e as luvas encharcadas, unicamente pensando em um banho quente. Podia ver em sua mente o vapor da superfície.

Sua pele fazia cócegas pelo calor, quase dolorosamente, até que seu corpo se adaptasse à temperatura. Seria o céu. Céu numa banheira borbulhante.

Mas tinha certeza de que o céu não seria dele, ao menos não nesta noite. Seu casaco estava ainda pendurado no braço quando seu mordomo entrou no vestíbulo e informou que tinha chegado uma carta para ele pelo mensageiro especial e estava sobre a escrivaninha.

Dirigiu-se ao escritório, com os pés molhados dentro das botas, só para descobrir que a mensagem não continha absolutamente nada de importância imediata, só uns poucos retalhos de trivialidades para encher os vazios na história do príncipe. Harry gemeu e estremeceu, desejando que houvesse um fogo onde jogar a ofensiva missiva. Então poderia ficar na frente dele também. Estava tão frio e úmido e tão condenadamente incômodo com tudo isso!

E então levantou os olhos.

Olivia. Na janela o estava observando. Na realidade, tudo isto era culpa dela. Ou pelo menos a metade. Foi para sua janela e puxou-a para cima. Ela fez o mesmo.

—Eu o estava esperando — disse ela, antes que ele pudesse falar — Onde? o que aconteceu?

No compêndio de perguntas estúpidas, decidiu que esta estaria muito acima. Seus lábios provavelmente estariam ainda azuis de frio, e não havia maneira pela qual pudesse dizer tudo isso.

—Choveu — bradou ele.

—E decidiu ir dar um passeio?

Ele perguntou-se com um esforço sobre-humano, se seria capaz de estrangulá-la dali mesmo.

—Preciso falar com você — disse Olivia.

Harry percebeu que não sentia os dedos dos pés. —Tem que ser agora?

Ela deu um passo para trás, parecendo terrivelmente ofendida.

O que fez pouco para melhorar seu temperamento. Mas ainda assim, o comportamento cavalheiresco devia formar parte dele desde menino, porque apesar de que devesse haver fechado a janela, em seu lugar explicou com mordacidade

—Estou com frio. Estou molhado. E estou de muito mau humor. —Bom, também eu!

—Muito bem — fundamentou ele— Está agitada? —Agitada? —repetiu ela com ironia.

Harry levantou uma mão. Se ela iria discutir sobre sua escolha de palavras, ele tinha terminado com ela.

Olivia deveria ter escolhido uma batalha diferente, porque colocou as mãos nos quadris, e disse:

—Está bem, já que pergunta, você é a causa de minha agitação.

Isto sim que era bom. Esperou um momento e em seguida disse, com sarcasmo e água de chuva gotejando em partes iguais:

—E...?

—E seu comportamento desta tarde. No que estava pensando? —O que fiz?

Ela apareceu na janela e apontou com um dedo.

—Você provocou deliberadamente o príncipe Alexei. Tem alguma ideia da difícil situação em que me colocou?

Ele a olhou um momento e em seguida disse simplesmente: —O homem é um idiota.

—Não é um idiota — disse Olivia com irritação.

—É um idiota — disse Harry outra vez— Não merece nem lamber seus pés. Você me agradecerá isso algum dia.

—Não tenho nenhuma intenção de permitir que me lambam nada — replicou ela, e ficou completamente vermelha quando percebeu o que havia dito.

Harry começou a não sentir tanto frio.

—Não tenho nenhuma intenção de permitir que ele me corteje — disse ela, com voz baixa mas estranhamente suficiente para chegar até ele com todas as sílabas claras como o cristal — Mas isso não quer dizer que ele deva ser maltratado em minha casa.

—Muito bem. Sinto muito. Está satisfeita?

Ela se surpreendeu em silêncio pelo pedido de desculpas dele, mas seu triunfo foi efêmero. Depois de não mais de cinco segundos de sua abertura e fechamento de boca, Ela disse:

—Não acho que o sinta.

—Pelo amor de Deus! — explodiu ele. Eu não podia acreditar que eu estivesse agindo como se tivesse feito algo mau. Só estava seguindo as malditas ordens do maldito Ministério da Defesa. E até considerando o fato de que ela não tinha ideia de que ele tinha ordens para seguir, era ela a que tinha passado a tarde encantando um homem que a tinha insultado profundamente.

Não é que ela soubesse, tampouco.

Entretanto, qualquer um com um pingo de sensatez podia imaginar que o príncipe Alexei era um pequeno sapo pegajoso. Muito bem, um muito bonito, tampouco um pequeno sapo, mas um sapo depois de tudo.

—Por que está tão aborrecido? — exigiu Olivia.

Era uma maldita coisa boa que não estivessem frente a frente, porque ele teria feito… alguma coisa

—Por que estou tão aborrecido? —virtualmente cuspiu— Por que estou tão aborrecido? Porque eu… — Mas percebeu que não podia lhe dizer que tinha sido forçado a abandonar a ópera cedo. Ou que tinha seguido o príncipe a um bordel. Ou que... Não, ele não podia dizer essa parte — Estou

encharcado até os ossos, cada centímetro de mim está tiritando, e estou discutindo com você através de uma janela quando poderia estar em uma banheira quente.

A última frase lhe saiu um pouco como um bramido, o que provavelmente não era o mais acertado, dado que tecnicamente estavam em público. Ela guardou silêncio, por fim, e em seguida disse em voz baixa:

—Muito bem.

Muito bem? Isso era tudo? Ela terminava com um muito bem?

E então, como um idiota ele ficou ali. Olivia deu-lhe a oportunidade perfeita para despedir-se dela, fechar a janela e sair escada acima até o banheiro, mas ele ficou ali. Olhando-a.

Observando a forma como ela rodeava o corpo com os braços, como se estivesse fria. Olhando sua boca, que não podia ver com claridade na penumbra, e entretanto de algum jeito soube o momento preciso em que ela juntou os lábios, apertando os cantos com emoção oculta.

—Onde estava você? — perguntou ela. Ele não podia deixar de olhá-la.

—Esta noite — esclareceu— Aonde foi que está tão molhado?

Ele desceu os olhos para si mesmo, como se só nesse momento recordasse que estava empapado. Como era possível?

—Fui à ópera— disse ele.

—Ah sim? —Ela se abraçou com mais força, e embora não pudesse estar certo disso, parecia como se ela tivesse se movido um pouco mais para perto da janela— Eu tinha que assistir — disse ele— Eu queria ir.

Ele também se aproximou mais de sua janela. —Por que não foi?

Ela vacilou e sua atenção se dispersou por um momento antes de voltar-se e disse:

—Se quer saber, eu sabia que o príncipe estaria lá e não o queria ver.

Agora estava ficando interessante. Harry se aproximou mais da janela, então bateram na porta.

—Não se mova — pediu, apontando para ela. Fechou a janela, e logo se dirigiu à porta e a abriu.

—Seu banho está preparado senhor — anunciou o mordomo.

—Obrigado. Você poderia, ah, fazer com que se mantenha o vapor? Vou demorar uns minutos mais.

—Vou dar instruções aos empregados para que deixem a água na cozinha. Deseja um cobertor senhor?

Harry olhou para as mãos. Era curioso, não podia senti-las completamente. —Sim. Isso seria maravilhoso. Obrigado.

—Vou buscar .

Enquanto o mordomo se ia em busca de um cobertor, Harry se apressou a retornar à janela e a puxou para abri-la. Olivia já estava de costas para ele. Estava sentada na borda da janela, inclinando-se levemente contra a lateral. Ela também tinha pedido um cobertor, percebeu ele, algo azul suave, macio e… Negou com a cabeça. O que lhe importava o cobertor?

—Um minuto mais — chamou —, não vá.

Olivia olhou ao ouvir sua voz, bem a tempo de vê-lo fechar a janela de novo. Esperou ao redor de meio minuto, e ele estava de volta, a madeira da janela raspava à medida em que a empurrava para cima.

—Oh, também tem um cobertor— disse ela, como se isso fosse algo importante.

—Bom, eu estava com frio — disse ele, também como se isso fosse importante. Ficaram calados um bom momento, e em seguida ele lhe perguntou— : por que não quer ver o príncipe?

Olivia se limitou a sacudir a cabeça. Não porque não fosse certo, mas sim porque realmente não pensava que pudesse falar com ele sobre isso. O que era estranho, porque nessa tarde, a primeira coisa na qual havia pensado era que tinha que lhe falar sobre o comportamento estranho do príncipe Alexei. Mas agora, janela a janela, com ele olhando-a com olhos escuros e insondáveis, não sabia o que dizer. Ou como dizê-lo.

—Não é importante — decidiu finalmente.

Ele não disse nada imediatamente. Quando falou, sua voz foi baixa, com um fio que a deixou sem fôlego.

—Se ele a fez sentir-se incômoda, isto é muito importante para mim.

—Ele... ele... —Ela seguia movendo a cabeça enquanto falava, até que finalmente conseguiu ficar quieta e dizer—, ele me disse alguma coisa sobre me beijar. Não é nada na realidade.

Estava evitando olhar para Harry, mas agora finalmente o olhou. Ele não se movia.

—Não é a primeira vez que um cavalheiro faz uma coisa assim— acrescentou. Decidiu não falar da parte de Vladimir. Francamente, sentia-se apreensiva só de pensar nisso.

—Harry? —chamou ela.

—Não quero que o veja de novo — disse ele em voz baixa.

Seu primeiro pensamento foi lhe dizer que ele não tinha autoridade sobre ela. E, com efeito,

abriu a boca, as palavras estavam na ponta dos lábios. Mas em seguida recordou uma coisa que ele lhe havia dito. Talvez ele só estivesse brincando quando lhe disse que ela nem sempre pensava antes de falar. Desta vez iria pensar.

Ela não queria ver o príncipe de novo, tampouco. O que significava que tinha que protestar quanto à manifestação dele quando ambos queriam o mesmo?

—Não sei se terei opção — disse ela. Era verdade. A não ser que se trancasse em seu quarto, não tinha maneira de o evitar.

Harry olhou para cima, com olhos mortalmente sérios. —Olivia ele não é um bom homem.

—Como sabe?

—Acabo… — passou a mão pelo cabelo, deixando escapar o que soava como um suspiro de frustração— Não posso lhe dizer como sei. Quero dizer, não sei por que sei. É algo masculino. É o que posso lhe dizer.

Ela olhou-o, tentando decifrar suas palavras. Harry fechou os olhos durante um momento, esfregando a testa com ambas as mãos. Por último, olhou para cima e disse:

—Não sabe as coisas que outras mulheres dizem sobre que os homens são muito curtos de raciocínio? —Ela concordou com um sinal de cabeça. Ele tinha razão. Muita na realidade— Só mantenha-se afastada dele. Prometa-me isso.

—Não posso lhe prometer isso — disse ela, embora desejasse poder fazê-lo. —Olivia...

—Posso prometer que tentarei. Você sabe que é o máximo que posso fazer. Ele concordou.

—Muito bem.

Houve um silêncio dúbio, nervoso, e em seguida Olivia disse: —Tem que ir tomar banho. Está tremendo.

—Você também — disse Harry em voz baixa.

Ela estava. Ela não percebeu, não tinha percebido que estava tremendo, mas agora... agora que sabia... parecia piorar. E logo... o que é pior... pensou que poderia chorar, mas não tinha ideia do porque. Estava ali, dentro dela. Muito sentimento. Muito... Simplesmente muito. Era simplesmente muito.

Ela concordou bruscamente.

—Boa noite — disse ela rapidamente. As lágrimas estavam ali, muito perto, e não queria que ele as visse.

—Boa noite — disse ele, mas Olivia tinha conseguido descer de sua janela antes que ele

terminasse. Logo correu para a cama e afundou o rosto no travesseiro.

Mas não chorou. Apesar de que agora queria chorar. E ainda não sabia porque.

* * *

Harry manteve o cobertor enrolado ao redor do corpo enquanto saía do escritório. Já não estava tão frio, mas se sentia muito mal. Tinha uma inquietante sensação de vazio no peito e isso parecia intensificar-se com cada respiração, deslizando até a garganta. Esticou os ombros para cima em um gesto tenso e inflexível.

Não fazia frio, percebeu. Era medo.

O príncipe Alexei havia assustado Olivia hoje. Harry não estava certo do que era exatamente o que o homem havia dito ou feito, e sabia que ela iria minimizar seus sentimentos se ele a pressionasse ainda mais sobre isso, mas alguma coisa estranha tinha acontecido. E voltaria a acontecer se o príncipe desse rédea solta à imaginação.

Harry se moveu através do vestíbulo sustentando o cobertor com a mão esquerda enquanto usava a direita para esfregar a parte posterior do pescoço. Tinha que acalmar-se. Precisava recuperar o fôlego e pensar com clareza. Seria no banheiro, e depois na cama, onde poderia avaliar tranquilamente o problema e…

A porta de entrada começou a estralar.

O coração bateu no peito e seus músculos se esticaram para agir e todos os nervos de repente estavam preparados para a luta. Já era tarde. E ele esteve seguindo a russos misteriosos. E... E ele era um idiota. Se alguém iria irromper em sua casa, o chato não utilizaria a porta principal. Harry se voltou sobre seus passos, virou a fechadura e a abriu.

Edward caiu dentro da entrada da porta.

Harry olhou para baixo para o irmão mais jovem com desgosto. —Pelo amor de Deus!

—Harry? —Edward olhou e estreitou os olhos, e Harry queria saber a que demônios ele estava esperando.

—Quanto bebeu? —exigiu Harry.

Edward tentou ficar de pé, mas depois de um momento abandonou e se sentou no centro do saguão, piscando como se não estivesse muito certo de como se colocou nessa posição.

—O que?

Em qualquer caso, a voz de Harry se elevou mais tranquila. E mais letal. —Quanto bebeu?

—Uhhhh... bom... —a boca de Edward se moveu, como se estivesse ruminando. Provavelmente muito pensou Harry com desgosto.

—Não se incomode — disse Harry secamente. O que importava quantas bebidas Edward tinha tomado? Tinha sido suficiente para deixá-lo sem sentido. Só o Senhor sabia como pôde chegar em casa. Não era melhor que seu pai. A única diferença era que Sir Lionel tinha passado a maior parte de suas bebedeiras em casa. Edward estava se fazendo de asno por toda Londres.

—Levante-se — ordenou Harry. Edward o olhou fixamente, com o rosto branco— Levante-se.

—Por que está tão zangado? —murmurou Edward, tentando pegar uma das mãos do irmão. Mas Harry não a ofereceu, assim que ficou em pé por si mesmo, agarrando-se numa mesa próxima para equilibrar-se.

Harry lutou para dominar seu temperamento. Queria agarrar Edward e o sacudir e sacudir bem, maldição, lhe gritar que estava se matando, que qualquer dia morreria da mesma maneira que Sir Lionel, estupidamente e sozinho.

Seu pai tinha caído por uma janela. Inclinou-se muito e quebrou o pescoço. Na mesa próxima ficaram um copo de vinho e uma garrafa vazia.

Ou ao menos isso lhe haviam dito. Harry estava na Bélgica. Tinha chegado uma carta do advogado de seu pai com os detalhes. De sua mãe não tinha ouvido nada.

—Vá para a cama — disse Harry em voz baixa. Edward cambaleou e sorriu.

—Não tenho que fazer o que diz.

—Muito bem então — cuspiu Harry. Já tinha tido suficiente. Era como seu pai de novo, exceto que agora ele poderia fazer alguma coisa. Poderia dizer alguma coisa. Não tinha que estar ali, impotente, e limpar o que outra pessoa sujasse— Faça o que quiser — disse ele, com voz baixa e agitada— Simplesmente não vomite em minha casa.

—Oh, disso você não gostaria, não é certo? —gritou Edward, cambaleando para frente e agarrando-se à parede quando tropeçou— Você gostaria que eu me fosse, assim tudo estaria limpo e ordenado. Nunca gostou de mim.

—De que demônio está falando? Você é meu irmão.

—Sim! Sim! —quase gritou Edward. Harry o olhou fixamente.

—Deixou-me sozinho. Com ele. E com ela. E ninguém mais. Você sabia que Anne ia se casar. Sabia que não haveria ninguém mais além de mim naquela casa.

Harry negou com a cabeça.

—Você foi à escola. Só faltavam uns poucos meses. Certifiquei-me disso. —Oh, isso só foi… — o rosto de Edward estava contorcido e sua cabeça se balançava, e por um momento Harry teve certeza de que ele iria vomitar. Mas não, só estava tentando encontrar a palavra correta, a furiosa e sarcástica palavra. E bêbado como estava, não podia fazê-lo — A você não… A você não ocorreu pensar... —Edward agitou um dedo, depois o agitou outra vez— O que acha que aconteceu quando ele me levou a escola?

—Supunha-se que não tinha que deixar que o levasse!

—Como faria isso eu! Eu tinha doze anos. Doze! — gritou Edward.

Harry percorreu sua memória, tentando recordar suas despedidas. Mas não pode recordar nada. Estava tão impaciente para sair, para deixar tudo para trás. Mas tinha advertido Edward, não? Havia-lhe dito que tudo ficaria bem, que iria para Hesslewhite, e não teria que lutar com seus pais. E lhe disse que não deixasse que seu pai se aproximasse da escola, não?

—Urinou nas calças — disse Edward— No primeiro dia. Dormiu em minha cama e urinou nas calças. despertei-o e ele trocou de roupa. Mas eu não tinha lençóis para trocar. E todo mundo… — Sua voz se sufocava, e Harry pôde ver em seu rosto o menino assustado, confuso e só— Todo mundo pensou que fui eu — disse Edward— Esplêndida maneira de começar, não parece? — Ele ziguezagueou um pouco, impulsionado pela fanfarronice— Eu fui o menino mais popular depois disso. Todo mundo queria ser meu amigo.

—Sinto muito — disse Harry.

Edward encolheu os ombros, continuando, tropeçou. Harry estendeu a mão e o agarrou nesse momento. E então, não estava certo de como aconteceu, ou porque, puxou o seu irmão. Deu-lhe um abraço. Um curto abraço. Só durante o tempo suficiente para piscar e fazer retroceder as lágrimas em seus olhos.

—Tem que ir para a cama — disse Harry, com a voz rouca.

Edward concordou com um sinal de cabeça, e se inclinou sobre Harry quando este o ajudou na escada. Tudo estava bem com os dois primeiros degraus, mas no terceiro tropeçou.

—O dente — murmurou Edward, lutando por manter-se direito. Deixou-se cair. Igual a seu pai.

Harry pensou que ele poderia estar doente.

Não foi rápido, e não foi agradável, mas finalmente Harry conseguiu tombar Edward na cama dele, ainda com as botas calçadas. Pô-lo cuidadosamente de lado com a boca perto da borda do colchão se por acaso vomitasse. E logo fez algo que nunca tinha feito, em todos os anos que tinha colocado seu pai em uma posição similar.

Esperou.

Ficou de pé junto à porta até que a respiração de Edward se tranquilizou, e inclusive depois ficou ali durante vários minutos mais. Porque as pessoas não estavam destinadas a ficarem sozinhas. E se supunha que não tinham que ter medo. Ou sentir-se pequenas. E não deveriam ter que contar quantas vezes tinha ocorrido alguma coisa ruim, e não deviam preocupar-se porque poderia voltar a ocorrer.

E enquanto estava ali na escuridão, percebeu o que tinha que fazer. Não só por Edward, mas também por Olivia. E talvez por ele mesmo, também.

CAPÍTULO 15



Na manhã seguinte Olivia não se sentia precisamente de mau humor. A luz do dia e o descanso de uma boa noite, parecia fazer muito para restaurar os espíritos, mesmo que ela não tivesse chegado a grandes conclusões.

Por que Chorava Ontem à noite

Por Olivia Bevelstoke

Realmente, não chorava.

Mas tinha a aparência de quem havia chorado.

Ela decidiu tentar de um ângulo diferente.

Por que Não Chorava Ontem à noite

Por Olivia Bevelstoke

Suspirou e não tinha nem ideia.

Mas estava sempre deprimida. E assim resolveu não pensar a respeito, ao menos até que tivesse conseguido alguma coisa para tomar no café da manhã. Sempre se mostrava mais sensata com o estômago cheio.

Estava na metade de sua rotina matutina, tentando sentar-se ainda enquanto sua empregada penteava seu cabelo, quando uma batida soou na porta.

—Entre! — disse suficientemente alto para fazer-se escutar e em seguida murmurou para Sally —, pediu chocolate?

Sally sacudiu a cabeça, e ambas olharam para cima quando entrou a empregada anunciando que Sir Harry estava esperando-a no salão.

—A esta hora da manhã? São quase dez, mal amanheceu, ainda é inescrupulosamente cedo para a visita de um cavalheiro.

—Deseja que diga a Huntley que não está disponível?

—Não — respondeu Olivia. Harry não vinha tão cedo sem uma boa razão— Por favor, lhe informe que descerei em seguida.

—Mas a senhorita não tomou o café da manhã, minha lady —disse Sally. —Estou certa de que

não me consumirei pela falta de um café da manhã. —

Olivia levantou o queixo, olhando seu reflexo no espelho, enquanto Sally estava trabalhando em algo como tranças elaboradas e envolventes, com presilhas e menos de uma dúzia de grampos— Possivelmente um pouco mais simples esta manhã?

Os ombros de Sally desceram bruscamente com decepção. —Estão quase prontas, asseguro-lhe.

Mas Olivia já arrancava grampos.

—Penso simplesmente em um pequeno coque. Nada elaborado.

Sally suspirou e começou a ajustar o penteado. Em questão de dez minutos, Olivia estava pronta e dirigindo-se escada abaixo, tentando ignorar o fato de que a pressa tinha feito com que uma mecha de seus cabelos caísse livremente e teve que prendê-la atrás da orelha. Quando chegou à sala de visitas, Sir Harry estava sentado com todo seu esplendor no outro extremo, junto à pequena escrivaninha da janela.

Ele parecia estar… trabalhando?

—Sir Harry — disse ela olhando um pouco confusa— É tão cedo.

—Cheguei a uma conclusão — disse ele, ficando de pé. Olhou-a impacientemente. Soava tão… definitivo. Ele entrelaçou as mãos diante de seu grande porte— Não posso permitir que fique sozinha com o príncipe. — Lhe disse o mesmo na noite anterior, mas realmente, o que podia fazer ele?— Só há uma solução — continuou— Serei seu guarda-costas. —Ela cravou os olhos nele, aturdida— Ele tem Vladimir. A senhorita tem a mim. — Ela continuou com os olhos cravados nele ainda atordoada — Ficarei aqui com a senhorita hoje — explicou.

Ela piscou várias vezes, finalmente se achando em condições de usar a voz. —Em minha sala de visitas?

—Não pense que tem que me entreter — disse ele, apontando alguns papéis que tinha botado sobre a tampa da pequena escrivaninha— Trago trabalho comigo.

Bom Deus, não tinha intenção de mover-se dali? —Trouxe trabalho?

—Sinto muito, mas na realidade não posso perder um dia inteiro. Olivia abriu a boca, mas isso foi alguns segundos antes que dissesse: —Oh!

Porque realmente, o que mais poderia ter dito?

Harry lhe lançou o que suspeitava que fosse um sorriso alentador.

—Por que não consegue um livro e se junta a mim? — disse ele, apontando o lugar dos assentos no centro da sala — Oh, bem, a senhorita não gosta dos livros. Pois bem, o jornal servirá. Sente-se.

Outra vez ela levou vários segundos antes que conseguisse falar.

—Está me convidando para me juntar ao senhor na minha sala de visitas? Ele a olhou fixamente, e disse:

—Eu Preferiria estar em minha própria sala de visitas, mas acho que isso seria pouco aceitável.

Olivia inclinou a cabeça lentamente, não porque estivesse de acordo com ele, embora supusesse que o estava na última declaração, ao menos.

—Estamos de acordo, então — indicou-o. —O que?

—Está inclinando a cabeça. Olivia deixou de incliná-la.

—Se ofenderia se me sento? — perguntou ele. —Sentar-se?

—Na realidade devo retornar ao trabalho — explicou ele.

—Ao trabalho — repetiu ela, porque estava claro que era o melhor da conversa desta manhã.

Harry a observou, arqueando suas sobrancelhas, e foi então que percebeu o que ele quis dizer e era que não poderia sentar-se até que ela o fizesse.

Ela começou a dizer:

—Por favor — e quase acrescentou, por favor, faça desta sua casa, porque ela tinha vinte anos de cortesia colocada à força de repeti-lo dentro dela. Mas graças ao bom senso (e possivelmente a um pedacinho de autoconservação), tomou forças, e mudou de decisão— Na realidade não deve ser necessário que fique aqui todo o dia.

Disse isso com os lábios juntos, apertados, e as pequenas linhas desdobradas nos cantos da boca. Havia algo resolvido em seus olhos escuros, algo duro e imóvel.

Não pedia permissão a ela, percebeu, dizia a ela o que fazer.

Deve ter lhe arrepiado o pêlo da nuca. Era tudo o que detestava em um homem. Mas tudo o que pôde fazer foi levantar-se dali, sentindo-se… voar. Percebeu que seus pés se retorciam nas sapatilhas, com vontade de ficar nas pontas dos pés, com o corpo repentinamente muito rápido para permanecer fixo à terra.

Olivia se sujeitou ao encosto da cadeira. Sentiu-se como se pudesse sair flutuando. Talvez deveria ter tomado o café da manhã.

Embora isso realmente não explicasse a estranha sensação que estava sentindo… no estômago.

Olhou-o. Ele estava dizendo alguma coisa, mas Olivia definitivamente não escutava. Inclusive não o ouvia, não ouvia nada exceto uma voz pequena dentro de si, lhe dizendo que olhasse para a boca dele, esses lábios, esses…

—Olivia? Olivia?

—Sinto muito — disse ela. Juntou as pernas, pensando que alguma sorte de movimento muscular poderia sacudi-la de seu entusiasmo, não podia pensar em outra parte do corpo que ele não pudesse ver.

Mas isso a fez sentir-se envergonhada.

Sua cabeça se inclinou rapidamente, ele se via… preocupado? Divertido? Era difícil de saber.

Ela tinha que se controlar, agora. Clareou a voz. —O senhor dizia?

—Está tudo bem?

—Perfeitamente bem — respondeu ela sucintamente. Gostou de como soou isso, enérgico e sério, com cada consonante perfeitamente pronunciada.

Harry a observou por alguns momentos, mas ela realmente não podia ler sua expressão. Ou possivelmente não queria ler sua expressão, porque se o fizesse, suspeitava que perceberia que ele estava olhando-a como se repentinamente pudesse começar a ladrar como um cão.

Sorriu-lhe premente, e disse outra vez: —Dizia o que?

—Dizia — disse ele lentamente — que lamento mas não posso permitir que fique sozinha com esse homem. E não diga que Vladimir estará aqui, porque ele não conta.

—Não — disse ela, pensando sobre a última inquietante conversa com o príncipe—, Eu não diria isso.

—Bem. Então estamos de acordo?

—Pois bem, sim — disse ela—, sobre não querer estar a sós com o príncipe Alexei, mas… — Ela clareou a garganta, esperando que pudesse ajudá-la a recuperar seu equilíbrio. Precisava manter a cabeça limpa ao lado deste homem. Harry era extremamente inteligente, e correria em círculos ao redor dela se não conseguisse manter-se em seus pés. E o conseguiria mantendo-se sobre seus pés, não flutuando sobre eles. Clareou a garganta outra vez e logo outra vez, porque quanto mais clareava mais raspava a garganta.

— precisa de alguma coisa para beber? — perguntou-lhe Harry solicitamente. —Não. Obrigada. O que eu tentava dizer era… acho que entende que não estou sozinha aqui. Minha família está aqui também!

—Sim — disse ele, não soando terrivelmente impressionado com o argumento—, é de meu conhecimento, entretanto, nunca os vi. Não aqui, de qualquer forma.

Ela franziu a sobrancelha, olhando por cima do ombro para o vestíbulo. —Acho que minha mãe

está ainda dormindo.

—Esse é o ponto exatamente — disse Harry.

—Agradeço o gesto — disse ela—, mas sinto que devo apontar que é realmente difícil que o príncipe, ou alguém do estilo, venha de visita tão cedo pela manhã.

—Estou de acordo — manifestou Harry—, mas é uma oportunidade que não estou disposto a perder. Embora… — pensou por um momento— Se seu irmão estiver disposto a vir aqui embaixo e jurar ante mim que não permitirá afastar-se de sua vista pelo resto do dia, felizmente irei embora.

—Isso pressupõe que eu quero tê-lo diante de mim pelo resto do dia —disse Olivia acidamente.

—Então está inevitavelmente comprometida comigo, temo eu. Ela o olhou.

Ele a olhou.

Ela abriu a boca para falar.

Ele sorriu.

Ela começou a perguntar-se por que estava brigando tão duro.

—Muito bem — disse ela, finalmente movendo-se na soleira da porta e entrando na sala — Suponho que não pode ser tão grave.

—Nem irá perceber que estou aqui — assegurou ele. Isso, ela duvidava profundamente.

—Está bem, não tenho outros planos para a manhã — informou. —Entendo.

Olivia o olhou cortante. Era desconcertante, não ser capaz de dizer se ele estava sendo sarcástico.

—É altamente fora do comum — murmurou ela, mas fiel a sua palavra, ele estava já de retorno à escrivaninha, cuidadosamente lendo os papéis que estavam com ele. Eram esses os mesmos documentos nos quais esteve trabalhando tão diligentemente quando ela o esteve espionando?

Ela caminhou um pouco mais para perto, tirando um livro de uma mesa. Precisava de um objeto nas mãos, algo para usar como escudo se ele percebesse que ela o observava tão estreitamente.

—Decidiu ler *Miss Butterworth*, então? — perguntou ele sem olhá-la.

Os lábios dela se abriram. Como ele sabia que ela pegou um livro? Como soube até que a observou? Seus olhos não tinham deixado os papéis na escrivaninha.

Era *Miss Butterworth*? De verdade? Ela olhou para baixo para o livro em suas mãos com desgosto. Se fosse pegar um objeto ao acaso, certamente podia ter escolhido alguma coisa melhor que isso.

—Estou tentando ser mais liberal — disse instalando-se na primeira cadeira que encontrou.

—Uma nobre procura— respondeu ele sem levantar o olhar.

Olivia abriu o livro e olhou para baixo, passando rapidamente as páginas até que localizou o ponto onde havia parado a dois dias atrás.

—Pombas… pombas… — murmurou. —O que?

—O tratamento igualitário para as pombas — disse ela docemente.

Harry negou com a cabeça, e ela pensou que o viu sorrir, mas ele continuou sem elevar o olhar.

Olivia suspirou forte e logo olhou às escondidas por cima do ombro dele. Nenhuma reação.

Assegurou a si mesma que o suspiro não tinha sido iniciado com a intenção de tentar atrair a atenção dele. Tinha suspirado porque tinha necessitado exalar um suspiro e se foi forte, bem, é porque esse era seu hábito. E como tinha sido alto, tinha sentido ele olhar às escondidas por cima do ombro.

Suspirou outra vez. Desta vez certa de que não era a propósito que suspirava novamente.

Ele se manteve trabalhando.

O *Possível Conteúdo dos Papéis de Sir Harry*

P*or Olivia Bevelstoke*

A *continuação literária de Miss Butterworth (não seria deliciosa se parecesse ser ele o autor?)*

A *continuação literária não autorizada por Miss Butterworth, porque era altamente difícil que ele houvesse escrito o original, por muito esplêndido que fosse, como Um Diário Secreto, com todos os seus segredos (!!!!!)*

Um pouco mais perfeito do que comprar um novo chapéu.

Olivia riu nervosamente.

—O que é tão engraçado? — perguntou Harry, olhando finalmente para cima. —Não poderia possivelmente explicar — respondeu ela, fazendo uma tentativa para não sorrir abertamente.

—Está brincando a minhas custas? —Só um pouco.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Oh muito bem, é inteiramente a suas custas, mas isso é o menos que merece.

Sorriu, esperando algum comentário, mas ele se manteve em silêncio. O que foi decepcionante.

Retornou à *Miss Butterworth*, mas embora a pobre garota justamente tivesse quebrado ambas as pernas espantosamente e quebrado a carruagem, o romance não era emocionante.

Olivia começou a tamborilar em uma das páginas abertas. O ruído ficou mais forte… e mais forte… até que parecia um eco através da sala.

Para seu ouvido, ao menos. Harry nem percebeu.

Olivia exalou um forte suspiro e voltou para *Miss Butterworth* e suas pernas quebradas.

Voltou uma página. E a leu. E virou para outra. E a leu. E virou outra. E… —Está agora no Capítulo quatro.

Ela saltou do assento, alarmada pelo som da voz de Harry perto de seu ouvido. Como era possível que ele se aproximasse sem ela perceber?

—Deve ser um bom livro — lhe disse ele. Olivia encolheu os ombros.

—É passável.

—Recuperou-se Miss Butterworth da praga?

—Oh, isso foi antes. Mais recentemente quebrou ambas as pernas, foi picada por uma abelha, e esteve perto de ser vendida como escrava.

—Tudo em quatro Capítulos?

—Mas bem em três — disse, assinalando a parte superior visível do Capítulo na página aberta — Apenas iniciei o quarto.

—Terminei meu trabalho — disse ele, caminhando ao redor da frente do sofá. Ah. Agora, finalmente, ela poderia perguntar:

—O que estava fazendo?

—Nada muito interessante. A prova litográfica de grãos de minha propriedade em Hampshire.

Comparado com o que tinha imaginado, isto era algo decepcionante.

Harry se sentou no outro extremo do sofá, atravessando um tornozelo sobre o joelho oposto. Era uma posição muito informal; falava de comodidade, e familiaridade, e algo mais, algo que a enjoou e acendeu. Ela tentou pensar em outro homem que pudesse sentar-se perto dela em uma atitude tão relaxada, não havia ninguém, somente seus irmãos.

E Sir Harry Valentine não era definitivamente seu irmão.

—O que está pensando agora? — perguntou ele com voz ardilosa. Olivia deve ter se mostrado alarmada, porque ele acrescentou—: Estava se ruborizando.

Olivia jogou os ombros para trás. —Não me ruborizo.

—Claro que não — respondeu ele sem titubear— Faz muito calor aqui dentro. Quando não estava absolutamente quente.

—Eu estava pensando sobre meus irmãos — disse ela. Era um tanto verdadeiro, e deveria pôr freio à imaginação dele a respeito de seu suposto rubor.

—Agrada-me muito seu gêmeo — expressou Harry.

—Winston? — Bom Deus, ele poderia ter dito que gostava de balançar-se nas árvores com os macacos, ou comer excrementos.

—Alguém que pode meter-se debaixo de sua pele só pode merecer meu respeito.

Ela olhou-o carrancuda.

—E suponho que você não será mais que doçura e suavidade com sua irmã? —Absolutamente não — respondeu ele sem nenhuma vergonha— Fui uma besta. Mas… — se inclinou para frente e os olhos transbordavam de travessura— Sempre utilizei o sigilo.

—Oh, por favor. —A Olivia bastava à experiência com seus irmãos sobre a persuasão masculina para saber que ele não tinha nem ideia do que falava— Se você está tentando me dizer que sua irmã não foi consciente de suas travessuras…

—Oh não, ela foi mais que totalmente consciente. —Harry se inclinou para frente— Mas minha avó não.

—Sua avó?

—Ela teve que viver conosco quando eu era pequeno. Eu estava certamente mais perto dela que de nenhum outro de meus parentes.

Olivia se viu inclinando a cabeça, embora não estivesse certa do por que. —Ela deve ter sido encantadora.

Harry deixou escapar uma gargalhada.

—Ela foi muitas coisas, mas não encantadora.

Olivia não pôde ocultar seu aberto sorriso quando perguntou: —Como o que?

—Foi uma mulher muito… — Harry agitou uma mão no ar enquanto considerava suas palavras — Severa. E teria que dizer que era realmente firme em suas opiniões.

Olivia considerou isso por um momento, e disse:

—Eu gosto das mulheres que se mantêm firmes em suas opiniões. —Suponho que sim.

Ela sentiu a si mesma sorrir, e se inclinou para frente, sentindo-se maravilhada, quase efervescente.

—Será que ela gostaria de mim?

A pergunta parecia tê-lo pego despreparado, e sua boca ficou aberta por alguns momentos antes que ele finalmente dissesse, vendo-se quase divertido pela pergunta.

—Não. Não, não acredito.

Olivia sentiu sua boca afrouxar-se com a sacudida. —Desejava que eu mentisse?

—Não, mas…

Harry manifestou seu protesto.

—Ela tinha pouca paciência com qualquer um, removeu do cargo a seis de meus tutores.

—Seis?

Ele concordou com um sinal de cabeça.

—Deus. —Olivia ficou impressionada— Eu teria gostado dela — murmurou— Só consegui tirar a cinco tutores.

Ele sorriu lentamente.

—Não é estranho que eu não ache surpreendente isso?

Ela o olhou carrancuda. Melhor dizendo, teve a intenção de olhar carrancuda. Provavelmente era algo mais próximo a um sorriso aberto.

—Como é possível — perguntou ela — que não soubesse nada de sua avó? —Você não perguntou

O que pensava ele, que ela corria por toda parte perguntando às pessoas sobre seus avós? Mas então lhe ocorreu. O que sabia ela a respeito dele, realmente?

Muito pouco. Muito pouco certamente.

Era estranho, porque o conhecia. Estava realmente certa disso. E logo percebeu isso, ela conhecia o homem, mas não o que ele havia feito.

—Como eram seus pais? — Perguntou ela repentinamente. Ele a olhou com um pouco de surpresa— Não lhe perguntei por sua avó — disse ela, a modo de explicação— Era uma vergonha que ele não pensasse nisso.

—Muito bem. —Mas Harry não respondeu imediatamente. Os músculos de seu rosto se moveram, embora não o suficiente para revelar o que pensava, exceto para deixá-la saber que ele

pensava, e que realmente não podia decidir como responder. Então ele disse:

—Meu pai era um bêbado.

M*iss Butterworth*, o livro que Olivia não percebeu que ainda segurava nas mãos, escapou dos dedos e caiu sobre seu colo.

—Foi um bêbado bem amável, mas estranhamente, isso não parece fazê-lo muito melhor. — O rosto de Harry não deixou transparecer emoção. Ele sorria até, como se fosse tudo isso uma piada.

Isso o fazia mais fácil. —Sinto muito — disse ela. Harry encolheu os ombros.

—Ele não pôde ajudar a si mesmo.

—É muito difícil — disse ela brandamente.

Harry se virou rapidamente, porque havia algo em sua voz, algo humilde, algo talvez até… subentendido.

Mas ela não podia. Ela possivelmente não poderia. Tinha uma ordem, uma família feliz, um irmão que se casou com sua melhor amiga, e uns pais a quem realmente importava.

—Meu irmão — disse ela— O que se casou com minha amiga Miranda. Não sei se disse, mas esteve casado antes. Sua primeira esposa era horrível, logo morreu e não sei, alguém poderia pensar que teria gostado de se livrar dela, mas ele pareceu se afundar mais e mais miseravelmente. —Houve uma pausa, e em seguida ela disse—Ele mudou muito.

N*ão é o mesmo*, quis dizer Harry, porque não foi seu pai, não foi à pessoa que supostamente a deveria amar e proteger e garantir no mundo um lugar estável. *Não era o mesmo*, porque ela não teve que limpar o vômito de seu irmão vezes. Não era uma mãe que nunca parecia ter algo para dizer, e isso não era… isso não era o mesmo, maldição. Não o era.

—Não é o mesmo — disse ela silenciosamente— Não acredito possível que possa sê-lo.

E com essas palavras, essas duas frases curtas, tudo dentro dele, todos esses sentimentos que esteve rememorando, acalmaram-se. Colocando-o em um lugar mais confortável.

Ela sorriu atenciosamente. sorriu só um pouquinho mas foi um sorriso verdadeiro.

—Acho que posso entender. Talvez um pouco.

Por alguma razão, Harry olhou para baixo, para as mãos que descansavam sobre o livro que ela tinha no colo, e em seguida para o sofá, coberto com uma pálida faixa verde. Ele e Olivia não estavam exatamente perto um do outro; havia espaço para uma pessoa entre eles. Mas estavam no mesmo sofá, e se ele estendesse a mão e se ela estendesse a dela…

Seu fôlego ficou preso. Porque ela estendeu a mão.

CAPÍTULO 16



Harry não pensou no que tinha feito. Não podia ter pensado nisso, porque se o tivesse feito, nunca o teria feito. Mas quando ela esticou a mão...

Ele a pegou.

Foi nesse momento quando Harry percebeu o que tinha feito, e talvez foi quando ela percebeu o que tinha começado, mas então já era muito tarde.

Ele atraiu os dedos dela para seus lábios e beijou cada um deles, bem na base deles, onde ela usaria o anel. Onde, naquele momento, não usava nenhum. Onde, em um terrível brilho de imaginação, viu-a usando seu anel.

Deveria ter sido uma advertência. Deveria sentir suficiente pânico para lhe fazer deixar cair a mão, fugir do recinto, da casa, de sua companhia, para sempre.

Mas não fez absolutamente nada. Manteve a mão dela sobre seus lábios, incapaz de deixar de sentir o tato da pele dela.

Olivia estava quente e suave. Tremia.

Harry levantou o olhar, finalmente, seus olhos. Estavam abertos amplamente, contemplando-o com medo... e confiança... e talvez... desejo? Não podia estar certo disso, porque sabia que ela não podia ter certeza. Olivia não conhecia o desejo, não entendia sua doce tortura, o desejo pelo corpo de outro ser humano.

Ele sabia, e percebeu que soube quase constantemente desde que a conheceu. Tinha existido esse primeiro e eletrizante momento de atração, sim, mas não tinha sido significativo. Ele não a conhecia então, sequer gostou dela.

Mas, agora... era diferente. Não era só sua beleza o que desejava, ou a curva de seus seios, ou o sabor de sua pele. Queria a ela. Toda ela. Queria o que fosse que a fizesse ler jornais em vez de romances, e queria esse pequeno pingo de pouco convencionalismo que a fazia abrir uma janela e lhe ler tolos romances através do espaço entre suas casas.

Queria sua inteligência afiada, o triunfo em seu rosto quando se sentia apta. E queria o olhar de horrorizado e desconcerto quando ele a vencia.

Desejava o fogo atrás de seus olhos, e o sabor de seus lábios, e sim, queria-a debaixo dele, ao lado dele, em cima dele... em qualquer posição possível, de cada forma.

Iria ter que casar-se com ela. Era assim simples.

—Harry? — sussurrou Olivia, e seu olhar caiu a seus lábios.

—Vou beijar você — disse ele brandamente, sem pensar, sem sequer considerar que era algo que talvez devesse lhe perguntar.

Inclinou-se para frente, e no segundo último antes que seus lábios tocassem os dela, sentiu-se como novo...

Este era um novo começo.

Então a beijou, o primeiro toque dolorosamente suave, nada mais que um roçar dos lábios com os dela. Mas o contato foi elétrico. Tirava o fôlego, em todo o sentido literal da frase. Afastou-se só o suficiente para ver sua expressão. Olivia o olhava fixamente com uma sensação de maravilha, seus olhos azuis bebendo-o.

Ela sussurrou seu nome.

Foi sua ruína. Atraiu-a para ele de novo, esta vez com toda a urgência correndo por suas veias. Beijou-a com avidez, todas as precauções desapareceram, e antes que percebesse, suas mãos estavam nos cabelos dela, e os grampos caíram, e em tudo o que podia pensar era em que queria vê-la com o cabelo solto.

Seus cabelos soltos, flutuando sobre a pele. E nada mais.

Seu corpo, já tenso de desejo, ficou incrivelmente duro, e em uma rajada miserável de prudência, percebeu que se não se separasse dela imediatamente, iria arrancar as roupas do corpo dela e tomá-la ali mesmo na sala dos pais dela.

Com a porta aberta.

Bom Deus.

Harry pôs as mãos nos ombros, sem empurrá-la muito duro quando se afastou dela.

Por um momento não puderam fazer nada mais que olhar um para o outro. Os cabelos dela soltaram-se do penteado, e ela parecia adorável, esplendidamente despenteada. Olivia levou uma das mãos à boca, os três dedos do meio tocaram os lábios com assombro.

—Você beijou-me — sussurrou ela.

Harry concordou com um sinal de cabeça.

Seus lábios se moveram em um esboço de sorriso. —acho que lhe devolvi o beijo.

Ele concordou de novo. —Assim é.

Ela o olhou como se fosse dizer algo mais, mas logo se voltou para a porta aberta.

E sua mão, que ainda estava perto do rosto, moveu-se para o cabelo. —Querer arrumar isso — disse ele, com seus próprios lábios tremendo com diversão.

Olivia concordou. E de novo, olhou-o como se fosse falar, mas não falou. Reuniu todo o cabelo na parte posterior do pescoço, usando uma mão para mantê-lo todo agrupado como um rabo-de-cavalo, e depois ficou de pé.

—Você estará aqui quando eu voltar? — perguntou ela. —Deseja que eu esteja?

Olivia concordou.

—Estarei aqui — disse Harry, apesar de ter dito o mesmo se ela houvesse dito que não.

Olivia concordou outra vez apressando-se na direção da a porta. Mas antes de ir, voltou-se uma última vez e o olhou.

— Eu... — começou a dizer, mas então só moveu a cabeça.

—Você o que? — perguntou Harry, incapaz de manter a cálida diversão longe de sua voz.

Olivia encolheu os ombros com impotência. —Não sei.

Harry riu. Ela riu. E se foi, ele decidiu enquanto escutava o som dos passos dela desvanecendo-se, um momento perfeito.

De todas as formas possíveis.

* * *

Harry continuava sentado no sofá quando o mordomo entrou no aposento uns minutos depois.

—O príncipe Alexei Gomarovsky para lady Olivia — entoou. Fez uma pausa, inclinando-se para frente enquanto olhava pelo recinto — Lady Olivia?

Harry começou a dizer que ela voltaria em um momento, mas o príncipe já tinha entrado no aposento.

—Ela me receberá — estava dizendo o príncipe ao mordomo.

Mas me beijou, quis se vangloriar Harry. Era uma sensação maravilhosa, aquela. Ele tinha ganhado. E o príncipe tinha perdido. E embora um cavalheiro não beijasse e contasse, Harry tinha certeza de que no momento no qual Alexei deixasse a casa Rudland, ele saberia quem ganhou o favor de Olivia.

Harry levantou-se, sentindo-se só um pouco malvado pelo muito que estava desejando aquilo.

Nunca tinha afirmado que não era um homem competitivo.

—Você — disse o príncipe Alexei. Na realidade, soou um pouco como uma acusação.

Harry sorriu brandamente enquanto se levantava em sinal de boas vindas.

—Eu.

—O que faz aqui?

—Vim visitar lady Olivia é claro. O que faz Sua alteza aqui? O príncipe escolheu responder com um sorriso. —Vladimir! —bradou.

Vlad o Empalador (como Harry se acostumou a chamá-lo) entrou a passos largos no aposento, lançando a Harry um olhar áspero antes de se voltar para o seu senhor, que lhe estava perguntando (em russo, é evidente) o que tinha descoberto a respeito de Harry.

Poka nitchevo.

Nada ainda.

Por isso Harry estava imensamente agradecido. Não era de conhecimento público que ele falava russo, mas tampouco era algo que precisasse esconder. Não se precisaria de muita investigação para descobrir que a avó de Harry provinha de uma extremamente antiga e nobre família russa.

O que não queria dizer necessariamente que ele houvesse aprendido o idioma, mas o príncipe Alexei teria que ser um idiota para não perguntar embora Alexei fosse grosseiro, e lascivo, e provavelmente sem nenhuma qualidade social redentora, não era idiota, apesar de Harry o ter chamado assim no passado.

—Teve uma manhã agradável, Sua Alteza? — perguntou Harry com sua voz mais amigável.

O príncipe Alexei o fulminou com o olhar, com a clara intenção de que essa fosse sua resposta.

—Eu estou tendo uma manhã adorável — respondeu Harry, sentando-se de novo.

—Onde está lady Olivia?

—Acho que foi lá encima. Tinha algo que... ah... atender —Harry fez um pequeno movimento sobre o cabelo, e decidiu deixar que o príncipe interpretasse como quisesse.

—Esperarei por ela — disse Alexei em seu habitual tom entrecortado.

—Por favor, adiante — disse Harry amavelmente, apontando o assento na frente dele. Por isso, recebeu outro olhar furioso, provavelmente merecido, já que não era sua atribuição agir como anfitrião.

Mesmo assim, aquilo foi imensamente divertido.

Alexei afastou a ponta da camisa e tomou assento, com a boca pressionada em uma linha firme e

implacável.

Ficou olhando para frente, claramente com a intenção de ignorar completamente Harry.

O que seria bom para Harry, posto que não tinha um grande desejo de interagir com o príncipe, exceto que se sentia um pouco superior, posto que era a ele a quem Olivia tinha escolhido beijar e não ao príncipe, apesar da posição de Harry fora da realeza, fora da aristocracia, fora de tudo o que o príncipe apreciava.

E quando combina isto com a diretiva atual de Harry do Ministério de Defesa, a qual alguém poderia interpretar como que devia fazer o melhor para ser um espinho no flanco do príncipe russo, bom...

Nada mais longe de Harry Valentine que evitar seu dever patriótico.

Harry se levantou só o suficiente para alcançar *Miss Butterworth* na mesa, depois se sentou, cantarolando para si mesmo enquanto encontrava a página aonde parou há dois dias, com a pobre Priscilla perdendo sua família pela varíola.

Hmmhmmhmmmhmmmmmmhmhm...

Alexei lhe dirigiu um olhar penetrante de incômodo.—*Deus salve ao rei* — informou Harry— Em caso de que se estivesse perguntando.

—Ninguém estava perguntando nada.

—*Deus salve a nossa majestade o Rei. Longa vida a nosso nobre Rei, Deus salve ao Rei*.

Os lábios do príncipe se moveram, mas seus dentes se mantiveram apertados enquanto dizia com um resmungo.

—Estou familiarizado com a melodia.

Harry deixou que sua voz aumentasse rapidamente de volume.

—Manda-*o vitorioso, feliz e glorioso, que reine longamente sobre nós: Deus salve ao Rei*.

—Pare seu canto infernal.

—Só estou sendo patriótico — disse Harry começando de novo com—: *Ou senhor, nosso Deus, o eleve, disperse seus inimigos, e faça-os cair.*

—Se estivéssemos na Rússia, o mandaria prender. —Por cantar o hino de meu país? — murmurou Harry.

—Você não precisaria nenhuma razão mais que minha própria indulgência. Harry considerou, encolheu os ombros, e continuou.

—*Confunde suas políticas, frustra seus vis truques, em ti nossas esperanças fixamos, Deus nos salve a todos.*

Fez uma pausa, decidindo que o verso final não era necessário. Preferia terminar em vis truques.

—Somos um povo extremamente imparcial — disse ele ao príncipe— Se preferir ser incluído no todos.

Alexei não respondeu, mas Harry notou que ambas as mãos estavam fechadas e muito apertadas.

Harry voltou à *Miss Butterworth*, decidindo que não o incomodava esta parte do ofício de espião. Nunca sentiu tanta diversão incomodando alguém desde...

Nunca.

Sorriu para si mesmo. sequer torturar sua irmã tinha sido tão delicioso. E Sebastian nunca levava nada a sério; era quase impossível incomodá-lo.

Harry cantarolou as primeiras notas de A Marseillaise, só para avaliar a reação do príncipe (de rosto vermelho e brilhando com fúria), depois concentrou-se na leitura. Passou a página, decidindo rapidamente que não tinha interesse pelos anos de formação de Priscilla Butterworth, e finalmente parou na página 144, que parecia conter loucura, desfiguração, insultos, e lágrimas... — todos os requisitos para um romance extremamente bom.

—O que está lendo? — exigiu saber o príncipe Alexei. Harry levantou o olhar ausente.

—Desculpe?

—O que está lendo? — perguntou bruscamente o príncipe. Harry baixou o olhar para o livro e depois olhou para o príncipe. —Achei que não desejava falar comigo.

—Não quero, mas sou curioso. O que é esse livro?

Harry levantou o livro para que o Príncipe Alexei pudesse ver a capa.

—*Miss Butterworth e o Barão Louco.*

—É isso o que é popular na Inglaterra? — zombou Alexei. Harry pensou nisso.

—Não sei. Lady Olivia está lendo. Pensei que podia fazer o mesmo. —Não é o livro que ela disse que não havia gostado?

—Acho que sim — murmurou Harry— Não posso dizer que a culpe.

— Leia um trecho desse livro para mim.

Um ponto para o príncipe. Harry só poderia ficar mais surpreso se o príncipe tivesse vindo diretamente e o tivesse beijado.

—Não acho que vai apreciar— disse Harry. —E você gosta deste livro?

—Não realmente — respondeu Harry com um movimento de cabeça. Não era precisamente verdade, ele apreciava muito ouvir Olivia lê-lo em voz alta. Ou ele lendo em voz alta para Olivia. Mas de algum jeito duvidou que as palavras tivessem a mesma magia com o príncipe Alexei Gomarovsky da Rússia.

O príncipe levantou o queixo, inclinando o rosto muito rapidamente para o lado. Era como se estivesse posando para um retrato, percebeu Harry. O homem passava a vida inteira colocando-se como se estivesse posando para um retrato.

Harry talvez tivesse sentido pena por ele se ele não fosse tão imbecil.

—Se lady Olivia o está lendo —disse o príncipe— então eu quero fazer o mesmo.

Harry fez uma pausa, digerindo isso. Supôs que podia sacrificar *Miss Butterworth* pelo bem das relações anglo-russas. Fechou o livro e o estendeu para o príncipe.

—Não. Leia para mim.

Harry decidiu obedecer. Era uma solicitação tão estranha que não pôde dizer que não. Claro que também Vladimir tinha dado dois passos em sua direção e tinha começado a resmungar.

—Como queira Sua Excelência — disse Harry, outra vez sentando-se com o livro— Assumo que gostaria de começar pelo princípio.

Alexei respondeu com um único consentimento real. Harry voltou para o começo do livro.

—*Era uma noite ventosa e escura* — leu— *e Miss Priscilla Butterworth estava certa de que a qualquer momento o aguaceiro começaria a cair, vertendo-se dos céus aos mares, encharcando tudo o que se encontrasse dentro de seu âmbito*. — Harry levantou os olhos — Por certo, âmbito é usado incorretamente.

—O que é verter-se ao mares? Harry olhou as palavras.

—Hein, só uma expressão. Como dizer chover muito. —Acho uma coisa estúpida.

Harry encolheu os ombros. Nunca foi aficionado pelo idioma propriamente. —Continuo?

O príncipe concordou outra vez.

—*Ela estava, é evidente, protegida do mau clima em seu pequeno quarto, mas os marcos...*

—O senhor Sebastian Grei — Ouviu-se a voz do mordomo. Harry tirou os olhos do livro com um pouco de surpresa. —Está ele aqui para ver lady Olivia? — perguntou ele.

—Está aqui para vê-lo — informou o mordomo, soando vagamente incômodo por todo o assunto.

—Ah. Bom. Mostre-lhe o caminho então.

Sebastian entrou um momento depois, já na metade de sua instrução. —..disse-me que o encontraria aqui. Devo dizer que é muito conveniente. —

parou e piscou algumas vezes, olhando para o príncipe com surpresa — Sua senhoria — disse ele, inclinando-se.

—Meu primo — disse Harry.

—Recordo-o — disse Alexei friamente— Desastrado com o champanhe.

—Que terrível de mim — disse Sebastian, acomodando-se em uma cadeira— Sou um tolo absoluto, já sabe. Derramei vinho sobre o chanceler na semana passada.

Harry tinha certeza de que Sebastian nunca teve motivos para estar no mesmo lugar com o chanceler, muito menos o suficientemente perto para lhe derramar vinho sobre as botas.

Mas o guardou para si.

—O que estão fazendo, meus elegantes cavalheiros nesta tarde? — perguntou Sebastian.

—É tarde? — perguntou Harry. —Só um pouco.

—Sir Harry está lendo — disse o príncipe.

Sebastian olhou para Harry com um interesse não dissimulado.

—Ele está dizendo a verdade — disse Harry mostrando *Miss Butterworth*.

—*Miss Butterworth e o Barão Louco* — disse Sebastian com aprovação— Excelente escolha...

—Já o leu?— Perguntou Alexei.

—Não é tão bom como *Miss Davenport e o marquês escuro*, é claro mas muito melhor que *Miss Sainsbury e o misterioso coronel*.

Harry ficou sem palavras.

—Agora mesmo estou lendo *Miss Truesdale e o cavalheiro silencioso*. —Silencioso? — repetiu Harry.

—Há uma notável falta de diálogo — confirmou Sebastian. —Por que está aqui? — perguntou o príncipe sem rodeios.

Sebastian se voltou para ele com uma expressão alegre, como se não notasse que o príncipe o detestava palpavelmente.

—Preciso falar com meu primo é claro. — acomodou-se no assento, com aspecto de poder ser capaz de esperar ali todo o dia— Mas posso esperar.

Harry não tinha uma resposta pronta para isso. Tampouco, aparentemente, o príncipe.

—Continua — insistiu Sebastian.

Harry não tinha nem ideia do que estava falando.

—Com o livro. Acho que eu poderia ficar e escutar. Não o leio faz muito tempo.

—Vai sentar aqui enquanto leio em voz alta? — perguntou Harry incredulamente.

—E para o príncipe Alexei— recordou Sebastian. Fechou os olhos — Não prestem atenção em mim. Ajuda a imaginar a cena.

Harry não teria acreditado possível que nada pudesse fazer sentir um pouco de solidariedade com o príncipe, mas enquanto trocavam olhares estava claro que ambos pensavam que Sebastian era demente.

Harry pigarreou e voltou ao princípio da oração, e leu.

—Ela estava, é obvio, protegida do mau clima em seu pequeno quarto, mas os marcos das janelas trepidavam fazendo tanto ruído que não havia maneira pela qual ela pudesse conciliar o sono nesta noite.

Harry levantou o olhar. O príncipe estava escutando atentamente, apesar da expressão aborrecida no rosto.

Sebastian estava completamente cativado. Ou isso ou dormindo!

—Aconchegada em sua estreita e fria cama, não pôde evitar recordar todos os sucessos que a tinham levado a este lugar sombrio, nesta noite sombria. Mas aqui, estimado leitor, não é aonde começa nossa história.

Os olhos de Sebastian se abriram. —Está só na primeira página? Harry arqueou a sobrancelha.

—Achou que Sua Excelência e eu nos juntamos a cada tarde, conduzindo sessões de leituras secretas?

—Me dê o livro — disse Sebastian, esticando-se e arrancando-o das mãos de Harry— Recita terrivelmente.

Harry se voltou para o príncipe. —Tenho pouco treinamento.

—Era uma noite ventosa e escura — começou Sebastian e Harry teve que admitir que o primo dramatizava bastante. Até Vladimir estava se inclinando para frente para ouvir, e não falava inglês.

—Miss Priscilla Butterworth estava certa de que a qualquer momento o aguaceiro começaria a cair, vertendo-se dos céus aos mares, encharcando tudo o que se encontrasse dentro de seu âmbito

Querido Deus, quase soava como um sermão. Sebastian claramente equivocou-se de profissão.

—Âmbito não está usado corretamente — disse o príncipe Alexei.

Sebastian olhou para cima e seus olhos brilhavam com irritação. —Claro que está.

Alexei apontou um dedo na direção de Harry. —Ele disse que não.

—Não está — disse Harry encolhendo os ombros. —O que tem de mau? — demandou Sebastian.

—Implica em que o que ela vê está sob seu poder ou controle. —Como sabe que não está?

—Não sei — admitiu Harry—, mas ela não parece controlar nada mais. — Olhou para o príncipe— Sua mãe foi bicada até a morte por pombas.

—Isso passa — disse Alexei com um consentimento. Tanto Harry como Sebastian o olharam com assombro. —Não é acidental — objetou Alexei.

—Talvez eu precise revisar meu desejo de conhecer a Rússia — disse Sebastian.

—Justiça rápida — declarou Alexei— É a única maneira.

Harry não podia acreditar que fosse perguntar, mas tinha que fazê-lo. —As pombas são rápidas?

Alexei encolheu os ombros, muito possivelmente o gesto menos curto e preciso que Harry o tinha visto fazer.

—A justiça é rápida. O castigo nem tanto.

Isto foi recebido com silêncio e olhares fixos, logo Sebastian se voltou para Harry e disse.

—Como sabia a respeito das pombas?

—Olivia me disse. Ela está mais avançada na leitura.

Os lábios de Sebastian se juntaram com desaprovação. Harry sentiu sua parte de surpresa. Foi uma expressão singularmente estranha ver no rosto de seu primo. Harry não podia recordar a última vez que Sebastian tinha desaprovado nada.

—Posso continuar? — perguntou Sebastian e sua voz jorrava ansiedade. O príncipe deu seu consentimento e Harry murmurou:

—Por favor— e todos se acomodaram para escutar. Até Vladimir.

CAPÍTULO 17



O segundo penteado de Olivia precisou de muito mais tempo para ser arranjado do que o primeiro. Sally, ainda irritada por ter sido cortada na metade da trança, lançou um olhar ao cabelo de Olivia e não tinha parado com os já disse.

E apesar de ir contra a natureza de Olivia sentar-se mansamente e aguentar esses abusos, sentou-se mansamente e o fez, já que não podia dizer a Sally que a única razão pela qual tinha o cabelo solto e tremendamente desordenado era porque Sir Harry Valentine tinha passado as mãos nele.

—Pronto — declarou Sally, colocando o último grampo com o qual Olivia considerava um uso desnecessário de força - Isso vai aguentar toda a semana, se a senhorita assim o decidir.

Olivia não teria se surpreendido se Sally a tivesse colado, só para manter cada cabelo em seu lugar.

—Não saia sob a chuva — advertiu Sally. Olivia se levantou e se dirigiu para a porta. —Não está chovendo.

—Poderia estar!

—Mas... — Olivia cortou. Meu deus! O que estava fazendo, de pé, discutindo com sua donzela? Sir Harry continuava lá embaixo, esperando-a.

Apenas em pensar nele já se sentia enjoada.

—Por que saltita? — perguntou Sally desconfiadamente. Olivia parou com a mão na maçaneta da porta.

—Eu não estava saltitando.

—Estava fazendo — Sally fez um estranho movimento como saltando — isto. —Estou caminhando tranquilamente para a sala — anunciou Olivia. Saiu para o corredor — Muito tranquilamente! Sou como um portador de caixão... — Ela se virou, Verificou que Sally estava fora do alcance do ouvido e se precipitou pelas escadas.

Ao chegar ao andar de baixo optou por um passo lento, como de funeral, e possivelmente foi por isso que suas pegadas foram tão tranquilas e chegou à sala sem que ninguém percebesse.

O que viu...

Na realidade não tinha palavras para descrevê-lo.

Ficou de pé na porta, pensando que este seria um bom momento para criar uma lista titulada *As coisas que não espero ver em minha sala de visitas*, mas não estava certa de poder chegar a nada que superasse o que estava vendo em sua sala, que era Sebastian Grei, de pé sobre uma mesa, lendo (com grande emoção*) Miss Butterworth e o Barão Louco*.

Se isso não fosse suficiente — e na realidade deveria ter sido suficiente — o que estava fazendo Sebastian Grei em Rudland House, de todos os modos? Harry e o príncipe estavam sentados um junto ao outro no sofá e não pareciam ter sofrido dano corporal nas mãos um do outro.

Então foi quando Olivia percebeu as três criadas, empoleiradas em um sofá em um canto, olhando com entusiasmo para Sebastian.

Uma delas inclusive poderia estar com lágrimas nos olhos.

E estava Huntley, de pé ao lado, com a boca aberta, claramente superado pela emoção.

—*Vovó! Vovó!* — estava dizendo Sebastian, com voz mais aguda que o habitual— *Não vá. Suplico-lhe. Por favor, por favor não me deixe aqui sozinha.*

Uma das criadas começou a chorar silenciosamente.

—*Priscilla parou na frente da grande casa durante vários minutos, uma figura pequena, somente observando a carruagem alugada de sua avó descer pelo caminho e desaparecer da vista. Ela tinha ficado às portas de Fitzgerald Place, depositada como um pacote não desejado.*

Outra criada começou a choramingar. As três levantaram as mãos.

—*E ninguém* — a voz de Sebastian desceu até alcançar um registro dramático

— *sabia que ela estava ali. Sua avó sequer tinha batido na porta para alertar seus primos de sua chegada.*

Huntley ia movendo a cabeça, os olhos muito abertos pela comoção e a tristeza. Foi a maior emoção que Olivia jamais tinha visto o mordomo demonstrar.

Sebastian fechou os olhos e colocou uma mão sobre o coração.

—*Ela tão somente tinha oito anos.*

Fechou o livro.

Silêncio. Absoluto silêncio. Olivia olhou a seu redor, percebendo que ninguém sabia que ela estava ali.

E então...

—Bravo! — Huntley foi o primeiro a felicitar, aplaudindo com grande ardor. As criadas se somaram a seguir, engolindo em seco de uma vez, mais que aplaudindo. Inclusive Harry e o príncipe

aplaudiram, embora o rosto de Harry tivesse mais diversão que outra coisa.

Sebastian abriu os olhos e foi o primeiro a vê-la.

—Lady Olivia — disse com um sorriso— Quanto tempo faz que está aí? —Desde que Priscilla roga a sua avó que não se vá.

—Uma mulher sem coração — disse Huntley.

—Ela fez o que tinha que fazer — sustentou o príncipe. —Com todo respeito, Sua Excelência...

Olivia ficou boquiaberta. Seu mordomo estava discutindo com a realeza? —Se o tivesse tentado com mais empenho...

—Não teria sido capaz de alimentar à menina — interrompeu o príncipe— Qualquer tolo poderia ver isso.

—Foi dilacerador — disse uma das criadas. —Chorei — disse outra.

A terceira concordou com um sinal de cabeça, ao parecer incapaz de falar. —É um orador maravilhoso — continuou a primeira.

Sebastian sorriu para as três efusivamente. —Obrigado pela atenção — murmurou. Ouviu-se um suspiro.

Olivia esfregou os olhos, tentando ainda dar sentido à cena. Voltou-se para Harry com um olhar inquisitivo. Certamente ele tinha uma explicação.

—Realmente melhora um pouco se Sebastian ler — lhe disse ele. —Realmente não poderia ter sido pior — murmurou Seb.

—Isto se deveria fazer em russo — disse o príncipe— Seria um grande êxito. —Acho que a pouco sua excelência disse que sua literatura tem uma tradição mais profunda — disse Olivia.

—Isto é muito profundo — respondeu— Como uma sarjeta.

—Começo o Capítulo seguinte? —perguntou Sebastian. —Sim! — foi a contundente resposta.

—Oh, por favor — rogou uma das criadas.

Olivia continuava imóvel, só seus olhos foram de um lado a outro. Por muito esplendidamente que Sebastian lesse, não estava certa de poder ficar um Capítulo inteiro sem rir. O que não a faria muito querida por... bom... ninguém. Certamente não queria cair em desgraça ante Huntley. Todo mundo sabia que ele governava a casa.

Talvez isso significasse que poderia escapar. Ainda não tinha tomado o café da manhã. E tampouco tinha acabado de ler o jornal. Se Sebastian entretinha todos os convidados (e o pessoal da casa também, mas Olivia estava disposta a passá-lo para frente), então poderia escapar para sala de

café da manhã e ler. Ou talvez ir às compras. Precisava de um chapéu novo.

Estava refletindo sobre suas opções quando Vladimir falou de repente. Em russo, é claro.

—Ele diz que você deveria estar sobre os palcos — disse Alexei para Sebastian.

Sebastian sorriu satisfeito e fez uma reverência em direção a Vladimir.

—*Spasibo* — disse, agradecendo ao guarda costas do príncipe.

—Você fala russo? — Perguntou o príncipe, voltando-se bruscamente em direção a Sebastian.

—Só o básico — respondeu imediatamente Sebastian— Sei dizer obrigado em quatorze idiomas. Ah! E por favor em doze.

—Sério? — perguntou Olivia, muito mais interessada nisto que em que recitassem *Miss Butterworth*— Que idiomas?

—Também parece útil poder dizer: Preciso *de um gole* — disse Sebastian ao príncipe.

—*Ah!* — disse com aprovação— Em russo, é *Ya nuzhdayus v napitkyeh*.

—*Spasibo* — respondeu Sebastian.

—Não, a sério — disse Olivia, apesar de que ninguém estava prestando atenção— Quero saber que idiomas.

—Alguém sabe que horas são? — perguntou Harry.

—Há um relógio no suporte da lareira — disse Olivia sem olhá-lo — Senhor Grei —insistiu.

—Um momento — disse a ela, antes de voltar-se para o príncipe— Tenho muita curiosidade quanto ao seu empregado— disse— Ele não fala inglês, não é verdade? Como seguiu o recitado?

O príncipe e Vladimir compartilharam uma rápida conversa em russo e então o príncipe se voltou de novo para Sebastian e lhe disse:

—Ele diz que lhe permite seguir a emoção em sua voz. Sebastian parecia encantado.

—E também sabe umas poucas palavras — adicionou o príncipe. —Ainda assim — murmurou Sebastian.

—Português — disse Olivia, perguntava-se se alguém iria lhe prestar atenção naquela tarde— Você deve ter aprendido algo de português no exército. Como diz obrigado em português?

—*Obrigado* — disse Harry.

Ela se voltou para ele com certa surpresa. Encolheu os ombros.

—Aprendi um pouco, também.

—*Obrigado* — repetiu.

—*Obrigada* para você — disse— Não é provável que seja confundida com um homem.

Não foi o melhor dos elogios, mas ela, entretanto, decidiu tomá-lo como tal. —Qual é o idioma mais estranho no qual se pode agradecer? —perguntou para Sebastian.

Ele pensou por um momento e logo disse:

—*Köszönöm*.

Ela o olhou com expectativa.

—*Magyar* — disse, e ao ver sua expressão em branco adicionou—: se fala em partes da Hungria.

—Por que sabe?

—Não tenho ideia — disse.

—Foi uma mulher — disse o príncipe sabendo— Se você não o recorda, era uma mulher.

Olivia decidiu que não valia a pena o esforço de sentir-se insultada por isso.

—*Kiitos* — disse o príncipe Alexei, lançando ao Sebastian um olhar do tipo supera isto, antes de adicionar—: Em finlandês.

—Meu mais sincero agradecimento a você — disse Sebastian— Meu repertório agora é de quinze.

Olivia pensou em dizer *merci*, mas decidiu que a faria parecer desesperada. —E você o que sabe fazer? — perguntou o príncipe a Harry.

—Sim, Harry — disse Sebastian— O que sabe fazer? Harry lançou ao primo um olhar frio e logo respondeu: —Temo que não faço nada fora do comum.

Olivia tinha a sensação de que houve algum tipo de conversa tácita entre os dois primos, mas não teve a oportunidade de examinar mais a fundo, porque Sebastian se voltou para o príncipe e perguntou:

—Como se diz por favor em finlandês?

—*Olé hyvä*.

—Excelente — Sebastian concordou com um sinal de cabeça, ao que parece colocando a pequena peça de conhecimento na parte posterior de sua mente — E nunca se sabe quando vai encontrar uma bela dama finlandesa.

Olivia se perguntava como poderia recuperar o controle de sua sala, quando ouviu que batiam na

porta principal. Huntley imediatamente se desculpou para ir responder.

Voltou momentos depois com um jovem que ela jamais tinha visto. Embora... um pouco mais alto que a média, cabelo castanho escuro... Era quase seguro… —O senhor Edward Valentine — anunciou Huntley. Ele levantou as sobrancelhas— Para ver sir Harry Valentine.

—Edward — disse Harry ficando de pé imediatamente — Está tudo bem? —Sim é claro— respondeu Edward olhando descuidadamente pelo recinto.

Era evidente que não esperava encontrar tantas pessoas ali. Entregou um envelope - Isto Harry chegou para você. Disseram-me que era urgente.

Harry pegou o envelope, colocou no bolso da jaqueta e em seguida apresentou seu irmão a todos na sala, inclusive às três faxineiras que ainda estavam sentadas perfeitamente alinhadas no sofá.

—Porque Seb está de pé sobre uma mesa? — perguntou Edward. —Entretendo as tropas — respondeu Sebastian, saudando-o.

—Sebastian estava lendo *Miss Butterworth e o Barão Louco* — explicou Harry.

—Ah — exclamou Edward, com seu rosto iluminado com entusiasmo pela primeira vez desde que entrou no recinto— Eu já li.

—Gostou? — perguntou Sebastian.

—Brilhante. É muito divertido. A escrita é um pouco irregular em alguns lugares, mas a história é fantástica.

Sebastian parecia muito interessado. —Fantástica como boa história ou como fantasia?

—Um pouco de ambas as coisas, suponho — respondeu Edward. Olhou pelo recinto— Importam se me junto a vocês?

Olivia abriu a boca para dizer:

—É claro que não — mas se adiantaram Sebastian, Harry e o príncipe. Na realidade, de quem era esta casa?

Edward a olhou: era interessante, não se parecia em nada com Harry exceto pela cor de sua pele, que era idêntica, e lhe disse:

—Hein, posso entrar, lady Olivia?

Percebeu que ela estava ainda de pé perto da porta. Todos os cavalheiros estavam sentados, mas era pouco provável que Edward que acabava de conhecê-la, se sentasse enquanto ela permanecesse de pé.

—Na realidade, pensei que poderia sair para o jardim — disse ela, com sua voz apagando-se

quando percebeu que ninguém lamentava sua saída— Ou vou me sentar. —Encontrou um assento, não muito longe das três donzelas, que lhe lançaram um olhar nervoso — Por favor — lhes disse—, fiquem. Eu não poderia pedir que perdessem o resto da atuação.

Agradeceram com tal devoção que Olivia só podia perguntar-se como explicaria a sua mãe. Se Sebastian passasse todas as tardes para ler (porque certamente não tentaria ler o romance inteiro de uma só vez), e as criadas devessem escutar, haveria umas quantas lareiras cuja limpeza não terminariam.

—Capítulo Dois — anunciou Sebastian. Um respeitoso silêncio caiu sobre o salão, o que provocou uma risada irreverente de Olivia.

O príncipe lançou um olhar assassino, como Vladimir e Huntley.

—Sinto muito — murmurou ela, e colocou as mãos no colo recatadamente. Era o momento, ao que parece, de mostrar seu melhor comportamento.

Finais Satisfatórios para Miss Butterworth

Por Olivia Bevelstoke

O barão está bastante cordato, mas Priscilla está louca! Ressurge a varíola. Nova e mortífera prova.

Priscilla deixa o barão e dedica sua vida ao cuidado e alimentação de pombos correio.

O barão come os pombos. O barão come a Priscilla.

A última opção seria um pouco forçada, mas não havia nenhuma razão para que o barão não pudesse ter ficado louco ao explorar a mais escura das selvas, onde se encontrou com uma sociedade de canibais.

Poderia ocorrer.

Olhou para Harry, tentando ver o que pensava da atuação. Entretanto, parecia distraído; tinha os olhos entrecerrados como pensando, mas não centrados em Sebastian. E seus dedos davam tapinhas no braço do sofá, um sinal seguro de uma mente errante.

Estava pensando no beijo? Ela esperava que não. Não parecia remotamente transportado a uma sorte inigualável.

Meu deus, estava começando a soar como Priscilla Butterworth! Eca.

* * *

Passadas várias páginas do Capítulo dois, Harry decidiu que não seria de má educação

desculpar-se silenciosamente para poder ler a carta que Edward havia lhe trazido, provavelmente do Ministério de Defesa. Lançou um olhar para Olivia antes de sair do recinto, mas ela estava virtualmente perdida em seus próprios pensamentos, olhando para frente para um ponto em branco na parede.

Seus lábios também se moviam. Não muito, mas ele podia notar os detalhes mais insignificantes de seus lábios.

Edward também parecia bem situado. Em diagonal ao príncipe, observando Sebastian com um enorme sorriso no rosto. Harry nunca antes tinha visto seu irmão sorrir dessa maneira. Começou a rir, inclusive quando Sebastian imitou um personagem particularmente incômodo. Harry sabia que jamais tinha ouvido seu irmão rir.

Já no salão, rasgou o envelope e tirou uma folha de papel. Ao que parece, o príncipe Alexei já não era suspeito de má conduta. Harry tinha que deixar sua atribuição de repente. Não havia nenhuma explicação do por que o príncipe já não era de interesse para o Ministério de Defesa, não dizia nada de como tinham chegado a essa conclusão. Só a ordem para parar. Nem por favor, nem obrigado.

Em nenhum idioma.

Harry negou com a cabeça. Não poderiam ter descoberto isto antes de enviá-lo a esta atribuição tão ridícula? Por esta razão continuava com as traduções. Este tipo de coisas o deixava louco.

—Harry?

Olhou para cima. Olivia tinha escapulido da sala e se dirigia para ele, com olhos suavizados pela preocupação.

—Espero que não seja uma má notícia — disse ela. Harry negou com a cabeça.

—Só inesperada — dobrou o papel e voltou a colocá-lo no bolso. Poderia dispor dele mais tarde, quando voltasse para casa.

—Tive que sair — disse ela, com os lábios apertados no que se imaginava que era uma tentativa de não sorrir. Fez um gesto com a cabeça para a porta aberta da sala, através da qual podia escutar fragmentos de *Miss Butterworth*.

—Sebastian é Tão mal assim representando?

—Não — disse ela, soando muito surpresa— Na realidade é muito bom. Esse é o problema. O livro é muito ruim, mas ninguém parece perceber isso. Todos o olham como se fosse *Edmund Kean* interpretando *Hamlet*. Simplesmente não pude continuar com a expressão impassível durante mais tempo.

—Estou impressionado como conseguiu durante tanto tempo se comportar sem rir.

—E o príncipe — a adicionou, movendo a cabeça com incredulidade— Está na verdade em transe. Não posso acreditar. Nunca teria pensado que ele gostasse deste tipo de coisas.

O príncipe, pensou Harry. Que alívio. Não teria que tratar com o bastardo nunca mais. Não teria que segui-lo, não teria que falar com ele... A vida voltaria à normalidade. Seria maravilhoso.

Salvo...

Olivia.

Harry a observava enquanto nas pontas dos pés aparecia pela porta. Seus movimentos eram um pouco instáveis e por um momento pensou que a pegariam. Não era torpe, não exatamente. Mas se movia a seu inimitável modo e percebeu que poderia observá-la durante horas, sem fazer nada mais que sentar-se e olhar o modo como suas mãos levavam a cabo tarefas cotidianas. Poderia ver seu rosto, desfrutando de cada emoção, cada movimento de sua testa, de seus lábios.

Era tão formosa que lhe doíam até os dentes. Fez-se uma nota mental de não tentar fazer poesia.

Ela deixou escapar um suave Oh! E se inclinou para frente um pouco mais. Ele deu um passo à frente e murmurou ao ouvido dela:

—Para alguém que não está interessado, você está muito interessada.

Ela o fez calar-se e logo lhe deu um pequeno empurrão para que deixasse de curvá-la.

—O que está acontecendo? —perguntou ele.

Seus olhos se abriram e seu rosto adquiriu uma expressão de alegria.

—Seu primo está contando uma cena de morte. Seu irmão também subiu sobre a mesa.

—Edward? — perguntou incrédulo.

Olivia concordou com um sinal de cabeça, lançando outra olhar.

—Não posso dizer quem matou a quem. Oh, não importa. Edward está morto. Isso foi rápido.

—Oh, espere — esticou o pescoço — Não, está morto. Sinto muito. — Voltou-se e Sorriu.

Ele sentiu esse sorriso por toda parte.

—Ele é bastante bom nisso — murmurou ela— Acho que puxou ao primo. Ele queria beijá-la de novo.

— Ele ganhou o coração de Olivia —E Olivia ganhou o dele— Resmungou e logo, quando tudo estava já feito, deixou escapar um último tremor e na verdade não estava tudo acabado —ela voltou a sorrir— E então sim acabou.

E ele tinha que dar um beijo nela agora! Agora.

—O que é esse aposento ali? —perguntou ele apontando para uma porta. —O escritório do meu pai, por quê?

—E aquela outra?

—O salão de música. Nunca o usamos. Ele pegou-a pela mão. Agora eles iriam usá-lo.

CAPÍTULO 18



Olivia mal teve tempo de recuperar o fôlego antes de encontrar-se no pequeno salão de música de Rudland House com a porta fechada atrás de si. E depois disso, só conseguiu pronunciar o Qu do Que está fazendo? Antes que ficasse perfeitamente claro o que Harry estava fazendo.

As mãos dele estavam de novo em seu cabelo, as costas contra a parede, e a estava beijando. Loucamente, apaixonadamente, beijando-a da forma que derretiam os ossos.

—Harry! — Ela ofegou quando os lábios dele deixaram os dela para lhe mordiscar a orelha.

—Não posso evitar —disse ele, com as palavras lhe fazendo cócegas na pele. Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. Soava feliz.

Ela se sentia feliz. E mais.

—Estava ali — disse ele, uma de suas mãos movendo-se para baixo por seu flanco ao redor das costas dela—. .Você estava aqui e tive que a beijar e isso é tudo o que interessa.

Esquecendo as floridas palavras do *louco barão da Miss Butterworth*. Essa era a coisa mais romântica que Olivia tinha ouvido.

—Você existe — disse ele, com a voz ficando mais profunda com o desejo— Preciso de você.

Não, essa não era a coisa mais romântica.

E então ele sussurrou algo em sua orelha. Alguma coisa sobre lábios e mãos e o calor de seu corpo, e teve que perguntar se possivelmente isso era o mais romântico de tudo.

Ela havia sido desejada antes por outros homens. Alguns inclusive tinham afirmado que a amavam. Mas isto… isto era diferente. Havia uma urgência no corpo de Harry, em sua respiração, no pulso de seu sangue sob a pele. Desejava-a. Precisava dela. Ia além das palavras, além de algo que pudesse tentar explicar. Mas era algo que ela entendia, algo que sentia profundamente em seu interior.

Isso a fazia sentir-se deliciosamente poderosa. E ao mesmo tempo impotente, porque o que fosse que estava apoderando-se dele, estava estendendo-se para ela também, causando uma debilidade dentro de suas veias, uma incapacidade para respirar. Sentia-se como se o corpo inteiro estivesse apressando-a, movendo-a de dentro para fora até que não pôde fazer nada mais que o tocar. Tinha que o agarrar, o abraçar. Precisava dele perto dela, por isso o rodeou com as mãos, entrelaçando-se a si mesma ao redor do pescoço dele.

—Harry — Ela sussurrou, e ela ouviu o prazer em sua voz. Este momento, este beijo… era tudo o que estive esperando.

Era tudo o que desejava.

E um milhão de coisas mais.

As mãos dele deslizaram para a parte baixa das costas dela, separando-a da parede, dando voltas e girando através do tapete até que os dois sentiram o braço do sofá. Aterrissou em cima dela, o quente e fornido peso de seu corpo imobilizando-a contra as almofadas. Deveria ter sido uma sensação das mais estranhas. Deveria ter sido aterrorizante … o corpo dela comprimido, o movimento diminuído. Mas em vez disso simplesmente ela se sentia mais normal, a coisa mais natural do mundo era que ela estivesse virada de costas para o assoalho com seu homem encima dela, quente e poderoso.

—Olivia — sussurrou ele com a boca riscando um atalho de fogo descendo pela lateral do pescoço dela. Ela arqueou-se debaixo dele, com o pulso saltando quando os lábios de Harry encontraram a fina e sensível pele sobre a clavícula. Estava se movendo mais e mais abaixo para a delicada borda da renda do sutiã dela. E ao mesmo tempo, as mãos estavam se movendo para cima, deslizando-se ao longo de seu flanco, agarrando-a entre o berço que formavam o polegar e o indicador até que alcançou o seio.

Olivia ofegou agitada. A mão dele deslizou ao redor dela para a parte frontal, e agora o estava envolvendo através da fina musselina de seu vestido. Olivia gemeu seu nome, e então gemeu alguma outra coisa, algo ininteligível e completamente sem propósito ou sentido.

—É tão… bom — gemeu ele apertando-a gentilmente e fechando os olhos enquanto seu corpo inteiro se sacudia com desejo — Tão bom.

Ela mostrou um amplo sorriso. Exatamente ali, no meio de sua sedução, sorriu. Adorava que ele não a chamasse de formosa, ou bonita, ou radiante. Adorava que ele estivesse tão fora de si por ela que bom fosse a palavra mais complexa que podia dizer.

—Desejo tocar você— sussurrou ele, com os lábios movendo-se contra a face dela enquanto falava— Desejo sentir você em minha pele… em minha mão. —os dedos subiram furtivamente até que alcançaram a borda do vestido dela. Puxou e arrastou gentilmente, e em seguida nem tanto, até que o tecido se deslizou sobre os ombros dela e depois para baixo… e mais para baixo até que ela estivesse nua para ele.

Ela não se sentiu libertina. Não se sentiu imoral. Simplesmente se sentiu bem. Como ela mesma.

A respiração dele… pesada e rápida… era o único som. O ar ao redor deles parecia crepitar de urgência e em seguida já não ouviu a respiração dele mas sentiu-a sobre a pele, fria no princípio e

depois mais quente enquanto a boca dele estava mais e mais perto dela.

E então a beijou. Ela quase gritou… pela impressão e pelo fogo e as espirais de prazer que nasceram dentro dela.

—Harry — ofegou e agora sim que se sentia luxuriosa. Sentia-se completa e absolutamente perversa. A cabeça dele estava sobre seu seio e tudo o que parecia que podia fazer era afundar os dedos no cabelo dele, sem estar certa de que estava tentando soltar ou atá-lo a ela para sempre.

As mãos dele se moveram para a perna dela, apertando, acariciando, movendo-se mais para cima e então…

—O que é isso? — Olivia se ergueu rapidamente em uma posição sentada puxando Harry para sua direita. Ouviu um estrépito tremendo. Parecia madeira estilhaçando-se e vidro rompendo-se e definitivamente um grito.

Harry se sentou no chão, tentando recuperar a respiração. Olhou-a, com os olhos ainda ardentes e ela percebeu que seu vestido estava fora do lugar. Puxou-o rapidamente e cruzou os braços protetoramente sobre ela, cada mão agarrando firmemente o ombro oposto. Não era que temesse, mas depois do ruído estava aterrorizada de que qualquer outro pudesse entrar correndo.

—O que aconteceu? — perguntou ela.

Harry estava agitando a cabeça enquanto se levantava do chão e ficava de pé. —Veio do salão.

—Está certo disso?

Ele concordou com um sinal de cabeça, e o primeiro pensamento dela foi que era um alívio, embora não tinha nem ideia do por que. Seu segundo pensamento foi na direção oposta. Se ela tinha ouvido o estrépito, então outras pessoas na casa o teriam ouvido também. E se essas outras pessoas por acaso estavam no andar superior como sua mãe estava, poderia descer correndo para baixo para investigar. E se decidisse fazer isso poderia entrar no recinto errado. Encontrando a sua filha em um estado consideravelmente íntimo.

Mas a verdade é que sua mãe provavelmente se encaminharia primeiro para o salão. A porta estaria aberta e era o primeiro aposento uma vez que se chegasse à parte térrea. Mas se fizesse isso, encontraria três cavalheiros, um corpulento guarda-costas, três criadas…

Mas não Olivia

Ficou rapidamente em pé, para imediatamente entrar em pânico. —Meu cabelo!

—… está incrivelmente intacto — finalizou ele por ela. Olivia olhou com patente incredulidade.

—Não, a sério — disse ele olhando algo que lhe tinha assombrado — Está bem, quase… —

moveu as mãos perto da cabeça dela como se assinalasse... alguma coisa—.. Igual.

Ela apressou-se ao encontro do espelho sobre a lareira e ficou nas pontas dos pés.

—Oh, Meu deus — disse. Sally tinha superado a si mesma. Apenas uma mecha estava fora de lugar, e podia ter jurado que Harry tinha esticado a massa completa para baixo.

Olivia tirou duas presilhas, as recolocou e as fixou, depois se afastou um pouco para inspecionar seu reflexo. Além de suas ruborizadas faces parecia perfeitamente respeitável. E realmente, uma grande variedade de coisas podiam ter causado isso. Uma infecção, inclusive, embora provavelmente precisasse começar a inventar uma nova desculpa.

Ela olhou para o outro lado, para Harry. —Pareço apresentável?

Ele concordou com um sinal de cabeça. Mas disse em seguida: —Sebastian saberá o que se passou.

—O que? Como? — A boca dela se abriu de comoção.

Harry encolheu os ombros. Havia algo elementar masculino nesse gesto, como se dissesse… uma mulher poderia responder sua pergunta mais exaustivamente, mas eu só posso respondê-la assim.

—Como saberá ele o que se passou aqui? — repetiu Olivia. Harry lhe dirigiu outro desses olhares.

—Simplesmente saberá. Mas não se preocupe, não dirá nada. Olivia baixou o olhar para si mesma.

—Acha que o príncipe saberá?

—O que importa se o príncipe sabe? — devolveu Harry de forma um tanto cortante.

—Tenho minha… — Esteve a ponto de dizer que tinha uma reputação a zelar— Está com ciúmes?

Ele olhou-a como se ela estivesse desequilibrada. —Claro que estou com ciúmes.

As pernas dela começaram a sentir-se líquidas e então ela exalou um suspiro. —De verdade?

Ele agitou a cabeça, claramente impaciente com sua repentina fantasia. —Diga a todo mundo que fui para casa.

Olivia piscou, insegura sobre o que ele estava falando.

—Não quer que todo mundo saiba o que aconteceu aqui esta noite, não? —Na, não — disse Olivia, possivelmente um pouco vacilante, já que não era como se estivesse envergonhada. Porque não estava. Mas desejava que suas atividades permanecessem privadas.

Ele subiu na janela.

—Diga que me viu sair a dez minutos. Pode dizer que eu tinha assuntos a resolver em casa.

—Vai pela janela?

Ele já tinha uma perna sobre o batente. —Tem alguma ideia melhor?

Poderia ter se você me desse uns poucos segundos para pensar nisso. —É uma boa queda — Apontou ela— É…

—Não se esqueça de fechar a janela atrás de mim. —E se foi, saltando diretamente fora das vistas dela.

Olivia se aproximou correndo e se esforçou para olhar para fora. Realmente não tinha sido muito mais que uma queda sem importância. Certamente não mais importante que ade Priscilla Butterworth quando teve que lutar quando se dependurou para fora da janela do primeiro andar e o céu sabia que Olivia zombou dela por sua tolice.

Começou a se perguntar se Harry estava bem mas ele já estava abrindo caminho por cima do muro que separava suas propriedades, evidentemente sem estar ferido pela queda.

E além disso, Olivia não tinha tempo para nenhuma conversa mais. Podia ouvir alguém descendo pelas escadas, por isso se apressou em sair, bem a tempo para alcançar a parte frontal do vestíbulo ao mesmo tempo que sua mãe.

—Alguém gritou? — perguntou lady Rudland— O que está acontecendo? —Não tenho nem ideia — respondeu Olivia— Estava no serviço. Há um fragmento de uma representação… —Uma representação?

—No salão.

—De que raios está falando? E por que… — sua mãe alargou a mão e arrancou algo de seu cabelo— …há uma pluma em seu cabelo?

—Não sei — disse Olivia agarrando a pluma de sua mão para dispor dela mais tarde. Deve ter saltado de uma das almofadas.

Livrou-se de mais comentários graças a Huntley, que entrou no vestíbulo, parecendo causar pena terrivelmente.

—Minha lady —disse fazendo uma reverência em direção à mãe de Olivia— Houve um acidente.

Olivia saiu correndo rodeando Huntley e entrando apressadamente no salão. Sebastian estava no chão com o braço torcido em um ângulo antinatural. Depois dele, um vaso parecia ter sido

derrubado, deixando vidro em pedacinhos, flores cortadas e água por todo o chão.

—Oh, céus! — exclamou— O que aconteceu?

—Acho que ele quebrou o braço — disse Edward Valentine.

—Onde está Harry? — perguntou Sebastian com um grito sufocado. Os dentes estavam apertados juntos e estava transpirando de dor.

—Foi para casa — disse Olivia— O que aconteceu?

—Era parte da atuação — explicou Edward— Miss Butterworth estava em um escarpado e…

—Quem é Miss Butterworth? — perguntou a mãe de Olivia da entrada. —Explicarei mais tarde — prometeu Olivia. Esse romance idiota iria ser a morte de alguém.

Virou-se para Sebastian.

—Senhor Grei, acho que deveríamos chamar um médico. —Vladimir dará um jeito — anunciou o príncipe Alexei.

Sebastian levantou o olhar para Olivia, com os olhos arregalados pela inquietação.

—Mamãe — chamou Olivia fazendo gestos para que ela se aproximasse—Acho que precisamos de um médico.

—Vladimir! —gritou o príncipe, soltando uma enxurrada em russo. —Não deixe que ele me toque —Gritou Sebastian.

—Não pense que poderá ir esta noite para a cama sem me explicar tudo até o último detalhe — murmurou lady Rudland ao ouvido de Olivia.

Olivia concordou, agradecida de que sua mãe lhe desse um pouco de tempo para que pudesse idealizar uma explicação plausível. No entanto, tinha a sensação de que nada podia superar a verdade. Ou ao menos, a verdade com um pouco de cuidadosas e selecionadas omissões. Estava muito agradecida de que Huntley estivesse na obra dramática da tarde; isso, ao menos, podia explicar por que lady Rudland não tinha sido informada dos múltiplos visitantes de sua filha.

—Procure Harry —disse Sebastian para Edward— Agora.

O jovem homem se desculpou e saiu correndo prontamente.

—Isto é o que faz Vladimir — disse o príncipe Alexei abrindo caminho a empurrões para aproximar-se. Vladimir estava exatamente ao lado do príncipe, olhando para Sebastian com olhos avaliadores.

—Ele solda braços quebrados? —perguntou Olivia, inspecionando-o com consideráveis dúvidas.

—Ele faz muitas coisas — respondeu Alexei.

—Sua Excelência — murmurou lady Rudland fazendo uma rápida reverência. Ele era, depois de tudo, da realeza, e o protocolo devia cumprir-se, apesar dos membros torcidos.

—*Pereloma ruki ou nevo nyet* — disse Vladimir.

—Ele disse que o braço de Sebastian não está quebrado —Alexei falou, mantendo seguro o ombro de Sebastian. Sebastian gritou tão forte que Olivia estremeceu.

Vladimir disse algo mais e Alexei murmurou uma resposta que era claramente uma pergunta. Vladimir concordou e então, antes que ninguém tivesse a oportunidade de reagir, os dois homens agarraram o braço de Sebastian, Alexei rodeando a parte central e Vladimir um pouco por cima do cotovelo. Vladimir deu um puxão e um giro… ou possivelmente foi um giro e um puxão. Houve um horrível som de osso contra osso … bom Deus, Olivia não sabia o que tinha se passado com o osso, mas deve ter sido algo espantoso, já que Sebastian soltou um grito horripilante.

Olivia pensou que ficaria doente.

—Está se sentindo melhor? — perguntou o príncipe Alexei descendo o olhar para o estremecido paciente.

Sebastian parecia muito aturdido para falar.

—Está melhor — comentou Alexei confidencialmente. Logo disse a Sebastian— Doerá durante vários dias. Possivelmente mais. Seu… ah... Como se diz?

—Deslocado — choramingou Sebastian tentando mover os dedos. —O ombro.

Olivia mudou seu peso para ter uma melhor visão do que ocorria atrás de Vladimir, que estava bloqueando a vista.

Parecia que Sebastian se achava numa posição fatal. Seu corpo inteiro estava sacudindo-se, como se estivesse respirando muito rápido, e a pele…

—Não acha que parece um pouco verde? —perguntou a ninguém em particular.

A seu lado, Alexei concordou. Sua mãe também deu um passo para frente dizendo:

—Possivelmente deveríamos… Oh!

Os olhos de Sebastian reviraram e o seguinte ruído que se ouviu foi o som de sua cabeça batendo no tapete.

* * *

Harry estava no final dos degraus dianteiros de Rudland House quando ouviu o grito. Foi um

grito de dor, coisa que soube imediatamente, e soava como se fosse de mulher.

Olivia.

O coração lhe saltou de terror, e sem nenhuma palavra para Edward, subiu apressadamente os degraus da escada e entrou no vestíbulo dianteiro. Não chamou, sequer parou de correr até que patinou no interior do salão, apenas capaz de respirar.

—Que demônios aconteceu aqui? — perguntou ofegando. Olivia parecia estar bem. Em perfeito estado, realmente. Estava de pé perto do príncipe, que estava falando em russo com Vladimir, o qual estava de joelhos, cuidando de Sebastian.

Harry olhou para o primo com um pouco de preocupação. Estava erguido, apoiado contra a perna de uma cadeira. A pele estava pálida e ele estava segurando o braço.

O mordomo o estava abanando com uma cópia aberta de *Miss Butterworth e o Barão Louco*.

—Seb? — perguntou Harry.

Sebastian levantou uma mão, agitando a cabeça, o que Harry entendeu como um não me incomode. Por isso não falou nada.

— Você está bem? — perguntou a Olivia. O coração dele ainda estava palpitando pelo terror de que ela houvesse sido ferida— Ouvi um grito de mulher.

—Ah, esse poderia ter sido eu — disse Sebastian.

Harry desceu o olhar para seu primo com a cara paralisada de incredulidade. —Você fez esse ruído?

—Doeu — disse Sebastian um pouco incômodo. Harry lutou para não rir.

—Você grita como uma mulherzinha. Sebastian o olhou fixamente.

—Há alguma razão pela qual esteja dizendo isso com sotaque alemão? —Nenhuma absolutamente — respondeu Harry com pequenas lufadas de riso mal contido escapando da boca.

—Sir Harry — a voz de Olivia chegou de por detrás dele.

Virou-se, olhou-a e estalou em gargalhadas. Por nenhuma razão exceto que esteve contendo-se e que quando a viu simplesmente já não pôde aguentar mais.

Parecia ter esse efeito ultimamente sobre muitas de suas emoções. E Harry estava começando a perceber que isto não era absolutamente uma coisa má.

Olivia, no entanto, não estava rindo.

—Posso apresentar-lhe minha mãe —disse brandamente, apontando à mulher mais velha perto

dela.

Ele recuperou a compostura instantaneamente. —Sinto muito, lady Rudland. Não a tinha visto.

—Foi mais como um grito — disse ela secamente. Harry só a tinha visto até agora através do recinto, mas pelo que pode ver parecia certamente um pouco a sua filha. Seu cabelo tinha algo de prateado, e havia leves linhas em seu rosto, mas as feições eram notavelmente similares. Se lady Rudland era algum indício, a beleza de Olivia não se eclipsaria.

—Mãe — disse Olivia—, este é Sir Harry Valentine. Alugou a casa do sul. —Sim, ouvi-o — disse lady Rudland— Encantada de conhecê-lo finalmente. Harry não pôde dizer se escutou uma advertência na voz dela. *Sei que esteve flertando com minha filha. Ou possivelmente um: Não pense que permitiremos que se aproxime dela outra vez.*

Ou possivelmente estava imaginando tudo.

—O que aconteceu com Sebastian? — perguntou Harry.

—Deslocou o ombro — explicou Olivia— Vladimir o recolocou no lugar. Harry não soube se ficava preocupado ou impressionado.

—Vladimir?

—*Da* —disse Vladimir com orgulho.

—Foi… realmente… bastante… — Olivia procurou as palavras— …surpreendente —decidiu finalmente.

—Eu poderia tê-lo descrito de forma diferente — comentou Sebastian. —Você foi muito valente — disse ela lhe dirigindo um gesto maternal.

—Vladimir fez isto muitas vezes — disse Alexei deslocando-se até Vladimir. Baixou o olhar para Sebastian, que estava ainda sentado sobre o chão e disse—: Precisará… —fez um movimento com a mão, logo olhou para Olivia— É para a dor.

—Láudano? —Sim. Isso.

—Tenho um pouco em casa — assegurou Harry pondo a mão no ombro de Sebastian.

—Ai!

—Ui, perdão. Eu quis pegar no seu outro ombro. — Harry olhou para o resto dos ocupantes do aposento, a maioria dos quais o estavam olhando como se fosse um criminoso— Eu estava tentando o reconfortar. Já sabem, tapinha no ombro e tudo isso.

—Possivelmente deveríamos levar Seb de volta — sugeriu Edward. Harry concordou ajudando seu primo a levantar.

—Ficará conosco alguns dias?

Sebastian concordou agradecido. Enquanto se dirigia à porta, virou-se para Vladimir e disse:

—*Spasibo*.

Vladimir sorriu orgulhosamente e disse que era uma honra ajudar a tão grande homem.

O príncipe traduziu e acrescentou:

—Estou de acordo. Sua representação foi magnífica.

Harry trocou um divertido olhar com Olivia. Não pôde evitar. Mas Alexei não tinha terminado.

—Seria uma honra se viesse como convidado à festa na próxima semana. Será na casa de meu primo. O embaixador. Uma celebração pela cultura russa. — Olhou para trás para o restante dos presentes— Todos vocês estão convidados é claro. —virou-se para Harry e seus olhos se encontraram. Encolheu os ombros, como se dissesse… inclusive você.

Harry concordou em resposta. Parecia que o assunto ainda não iria terminar com o príncipe russo. Se Olivia fosse, ele iria. Isso era tudo o que importava.

Lady Rudland agradeceu ao príncipe por seu amável convite, logo se virou para Harry e disse:

—Acho que o senhor Grei precisa deitar-se.

— Está claro— murmurou Harry. Deu seu adeus e ajudou Sebastian a chegar à porta do salão.

Olivia caminhou ao lado dele e quando alcançaram a porta da entrada disse: —Me fará saber como está indo ele?

Mostrou um pequeno e muito secreto sorriso. —Esteja em sua janela às seis da tarde.

Deveria sair então. Havia muitas pessoas e Sebastian estava claramente dolorido, mas não pôde resistir a lançar um último olhar para o rosto dela. E nesse momento, finalmente entendeu o que as pessoas queriam dizer quando diziam que os olhos de alguém se iluminavam.

Porque quando Harry disse a ela para estar em sua janela às seis, ela sorriu. E quando olhou dentro de seus olhos, foi como se o mundo inteiro estivesse banhado com um brilho suave e feliz, e que tudo isso, cada pequeno pedaço bom, de diversão e de felicidade… provinham todos dela. Dessa mulher única de pé ao seu lado na porta da entrada em Mayfair.

E foi quando soube. Tinha acontecido. Exatamente aqui, em Londres. Harry Valentine se apaixonou.

CAPÍTULO 19



Nessa tarde, as seis em ponto, Olivia abriu a janela, apoiou-se no batente e ele apareceu.

E ali estava Harry, inclinado sobre o batente da janela e olhando para cima. Estava muito bonito, com os lábios curvados em um sorriso perfeito, entre infantil e malicioso. Ela gostava de vê-lo assim, feliz e depravado. O cabelo negro dele já não parecia penteado e Olivia sentiu o repentino impulso de tocá-lo, de afundar os dedos no cabelo dele e despentear ainda mais.

Deus Santo, devia estar apaixonada!

Aquilo deveria ter sido uma revelação. Deveria ter se sentido aniquilada pela surpresa. Entretanto estava encantada. Perfeita e fabulosamente maravilhada.

Amor. Amor. AMOR. Saboreou mentalmente a palavra, em vários tons e intensidades. Todos eles soavam muito bem.

Verdadeiramente era uma emoção altamente recomendável. —Boa noite — disse ela com um sorriso tolo no rosto. —Boa noite.

—Leva muito tempo esperando?

—Um ou dois minutos, nada mais. É incrivelmente pontual.

—Eu não gosto de ter às pessoas me esperando — disse ela, se inclinando para frente e quase se atrevendo a lamber os lábios — A menos que o mereçam.

Aquilo pareceu despertar seu interesse. Também ele se inclinou mais, até que ambos estavam um pouco mais perto. Parecia que Harry iria falar, mas algo deve ter acontecido porque começou a rir.

E em seguida ela o imitou.

E continuaram assim… rindo simplesmente, até que encheram os olhos de lágrimas.

—Oh, Deus! —ofegou Olivia— Não acho que possivelmente… alguma vez… poderíamos nos ver de um modo mais convencional?

Ele secou os olhos. —Convencional?

—Em um baile por exemplo. —Já dançamos — disse ele.

—Só uma vez, e não dancei bem. —Nem eu dancei bem tampouco . Harry pensou e em seguida concordou. —Isso é verdade.

Olivia estremeceu.

—Comportei-me de maneira fatal, não é verdade? —Pois sim — admitiu ela rapidamente.

—Suponho que não deveria estar de acordo comigo. Ele sorriu de orelha a orelha.

—Está bem que possa ser horrível de vez em quando. É uma habilidade muito útil.

Olivia apoiou o cotovelo e descansou o queixo na mão.

—É curioso, meus irmãos nunca pareceram pensar o mesmo. —Os irmãos são assim.

—Você também?

—Eu? Nunca. Para falar a verdade a animava. Quanto pior se comportava minha irmã, mais possibilidade eu tinha de vê-la em problemas.

—Muito ardiloso — murmurou ela. Ele respondeu encolhendo os ombros.

— Continuo sentindo curiosidade — disse Olivia, negando permitir que mudassem de assunto— Por que é útil ser horrível?

—Muito boa pergunta — afirmou ele, muito sério. —Não sabe o que responder, não é verdade?

—é verdade — admitiu ele.

—Eu poderia me converter numa atriz — sugeriu ela. —E perder sua respeitabilidade?

—Então uma espiã.

—Isso é ainda pior — disse ele com muita firmeza.

—Não acha que possa ser uma espiã? — Eu estava paquerando descaradamente, mas você estava se divertindo muito para conter-se— Certamente que a Inglaterra poderia beneficiar-se com alguém como eu. Teria solucionado a guerra em pouco tempo.

—Disso não tenho nenhuma dúvida — disse ele como se estivesse absolutamente convencido.

Entretanto algo a fez dar um passo para trás. Estava brincando muito sobre um assunto que não admitia brincadeiras.

—Não deveria brincar com coisas assim — disse ela.

—Não está acontecendo nada — respondeu ele— Às vezes não se pode evitar. Olivia se perguntou o que ele teria visto e feito. Esteve muitos anos no exército. Nem tudo devia ter sido desfiles e jovenzinhas desmaiando ao vê-lo vestido de uniforme. Deve ter lutado. Avançado. Matado.

Era quase impossível imaginar. Ele cavalgava perfeitamente e, depois daquela tarde, Olivia conhecia de primeira mão sua força e seu vigor, mas ainda assim lhe parecia de certo modo mais cerebral que atlético. Pode ser que isso se devesse a todas aquelas tardes nas quais o tinha visto

inclinado sobre os papéis encima da escrivaninha, com a pluma deslizando rapidamente pela folha.

—O que faz aí? — perguntou ela. —O que?

Apontou.

—Em sua escrivaninha. Passa muito tempo diante da escrivaninha.

—Um pouco de tudo — respondeu ele depois de uma vacilada— Traduções, mais que nada.

—Traduções? —Ela ficou boquiaberta— De verdade?

Harry mudou de postura e pela primeira vez naquela noite, parecia estar um pouco incômodo.

—Eu já lhe disse que falo francês.

—Eu não imaginava que o falasse tão bem. Ele encolheu os ombros com modéstia. —Passei muitos anos no continente.

Traduções. Deus Santo, ele era ainda mais inteligente do que ela pensava! Esperava poder estar à altura. Achava que sim, já que gostava de pensar que era mais inteligente do que pensava a maioria das pessoas. Isso se devia ao fato de que não fingia interesse em cada assunto que se discutia e não se incomodava em meter-se em assuntos ou atividades para as quais não estava capacitada.

Que era como se comportaria qualquer pessoa com dois dedos à frente de si. Em sua opinião.

—Traduzir é muito diferente? — perguntou ela. Ele inclinou a cabeça.

—Comparando à fala— esclareceu ela— Eu só me defendo em inglês, de modo que não sei.

—É muito diferente — confirmou ele— A verdade é que não sei como explicar. Uma forma é… inconsciente e a outra quase matemática.

—Matemática?

Harry parecia envergonhado.

—Eu já lhe disse que não sabia explicar.

—Não — disse ela pensativa— Acho que tem sentido. Tem que encaixar as peças de um quebra-cabeças.

—É um pouco parecido com isso.

—Eu gosto dos quebra-cabeças. — Ela deixou de falar um segundo antes de acrescentar—: Mas odeio matemática.

—É o mesmo — disse ele. —Não. Não é.

—Se disser isso é porque deve ter tido uns professores muito ruins.

—Nem há o que dizer sobre isso. Se por acaso não se lembra, acabei com cinco tutoras.

Harry sorriu, lenta e calidamente, e ela tremeu por dentro. Se alguém lhe houvesse dito nessa mesma manhã que falar de matemática e quebra-cabeças a faria estremecer-se de prazer teria caído na risada. Entretanto agora, ao olhá-lo, a única coisa que desejava era estender a mão, cruzar voando o espaço que os separava e acomodar-se em seus braços.

Aquilo era uma loucura. E felicidade.

—Deveria deixar que fosse — disse ele. —Onde? — suspirou ela.

Harry riu baixinho.

—Onde seja que tenha que ir.

Com você, quis dizer ela. Em seu lugar apoiou a mão na janela, preparando-se para fechá-la.

—Vemo-nos amanhã pela tarde à mesma hora?

Ele fez uma reverência e ela conteve o fôlego. Seus movimentos tinham a graça de um cortesão medieval e a faziam sentir-se como se fosse sua princesa trancada em uma torre.

—Será uma honra — disse ele.

Nessa noite, quando Olivia se meteu na cama, continuava sorrindo. Sim, o amor era uma coisa muito recomendável.

* * *

Uma semana mais tarde, Harry estava sentado ante sua escrivaninha, contemplando uma folha de papel em branco.

Não é que tivesse intenção de escrever alguma coisa, mas geralmente pensava melhor ante a mesa, com uma folha de papel encima do mata-borrão. Por esse motivo, depois de ficar deitado na cama estudando cuidadosamente o teto, enquanto tentava averiguar qual seria a melhor forma de pedir Olivia em casamento, transladou-se até ali, esperando que lhe chegasse a inspiração.

Não tinha nada de estranho. —Harry?

Ele levantou os olhos, agradecido pela interrupção. Tratava-se de Edward, que estava parado na entrada.

—Você pediu-me que o avisasse quando fosse a hora de começar a se preparar — disse Edward.

Harry concordou e o agradeceu. Tinha transcorrido quase uma semana desde aquela estranha e maravilhosa tarde em Rudland House. Sebastian tinha mudado, declarando que a casa de Harry era muito mais cômoda (e dispunha de melhor comida) que a sua própria. Também Edward passava mais

tempo na casa e não tinha chegado bêbado uma só vez. Quanto a Harry não teve que pensar seriamente no príncipe Alexei Ivanovich Gomarovsky.

Bom, até agora. Estava essa celebração da cultura russa a que se comprometeu assistir naquela noite. Embora a verdade era que não sentia muita ilusão. Gostava da cultura russa. E da comida. Havia passado sem desfrutar de uma comida russa decente desde que sua avó vivia e gritava com os cozinheiros na cozinha dos Valentine. Supunha que era improvável que houvesse caviar, embora entretanto tivesse a esperança de que houvesse.

E certamente Olivia estaria lá.

Iria pedir a ela que se casasse com ele amanhã. Ainda não havia resolvido todos os detalhes, mas se negava a esperar mais. A semana anterior tinha sido uma mescla de felicidade e tortura, onde tudo girava em torno de uma mulher de olhos azuis e loira como o sol.

Olivia tinha que ter adivinhado suas intenções, já que levava toda a semana cortejando-a de maneira apropriada com passeios pelo parque e encontros com sua família. E também de muitas maneiras inapropriadas como beijos roubados e conversas a meia noite através das janelas abertas.

Estava apaixonado. Fazia muito que o tinha reconhecido. A única coisa que ficava por fazer era propor casamento.

E que ela aceitasse, mas ele achava que ela aceitaria. Ela não lhe havia dito que o amava, mas tampouco o teria dito, não é verdade? Era o homem quem tinha que declarar-se primeiro e ele ainda não se declarou.

Estava esperando o momento indicado. Tinham que estar sozinhos. Tinha que ser de dia já que queria ver o rosto dela claramente e gravar cada emoção na memória. Ele declararia seu amor a ela e lhe pediria que se casasse com ele. E em seguida a beijaria até deixá-la sem sentido. Talvez inclusive também ele perdesse o sentido.

Quem iria dizer que não era tão romântico?

Harry se levantou e se aproximou da janela, rindo baixinho. As cortinas de Olivia estavam fechadas e a janela aberta. Cheio de curiosidade, abriu a sua e pôs a cabeça para fora no quente ar da primavera. Esperou um momento e ouviu-a subir a janela e em seguida assobiou.

Olivia apareceu uns segundos depois com olhos vivazes e alegres. —Boa tarde! — exclamou.

—Estava me esperando? — perguntou ele.

—Claro que não, mas como tinha que estar em meu quarto não vi nenhum motivo para não deixar a janela aberta. — inclinou-se sobre o batente e sorriu— Já é quase a hora de arrumar-se.

—O que vai usar? —Santo Deus, parecia um de seus amigos fofoqueiros! Entretanto não se

importou. Estava muito feliz vendo-a para preocupar-se com coisas como essa.

—Minha mãe desejava que eu use o vestido de veludo vermelho, mas eu queria pôr alguma cor que você pudesse ver.

Era ridículo o muito que gostava que ela evitasse as cores vermelha e verde em benefício dele.

—Azul, possivelmente? — refletiu ela. —Fica linda vestida de azul.

—Nesta tarde você está muito bajulador.

Harry encolheu os ombros, exibindo o que estava convencido que devia ser um sorriso extremamente estúpido.

—Hoje estou de muito bom humor. —Embora vá na festa do príncipe Alexei?

—Vai ter trezentos convidados, de modo que ele não disporá de tempo para mim.

Olivia riu em silêncio.

—Acho que começou a gostar dele.

Harry supôs que sim. Continuava pensando que o príncipe era um pouco tolo mas tinha arrumado o ombro de Sebastian. Ou para ser mais exato, tinha ordenado ao seu empregado que o fizesse. Em qualquer caso, o resultado foi o mesmo.

E o que era mais importante, por fim tinha aceitado a derrota e tinha deixado de visitar Olivia.

Por desgraça para Harry, a teimosia do príncipe por Olivia foi substituída por uma devota amizade com Sebastian. O príncipe Alexei tinha decidido que Seb tinha que ser seu novo melhor amigo e o visitava diariamente para interessar-se por sua recuperação. Harry se propôs estar presente em sua escrivaninha durante as visitas e deleitou a Olivia com os detalhes e do que lhe tinha contado Sebastian. Em geral, foi algo bastante divertido, e a melhor prova de que o príncipe Alexei era completamente inofensivo.

—Oh, aí está minha mãe! —disse Olivia, virando-se para olhar a suas costas— Está chamando do vestíbulo. Tenho que ir.

—A verei esta noite — disse Harry. Ela sorriu.

—Estou impaciente.

CAPÍTULO 20



Quando Harry chegou à residência do embaixador, o baile estava em plena atividade. Não podia determinar exatamente que aspectos da cultura russa se celebravam, a música era alemã e a comida francesa. Mas ninguém parecia se importar. A vodca fluía livremente e o salão ressonava com gargalhadas.

Harry procurou imediatamente a Olivia, mas não estava em nenhum lugar à vista. Estava na festa e tinha certeza que já tinha chegado, porque sua carruagem tinha deixado a casa uma hora antes da própria saída dele. Mas o salão estava abarrotado. Não a encontraria logo.

O ombro de Sebastian quase tinha melhorado, mas tinha insistido em levar uma tipóia sob o casaco, o melhor para atrair às mulheres, havia dito a Harry. E verdadeiramente, funcionava. Foram assaltados instantaneamente, e Harry ficou feliz de ficar para trás, olhando com diversão como Sebastian desfrutava da preocupação das formosas damas de Londres.

Harry notou que Sebastian não dava uma descrição exata do acidente. De fato, todos os detalhes foram bastante vagos. Certamente não havia nada como parar em cima de uma mesa, representando a cena do precipício de um romance gótico. Era difícil dizer exatamente o que havia dito Sebastian, mas Harry ouviu que uma dama sussurrava a outra que tinha sido atacado por bandoleiros, o pobre, pobrezinho.

Harry esperava ouvir que Sebastian tinha lutado contra um regimento francês inteiro ao final da noite.

Harry se inclinou sobre Edward enquanto Sebastian aceitava amavelmente a preocupação de uma devastadora viúva rechonchuda.

—Faça o que fizer, não conte a ninguém o que aconteceu realmente. Ele nunca o perdoará.

Edward concordou. Estava muito ocupado olhando e aprendendo com Seb para dar atenção a Harry.

—Desfrute das sobras — disse Harry ao irmão, sorrindo para si mesmo quando percebeu que ele ficaria com as fêmeas restantes de Sebastian.

A vida era boa. Muito boa. Tão perfeita e fabulosa como jamais tinha sido, de fato.

No dia seguinte se declararia a Olivia e ela diria sim.

Ele faria isso de verdade? Não podia estar confuso a respeito de seus sentimentos.

—Viu Olivia? —perguntou a Edward. Edward sacudiu a cabeça.

—Vou tentar encontrá-la. Edward concordou.

Harry decidiu que era inútil tentar conduzir uma conversa com seu irmão com tantas senhoritas rebolando perto dele e saiu tentando ver por cima da multidão enquanto caminhava ao lado oposto do salão de dança. Havia um pequeno grupo de pessoas perto da jarra do ponche, o príncipe Alexei no centro, mas não via Olivia. Ela havia dito que usaria um vestido azul, o que a tornaria mais fácil de reconhecer, mas sempre tinha parecido mais difícil para ele distinguir as cores de noite.

O cabelo… Agora, isso era uma história diferente. O cabelo brilharia como um farol. Continuou se movendo entre a multidão, olhando aqui e ali, e finalmente, quando começava a se frustrar, ouviu uma voz atrás de si:

—Procura alguém?

Ele virou-se e foi como se sua vida estivesse iluminada pelo sorriso dela. —Sim — disse ele fingindo perplexidade—, mas não posso encontrá-la… —Oh, para — disse Olivia batendo levemente no braço dele— O que lhe tomou

tanto tempo? Estou aqui durante horas. Harry levantou uma sobrancelha.

—Oh, muito bem, uma hora pelo menos. Provavelmente noventa minutos. Harry olhou seu primo e seu irmão, ainda recebendo sua corte através do salão.

—Tivemos dificuldades para ajustar a tipoia de Sebastian com seu casaco. —E as pessoas dizem que as mulheres são escrupulosas.

—Embora tivesse que discutir a favor de meu gênero, sempre estou feliz de questionar meu primo.

Ela riu disso, com um som brilhante e musical e então o pegou pela mão.

—Venha comigo.

Ele a seguiu entre a multidão, impressionado por sua determinação de chegar ao lugar que ia. Ziguezagueou daqui para lá, rindo todo o caminho, até que alcançou uma porta arqueada no lado distante do salão.

—O que é isto? — murmurou ele.

—Shhhh — respondeu ela. Harry a seguiu pelo vestíbulo. Não estava vazio, havia vários pequenos grupos de pessoas reunidos por toda parte, mas estava muito menos cheio que o salão principal.

—Estive explorando — disse ela. —Aparentemente.

Ela virou em outra esquina e outra, e as multidões se reduziram progressivamente até que por último Olivia parou em uma galeria tranquila. Um lado tinha portas intercaladas com altos retratos, perfeitamente ordenados, duas pinturas entre cada porta. Do outro lado havia uma fila ordenada de janelas.

Olivia parou diretamente diante de uma das janelas. —Olhe para fora — insistiu ela.

Ele olhou, mas não viu nada de extraordinário.

—Abro? — perguntou, pensando que isso poderia oferecer mais indícios. —Por favor.

Encontrou a fechadura e a abriu, então levantou a janela. Deslizou-a para cima sem um som e pôs a cabeça para fora.

Viu árvores.

E a ela. Ela tinha colocado a cabeça ao lado da dele.

—Devo confessar que estou confuso —disse ele— O que estou olhando?

—A mim — disse ela simplesmente— A nós. Juntos. No mesmo lado de uma janela.

Ele se virou. Olhou-a. E então… teve que fazê-lo. Não podia não fazê-lo. Alcançou-a e a puxou contra ele, ela foi de boa vontade, com um sorriso que falava sobre a vida que tinha diante deles.

Harry se inclinou e a beijou com os lábios ansiosos e famintos, e percebeu que estava tremendo porque isto era mais que um beijo. Havia algo sagrado neste momento, algo honrado e verdadeiro.

—Amo Você — cochichou ele. Ele não queria dizer ainda. Planejou dizer quando a pedisse em casamento. Mas tinha que dizê-lo. Aquilo cresceu e se estendeu dentro dele, borbulhando com o calor e a força e simplesmente não podia reter— Eu a amo — disse outra vez—Eu a amo.

A tocou na face.

—Eu amo você também.

Durante vários segundos ele não pôde fazer nada mais que olhá-la fixamente, sustentando o momento com reverência, permitindo que cada pingo disso se derramasse sobre ele. E então algo mais tomou o comando, algo primitivo e violento e então a esmagou contra ele, beijando-a com a urgência de um homem que queria reclamar o que é seu.

Não podia conseguir bastante dela, seu toque, seu aroma, sua sensação. A tensão e a necessidade davam voltas em espiral dentro dele e podia sentir seu aperto deslizando-se sobre seu controle, sobre seu sentido de conveniência, sobre tudo exceto ela.

Os dedos tentavam pegar na roupa dela, desesperado por sentir aquela pele, quente e suave.

—Preciso de você — gemeu, moveu a boca pela face, a mandíbula e o pescoço dela.

Retorceram-se e se viraram para longe da janela e Harry se encontrou inclinado contra uma porta. Pegou no trinco, virou e caíram dentro daquele novo ambiente tropeçando, mas conseguindo manter-se de pé.

—Onde estamos? — perguntou Olivia e o fôlego lhe sacudia o corpo. Harry fechou a porta. A Trancou na verdade.

—Não me importa.

Tomou-a então e puxou-a contra ele. Deveria ter sido suave, deveria ter sido terno. Mas estava além disso agora. Pela primeira vez em sua vida, movia-se por algo além de seu controle. Movia-se por algo do qual não podia resistir. Seu mundo era nada exceto esta mulher e seus corpos; iria mostrar, da maneira mais fundamental possível o quanto a amava.

—Harry — ofegou ela, arqueando o corpo contra o dele. Harry podia sentir cada curva através da roupa e tinha que… não podia parar…

Tinha que senti-la. Tinha que conhecê-la.

Ela disse o nome dele, reconhecendo apenas sua própria voz, rouca com a necessidade.

—Desejo-a— disse ele.

E quando ela gemeu incoerentemente em resposta ele encontrou o lóbulo da orelha dela com os lábios como ele tinha feito com ela durante o início da tarde e ele disse outra vez.

—Desejo-a agora.

—Sim — disse ela— Sim.

Com um fôlego trêmulo, Harry se separou dela e tomou o rosto dela nas mãos.

—Compreende o que digo? Ela concordou.

Mas isso não era bom o bastante.

—Compreende? — perguntou, a urgência o fazia soar quase estridente— Preciso que o diga.

—Compreendo — cochichou ela— Desejo-o também.

Ainda assim, Harry resistiu, incapaz de permitir-se cortar esse último fio de prudência, ou de conveniência. Sabia que estava preparado para comprometer sua vida com ela, mas não o tinha jurado em uma igreja, ante sua família. Mas Por Deus, que se ela fosse detê-lo, teria que ser agora.

Ela ficou muito quieta e por um momento parecia deixar de respirar e em seguida segurou o rosto dele entre as mãos, na mesma posição na qual ele a sustentava. Os olhos se encontraram e no rosto dela ele viu um amor e uma confiança tão grande e tão profunda que quase o paralisaram com temor.

Como podia ser ele digno disto? Como poderia mantê-la protegida, feliz e assegurar-se de que a cada segundo do dia ela soubesse o quanto a amava?

Ela sorriu. A princípio foi doce e logo ficou pronta e possivelmente um pouco travessa.

—Vai me pedir que se case com você — murmurou ela— Não é verdade? Harry separou os lábios com surpresa.

—Eu…

Mas Olivia pôs uma de suas mãos contra a boca dele. —Não diga nada. Só balance a cabeça se for sim. Harry concordou.

—Não me peça isso agora — disse ela e parecia quase serena, como se fosse uma deusa e os mortais ao redor dela fizessem exatamente o que pedia— Este não é o momento nem o lugar. Quero uma proposta apropriada.

Harry concordou outra vez.

—Mas se eu souber que planeja me pedir em casamento, eu poderia ser convencida a agir de outra maneira…

Foi toda a permissão que ele necessitou. Atraiu-a para outro beijo ardente e os dedos dele localizaram os botões cobertos de tecido nas costas do vestido dela. Estes saíram facilmente das casas e em segundos o tecido se juntou e caiu aos pés dela.

Ela estava diante dele com uma regata e um espartilho e a malha pálida resplandecia brandamente à luz da lua que se filtrava pela parte superior sem cortinas da única janela do lugar. Olivia parecia tão formosa, tão etérea e pura e Harry se encontrou querendo parar e beber daquela visão inclusive enquanto seu corpo ardia por um contato mais próximo.

Encolheu os ombros para tirar o casaco e em seguida afrouxou a gravata. Tudo enquanto ela permanecia ali olhando-o em silêncio, com os olhos abertos e maravilhados cheios de entusiasmo. Ele desabotoou os primeiros botões da camisa, o bastante para tira-la pela cabeça e com o que era o último resto de pensamento racional colocou-a dobrada em uma cadeira para que não se enrugasse. Ela deixou sair uma risada, tapando a boca com a mão.

—O que?

—É tão organizado — disse ela, parecendo quase envergonhada ao apontar para a camisa dobrada.

Harry olhou deliberadamente por cima do ombro. —Há quatrocentas pessoas do outro lado desta porta. —Mas você vai arruinar-me.

—Não posso fazê-lo com organização?

Outro barulho de risada saiu disparado da boca de Olivia. Ela se abaixou, recolheu o vestido e o entregou a ele.

—Se importaria de dobrar isto também?

Harry apertou os lábios para evitar rir. Em silêncio, esticou-se e o pegou.

—Se alguma vez você estiver com pouco dinheiro— disse ela, olhando ele botar o vestido sobre o encosto de uma cadeira —, sempre haverá oportunidades para um empregado consciencioso.

Ele se virou e uma comissura da boca se curvava para cima em uma saudação retorcida. Bateu na têmpora esquerda, perto do olho, murmurando:

—Sou cego para algumas cores, se lembra?

—Oh, querido. — Olivia juntou as mãos, parecendo terrivelmente amuada— Isso seria um problema.

Harry deu um passo para ela e seus olhos a devoravam.

—Possivelmente eu possa compensar minha falta com uma devoção excessiva para com minha senhora.

—A lealdade e a fidelidade sempre são apreciadas entre os empregados. Harry se aproximou mais, muito mais para perto dela, até que os lábios quase

tocaram a comissura da boca da mulher. —E entre os casados?

—A fidelidade é muito apreciada entre os casados — sussurrou ela. Sua respiração ficou irregular e só com o toque de sua pele o sangue de Harry se acelerou.

A mão dele alcançou as fitas do espartilho. —Sou muito leal.

Olivia concordou nervosamente. —Isso é bom.

Ele puxou a fita, desfazendo primeiro o laço e logo deslizando o dedo por debaixo do nó.

—Posso dizer fidelidade em três idiomas. —É verdade?

Era verdade e ele não se importava que ela soubesse. Planejava fazer amor nos três idiomas, mas na primeira vez pensou que faria amor em inglês mesmo! Bem, em sua maior parte.

—Fidelidade — cochichou — *Fidelité. Vyernost*.

Então a beijou, antes que ela pudesse perguntar mais. Diria tudo, mas não agora. Não quando ele estava sem camisa e o espartilho dela desamarrado e deslizando pelo corpo dela. Não quando seus dedos estavam trabalhando nos dois

botões da regata, desenganchando as alças que a mantinham em seu lugar sobre os ombros dela.

—Amo-a— disse ele inclinando-se para frente para depositar um beijo no oco da clavícula da mulher.

—Amo-a— disse outra vez, subindo pela linha elegante do pescoço dela. —Amo-a.

E desta vez cochichou ardente na orelha dela enquanto soltava as alças e permitia que o último objeto de vestir caísse do corpo dela.

Olivia subiu os braços para se cobrir e ele a beijou uma vez, levemente, nos lábios enquanto os dedos se moviam para tirar sua calcinha. Desejava-a até doer, estava quente e pesado com a necessidade e não tinha a menor ideia de como tirar as botas rapidamente, mas antes que ela pudesse tomar outro fôlego, levantou-a nos braços e a levou até o divã.

—Deveria haver uma cama apropriada — murmurou ele—, com lençóis apropriados e travesseiros apropriados…

Mas ela negou com a cabeça, entrelaçando os dedos atrás do pescoço dele para descer sua cabeça para um beijo.

—Não quero ser apropriada neste momento — disse ela, cochichando as palavras no ouvido dele— Só desejo você.

Era inevitável. Harry soube durante muito tempo, do momento em que astutamente ela tinha perguntado se ele planejava propor-lhe casamento mas ainda assim, algo parecia inclinar-se nesse momento, enviando-o sobre a ponta da restrição, transformando isto de uma sedução em loucura completa.

Deixou-a de costas e cobriu imediatamente o corpo dela com o seu. O toque foi elétrico. Estavam pele contra pele, apertados um contra o outro com uma intimidade comovedora. E ele desejava tanto enterrar-se dentro dela, tê-la, conhecê-la, mas não podia se permitir apressar-se. Não sabia se poderia levá-la à culminação do ato sexual, porque nunca havia feito amor com uma virgem antes e não tinha a menor ideia se era possível. Mas por Deus, que faria com que fosse bom para ela. Quando acabassem, ela saberia que tinha sido venerada.

Saberia que era amada.

—Me diga o que você gosta— murmurou ele, beijando-a nos lábios antes de mover-se para o pescoço dela.

Ouviu seu fôlego, rouco, excitado e possivelmente um pouco confuso.

—O que quer dizer?

Harry segurou o seio dela com uma das mãos. —Você gosta disto?

Ouviu-a inalar rapidamente.

—Você gosta? — perguntou brandamente, arrastando os lábios para baixo à base do pescoço.

Ela concordou com rápidos movimentos frenéticos. —Sim.

—Diga-me o que você gosta— disse ele outra vez e com a boca encontrou a ponta do seio dela. Soprou um pouco de ar sobre ele e em seguida rodeou a ponta deste com a língua antes de finalmente capturá-lo com os lábios.

—Gosto disso — ofegou ela.

Eu também, pensou ele e se moveu ao outro lado, dizendo que era pelo equilíbrio. Mas realmente era para ele e para ela, e porque não podia suportar deixar um centímetro dela sem tocar.

Olivia se arqueou debaixo dele, se pressionando contra a boca do homem e Harry deslizou uma mão para baixo, envolvendo-a ao redor de seu traseiro. Apertou-o, e em seguida se moveu e os dedos encontraram a pele suave do interior da coxa dela. E quando a apertou outra vez, os dedos estavam perto, tão perto do centro dela, tão perto que podia sentir o calor.

A boca voltou para a dela, exatamente quando os dedos a encontraram e ele acariciou aquela vagina quente e a penetrou com os dedos.

—Harry! — gritou Olivia, surpresa, mas não, pensou ele, incomodado. —Diga-me o que você gosta— disse ele outra vez.

—Isso — ela conseguiu dizer— Mas não…

Harry se moveu mais fundo, dentro e fora, a umidade o fazia arder com a necessidade por ela.

—Você não o que? — perguntou. —Não sei.

Ele sorriu.

—Não sabe o que?

—Não sei o que não sei — disse ela, com uma brutalidade prática. Harry engoliu uma risada e deteve os dedos por um momento. —Não pare! —gritou ela.

E ele não parou. Não parou quando ela gemeu seu nome e não parou quando o agarrou pelos ombros com tanta força que com certeza deixaria uma marca roxa. E certamente não parou quando ela se convulsionou ao redor dele, tão rapidamente e com tanta força que quase o empurrou para fora dela.

Um cavalheiro possivelmente teria parado então. Olivia tinha chegado ao clímax, ainda era virgem e ele era provavelmente uma besta para querer fazer amor com ela completamente, mas

simplesmente não podia… não.

Ela era dele.

Mas não, estava começando a perceber que ele era dela.

Antes que Olivia saísse do clímax, antes que pudesse desabar, ele tirou os dedos e se posicionou em sua abertura.

—Amo-a — disse ele e sua voz ficou forte e rouca com a emoção — Tenho que dizer isso porque preciso que saiba. Neste momento, preciso que saiba.

Empurrou o pênis para frente, esperando resistência. Mas ela estava tão excitada, tão bem amada que o pênis deslizou para dentro com facilidade. Ele estremeceu de prazer, pela deliciosa união de seus corpos. Era como se nunca tivesse feito isto antes e seu desejo tomou o comando e ele perdeu todo o controle. E então, no que teria sido uma velocidade vergonhosa se não tivesse dado prazer a ela, gritou e se esticou e em fim desabou.

CAPÍTULO 21



Olivia saiu primeiro.

Não estava certa de quanto tempo ficaram ali no divã, tentando recuperar a prudência, e uma vez que puderam respirar normalmente, tinham levado algum tempo se arrumando. Harry não podia atar a gravata com a mesma precisão engomada que tinha feito seu valete e Olivia percebeu que seu lenço não valia para…

Céus, não podia nem sequer pensar nas palavras. Não se arrependia do que tinha feito. Nunca poderia, tinha sido a experiência mais maravilhosa, assombrosa e espetacular de sua vida. Mas agora, agora estava… pegajosa.

Sua saída também se atrasou por vários beijos roubados, pelo menos duas olhadas luxuriosas que tinham ameaçado enviá-la imediatamente de novo ao divã e a um beliscão muito atrevido no traseiro.

Olivia ainda se felicitava por isso.

Mas finalmente conseguiram parecer o bastante respeitáveis para voltar e juntarem-se à cortês sociedade e decidiram que Olivia sairia primeiro. Harry há seguiria cinco minutos mais tarde.

—Está certo de que meu cabelo parece apresentável? — perguntou ela enquanto botava a mão na maçaneta da porta.

—Não — admitiu ele.

Olivia sentiu seus olhos se arregalarem com alarme.

—Não parece tão ruim — disse ele, com a típica incapacidade dos homens para descrever exatamente um penteado —, mas não acredito que pareça precisamente o mesmo de quando chegou. —Sorriu fracamente, claramente consciente de seus defeitos nesse aspecto.

Ela se apressou de volta ao espelho solitário do quarto, mas estava sobre o suporte da lareira e embora ficasse nas pontas dos pés não podia captar nem um vislumbre de todo o rosto.

—Não posso ver nada — se queixou ela— Tenho que encontrar um banheiro.

Os planos dela mudaram. Olivia sairia, encontraria um banheiro e ficaria ali durante pelo menos dez minutos, para que Harry pudesse sair cinco minutos depois e chegasse ao salão de baile cinco minutos antes que ela.

Olivia encontrou o subterfúgio exaustivo. Como se arrumava as pessoas com tais coisas, movendo-se furtivamente como ladrões? Ela seria uma espiã terrível.

Sua frustração deve ter aparecido no rosto, porque Harry se aproximou e a beijou uma vez, brandamente, na face.

—Logo estaremos casados —prometeu ele e nunca teremos que fazer isto outra vez.

Olivia abriu a boca para indicar que sua mãe insistiria em um noivado de três meses no mínimo, mas ele levantou a mão e disse:

—Não se preocupe, esta não é a proposta. Quando eu a fizer você saberá. Prometo.

Ela sorriu para si mesma e murmurou um adeus, apareceu pela porta para se assegurar de que não vinha ninguém e em seguida deslizou para a tranquila galeria iluminada pela lua.

Ela sabia a localização do banheiro; já esteve lá uma vez nessa noite. Tentou andar com passos calmos. Não muito rápido, não queria parecer que se apressava. Nem muito lentamente, tampouco, sempre era melhor parecer como se tivesse um propósito.

Não se encontrou com ninguém no caminho para o banheiro, por isso agradeceu. Entretanto, quando abriu a porta e deu um passo para o interior do quarto, onde as senhoras podiam lavar as mãos e verificar suas aparências, encontrou-se com:

—Olivia!

Olivia quase saiu de dentro da sua pele. Mary Cadogan estava na frente do espelho, beliscando as faces.

—Céus, Mary — disse Olivia, tentando recuperar o fôlego — Assustou-me. Não queria ser apanhada em uma conversa com Mary Cadogan, mas por outro lado, se tinha que topar com alguém, estava agradecida de que fosse com uma amiga. Mary possivelmente perguntaria pela aparência desordenada de Olivia, mas nunca suspeitaria da verdade.

—Meu cabelo está alvoroçado? — perguntou Olivia, esticando-se para tocá-lo— Escorreguei. Alguém derramou champanhe.

—Oh, odeio isso.

—O que pensa? — perguntou Olivia, esperando ter desviado com êxito a Mary de fazer qualquer outra pergunta.

—Não está tão mal — respondeu Mary consoladoramente— Posso ajudar você. Penteei o cabelo de minha irmã dúzias de vezes. —Empurrou Olivia para uma cadeira e começou a ajustar os grampos — Não parece que seu vestido tenha sofrido dano.

—Estou certa de que a barra ficou Manchada—disse Olivia. —Quem derramou o champanhe? —perguntou Mary. —Não estou certa disso.

—Aposto que foi o senhor Grei. Está com um braço na tipóia. —Eu vi — murmurou Olivia.

—Ouvi que seu tio o empurrou pelas escadas. Olivia mal conseguiu conter seu horror pelo rumor. —Isso não pode ser verdade.

—Por que não?

—Bem… — Olivia piscou, tentando propor uma resposta aceitável. Não queria dizer que Sebastian tinha caído de uma mesa em sua casa, Mary positivamente a enxeria com perguntas se soubesse que Olivia tinha algum conhecimento especial do incidente. Por último se decidiu por dizer:

—Se ele houvesse caído pelas escadas, não acha que teria sofrido feridas mais graves?

Mary pareceu considerar isto.

—Possivelmente foi um lance curto de escadas. Os degraus dianteiros, possivelmente.

—Possivelmente — disse Olivia, esperando que isso fosse o final das considerações da amiga.

—Embora —continuou Mary, terminando com as esperanças de Olivia— alguém pensaria que haveria testemunhas se tivesse acontecido fora da casa.

Olivia decidiu não comentar.

—Suponho que poderia ter acontecido de noite — refletiu Mary.

Olivia começava a pensar que Mary devia considerar escrever um romance no estilo de *Miss Butterworth*. Certamente possuía a imaginação para isso.

—Já está pronto— declarou Mary— Como novo. Ou quase. Não pude recriar exatamente o pequeno cacho sobre a orelha.

Olivia estava impressionada (e possivelmente um pouco alarmada) de que Mary tivesse recordado o cacho sobre a orelha, Olivia certamente não o tinha feito.

—Obrigada — disse — O aprecio muito. Mary sorriu calorosamente.

—Estou feliz por ajudá-la. Voltamos para a festa?

—Pode ir sem mim — respondeu Olivia. Moveu-se para a outra seção mais privada, a seção do asseio— Preciso de um momento.

—Quer que a espere?

—Oh, não, não, não — disse Olivia, esperando que seu excesso não soasse mais coloquial que

desesperado. Eu precisava realmente uns poucos momentos a sós, só um pouco de tempo para coordenar os pensamentos, respirar profundamente e procurar recuperar o equilíbrio.

—Oh, é claro. A verei mais tarde, então. —Mary lhe fez um gesto com a cabeça e saiu do pequeno quarto, deixando Olivia sozinha.

Olivia fechou os olhos por um momento e tomou esse fôlego profundo pelo qual esteve esperando. Ainda sentia um formigamento e se sentia aturdida, surpresa com sua própria conduta e ao mesmo tempo cheia de delícia.

Não estava certa do que a surpreendia mais. Que acabasse de entregar sua virgindade na casa do embaixador russo ou que se preparasse para voltar para a festa como se nada tivesse acontecido.

As pessoas notariam em seu rosto? Parecia diferente? O céus saberiam, ela se sentia fundamentalmente mudada.

Inclinou-se para frente uns poucos centímetros, tentando examinar seu reflexo mais de perto. As faces estavam rosadas, não havia modo de ocultar isso. E possivelmente seus olhos pareciam um pouco mais brilhantes, quase reluziam.

Estava imaginando coisas. Ninguém saberia. Menos Harry.

O coração saltou. Literalmente saltou no peito.

Harry saberia. Recordaria cada detalhe e quando a olhasse, com os olhos ardentes de desejo, ela se confundiria de novo.

E de repente ela já não estava tão certa de poder continuar com isto. Ninguém saberia o que estiveram fazendo ao olhá-la. Mas se alguém a olhasse quando estivesse olhando para Harry…

Endireitou-se. Aprumou os ombros. Tentou ser resolvida. Poderia fazer isto. Era lady Olivia Bevelstoke, cômoda em qualquer situação social, não é verdade? Era lady Olivia Bevelstoke.

Deixou sair um suspiro pequeno ante o tal pensamento. Logo seria lady Valentine. Gostava disso. Lady Valentine. Era tão romântico. Realmente, os nomes não podiam ser melhores.

Virou-se para a porta. Alcançou o trinco.

Mas alguém a abriu primeiro. Então retrocedeu para evitar ser golpeada pela porta.

Mas não pôde evitar um… —Oh!

* * *

Onde demônios estava Olivia? Harry tinha retornado à festa a mais de meia hora e ainda não a tinha vislumbrado. Tinha representado sua parte à perfeição, conversando com numerosas senhoritas

brilhantes, dançando inclusive com uma Smythe-Smith. Tinha verificado Sebastian, não é que ele o necessitasse, o ombro não incomodou durante vários dias.

Olivia havia dito que planejava ir à sala onde as senhoras se retiravam para verificar a aparência, assim não tinha esperado que chegasse imediatamente, mas ainda assim, já não deveria ter chegado? Tinha pensado que ela estava com um aspecto bastante agradável quando a viu pela última vez. Que mais precisava ela fazer?

—Oh, Sir Harry!

Virou-se ante o som de uma voz feminina. Era essa senhorita com a qual Olivia estava sentada no parque. Blast, era seu nome?

—Viu Olivia? — perguntou ela.

—Não — disse ele— Não estive no salão de baile durante muito tempo.

A jovem franziu a sobrancelha.

—Não sei onde poderia estar. Estive com ela antes. Harry a olhou com interesse crescente.

—É verdade?

Ela concordou movendo uma das mãos para um lado, presumivelmente para indicar outra localização.

—Ajudei-a com seu cabelo. Alguém derramou champanhe sobre o vestido dela sabe?

Harry não estava certo do que Olivia tinha contado a ela sobre o cabelo, mas sabia que era melhor não perguntar. Qualquer que fosse a história que Olivia tinha criado, havia convencido sua amiga e ele não iria contradizê-la.

A senhorita franziu a sobrancelha, inclinando a cabeça em uma determinada direção enquanto ele olhava por cima da multidão.

—Realmente precisava dizer alguma coisa.

—Quando a viu pela última vez? — perguntou Harry, mantendo seu tom cortês, quase paternal.

—Meu deus, não estou certa. Faz uma hora? Não, não poderia ter passado tanto tempo. —Ele continuou sua busca visual pela pista de dança, mas Harry não podia dizer se procurava Olivia ou se somente inspecionava a lista de convidados.

—A Vê? — perguntou Harry, em sua maior parte porque se sentia malditamente incômodo ali parado, junto a ela enquanto esta olhava a todos no aposento além dele.

Ela sacudiu a cabeça e em seguida localizou aparentemente a alguém que acreditava de importância maior, disse:

—A faça saber que a estou procurando quando a encontrar. Com um pequeno giro, dirigiu-se de volta à multidão.

Isso era singularmente inútil, decidiu Harry, enquanto se movia para as portas do jardim. Ele não pensava que Olivia tivesse saído, mas o salão de baile estava a um nível mais baixo e as pessoas tinham que subir três degraus para alcançar as portas. Seria muito mais provável poder vê-la dali.

Mas quando alcançou um ponto de observação, foi bloqueado uma vez mais. Todos os que conhecia pareciam estar presentes, mas Olivia não se encontrava em parte alguma. Ali estava Sebastian, ainda encantando as senhoras com o conto inventado de sua proeza. Edward estava junto ao cotovelo dele, tentando parecer mais velho do que era realmente. A amiga de Olivia (cujo nome ainda não podia recordar) tomava um copo de limonada, fingindo escutar o cavalheiro de idade avançada que gritava. E ali estava o irmão gêmeo de Olivia, inclinando-se contra a parede de trás, com expressão aborrecida.

Inclusive Vladimir estava ali, caminhando através do salão de baile com grande determinação, sem incomodar-se em se desculpar quando empurrava para um lado a vários lordes e ladys. Parecia bastante sério, pensou Harry e se perguntou se deveria investigar quando percebeu que o gigante russo se dirigia para ele.

—Venha comigo — disse para Harry. Harry começou.

—Fala inglês?

—*Nyeh tak khorosho, kak tiy govorish po russki. Não tão bem como você fala russo.*

—O que aconteceu? —perguntou Harry. Em inglês, para ser cuidadoso. Os olhos de Vladimir se encontraram com os dele com um duro propósito. —Conheço Winthrop — disse ele.

Foi quase suficiente para convencer Harry a confiar nele. E então Vladimir disse.

—Lady Olivia desapareceu.

De repente não importou se confiava nele ou não.

* * *

Olivia não tinha a menor ideia de onde estava.

Ou como tinha chegado ali.

Ou porque tinha as mãos presas atrás das costas, os pés atados juntos e uma mordaça envolta ao redor da boca.

Ou, pensou, piscando freneticamente para ajustar-se à luz débil, por que não estava com os olhos enfaixados.

Jazia de lado, em uma cama, olhando fixamente a uma parede. Possivelmente quem quer que tivesse feito isto imaginou que não podia mover-se nem fazer ruído, não importaria o que visse.

Mas quem? Por quê? O que tinha acontecido?

Tentou pensar, tentou acalmar sua mente acelerada. Estava no banheiro. Mary Cadogan esteve ali e em seguida saiu e Olivia esteve sozinha durante quanto tempo? Pelo menos uns poucos minutos. Possivelmente cinco.

Finalmente tinha recuperado os nervos para voltar para a festa, mas a porta se abriu e então…

O que aconteceu? O que aconteceu?

P*ense, Olivia, pense*.

Por que não podia recordar? Era como se uma grande mancha cinza tivesse sido esfregada em sua memória.

Começou a respirar mais forte. Rápido e profundo. Assustada. Não podia pensar claramente.

Começou a lutar, embora soubesse que era inútil. Conseguiu dar a volta, para longe da parede. Parecia que não podia acalmar-se, nem focalizar os olhos…

—Então você está acordada.

Congelou. Em um instante ficou quieta e seu único movimento era o de subir e descer o peito com a respiração.

Não reconhecia a voz. E quando o proprietário dessa voz se aproximou, não reconheceu o homem, tampouco.

Quem é você?

Mas era evidente que ela não podia falar. Entretanto, ele viu a pergunta; viu-a em seus olhos assustados.

—Não importa quem sou eu — disse ele e sua voz tinha algum tipo de sotaque. Mas ela não podia dizer de onde era. Assim como sempre foi terrível com os idiomas, nunca pôde situar sotaques, tampouco.

O homem se aproximou mais e se sentou em uma cadeira perto dela. Era mais velho que ela, embora não tão velho quanto seus pais e o cabelo era grisalho e curto. Os olhos não podia dizer de que cor eram na escuridão. Marrons não. Era algo mais brilhante.

—O príncipe Alexei se apaixonou por você — disse ele.

Ela arregalou os olhos. Será que era o príncipe Alexei quem tinha feito isto?

Seu captor riu entre dentes.

—A senhorita não oculta bem suas emoções, lady Olivia. Não foi o príncipe quem a trouxe aqui. Mas será o príncipe — se inclinou mais perto, de modo ameaçador, até que ela pôde sentir seu fôlego — quem pagará para que a devolvamos.

Ela sacudiu a cabeça, resmungando tentando dizer que o príncipe não havia se apaixonado por ela, e que se isso havia acontecido não tinha durado.

—Se for inteligente, não lutará — disse o homem— Não se soltará, assim, por que gastar suas forças?

Mas ela não podia parar de lutar ao que parece. O terror mais absoluto crescia dentro dela e não sabia como contê-lo.

O homem grisalho ficou de pé, olhou-a com uma curva pequena nos lábios. —Trarei alimento e bebida mais tarde. — Saiu do quarto e Olivia pensou que a garganta se fecharia pelo pânico quando ouviu o clique da porta, seguido pelas voltas de duas fechaduras.

Não poderia sair dali. Não sozinha.

Mas alguém saberia para onde a tinham levado?

CAPÍTULO 22



—Onde está ela?

Isso foi a única coisa que conseguiu dizer Harry antes de se jogar contra o príncipe. Tinha seguido Vladimir até um aposento na parte traseira da casa, com mais medo a cada passo que dava. Sabia que estava se comportando como um estúpido; aquilo podia ser uma armadilha. Era evidente que alguém sabia que ele trabalhava para o Ministério de Defesa já que de outra forma, como Vladimir saberia que ele falava em russo?

Era possível que se dirigisse ao encontro de sua própria execução. Mas era um risco que tinha que correr.

Entretanto, quando viu o príncipe ali parado, iluminado pela luz de uma vela solitária sobre uma mesa nua, Harry explodiu. O medo o fortaleceu e quando os dois caíram no chão o fizeram com uma força assombrosa.

—Onde está ela? —voltou a gritar Harry— O que fez com ela? —Detenha-se! — Vladimir se interpôs entre os dois, separando-os.

Quando Harry se encontrou à distância de um braço do príncipe, percebeu que Alexei não se defendeu.

O nó de terror no estômago aumentou. O príncipe parecia pálido, sério e assustado.

—O que foi que aconteceu? —sussurrou Harry.

Alexei entregou uma folha de papel a ele. Harry a pôs sob a luz da vela e a olhou. Estava escrita com o alfabeto cirílico. Não disse nada. Não era o momento de fingir que não podia lê-lo.

A *dama viverá se você cooperar. Vai ser caro. Não o diga a ninguém.*

Harry levantou os olhos.

—Como sabemos que se trata dela? Aqui não menciona seu nome.

Alexei estendeu a mão em silêncio. Harry olhou o que tinha nela. Era uma mecha de cabelo. Queria dizer que não podia ser dele, que era possível que houvesse outra mulher com o cabelo da mesma cor, com essa mecha incrível de sol e manteiga, com o mesmo tipo de cacho, menos marcado que um saca rolhas, mas mais que uma onda.

Mas sabia que era dela.

—Quem escreveu isto? — perguntou Em russo. Vladimir foi o primeiro a falar.

—Acreditam…

—Acreditam? — rugiu Harry— Acreditam? Será melhor que saibam, e quanto antes. Se acontecer algo a…

—Se acontecer algo — interrompeu o príncipe com tom glacial—, eu mesmo me encarregarei de cortar o pescoço de quem fez isso. Farei justiça.

Harry se voltou para ele devagar, tentando apaziguar a acidez que lhe roía as vísceras.

—Não quero justiça — disse ele com voz grave e cheia de raiva— Quero a ela. —E vamos salvá-la — se apressou a dizer Vladimir. Lançou ao príncipe um olhar de advertência— Não vai acontecer nada. —Quem é você? —exigiu saber Harry. —Isso não importa.

—Eu Acho que sim.

—Eu também trabalho para o Ministério de Defesa — respondeu Vladimir. Encolhendo os ombros— De vez em quando.

—Me perdoará se não confio em você.

Vladimir o olhou outra vez, com esse olhar intenso e direto que teria acovardado Harry no salão de baile. Estava claro que era muito mais que o empregado ameaçador que pretendia ser.

—Conheço Fitzwilliam — disse Vladimir em voz baixa.

Harry ficou gelado. Ninguém conhecia Fitzwilliam a menos que este assim o quisesse. A cabeça começou a dar voltas. Porque Winthrop tinha ordenado a ele que vigiasse ao príncipe Alexei se já tinham Vladimirlá?

—Winthrop não sabia nada de mim — acrescentou Vladimir, antecipando-se à pergunta de Harry — Não tem hierarquia suficiente para estar informado.

Pelo que Harry sabia, a única pessoa acima de Winthrop era o próprio Fitzwilliam.

—O que está acontecendo? — perguntou ele, tentando com todas as suas forças manter um tom de voz uniforme.

—Eu não sou simpatizante de Napoleão — interveio o príncipe Alexei— Meu pai sim, mas eu — cuspiu no chão—, não.

Harry olhou para Vladimir.

—Ele não trabalha comigo — esclareceu Vladimir, apontando o príncipe com a cabeça— Entretanto ele nos é de grande ajuda. Nos proporciona dinheiro. E nos permite usar suas terras.

Harry sacudiu a cabeça.

—O que tem isso que ver com… ?

—Há quem estaria encantado em utilizá-lo — interrompeu Vladimir— É muito valioso, tanto vivo quanto morto. Eu o protejo.

Aquilo era assombroso. Vladimir era realmente o guarda-costas de Alexei. Uma pequena verdade em meio de um matagal de mentiras.

—Como ele disse, está aqui para visitar o primo — continuou Vladimir— E para mim isto é muito bom para que eu possa me reunir com meus sócios em Londres. Por desgraça, o interesse do príncipe por lady Olivia não passou despercebido.

—Quem a levou?

Vladimir deixou de olhá-lo durante um momento, e Harry soube que era mau sinal. Se não era capaz de olhá-lo nos olhos era porque Olivia estava em grave perigo.

—Não estou certo disso— respondeu por fim Vladimir— Não sei se é por questões políticas ou se somente um assunto de dinheiro. O príncipe é um homem de uma considerável riqueza.

—Disseram que sua fortuna tinha diminuído — disse Harry com tom cortante.

—Isso está correto— confirmou Vladimir, levantando uma mão para evitar que Alexei se defendesse — Mas continua tendo muito. Terra. Jóias. Mais que suficiente para que um delinquente queira pedir um resgate por qualquer um que seja importante para ele.

—Mas ela não é…

—Alguém acha que eu planejava pedir-lhe que se casasse comigo — interveio Alexei.

Harry o olhou. —E é verdade?

—Não. Pode ser que eu tenha pensado em alguma ocasião, mas ela… —Agitou uma mão com desdém— Está apaixonada por você. Não preciso que minha mulher me ame, mas não vou tolerar que ame a outra pessoa.

Harry cruzou os braços.

—Ao que parece seus inimigos não perceberam.

—Peço desculpas por isso —Alexei engoliu a saliva e, pela primeira vez desde que Harry o conheceu, parecia incômodo— Não tenho controle sobre o que outros pensam de mim.

Harry se voltou para Vladimir. —O que fazemos agora?

Vladimir o olhou com uma expressão que indicava que ele não iria gostar do que estava a ponto

de ouvir.

—Vamos esperar — disse ele— Voltarão a entrar em contato conosco. —Não penso ficar aqui e…

—E o que sugere que façamos? Interrogar a todos os convidados? A nota diz para não dizermos a ninguém. Já desobedecemos a essa ordem ao dizer-lhe. Se for quem eu acho que seja, é melhor que não se zangue conosco.

—Mas…

—Quer lhes dar um motivo para que a machuquem? —perguntou Vladimir. Harry parecia que se asfixiava. Era como se alguém lhe tivesse metido a mão até o ventre e estivesse arrancando as tripas. Sabia que Vladimir tinha razão, e que a ele mesmo não ocorria uma ideia melhor.

Aquilo, o medo e a impotência, estavam-no matando. —Alguém tem que ter visto alguma coisa — disse ele. —Vou investigar — anunciou Vladimir.

Harry se lançou imediatamente para a porta. —Vou com você.

—Não — disse Vladimir, levantando uma mão para detê-lo— Você está muito afetado. Não será capaz de tomar decisões acertadas.

—Não posso fazer nada — protestou Harry.

Voltava a sentir-se pequeno, jovem e impotente, enfrentando um problema só para descobrir que não existia nenhuma solução adequada.

—Nada disso — assegurou Vladimir— Você vai fazer muito, mas depois. Harry observou Vladimir enquanto este se dirigia à porta, mas antes que saísse, chamou-o. —Espere! Vladimir se virou.

—Ela foi ao banheiro — disse Harry— Depois de… — Clareou a garganta— Sei que foi ao banheiro.

Vladimir concordou lentamente.

—É bom sabê-lo. — Cruzou a porta e se foi. Harry olhou para Alexei.

—Você fala russo — disse Alexei.

—É por culpa de minha avó — disse Harry— Ela não nos deixava falar em inglês.

Alexei concordou.

—Minha avó era da Finlândia. Era igual.

Harry ficou olhando para o príncipe e se deixou cair em uma poltrona com a cabeça entre as

mãos.

—É bom que você fale nosso idioma — disse Alexei— Poucos de seus compatriotas o conhecem.

Harry tentou ignorá-lo. Precisava pensar. Não sabia por onde começar, nem o que sabia que pudesse fazer para ajudar a averiguar qual era o paradeiro de Olivia, mas sabia que tinha que espremer o cérebro.

Entretanto, Alexei não parava de falar. —Sempre me surpreendo quando…

—Cale-se! —cuspiu Harry— Cale-se. Não fale. Não diga nenhuma maldita palavra a menos que seja sobre o resgate de Olivia. Entendeu?

Alexei ficou paralisado por um momento. Em seguida cruzou o recinto em silêncio até uma estante e tirou uma garrafa e duas taças. Verteu um líquido — provavelmente vodca— em ambas as taças e pôs uma diante de Harry, sem dizer nada.

—Eu não bebo — disse Harry, sem incomodar-se em levantar os olhos. —Isto o ajudará.

—Não.

—E você se diz russo? E não bebe vodca?

—Não bebo nada — disse Harry com tom cortante.

Alexei o olhou com curiosidade e depois se sentou na outra ponta do recinto.

A taça permaneceu intacta durante quase uma hora até que Alexei, aceitando por fim que Harry dizia a verdade pegou-a e bebeu seu conteúdo.

* * *

Passados uns dez minutos aproximadamente, Olivia conseguiu por fim tranquilizar-se o suficiente para pensar. Não tinha nem ideia do que podia fazer para facilitar seu resgate, mas parecia prudente solicitar toda a informação que pudesse.

Era impossível saber onde estava presa. Ou não? Conseguiu sentar-se e examinou o recinto o melhor que pôde. Com tão pouca iluminação era quase impossível distinguir alguma coisa. Antes havia uma vela, mas aquele homem a tinha levado ao sair.

O aposento era pequeno, e o mobiliário era escasso, mas não lamentável. Olivia se apegou à parede e a olhou entortando os olhos. Depois esfregou a face contra ela. Estava cuidada, sem buracos nem manchas na pintura. Ao levantar os olhos viu que no lugar onde as paredes se uniam ao teto havia uma moldura. Quanto à porta, era difícil certificar-se a partir da cama na qual estava, mas a maçaneta parecia ser de muito boa qualidade.

Continuava na residência do embaixador? Possivelmente. Se inclinou e apoiou a face nos braços nus. Estava com a pele quente. Se houvessem saído para a rua, não estaria ela fria? Era evidente, não sabia quanto tempo esteve inconsciente. Era possível que estivesse a horas ali. Em qualquer caso não tinha a sensação de ter saído da casa.

Uma gargalhada de pânico ameaçou escapar de sua garganta. No que estava pensando? Como é que não se sentia como se houvesse saído ao exterior da casa? O que significava isso? É que iria começar a tomar decisões apoiando-se no que lhe dizia o sexto sentido sobre o que podia ou não ter acontecido enquanto estava inconsciente?

Obrigou-se a tranquilizar-se. Tinha que se acalmar. Não poderia conseguir nada se sucumbisse à histeria a cada cinco minutos. Era mais inteligente que todo isso. Era muito capaz de manter a cabeça serena.

Tinha que manter a cabeça serena.

O que sabia da residência do embaixador? Esteve lá duas vezes, a primeira de dia, quando foi apresentada ao príncipe Alexei, e a segunda de noite, no baile.

Tratava-se de um edifício enorme, uma verdadeira mansão no centro exato de Londres. Com toda segurança dispunha de milhares de aposentos onde esconder alguém. Possivelmente se encontrava nas dependências dos criados. Franziu a sobrancelha, tentando recordar os recintos do serviço de Rudland House. Também lá haviam molduras? As maçanetas das portas eram da mesma qualidade que o do resto da casa?

Não tinha nem ideia.

Maldição! Por que não sabia alguma coisa como isso? Não deveria saber? Virou-se para a parede mais afastada. Havia uma janela, mas estava coberta por umas grossas cortinas de veludo. De cor vermelha talvez? Azul escuro? Era impossível dizer. A noite eliminava toda a cor do que a rodeava. A única luz que entrava era a da lua que se filtrava através da janela semicircular, por cima do retângulo das cortinas.

Parou para pensar. Alguma coisa estava aparecendo em sua memória. Perguntou se seria capaz de sair da cama e aparecer à janela. Seria complicado. Seus tornozelos estavam tão fortemente amarrados que era muito provável que não pudesse sequer dar uns passos de bebê. E não sabia como iria manter o equilíbrio com as mãos amarradas às costas.

Isso tudo para não mencionar que tinha que fazer tudo aquilo no mais absoluto silêncio. Seria um desastre se seu captor voltasse e a encontrasse em qualquer lugar que não fosse em cima da cama, exatamente onde a havia deixado. Com muito cuidado e muito devagar, tirou as pernas da cama e foi se movendo pouco a pouco até que seus pés tocaram o chão. Controlando todos os movimentos de

maneira sincronizada, foi capaz de se levantar e depois, apoiando-se em vários móveis, conseguiu ir aproximando-se da janela.

A janela. Por que parecia tão familiar?

Provavelmente porque era uma janela, disse com impaciência. Não é que estivesse cheia de detalhes arquitetônicos precisamente.

Quando chegou ao destino se inclinou com cuidado, tentando afastar as cortinas com o rosto. Começou com a face e uma vez que as conseguiu separar rapidamente, virou o rosto, procurando enganchar a borda de uma das partes com o nariz. Foram necessárias quatro tentativas, mas por fim conseguiu e inclusive conseguiu encostar o ombro para evitar que as cortinas voltassem a se fechar.

Apoiou a cabeça contra o vidro e não viu nada. Só sentiu o calor produzido por sua própria respiração. Virou a cabeça para limpar a parte embaçada com a face. Quando voltou a olhar de frente, conteve o fôlego.

De todo o modo não pôde ver muito. A única coisa que podia dizer com certeza era que estava muito lá encima, possivelmente em um quinto ou sexto andar. Via os telhados de outros edifícios e muito pouco mais.

A lua. Podia ver a lua.

Tinha visto a lua em outro recinto, no qual fez amor com Harry. Viu-a pela claraboia da janela.

A claraboia da janela!

Retrocedeu com muito cuidado para não perder o equilíbrio. Aquela janela também tinha uma claraboia sobre ela. Não é que significasse muito, mas seguia um modelo, uns batentes que se abriam do centro, dando aspecto de leque.

Exatamente como lá embaixo.

Continuava na residência do embaixador. Era possível que a tivessem levado a outro edifício com exatamente o mesmo modelo de janela, mas era improvável, não é verdade? E a residência do embaixador era imensa. Virtualmente um palácio. Não estava no centro de Londres, mas sim nos subúrbios de Kensington, onde havia mais espaço para construções tão grandiosas como aquela.

Voltou-se para a janela, voltou a sujeitar as cortinas com a cabeça, conseguindo na primeira tentativa desta vez, e apoiou a orelha contra o vidro tentando ouvir algo… alguma coisa. Música? Pessoas? Não deveria ouvir-se alguma coisa que indicasse que naquele edifício estava havendo uma festa?

Talvez não estivesse na residência do embaixador. Não, não, aquele era um edifício enorme. Era muito possível que ela estivesse muito longe para ouvir alguma coisa.

Entretanto podia ouvir passos. O coração deu um salto e, meio se arrastando, meio saltando, conseguiu voltar para a cama e se deitar nela exatamente quando escutou que as duas fechaduras se abriam.

Quando a porta se abriu começou a lutar. Foi o único que lhe ocorreu para justificar a respiração ofegante.

—Eu lhe disse para não fazer isso — a repreendeu seu captor. Trazia uma bandeja com um bule e duas xícaras. Olivia pôde cheirar o chá do outro extremo do aposento. Era um aroma maravilhoso.

—Sou uma pessoa muito civilizada, não é verdade? — perguntou ele, levantando a bandeja, antes de depositá-la sobre uma mesa— Também me puseram uma mordaça como essa — assinalou a que ela levava—, e sei que seca muito a boca.

Olivia se limitou a olhá-lo fixamente. Não sabia como supunha que deveria responder. Literalmente. Era certo que ele sabia que lhe era impossível falar.

— Tirarei a mordaça para que possa beber — disse ele—, mas deve permanecer em silêncio. Se fizer ruído, ou se me agradecer com alguma coisa um pouco mais forte que um sussurro, não terei mais remédio que voltar a deixá-la inconsciente.

Ela abriu muito os olhos. Ele encolheu os ombros.

—É fácil fazer isso. Já o fiz uma vez, e bastante bem diria eu. Parece-me que você sequer tem dor de cabeça.

Olivia piscou. Ele estava certo porque a cabeça não lhe doía. O que tinha ele feito?

—Ficará calada?

Ela concordou. Ela precisaria que o homem lhe tirasse a mordaça. Talvez, se pudesse falar com ele, poderia convencê-lo de que tudo aquilo era um engano.

—Não tente nenhum heroísmo — advertiu ele, embora em seus olhos houvesse um brilho de diversão, como se não coubesse na cabeça que ela pudesse surpreendê-lo.

Ela sacudiu a cabeça, tentando manter os olhos sérios. Era o único modo de comunicar-se com ele até que ele lhe tirasse a mordaça.

Ele se inclinou para frente com as mãos estendidas e em seguida parou e retrocedeu.

—Acho que o chá está quente — disse ele— Não queremos que se… como o dizem vocês?

Era russo. Com aquela pergunta como o dizem vocês? Olivia pôde por fim reconhecer seu sotaque e determinar sua nacionalidade. Falava exatamente igual ao príncipe Alexei.

—Sou um estúpido— disse o homem, servindo duas xícaras de chá— Você Não pode falar.

Ficou por fim ao lado dela e tirou a mordaça.

Olivia tossiu, e demorou vários segundos antes de ficar com a boca o bastante úmida para falar, mas assim que pôde olhou diretamente nos olhos de seu captor e lhe disse:

—O chá vai esfriar. —Perdão?

—O chá. Não quero que se esfrie muito.

—Que se esfrie muito — repetiu ele, como que saboreando a expressão. Concordou e lhe entregou uma xícara.

Ela fez uma careta e encolheu rapidamente os ombros. Como acreditava ele que ela poderia segurá-la? Continuava com as mãos atadas às costas.

Ele sorriu, mas não foi um sorriso malvado. Sequer condescendente. Era quase… de arrependimento.

O que deu esperanças a Olivia. Não muitas, mas sim um pouco.

—Temo que não confio na senhorita o suficiente para lhe liberar as mãos — disse ele.

—Prometo que não vou a…

—Não faça promessas que não pode cumprir, lady Olivia. Ela abriu a boca para protestar, mas ele a interrompeu.

—Oh! Não acredito que agora pense que está prometendo em falso, mas em algum momento lhe ocorrerá alguma coisa, pensará que se apresenta uma oportunidade, será incapaz de ignorá-la e então fará alguma tolice e eu me verei obrigado a lhe machucar.

Aquele foi um modo muito eficaz de terminar com a discussão.

—Eu sabia que me entenderia — disse ele— Bom, confia em mim o bastante para permitir que sustente a xícara?

Ela concordou lentamente com um sinal de cabeça.

Ele riu.

—É uma mulher inteligente. O melhor do melhor. Não tenho paciência para estupidez.

—Alguém a quem respeito muito me disse que eu nunca confiasse em um homem quando me diz que confie nele — disse Olivia em voz baixa.

Seu captor voltou a rir baixo. —Esse alguém… é um homem? Olivia concordou.

—Um bom amigo.

—Sei. Toma — aproximou a xícara dos lábios dela— Neste momento você não tem outro

remédio a não ser confiar em mim.

Ela bebeu um gole. Era certo que não tinha escolha e a garganta estava seca. Ele deixou a xícara dela e tomou a dele.

—Saíram as duas do mesmo bule — disse, dando um gole— Não é que deva confiar em mim — acrescentou depois de experimentar.

—Não tenho relação alguma com o príncipe Alexei — afirmou ela, olhando-o nos olhos.

Ofereceu-lhe um sorriso enviesado. —Toma-me por tolo, lady Olivia? Ela sacudiu a cabeça.

—É verdade que ele estava me cortejando, mas nada mais. Seu captor se aproximou uns centímetros.

—Nesta tarde desapareceu durante cerca de uma hora, lady Olivia.

Ela abriu a boca. Notou que se ruborizava e rezou para que ele não pudesse ver na escuridão.

—E o príncipe Alexei, também.

—Ele não estava comigo — se apressou ela a dizer.

O homem de cabelo cinza bebeu tranquilamente um gole de chá.

—Não sei como dizer isto sem insultá-la — murmurou— mas tem cheiro de mulher. Como… como o dizem vocês?

Olivia tinha a sensação de que sabia exatamente como se dizia. E ainda sentindo-se tão mortificada quanto estava, não teve mais remédio que dizer:

—Estive com um homem. Com outro homem. Não com o príncipe Alexei.

Aquilo despertou o interesse dele.

— É verdade?

Ela concordou secamente, para lhe demonstrar que não pensava em lhe dar maiores explicações.

—O príncipe sabe?

—Isso não é assunto do príncipe. Ele bebeu outro gole do chá. —Ele estaria de acordo com isso? —Perdão?

—Pensaria o príncipe que isto é assunto dele? Zangar-se-ia?

—Não sei — respondeu Olivia, tentando ser sincera— Faz mais de uma semana que ele não fala comigo.

—Uma semana não é muito tempo.

—O príncipe conhece o outro cavalheiro e acho que está ao par do que sinto por ele.

Seu captor se endireitou e meditou sobre aquela nova informação.

—Posso beber mais chá? — perguntou Olivia. Estava bom. E ela estava com sede.

—Certamente — murmurou ele, voltando a aproximar a xícara. —Acredita em mim? — perguntou Olivia, quando terminou de beber. —Não sei — respondeu ele devagar.

Ela esperava que ele perguntasse pela identidade de Harry, mas ele não perguntou.

—O que vai fazer comigo? —inquiriu ela em voz baixa, rezando para não estar cometendo uma estupidez ao fazer a pergunta.

Ele olhou para um ponto sobre o próprio ombro, mas voltou a olhá-la rapidamente.

—Isso depende. —Do que?

—Vamos ver se o príncipe Alexei continua apreciando-a. Parece-me que não vamos dizer nada de suas indiscrições, se por acaso ainda tem a esperança de convertê-la em sua esposa.

—Não acredito que…

—Não me interrompa, lady Olivia — disse ele, com um tom de advertência na voz para lhe recordar que não era amigo dela e que aquele não era um chá que ele estivesse servindo por cortesia.

—Sinto muito — murmurou ela.

—Se ele continuar desejando-a, será melhor para a senhorita que ache que é virgem. Não está de acordo?

Olivia permaneceu calada até que foi evidente que aquilo não era uma pergunta retórica. Ao final concordou uma vez com um sinal de cabeça.

—Uma vez que ele tenha pago para recuperá-la - encolheu os ombros com atitude fatalista —, pode fazer o que quiser. Não me interessa absolutamente. — Olhou-a em silêncio durante vários segundos e depois disse—: Tome, beba um pouco mais de chá antes que eu a volte amordaçar.

— Precisa fazer isso?

—Temo que sim. A senhorita é muito mais inteligente do que eu pensava. Não posso deixar que disponha de nenhum tipo de arma, incluindo a voz.

Olivia bebeu o último gole de chá e fechou os olhos enquanto seu captor voltava a pôr a mordaça. Assim que ele terminou, ela voltou a se deitar, e ficou olhando o teto, impassível.

—Recomendo que durma, lady Olivia — aconselhou ele da porta— É a única coisa que pode fazer para passar o tempo.

Olivia nem se incomodou em olhá-lo. Com toda segurança ele não esperava que ela respondesse, sequer com os olhos.

O homem fechou a porta sem mais comentários. Olivia ouviu como se fechavam os dois ferrolhos e depois, pela primeira vez desde que começou aquela odisseia, teve vontade de chorar. Não de lutar nem de rugir, só de chorar.

Notou que as lágrimas, silenciosas e quentes, deslizavam por suas têmporas até o travesseiro. Não podia secá-las e de certo modo aquilo pareceu a maior das indignidades.

O que se supunha que iria fazer agora? Tombar e esperar? Dormir, como lhe tinha aconselhado seu captor? Isso era impossível, porque a inatividade a estava matando.

A estas horas Harry deveria ter percebido que ela havia desaparecido. Tinha que ter notado embora ela só estivesse inconsciente por uns poucos minutos. Estava trancada naquele quarto pelo menos uma hora.

Mas saberia ele o que fazer? Foi soldado, era certo, mas aquilo não era um campo de batalha com um inimigo claro e definido. E se ela continuasse na residência do embaixador, como iria ele fazer perguntas às pessoas? Mais da metade dos criados só falavam russo. Harry sabia dizer por favor e obrigado em português, mas isso não seria de muita utilidade.

Ela teria que salvar-se sozinha, ou ao menos, fazer todo o possível para facilitar que outra pessoa a salvasse.

Tirou as pernas da cama e se sentou, deixando de lado a autocompaixão. Não podia ficar ali caída sem fazer nada.

Possivelmente ela pudesse fazer alguma coisa com as cordas. Estavam bem amarradas, mas não tão apertadas que cravassem na pele. Possivelmente poderia alcançar os tornozelos com as mãos. Pareceria difícil porque teria que dobrar-se para trás, mas valia a pena tentar.

Virou-se de lado, dobrou as pernas e foi esticando as mãos…

Já tinha conseguido chegar ao tornozelo. Não era uma corda mas uma tira de tecido com um nó muito apertado. Ela gemeu. Era o tipo de nó que era melhor cortar que tentar desfazer.

Ela nunca teve paciência para essas coisas. O mesmo acontecia com o bordado, que odiava, e com as lições, que tinha saltado…

Se conseguisse desfazer esse nó seria capaz de aprender francês. Não, russo! Isso seria ainda mais difícil.

Se conseguisse desfazê-lo terminaria de ler *Miss Butterworth e o Barão Louco*. Inclusive procuraria esse livro do coronel misterioso e o leria também.

Escreveria mais cartas, e não somente para Miranda. Entregaria caixas de caridade, em vez de limitar-se a embalá-las. Ela terminaria tudo o que começasse.

Tudo.

E de maneira nenhuma iria se apaixonar por sir Harry Valentine e não se casar com ele.

De maneira nenhuma.

CAPÍTULO 23



Harry se sentou em silêncio enquanto Alexei tomava seu segundo gole de vodca. Não disse nada quando tomou o terceiro, sequer o quarto, que era de fato o que a princípio tinha servido para Harry. Mas quando o príncipe alcançou a garrafa para o quinto gole…

—Não — espetou Harry. Alexei o contemplou surpreso. —Desculpe?

—Não tome outro gole.

Agora o príncipe parecia simplesmente confundido. —Está me dizendo que não beba?

Uma das mãos de Harry se apertou em um soco, duro e tenso.

—Estou lhe dizendo que se formos precisar de sua ajuda para encontrar Olivia, não o quero tropeçando e vomitando pelo vestíbulo.

—Posso lhe assegurar que nunca tropeço. Nem… o que é vomitar?

— Largue a garrafa. Alexei não obedeceu.

— Largue. A. Garrafa.

—Acho que se esquece quem sou.

—Nunca esqueço nada. Faria bem em tomar nota disso. Alexei simplesmente o olhou.

—Não entende. Harry se levantou.

—Não quer me provocar agora mesmo?

Alexei o contemplou por um instante, depois se virou com o copo e a garrafa nas mãos. Começou a servir-se.

Harry viu tudo vermelho.

Era a maldita primeira vez em sua vida que via essa cor, mas teria jurado que o mundo inteiro parecia ter ficado diferente, de uma cor mais quente. Os ouvidos se fecharam e apitaram, como se ele houvesse escalado até o topo de uma montanha. E já não tinha o controle. De nada. Seu corpo saltou para frente por vontade própria e certamente sua mente não fez nada para detê-lo. Aterrissou sobre o príncipe como uma bala de canhão humana, bateram contra uma mesa, depois sobre o assoalho e a vodca vazou disparada sobre ambos.

Harry quase teve enjoos por causa do aroma forte do álcool. Suas roupas estavam empapadas e

estava frio, muito frio contra sua pele.

Mas não parou. Nada o teria detido. Não pôde dizer nada, nem pensar em nada a dizer. Por uma vez em sua vida ficou sem palavras. Não sentia nada exceto fúria. Esta emanava dele, pulsando com ira, e quando levantou o punho preparado para bater no rosto do príncipe, tudo o que saiu foi um grito de ira. E…

—Basta!

Era Vladimir, intervindo com destreza na briga, arrancando Harry de cima de Alexei e empurrando-o para a parede oposta.

—Que demônios estão fazendo?

—Ele está louco — Gritou Alexei, esfregando a garganta.

Harry não fez nada exceto respirar, mas era um som agitado e violento. —Calem-se — disse Vladimir. Fulminou Harry com o olhar, como se antecipasse uma interrupção — Os dois. Agora me escutem. —Deu um passo para frente e o pé dele bateu na garrafa que estava no chão. Esta rolou pelo aposento, derramando o que sobrava da vodca. Vladimir resmungou com asco, mas não fez nenhum comentário. Depois de examinar os dois homens, seguiu falando—: inspecionei o edifício e acho que lady Olivia ainda está aqui dentro.

—Por que pensa isso? —perguntou Harry. —Há guardas em cada porta.

—Em uma festa?

Vladimir encolheu os ombros.

—Há muitas razões para proteger o conteúdo da casa.

Harry esperou, mas Vladimir não deu mais detalhes. Pelo amor de Deus, era igual a falar com Winthrop. Harry não percebeu até este momento o muito que odiava… todas essas frases vagas e os *temos nossos métodos*.

—Nenhum dos guardas a viu sair — continuou Vladimir— A única porta pela qual ela poderia sair sem ser detectada seria a principal, onde a festa tem lugar.

—Olivia não voltou para a festa — disse Harry, depois esclareceu—: Foi ao banheiro mas não voltou para a festa.

—Está certo disso?

Harry concordou com um cortante sinal de cabeça. —Estou.

—Então devemos assumir que ela não abandonou o edifício. Não sabemos se chegou ao banheiro…

—Chegou. —Interrompeu Harry. Sentia-se como um idiota por não mencioná-lo antes— Esteve ali durante um momento. A amiga dela me disse que a viu ali.

—Quem é a amiga? —perguntou Vladimir. Harry negou com a cabeça.

—Não posso recordar o nome dela. Mas ela não tem nenhuma informação útil a prestar. Disse que se foi antes que Olivia pudesse ter visto alguma coisa. Encontrem-na — ordenou Vladimir— Tragam-na e a interrogarei.

—É uma má ideia — disse Harry— A menos que se prepare para mantê-la como refém. Ela não poderia guardar um segredo nem que sua própria vida dependesse disso, já não digamos a de alguém mais.

—Então você a interrogará. Nos encontraremos aqui. —Vladimir se virou para Alexei— Fique aqui. No caso de enviarem outra mensagem.

Alexei respondeu alguma coisa, mas Harry não o ouviu. Já estava no corredor, procurando a essa garota… fosse qual fosse seu nome.

—Detenha-se! — gritou Vladimir.

Harry parou derrapando e se virou com impaciência. Não tinham tempo a perder.

—Não precisa procurá-la— disse Vladimir com aspereza— Era uma artimanha para o tirar do aposento e deixar a ele — moveu bruscamente a cabeça para o pequeno salão Alexei— Lá Dentro.

A mente de Harry se acelerou mas sua voz foi uniforme quando perguntou: —Suspeita que o príncipe esteja envolvido?

—*Nyet*. Mas será um aborrecimento. Você acredita, agora que teve tempo para acalmar-se...

—Não confunda isto com calma — soltou Harry.

As sobrancelhas de Vladimir se elevaram; No entanto pôs a mão no bolso do casaco tirando uma pistola pelo cabo. A estendeu a Harry.

—Não acho que vá fazer alguma coisa estúpida.

A mão de Harry envolveu o cabo da pistola, mas Vladimir não a soltou.

— Posso confiar em você? —perguntou. Se vou fazer alguma coisa estúpida?

—Não — disse Harry. E rogou para que fosse verdade.

Vladimir manteve a mão quieta durante vários segundos mais, mas em seguida abruptamente a soltou, esperando enquanto Harry inspecionava a arma.

—Venha comigo — ordenou, e os dois se moveram com rapidez pelo corredor virando em uma

esquina. Vladimir parou na frente de uma porta, lançou um olhar para ambos os lados e depois entrou rapidamente em um recinto vazio, fazendo gestos para que Harry o seguisse. Vladimir pôs um dedo sobre os lábios e inspecionou o aposento, certificando-se de que estava vazio.

—O embaixador está com ela— disse ele— Ou mas bem, seus homens. Ele ainda está na festa.

—O que? —Harry nunca tinha visto o homem, salvo pela fila de recepção dessa noite, mas ainda assim, era difícil de acreditar.

— Ele precisa de dinheiro. Logo será retirado da Rússia e tem escassos recursos próprios. — Vladimir encolheu os ombros e em seguida fez um gesto estendendo um de seus braços, assinalando o entorno opulento— Acostumou-se a viver neste palácio. E sempre teve ciúmes do primo.

—O que lhe faz acreditar que ele está com Olivia?

—Tenho outros homens aqui — disse Vladimir enigmaticamente.

—E isso é tudo o que vai dizer-me — disse Harry indignado, ao final farto de que nunca lhe contassem o cem por cento de uma história.

—Isso é tudo o que vou contar-lhe, meu amigo — disse Vladimir. Depois encolheu os ombros de novo— É mais seguro deste modo.

Harry não falou. Não confiava em si mesmo para fazê-lo.

—Os pais de lady Olivia estão sabendo de seu desaparecimento — disse Vladimir.

Harry não estava surpreso. Tinha passado bem mais de uma hora.

—Pelo que sei, ninguém mais ficou sabendo— continuou Vladimir— Há muito vodca no salão. Não acho que percebam que há alguma coisa na limonada.

Harry o olhou de repente. —O que?

—Não sabia?

Negou com a cabeça. Quantos copos tomou? Maldição. Sentia a cabeça limpa, mas por outro lado, reconheceria a diferença? Nunca tinha ficado bêbado, sequer apresentava a mais leve afetação.

—Eles também perceberam que o príncipe desapareceu — continuou Vladimir— Os pais dela estão preocupados pelo fato de que possam estarem juntos.

Os lábios de Harry se apertaram em uma linha firme e plana. O peito ardeu ante a insinuação, mas não era o momento para ciúmes.

—Eles desejam manter isto em segredo. Agora mesmo estão com o embaixador.

—Estão com ele? Há...?

—Ele está agindo como anfitrião preocupado à perfeição. —Vladimir cuspiu no chão— Nunca confiei nesse homem.

Harry desceu o olhar para a mancha úmida no chão com um pouco de surpresa. Era a demonstração maior de emoção que tinha visto o homem exteriorizar. Quando voltou a levantar o olhar, estava claro que Vladimir percebeu sua curiosidade.

O enorme russo o olhou com olhos alterados.

—Detesto especialmente os homens que abusam das mulheres.

Havia um mundo de histórias atrás desse comentário, mas Harry fez melhor julgamento ao não perguntar nada. Concordou com uma amostra de respeito— e depois perguntou:

—E agora fazemos o que?

—Ele sabe onde o príncipe está. Será ali onde entregarão a nota. Tem instruções rigorosas para não fazer nada e acho que ele é muito prudente para fazer o que digo.

Harry esperava que o homem estivesse certo. Pensou que sim, mas por outro lado, o príncipe Alexei estava bebendo.

—Enquanto ele espera, nós procuraremos.

— Qual é o tamanho deste aborrecido mausoléu?

Vladimir sacudiu a cabeça.

—Não sei exatamente. Mais de quarenta aposentos, com certeza. Talvez mais. Mas se o embaixador fosse reter a alguém, levaria para a ala norte.

—O que há na ala norte?

—Está mais afastada. E os aposentos são menores.

—Mas não pensaria ele que esse seria o primeiro lugar no qual procuraríamos?

Vladimir foi para a porta.

—Ele não saberia que alguém a está procurando. Pensa em mim como um empregado estúpido. —Examinou Harry com um olhar de pálpebras pesadas— E não sabe nada de você. —Pôs a mão na maçaneta— Está preparado?

Harry apertou os dedos sobre a arma. —Vá adiante.

* * *

Passou quase meia hora, e Olivia estava bem certa de que ambos os ombros tinham saído do lugar, mas ao final os dedos deslizaram sob uma parte do nó e ela foi capaz de desfazê-lo

parcialmente. Ela fez uma pausa, escutando atentamente… estaria ouvindo passos?

Esticou-se, adotando a mesma posição na qual estivera quando seu captor se foi.

Mas não. Nada. Não houve ruído de fechaduras, nem a porta se abriu. Retorceu as costas até que pôde notar de novo o nó na parte posterior dos tornozelos. Definitivamente Este era menor, mas ainda tinha trabalho. Muito trabalho. Não podia estar certa, mas se parecia com um duplo nó de marinheiro. Bom, agora um e meio. Mas se conseguisse desatar a seção seguinte,

Ainda assim estaria presa.

Soltou um longo suspiro, deprimida em corpo e espírito. Levou tanto tempo para desfazer só uma pequena parte do nó…

Não, repreendeu a si mesma. Tinha que continuar. Se conseguisse desatar as duas partes seguintes, então o resto deveria desenredar-se com uma pequena torção de sua parte.

Ela poderia conseguir. Poderia sim!

Apertou os dentes e voltou ao trabalho. Possivelmente este iria mais rápido agora que sabia o que estava fazendo. Sabia como mover os dedos, botando um na dobra e depois movendo o daqui para lá, daqui para lá, tentando afrouxar o nó.

Ou talvez fosse mais rápido porque seus ombros se intumesceram. Certamente a ausência de dor era um benefício.

Colocou o dedo... e meneou... e meneou… e meneou… e arqueou as costas… e esticou… e rodou… e rodou outra vez.

E perdeu o equilíbrio.

Aterrissou no chão com uma batida forte. Uma verdadeira pancada. Fez um gesto de dor, rogando que a mudança nas ataduras ao redor dos tornozelos não fosse perceptível quando ouvisse o ruído na fechadura.

Mas não aconteceu nada.

Alguém pode não tê-la ouvido? Parecia impossível. Olivia nunca foi elegante; presa pelas mãos e pelos pés era uma descuidada total. Seria um milagre dizer que não tinha aterrissado em silêncio.

Talvez lá fora não houvesse ninguém. Tinha assumido que seu captor estava sentado em uma cadeira no lado de fora da porta, mas sinceramente, não tinha nem ideia de porque pensou aquilo. Certamente não pensaria que pudesse escapar, e Olivia estava quase certa de que esta parte do prédio estava deserta. Os únicos passos que ouviu haviam sido imediatamente seguidos pela aparição do homem grisalho.

Ela esperou no chão ao lado da cama durante outro minuto, no caso de alguém entrar, depois pressionou a madeira da porta, para tentar ver por debaixo desta. Havia uma fresta, não mais de um centímetro e meio, e não podia ver muito, e o corredor estava rapidamente mais iluminado que seu quarto. Mas pensou que talvez poderia ver sombras, se houvesse alguém.

E não pensava que havia ninguém.

Desta forma era possível que não estivesse sendo vigiada. Isto tinha que ser uma informação útil, embora dado seu estado atual amarrada, não estava certa do por que. E na realidade não estava certa quanto a como se arranjaria para voltar por si só para a cama. Podia tentar apoiar-se em uma das pernas, mas a mesa com o bule ainda estava bloqueando a única perna ao lado da cabeceira e…

O bule!

Uma onda de excitação e força estalaram nela e literalmente deu a volta sobre si mesma em sua pressa para voltar à mesa. A partir dali tudo o que fez foi deslizar-se, deslizar-se, empurrar-se e…

Já estava ali. Agora como o faria cair? Se pudesse romper o bule, poderia usar um fragmento para cortar as ataduras.

Com um enorme esforço conseguiu tirar seus pés de debaixo da cama. Utilizando a lateral da cama como suporte, levantou-se lentamente, com os músculos gritando, até que por fim ficou de pé. Levou um momento para recuperar a respiração e em seguida se apoiou na mesinha, inclinando os joelhos até que as mãos estavam exatamente na posição em que pudesse pegar a asa do bule.

Por favor não deixe que haja ninguém lá fora, por favor não deixe que haja ninguém lá fora.

Ela precisava conseguir a força correta. Não podia deixá-lo só cair no chão. Lançou uma olhada no quarto, procurando inspiração. Começou a se virar.

Por favor, por favor, por favor. Virou-se mais e mais rápido, e então...

O fez voar.

O bule bateu na parede com um golpe fortíssimo, e Olivia, aterrorizada de que alguém irrompesse na porta, retrocedeu em pulos até a cama e se deitou de costas, embora não tivesse nem ideia de como explicaria o bule quebrado na parede no outro extremo do aposento.

Mas ninguém entrou.

Aguentou a respiração. Começou a levantar-se. Seus sapatos tocaram o chão e então... passos Rápidos, vindo para ela. Meu deus.

Também vozes. Em russo. Soavam prementes. Zangadas.

Não a machucariam, não é verdade? Ela não era muito valiosa. Iria ser resgatada pelo príncipe

Alexei, e...

E se o príncipe Alexei houvesse dito adeus e boa viagem? Afinal, já não a cortejava mais! E sabia que estava loucamente apaixonada por Harry. E se ele sentisse rejeitado? E se sentisse vingativo?

Jogou-se de volta na cama, encolhendo-se no canto. Seria tão bom ser valente, enfrentar o que estava por chegar com uma curvatura de lábios e um aceno dos cabelos, mas ela não era Maria Antonieta, vestida de branco para a decapitação, regiamente rogando o perdão de seu executor quando acidentalmente ele pisou no seu pé.

Não, ela era Olivia Bevelstoke, e não queria morrer com dignidade. Ela não queria estar ali, não queria sentir este horrível terror, cravando-lhe as garras em suas vísceras.

Alguém começou a esmurrar a porta… forte, rítmica e brutalmente.

Olivia começou a tremer. Aconchegou-se como uma bola o melhor que pôde, enterrando a cabeça entre os joelhos. Por favor, por favor, por favor, repetia em sua cabeça, uma e outra vez. Pensou em Harry, em sua família, em…

A porta de madeira começou a estilhaçar-se. Olivia rogava para não perder o controle.

E então se ouviu todo o estrépito.

Olivia gritou e o som saiu da parte posterior de sua garganta. Sentia como se a mordaça se cravasse na língua, como se uma rajada de ar seco e abrasador a açoitasse através da traqueia.

E então alguém disse seu nome.

O ar estava opaco pelo pó e a escuridão, e tudo o que pôde ver foi a enorme figura de um homem vindo para ela.

—Lady Olivia. — A voz do homem era brusca e profunda. E com sotaque— Está ferida?

Era Vladimir, o corpulento e normalmente silencioso empregado do príncipe Alexei. De repente em tudo o que pôde pensar foi na maneira pela qual ele tinha tirado e retorcido o braço de Sebastian Grei, Meu deus, se podia fazer isso, podia parti-la em duas e…

—Me deixe ajudá-la — disse ele.

Ele falava em inglês? Desde quando ele falava em inglês?

—Lady Olivia? — repetiu, contendo na voz profunda apenas um resmungo. Tirou uma faca, e ela se encolheu, mas ele simplesmente a aproximou da parte posterior da mordaça cortando-a.

Ela tossiu e se afogou ouvindo enquanto ele gritava outra vez alguma coisa em russo.

Alguém respondeu, também em russo e ela ouviu passos… correndo… aproximando-se e

então…

Harry?

—Olivia! — gritou ele, correndo para ela.

Vladimir lhe disse alguma coisa em russo— e Harry lhe deu uma curta resposta.

Também em russo.

Olhou para ambos que estavam agitados. O que estava acontecendo? Por que Vladimir falava inglês?

Por que Harry falava russo?

—Olivia, graças a Deus! — disse Harry, lhe embalando o rosto com as mãos— Diga-me que não esta machucada. Por favor, me diga: o que aconteceu?

Mas ela não podia mover-se, mal podia pensar. Quando ele falou em russo, foi como se fosse uma pessoa completamente diferente. Sua voz era diferente, e seu rosto ficou diferente, a boca e os músculos movendo-se de forma totalmente diferente.

Separou-se do toque dele. Conhecia-o? Tinha-o alguma vez conhecido? Contou que seu pai era bêbado, que sua avó o tinha educado, havia sido verdade alguma coisa de tudo aquilo?

O que tinha feito? Pelo amor de Deus, entregou-se a alguém que não conhecia, em quem não podia confiar?

Vladimir estendeu alguma coisa para Harry, que concordou e disse alguma coisa mais em russo.

Olivia tentou afastar-se, mas já estava contra a parede. Respirava rápido, estava encurralada e não queria estar ali, não com este homem que não era Harry, e…

—Fica quieta — disse ele, e em seguida levantou uma faca.

Olivia levantou o olhar, viu o brilho do metal enquanto ia para ela e gritou. Foi um som que Harry não queria ouvir de novo.

—Não vou fazer-lhe nenhum mal – disse ele, tentando soar tão calmo e tranquilizador quanto possível. As mãos dele estavam firmes enquanto cortavam as ataduras, mas por dentro, ele ainda estava tremendo.

Ele sabia que a amava. Sabia que precisava dela, que não era possível ser feliz sem ela. Mas até esse momento, não tinha compreendido a imensidão e a profundidade disto, o conhecimento absoluto de que sem ela, ele não era nada.

E em seguida veio o seu grito e seu medo... Ele quase se sufocou com a angústia.

Primeiro livrou os tornozelos, depois os pulsos, mas quando estendeu a mão para consolá-la, ela soltou um som quase desumano e saltou fora da cama. Moveu-se tão rápido que ele não foi capaz de detê-la, e então, quando chegou no chão, seus pés deviam estar ardendo pelo formigamento, seus joelhos dobraram e ela caiu.

Pelo amor de Deus, Olivia estava aterrorizada por causa dele. Dele. O que lhe haviam dito? O que lhe tinham feito?

—Olivia — disse ele com cautela, e estendeu a mão para ela, mantendo os movimentos lentos e constantes.

—Não me toque — gemeu Olivia. Tentou afastar-se engatinhando, arrastando os pés imprestáveis atrás dela.

—Olivia, me deixe ajudá-la.

Mas foi como se ela não o tivesse escutado.

—Temos que ir — disse Vladimir, dizendo as palavras em um russo áspero. Harry nem se incomodou em olhar para ele enquanto pedia outro minuto, com as palavras sendo ditas em russo sem pensar.

Olivia arregalou os olhos, e olhou freneticamente para a porta, com a clara intenção de tentar escapar daquilo.

—Eu deveria lhe haver contado — disse Harry, de repente percebendo a causa do pânico dela— Minha avó era russa. Era a língua que falava quando eu era menino. Esse é o porquê…

—Não temos tempo para explicações — disse Vladimir com severidade— Lady Olivia, temos que ir agora.

Ela respondeu ante a autoridade na voz do homem, porque concordou e, ainda parecendo insegura e assustada, permitiu que Harry a ajudasse a levantar-se.

— Em seguida lhe explicarei tudo — lhe disse ele— Prometo. —Como me encontrou? — sussurrou ela.

Ele baixou o olhar para ela enquanto se apressavam para a porta. Os olhos dela haviam mudado; ainda parecia atordoada, mas ele podia vê-la de novo de forma mais profunda. Antes, não havia nada exceto terror.

—Ouvimos o ruído — disse Vladimir, segurando a pistola preparada enquanto examinava um canto do aposento— A senhorita teve muita sorte. Foi certamente muito insensata também. Mas foi bom que tentasse.

Olivia concordou, e então, disse para Harry: —Por que ele está falando em inglês?

—Ele é alguma coisa mais que um guarda-costas — disse Harry, esperando que isso fosse suficiente por agora. Não era o momento de desentranhar a história inteira.

—Vamos — disse Vladimir, fazendo gestos para que o seguissem. —Quem é ele? — sussurrou Olivia.

—Eu não saberia lhe dizer — respondeu Harry.

—Vocês nunca mais me verão — disse Vladimir, quase com brutalidade. Harry começava a gostar dele e respeitar ao homem, fervorosamente esperava que estivesse certo. Era assim. Quando saíssem dali, iria apresentar sua renúncia ao Ministério de Defesa. Se casaria com Olivia, e se mudariam para Hampshire, teriam um monte de pequenos bebês multilíngues e ele se sentaria à sua escrivaninha a cada dia sem fazer nada mais exótico que acrescentar números em um livro de contabilidade.

Gostava de aborrecer-se. Morria por aborrecer-se.

Mas aborrecer-se, infelizmente, não iria ser o santo gesto do resto da noite…

CAPÍTULO 24



Quando chegaram ao andar de baixo, a sensibilidade tinha voltado aos pés de Olivia, e ela não tinha que apoiar-se tanto em Harry.

Mas não soltou a mão dele.

Ainda era presa pelo pânico, o coração acelerado e o sangue palpitando, e não entendia porque ele estava falando em russo ou portava uma pistola, e não estava certa sobre se deveria confiar nele, e ainda pior, não sabia se podia confiar em si mesma, porque temia que possivelmente tenha se apaixonado por uma miragem, ou por um homem que sequer existia.

Mas ainda assim, não soltou a mão dele. Naquele momento aterrador, ele era a única coisa autêntica em sua vida.

—Por aqui — disse cortante Vladimir, tomando a dianteira. Dirigiam-se para o escritório do embaixador, onde seus pais a aguardavam. Ainda faltava um trecho para percorrer, ou isso Olivia supunha devido ao silêncio dos corredores. Quando pudesse ouvir o murmúrio do baile, então saberia que estavam perto.

Mas não estavam se movendo rapidamente. Em cada esquina, e no alto e ao pé de cada escada, Vladimir parava, pondo um dedo sobre os lábios enquanto se pressionava contra a parede e tentava observar cuidadosamente à esquina. E cada vez, Harry fazia o mesmo, empurrando-a atrás dele, protegendo-a com seu corpo.

Olivia entendia a necessidade dele de ser cauteloso, mas sentia como se algo dentro dela estivesse a ponto de explodir, e só queria se soltar e correr, sentir o ar assobiando no rosto enquanto passava voando através dos corredores.

Queria ir para casa. Queria a sua mãe.

Queria tirar aquele vestido e queimá-lo, se lavar, beber algo doce ou amargo ou com sabor a hortelã, o que fosse que tirasse mais rapidamente o sabor de medo da boca.

Queria aconchegar se em sua cama, e botar a cabeça sob o travesseiro, não queria pensar em nada disto. Queria, por uma vez em sua vida, ser indiferente.

Possivelmente amanhã desejasse saber todas as razões e os porquês, mas por agora, só queria fechar os olhos. E segurar a mão de Harry.

—Olivia.

Ela olhou para ele, e foi só então que percebeu que tinha fechado os olhos. E por pouco tinha perdido o equilíbrio.

—Sente-se bem? — sussurrou ele.

Ela concordou com um sinal de cabeça, apesar de que não estivesse absolutamente se sentindo bem. Mas pensou que era provável que estivesse o bastante bem. O suficiente para esta noite, para o que fosse que precisassem fazer.

—Pode com isto? —perguntou ela.

—Tenho que fazer isso. —Porque, realmente, que outra opção tinha? Ele apertou a mão dela.

Ela engoliu em seco, baixando a vista para o ponto no qual se tocavam, a pele dele contra a sua. Seu aperto era quente, quase quente, e se perguntou se os dedos dele se sentiam como pequenos pedaços de gelo afiados na palma da mão.

—Não é muito longe — assegurou ele. Por que está falando em russo?

As palavras se abatiam sobre os lábios, quase escapando atropeladamente. Mas ela se conteve, reservando-se porque este não era o momento de fazer perguntas. Tinha que concentrar-se no que estava fazendo e no que ele estava fazendo por ela. A residência do embaixador era enorme, e ela estava inconsciente quando a levaram ao pequeno aposento escada acima. Não haveria maneira pela qual pudesse encontrar o caminho de volta ao salão de baile por si mesma; não ao menos sem perder-se no caminho.

Tinha que ter fé em que ele a levaria a um lugar seguro. Não tinha outra opção.

Deveria confiar nele.

Então o olhou, olhou-o de verdade pela primeira vez desde que Vladimir e ele a tinham resgatado. A estranha e etérea névoa que a tinha inundado começava a dissipar-se, e ela percebeu então que sua mente ao fim se clareava. Ou melhor dizendo, pensou com uma divertida e contrita careta nos lábios, estava o bastante clara.

O bastante clara para saber que confiava nele.

Não era porque tinha que confiar. Era simplesmente porque confiava. Porque o amava. E possivelmente não sabia por que ele não lhe havia contado que falava em russo, mas ela o conhecia. Quando olhava para o rosto dele, via-o lendo *Miss Butterworth*, repreendendo-a por interrompê-lo. Via-o sentado no salão, insistindo em que precisava ser protegida do príncipe.

Via-o sorrindo. Via-o rindo.

E via os olhos dele abertos para sua alma, quando disse que a amava. —Confio em você —

sussurrou ela. Ele não a ouviu, mas não importava. Ela não havia dito as palavras para ele. Havia dito para si mesma.

* * *

Harry quase se esqueceu do muito que odiava isto. Tinha brigado em suficientes batalhas para saber que alguns homens cresciam ante o perigo. E tinha lutado em mais que suficientes batalhas para saber que ele não era um deles.

Podia manter a cabeça fria, agir com calma e com discernimento racional, mas, quando a segurança se assentava a seu redor como uma mortalha, começava a tremer. Sua respiração ficava cada vez mais e mais rápida, e mais de uma vez, ficou doente.

Não gostava do medo.

E nunca em sua vida esteve mais assustado.

Os homens que levaram Olivia eram implacáveis, ou isso era o que Vladimir lhe havia dito quando a estavam procurando. Tinham servido ao embaixador durante anos e tinham sido amplamente recompensados por suas maldades. Eram leais e violentos, uma temível combinação. Seu único consolo era que pensavam que ela era de valor para o príncipe Alexei e era improvável que fizessem mal a Olivia. Mas agora que tinha escapado quem sabia como a julgariam? Era possível que a considerassem mercadoria danificada, completamente dispensável.

—Não está muito mais longe — disse Vladimir em russo quando chegaram ao pé das escadas. Só tinham que alcançar a galeria longa e a parte pública da casa. Uma vez lá, estariam seguros. A festa ainda estava em pleno apogeu, e ninguém se atreveria a tentar fazer uso da violência com várias centenas dos mais proeminentes cidadãos da Inglaterra como testemunhas.

—Não está muito mais longe — sussurrou Harry para Olivia. As mãos dela estavam geladas, mas ela parecia ter recuperado muito de seu espírito.

Vladimir avançava lentamente. Tinham tomado as escadas de serviço, as quais, infelizmente, terminavam em uma porta fechada. Ele apoiou o ouvido contra a madeira e escutou.

Harry puxou Olivia aproximando-a dele.

—Agora — disse em voz baixa Vladimir. Abriu a porta muito lentamente, passou, e então lhes indicou com um gesto que o seguissem.

Harry deu um passo para fora, e depois outro, com Olivia um passo atrás de si.

—Agora, depressa — sussurrou Vladimir.

Moveram-se rápida e silenciosamente, mantendo-se perto da parede, e então...

C*rac!*

Harry puxou com força na mão de Olivia, seu primeiro instinto foi pô-la em segurança, mas não havia nenhum lugar, nenhuma proteção, nenhum refúgio. Não havia nada mais que o amplo espaço do corredor, e alguém, em algum lugar, com uma pistola.

—Corre! — gritou Vladimir.

Harry soltou a mão de Olivia, que poderia correr mais rápido com ambos os braços livres, e gritou:

—Vai!

E saíram correndo a toda velocidade pelo corredor, escorregando à volta da esquina, depois de Vladimir. Por detrás deles, uma voz gritava em russo, lhes ordenando que se detivessem.

—Continue! — gritou Harry para Olivia. Soou outro disparo, e este esteve perto, rasgando o ar perto do ombro de Harry.

Ou talvez, sim lhe rasgou o ombro. Não saberia dizê-lo.

—Por aqui! — ordenou Vladimir, e o seguiram ao redor de outra esquina, e logo por um vestíbulo. Os disparos pararam, e não se sentiam mais passos apressando-se atrás deles, e logo, de algum jeito, tropeçaram todos dentro do escritório do embaixador.

—Olivia! —gritou sua mãe, e Harry observou enquanto se abraçavam, enquanto Olivia, que não tinha derramado uma só lágrima, ao menos não que ele tivesse visto, desabava chorando nos braços de sua mãe.

Harry se apoiou contra a parede. Sentia-se enjoado. —Sente-se bem?

Harry piscou. Era o príncipe Alexei, observando-o com preocupação. —Está sangrando.

Harry olhou para baixo. Estava sustentando o ombro. Não tinha percebido que o estava sustentando. Levantou a mão e baixou a vista para o sangue. Era estranho, não doía. Talvez esse fosse o ombro de alguém mais.

Seus joelhos falharam. —Harry!

E… não era a escuridão, realmente. Por que todo mundo dizia que ficava tudo negro quando alguém desmaiava? Isto era vermelho. Ou possivelmente verde.

Ou possivelmente…

* * *

Dois dias mais tarde

Experiência Que Espero Nunca Voltar a Repetir

Por Olivia Bevelstoke

Olivia fez uma pausa em seus pensamentos enquanto tomava um gole de chá, mandado para o quarto junto com um grande prato de bolachas por seus preocupados pais. Seriamente, por onde começa uma lista como aquela? Estava o fato de ter sido deixada inconsciente (aparentemente, conforme tinham informado mais tarde, com algum tipo de droga impregnada em um trapo, posto sobre sua boca). E não poderia esquecer a mordaça, ou os tornozelos amarrados, ou as mãos amarradas.

Ah, e não podia esquecer que foi convidada para tomar uma fumegante xícara de chá quente pelo mesmo homem responsável por todo o acontecimento anterior. Aquela tinha sido mais uma afronta à sua dignidade que outra coisa, mas estava no alto da lista.

Olivia apreciava sua dignidade.

Vejamos, que mais... Ser testemunha ocular e auditiva de uma porta arremessada abaixo. Não tinha apreciado isso. A expressão no rosto de seus pais quando foi finalmente levada de volta aos cuidados deles; Sentiam-se aliviados, isso era verdade, mas era o tipo de alívio precedido por um terror proporcional, e Olivia não queria que ninguém a quem amava se sentisse jamais dessa maneira.

E depois, Deus querido, isto tinha sido o pior: ver Harry enquanto desabava no piso do escritório do embaixador. Não tinha percebido que alguém havia atirado nela. Como é que não percebeu isso? Estava tão ocupada soluçando nos braços da mãe, que não tinha visto que estava ficando branca como um papel, ou que estava agarrando o ombro.

Pensava que antes esteve assustada, mas nada, nada poderia ter se comparado ao terror desses trinta segundos entre o momento em que Harry desmoronou e quando Vladimir assegurou que não era nada mais que uma ferida superficial.

E com efeito, isso era tudo o que era. Fiel às palavras de Vladimir, Harry ficou novamente de pé no dia seguinte. Foi a casa dela enquanto ela tomava o café da manhã e lhe explicou tudo: porque ele não lhe havia dito que podia falar russo, o que fazia realmente em sua escrivaninha quando ela o espionava, e inclusive porque foi visitá-la com *Miss Butterworth e o Barão Louco* nessa primeira, desatinada, e maravilhosa tarde. Não foi por ser bom vizinho, ou porque guardasse nenhum sentimento por ela, além de desdém. Tinham ordenado fazê-lo. Pela autoridade de nada menos que o Ministério de Defesa

Era muito para assimilar com o chá e os ovos cozidos.

Mas ela havia escutado, e compreendido. E agora tudo estava resolvido, cada cabo solto bem

preso. O embaixador foi detido, tanto quanto também os homens que trabalhavam para ele, incluindo seu captor de cabelo cinza. O príncipe Alexei enviou uma carta formal de desculpas, em nome de todo o povo russo, e Vladimir, fiel a sua palavra, tinha desaparecido.

E entretanto, ela não tinha visto Harry em mais de vinte e quatro horas. Ele saiu depois do café da manhã, e tinha assumido que a visitaria de novo, mas…

Nada.

Ela não estava preocupada. Sequer estava afetada. Mas era estranho. Bastante estranho.

Tomou outro gole de chá e depositou a xícara sobre o pires. Depois recolheu a ambos e os colocou sobre *Miss Butterworth*. Porque continuava tentando ler o livro.

E não queria ler. Não sem Harry.

Não tinha acabado ainda de ler o jornal, de qualquer modo. Tinha lido a última metade, e estava bastante interessada em continuar com as notícias mais sérias da primeira parte. Havia rumores de que Monsieur Bonaparte se encontrava extremamente mal de saúde. Supunha que, de fato, não podia ter morrido ainda; isso teria sido informado na primeira página, com um titulo suficientemente destacado como para que não pudesse ter passado por cima.

Ainda assim, era possível que houvesse alguma menção, assim pegou de novo o jornal e acabava de encontrar um artigo para ler quando escutou que batiam na porta.

Era Huntley, trazendo um pequeno pedaço de papel. Quando se aproximou, percebeu que na realidade era um cartão, dobrado em três partes e lacrado no centro com cera azul escura. Murmurou um obrigada, examinando o selo enquanto o mordomo deixava o aposento. Era bastante singelo: só um V, em uma caligrafia bastante elegante, começando com uma voluta e logo finalizando com uma rubrica.

Deslizou os dedos por debaixo e afrouxou a cera, desdobrando o cartão cuidadosamente.

V*enha à janela.*

Isso era tudo. Só uma oração. Sorriu baixando a vista de volta para as palavras durante uns poucos segundos mais antes de deslizar até a beirada da cama. Desceu de um salto, com os pés saltando ao chão com rapidez, mas fez uma pausa durante uns poucos segundos antes de cruzar o quarto. Precisava aguardar um momento. Queria permanecer ali e saborear isto por que…

Porque ele o tinha criado. Harry tinha criado este momento. E ela o amava.

V*enha à janela.*

Ela se viu sorrindo de orelha a orelha, quase rindo bobamente. Normalmente, não gostava que

lhe dessem ordens, mas neste caso era delicioso.

Caminhou para a janela e abriu as cortinas. Podia vê-lo através do vidro, de pé ante sua própria janela, esperando por ela.

Abriu a janela de um empurrão.

—Bom dia — disse Harry. Ele parecia muito solene. Ou melhor dizendo, sua boca parecia solene. Seus olhos brilhavam como se estivesse tramando algo.

Ela sentia que seus próprios olhos começavam a cintilar. Isso não era estranho? Que pudesse senti-lo.

—Bom dia — lhe disse. —Como se sente?

—Muito melhor, obrigada. Acho que precisava de um tempo para descansar. Ele concordou.

—As pessoas precisam de tempo logo depois de uma comoção.

—Você fala por experiência? — perguntou ela. Mas não precisava perguntar; sabia pela expressão dele.

—Desde quando estava no exército.

Era curioso. A conversa deles era simples, mas não insípida. Não se sentiam incômodos; simplesmente, estavam ficando com calor.

E Olivia já estava sentindo a primeira comichão de antecipação. —Comprei outra cópia *de Miss Butterworth* — disse ele.

—Ah, sim? — Ela inclinou-se sobre o batente da janela— O terminou?

— Com efeito.

—Ela melhora embora seja um pouco...

—Bom, ela revela surpreendentes detalhes com respeito às pombas.

—Não. — Santo Céu, iria ter que terminar aquele espantoso romance. Agora bem, se a autora realmente mostrasse a morte causada por pombas… isso valia seu tempo.

—Não, de verdade — disse Harry— Parece ser que *Miss Butterworth* foi testemunha do triste evento. Revive-o em um sonho.

Olivia se estremeceu.

—O príncipe Alexei vai adorar.

—De fato, contratou-me para traduzir para o russo o livro inteiro. —Está brincando!

—Não. —Ele dirigiu-lhe um olhar que era matreiro e satisfeito ao mesmo tempo— Estou trabalhando no primeiro Capítulo agora mesmo.

—Ah, que emocionante. Quero dizer, horrível também, dado que de fato tem que lê-lo, mas suponho que é uma tarefa completamente diferente quando estão pagando para que o faça.

Harry riu entre dentes.

—Devo dizer que é uma mudança dos documentos do Ministério de Defesa. —Sabe, acho que desses eu gostaria mais. — Os fatos, aborrecidos e a secas, eram muito mais do meu gosto.

—Provavelmente — ele estava de acordo— Mas por outro lado, é um estranho tipo de mulher.

—Como sempre estou encantada com os comprimentos, Sir Harry. —Dado que sou um erudito das palavras, é o que se pode esperar.

Ele percebeu que ela sorria. Estava quase dependurada para fora da janela, sorrindo de orelha a orelha. E se sentia completamente feliz por estar ali.

—O príncipe Alexei paga generosamente — acrescentou Harry— Ele acha que *Miss Butterworth* será um grande êxito na Rússia.

—Vladimir e ele certamente apreciaram. Harry concordou.

—Isto significa que eu poderia me retirar do Ministério da Defesa.

—Isso é o que deseja fazer? — perguntou Olivia. Ela acabava de saber sobre o trabalho dele; não tinha chegado a notar se apreciava isso ou não.

—Sim — respondeu ele—.Acho que eu não tinha percebido precisamente quanto até estas últimas semanas. Estou cansado de todos esses segredos. Aprecio traduzir, mas se me limito aos romances góticos...

—Mórbidos romances góticos — corrigiu Olivia.

—Com efeito— Concordou Harry— Eu... ah, me desculpe, chegou nosso convidado.

—Nosso... —Olhou para um lado e para o outro, piscando confusa— Alguém mais está aqui?

—Lorde Rudland — disse Harry, saudando-o com um movimento diferente de cabeça para a janela que se encontrava abaixo e à esquerda de Olivia.

—Pai? —Olivia olhou para baixo, sobressaltada. E possivelmente um pouco mortificada também.

—Olivia? —Seu pai colocou a parte superior do corpo fora da janela, retorcendo-se de forma pouco elegante para vê-la— O que está fazendo?

—Estava a ponto de lhe perguntar o mesmo — admitiu, o acanhamento de seu tom suavizando o fio de rabugice em sua voz.

—Recebi uma nota de Sir Harry requerendo minha presença nesta janela. — Lorde Rudland voltou-se outra vez para enfrentar-se com Harry— Do que se trata isto, jovem? E porque minha filha está dependurada para fora da janela como uma lavadeira?

—Mamãe está aí? —perguntou Olivia.

—Sua mãe também deveria estar aqui? .vociferou o pai. —Não, só perguntei, já que o senhor está aí, e...

—Lorde Rudland — interrompeu Harry, com a voz o bastante alta para interromper a ambos— Gostaria de ter a honra de pedir a mão de sua filha.

Olivia soltou um grito sufocado, depois suspirou, depois ficou a dar saltos, o que pareceu ser uma má ideia.

—Ai! —uivou ela, batendo a cabeça contra a janela. Apareceu de novo a cabeça dela e sorriu amplamente para Harry com lágrimas nos olhos— Oh, Harry — suspirou. Eu tinha prometido uma proposta apropriada. E aqui estava. Nada poderia ter sido tão esplêndido como isto.

—Olivia? — perguntou seu pai.

Ela abaixou o olhar, secando os olhos.

—Por que está me perguntando isto através da janela?

Olivia considerou a pergunta, considerou suas possíveis respostas, e decidiu que a sinceridade era a melhor alternativa.

—Estou bastante certa de que não deseja saber a resposta a essa pergunta — lhe disse ela.

Seu pai fechou os olhos e negou com a cabeça. Tinha visto antes esse gesto. Significava que não sabia o que fazer com ela. Felizmente para ele e para a esposa, estavam a ponto de tirá-la de suas responsabilidades de pais.

—Amo a sua filha — disse Harry.

Olivia pôs a mão sobre o coração e soltou um suspiro. Não sabia por que soltou um suspiro; só lhe escapou, como uma pequena borbulha de puro gozo. As palavras de Harry, eram simplesmente a perfeita declaração de amor imaginável.

—Ela é linda —continuou Harry— tão bonita que me dói, mas não é por isso que a amo.

Não, aquilo era perfeito, com a dor e tudo isso. —Amo que ela leia jornais todos os dias.

Olivia baixou o olhar para o pai. Ele, o pai, estava olhando fixamente para Harry como se este

fosse um louco.

—Amo que não tenha paciência com a estupidez.

Era verdade, pensou Olivia com um sorrisinho tolo. Conhecia-a tão bem. —Amo que eu seja melhor bailarino que ela.

Seu sorriso desapareceu, mas tinha que reconhecer a verdade daquilo também.

—Amo que seja amável com as crianças e com os cães grandes. O que? Olhou-o receosa.

—Estou adivinhando — admitiu— Parece ser do tipo. Pressionou os lábios juntos para não rir.

—Mas sobre tudo — disse Harry, e embora estivesse olhando diretamente para o pai de Olivia, sentia-se como se a estivesse olhando com amor. Adoro-a. E nada mais. Eu gostaria de passar o resto de meus dias com ela e como marido dela.

Olivia olhou para baixo observando seu pai. Ele, o pai, ainda estava olhando para Harry com uma expressão de grande comoção.

—Pai? —perguntou ela vacilante.

—Isto é extremamente irregular — disse o pai dela. Mas não soava zangado, apenas aturdido.

—Eu daria minha vida por ela — disse Harry.

—Daria mesmo? — perguntou ela, em um tom humilde, esperançado e entusiasmado— Oh, Harry, eu...

—Silêncio — disse ele— Estou falando com seu pai.

—Dou minha aprovação — disse de repente lorde Rudland. A boca de Olivia formou um indignado o.

—Por que me mandou calar? Seu pai levantou os olhos.

—É um indício que revela um insólito e bom julgamento. —O que?

—E uma saudável dose de instinto de conservação — acrescentou Harry. —Agrada-me este homem — anunciou seu pai.

E então, de repente, Olivia escutou que se abria outra janela.

—O que está acontecendo? — Era sua mãe, no salão, precisamente três janelas acima do pai de Olivia— Com quem está falando?

—Olivia vai casar-se, querida — disse seu pai. —Bom dia, mamãe — acrescentou Olivia. Sua mãe levantou os olhos, piscando.

—O que está fazendo?

—Ao que parece, vou casar-me — disse Olivia, com um amplo sorriso tolo —Comigo — disse Harry, só para esclarecer.

—Ah, Sir Harry… estou encantada em vê-lo outra vez. —Lady Rudland o observou com atenção, piscando umas poucas vezes— Não o tinha visto ali.

Ele saudou sua futura sogra gentilmente com uma inclinação de cabeça. Lady Rudland se virou para o marido.

—Ela vai se casar com ele? Lorde Rudland concordou.

—Com minha mais sentida aprovação disse o pai.

Lady Rudland considerou durante um momento, depois se voltou de novo para Harry.

—Poderão casar-se dentro de quatro meses. —Elevou a vista para Olivia— Temos muito que planejar, você e eu.

—Eu estava pensando em quatro semanas — disse Harry.

Lady Rudland se voltou bruscamente para ele, com o dedo indicador da mão direita apontando reto para cima. Era um gesto que Olivia também conhecia muito bem. Significava que se o destinatário iria discutir, faria por sua conta e risco.

—Ainda tem muito que aprender, moço — disse lorde Rudland. —Oh! —exclamou Harry. Fez um gesto para Olivia— Não se mova.

Ela aguardou, e um momento mais tarde ele voltou com um pequeno estojo de joalheria.

—Um anel — disse ele, apesar de ser mais que óbvio. Abriu o estojo, mas Olivia estava muito longe para ver alguma coisa, exceto um pequeno brilho.

—Pode vê-lo? —perguntou ele. Ela negou com a cabeça.

—Estou certa de que é um objeto precioso.

Ele pôs mais a cabeça pela janela, estreitando os olhos enquanto media a distância.

—Pode pegá-lo? —perguntou-lhe.

Olivia ouviu a exclamação sufocada da mãe, mas sabia que só existia uma resposta apropriada. Olhou longamente para seu futuro esposo com a mais altiva expressão e lhe disse:

—Se você pode jogá-lo, eu o apanharei. Ele riu. E o jogou.

E ela falhou em apanhá-lo. De propósito.

Foi melhor desse modo, pensou ela, quando se encontraram no meio do caminho para procurar o anel. Uma proposta apropriada merecia um beijo apropriado.

Ou, como Harry murmurava a plena vista de seus pais, possivelmente uma visão inapropriada…?

Visão inapropriada, pensou Olivia, enquanto os lábios dele tocavam os dela. Definitivamente inapropriada.

Fim

Star Books Digital



[1] Mnemônicos é uma série de estratégias que visam aumentar a capacidade de memória. A palavra vem do mnemônico Mnemosyne, a deusa grega da memória. (N. da T.)